



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA

Thamires Luz Chikadze

**Turismo de fundo é aqui na 018:** mulheres familiares de pessoas encarceradas enquanto  
operadoras de mercados e cuidados

Florianópolis/SC  
2024

Thamires Luz Chikadze

**Turismo de fundo é aqui na 018: mulheres familiares de pessoas encarceradas enquanto operadoras de mercados e cuidados**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Área de Concentração na Sociologia.

Orientador(a): Prof.(a) Marcia da Silva Mazon, Dr.(a)

Florianópolis/SC

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.  
Dados inseridos pelo próprio autor.

Luz Chikadze, Thamires

Turismo de fundo é aqui na 018 : Mulheres familiares de pessoas encarceradas enquanto operadoras de mercados e cuidados / Thamires Luz Chikadze ; orientadora, Marcia da Silva Mazon, 2024.  
230 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Sociologia e Ciência Política. 2. Etnografia. 3. Prisão. 4. Mercados Contestados. 5. Economia do Cuidado. I. da Silva Mazon, Marcia. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política. III. Título.

Thamires Luz Chikadze

**Turismo de fundo é aqui na 018:** mulheres familiares de pessoas encarceradas enquanto operadoras de mercados e cuidados

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 22 de março do ano de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Maria Aparecida Chaves Jardim, Dr.(a)  
Instituição Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Prof.(a) Rafael Godoi, Dr.(a)  
Instituição Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Prof.(a) Sandra Noemi Cucurullo de Caponi, Dr.(a)  
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Prof.(a) Marcia da Silva Mazon, Dr.(a)  
Orientador(a)

Florianópolis SC, 2024.

À minha mãe pela ancestralidade.

À minha avó pela proteção.

Ao meu avô pelo desapego.

A Marcia pela sabedoria.

A Paolla pela coragem.

Às Medicinas da Floresta por salvar meu coração.

Reconheço e agradeço.

Vamo que vamo!

## AGRADECIMENTOS

Sem a minha orientadora, a Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marcia da Silva Mazon, esta tese não existiria. Sem ela não teria me imaginado fazendo um doutorado. A instituição universidade pode se transformar em uma parede de tijolos para muitas pessoas, e alguém como Marcia acaba por construir portais. Agradeço e reconheço sua sabedoria; seu olhar atento; sua voz calma; e seu acolhimento para com todos nós, suas orientandas e orientandos. Marcia é um exemplo de profissional mulher, mãe e cuidadora. Sua confiança foi meu único estímulo por anos.

Agradeço a todas as pessoas que se sentaram comigo para compartilhar vidas, dores, amores, medos e muitas vezes relatos que nem sequer puderam estar presentes neste texto pela dimensão de horror e violência que traziam. Com o doutorado ao escolher o caminho da corporificação do conhecimento fui percebendo como precisamos parar de repetir atos de violência, inclusive conosco e sobretudo em nossas palavras.

Agradeço a todo pessoal do Jornal Folha da Região na cidade de Araçatuba-SP por me receber todos os dias da semana durante um mês, sempre com muita disponibilidade de tempo para abrir e fechar a salinha do acervo pra mim. Meu sincero obrigada.

Agradeço a minha mãe pela rebeldia incessante, por mudar nossos caminhos a todo instante. Ao princípio por certa ingenuidade a culpava pela instabilidade que sempre foi nossas vidas, mas hoje eu sei de que se tratava de resistência, e pela sua coragem cruzamos oceanos e mundos assim como adentramos portas fechadas. A instituição ainda não aceita nossa gargalhada, porém não vamos desistir e seremos obstinadas.

Agradeço a minha avó por ter trabalhado tanto para sempre estar pronta a nos acolher. A única da família que fazia poupança para que nós pudéssemos seguir como mulheres rebeldes.

Agradeço ao meu companheiro Aleksandr Chikadze mais conhecido como Sasha. Eu escolhi o seu sobrenome para estar no lugar daquele que representava um pai ausente porque você é a representação de homem que não me abandona, quem me proporciona ajuda financeira nos piores momentos da minha vida, e inclusive suporta toda a minha família. Passamos por momentos de imensa instabilidade financeira e emocional com a depressão da minha mãe e sua vinda para morar perto da gente. Momento que poderia significar o fim dos nossos sonhos e sobretudo do nosso sossego, e você não desistiu e permanece ao meu lado. Agradeço pela sua vida e pelo nosso amor.

Agradeço às Medicinas e Doutores da Floresta que salvaram meu coração durante o processo de doutorado. Deixo registrado o quanto tenho para aprender, ouvir, acalmar e curar. A cura é de todos e ela não tem dono como ouvi do Pajé Tadeu Siã. Que o futuro do conhecimento possa ser experimentado na presença de tudo o que é vivo!

Agradeço ao querido Otto Volkmann, servidor técnico administrativo da Secretaria do nosso PPGSP, sem o qual minha sobrevivência nesta jaula de ferro seria impossível. Otto você é o equilíbrio fundamental para *outsiders*, seu trabalho é essencial para que as relações de poder não venham a eliminar gente como eu.

Agradeço a todos os membros do nosso tão querido NUSEC, pessoas incríveis e dispostas a aprender. Infelizmente não fui capaz de cultivar muitas amizades acadêmicas, porque me silencieei durante seis anos ao me sentir insuficiente para esse universo. Porém, vocês me ajudaram sempre, com um olhar amistoso, uma palavra de incentivo e encontros espontâneos.

Agradeço ao CNPq pela bolsa de estudos sem a qual seria impossível experimentar o meu amadurecimento intelectual. Sem a ajuda financeira teria que me dedicar a outro trabalho e seria inviável a produção de uma tese tão honesta feito esta. Que algum dia tenhamos acesso a direitos trabalhistas porque uma tese de doutorado dá muito trabalho!

Agradeço ao Prof. Dr. Rafael Godoi, membro de todas as minhas bancas de qualificação e defesa desde o mestrado, ele é dono de uma generosidade rara, assim como produtor de conhecimento altamente qualificado e um comunicador honesto e pacífico, capaz de adentrar qualquer espaço e cativar muitas almas aflitas em busca de aprovação.

Agradeço a Prof<sup>a</sup>. Dra. Vera da Silva Telles quando por ocasião da minha qualificação do projeto de tese disse: “te convido a falar em nome próprio”. Acredito que ela nem sequer imagina o efeito avassalador daquela frase. Por conta desta voz ressoando em mim fui capaz de descartar toda uma tese escrita e (re) escrever algo completamente novo quando todos os prazos haviam sido extrapolados. Mas valeu muito a pena, e haja pena! Hoje estou alegre; porque entrego um trabalho que pode até ser o último da minha vida acadêmica mais é todinho meu.

Agradeço a Prof<sup>a</sup>. Dra. Sandra Caponi, quem nos presenteia a presença mais alegre do nosso departamento de Sociologia e Ciência Política. É sempre tão bom te encontrar nos corredores, suas aulas são intensas e de muita proximidade. Com ela aprendo que dá pra ser feliz trabalhando.

Essas pessoas me marcaram de forma visceral, e com certeza existem tantas outras que talvez tenham escapado do meu texto, mas que, por favor, sintam-se reconhecidas. Agradeço pela vida de cada uma delas! Um doutorado não se faz sozinha. Assim como conhecimento depende dos encontros e sobretudo da fala e da escuta ativa. Agradeço a todas, todos, todes que me ouviram.



## RESUMO

LUZ Chikadze, Thamires. **Turismo de fundo é aqui na 018:** mulheres familiares de pessoas encarceradas enquanto operadoras de mercados e cuidados. 2024. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

Pesquisa etnográfica localizada no extremo oeste do estado de São Paulo em ambiente de proximidade familiar dividida em período de Campo I entre janeiro a julho do ano de 2021 e Campo II de junho a novembro de 2022 onde produzimos 30 entrevistas gravadas e diário de campo assim como a participação em eventos públicos. A cidade de Lavínia-SP destaca-se pela escalada da população prisional: quatro unidades superlotadas que fazem o número de pessoas presas dobrarem o de moradores locais renovando as acomodações de significado da instituição onde a categoria econômica se sobressai e consagra um fluxo específico de mulheres familiares e visitantes de prisões e de cidades. Dessa forma encontramos na teoria dos mercados contestados compreensão daquilo que localiza a prisão enquanto símbolo do desenvolvimento econômico local. Também ao nos depararmos com a exigência do campo em considerar a variável gênero foi na categoria cuidado que apontamentos surgiram para uma análise que se predispõe descrever possíveis disposições objetivas em subjetividades compostas pela obrigatoriedade da passagem pelo cárcere. Assim guiamo-nos pela seguinte pergunta: como ocorre a formação das categorias econômicas neste contexto de complexo prisional localizado no interior mais distante? Somada à etnografia abordamos uma economia política local através de levantamento bibliográfico e consulta ao acervo de um jornal regional tão bem como o uso de dados secundários. O cenário empírico discorre entre: 1) A casa da Família M; 2) Pelas ruas e casas da cidade; 3) A pousada da Margarita; 4) A pousada do Mario; e 5) No subúrbio de Guarulhos-SP. Cenas sociais que se encontram a partir de um mesmo circuito enquanto parte da política de interiorização penitenciária do Estado de São Paulo. Como integrante de um núcleo de pesquisa em sociologia econômica direcionamos nossas possibilidades de diálogo com renovadas perspectivas no campo dos estudos prisionais que recusam olhar para a instituição prisão como mundo à parte ou isolado. Dessa forma nossos principais achados empíricos nos guiam para uma sociologia econômica do encarceramento em massa.

**Palavras-chave:** Etnografia. Prisão. Mercados Contestados. Economia do Cuidado.

## ABSTRACT

LUZ, Thamires Chikadze. **Tourism in the backyard is here at 018: Women as family members of incarcerated people turning into market and care operators.** Resume (PhD candidate) – Centre for Philosophy and Human Sciences, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

This ethnographic research was conducted in the far west of São Paulo state, in a context of familiar proximity, and was divided into two fieldwork periods: Field I from January to July 2021, and Field II from June to November 2022. During this time, we recorded 30 interviews and made extensive field diary notes, as well as we have been participated in public events. The city of Lavínia-SP is noteworthy due to its scale, featuring four prison units which double the number of incarcerated individuals compared to the local population. This dynamic reshapes the accommodations and significance of the institution, where the economic aspect is predominant, fostering a specific flow of women as relatives and visitors to the prisons and to the cities. Consequently, we found some understanding in the theory of contested markets about how prisons act as engines of local economic development. Furthermore, when addressing the field's demand to consider the gender variable, it was in the category of care that insights emerged for an analysis predisposed to describe possible objective dispositions into subjectivities formed by the obligatory passage through prisons. Hence, we are guided by the following question: How do economic categories form in the context of a remote prison complex? In addition to ethnography, we also approached a local political economy through bibliographic research and consultation of a regional newspaper's archives, as well as the use of secondary data. The empirical field unfolds across: 1) The M Family's house; 2) The streets and houses of the city; 3) Margarita's hostel; 4) Mario's hostel; and 5) The suburb of Guarulhos-SP. These social scenes intersect through a common circuit as part of the State of São Paulo policy of penitentiary interiorization. As part of research group in economic sociology, we have directed our dialogues towards fruitful engagements with renewed research in the field of prison studies, whose are refuses to view this institution apart or isolated from the rest. Thus, we propose the possibility of an economic sociology of mass incarceration.

Keywords: Ethnography. Prison. Contested Markets. Care Economy.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O primeiro motivo é o FPM.....	29
Figura 2: É muito homem nessa cidade.....	31
Figura 3: Uma visão panorâmica de mulheres visitantes de prisões e cidades. ....	51
Figura 4: A casa da Família M. na Avenida Lavínia.....	62
Figura 5: Notícia da inauguração da Estação Lavínia no ano de 1935.....	63
Figura 6: Moradores de Lavínia-SP visitando seu mais noco CDP. ....	77
Figura 7: Estratégias publicitárias neste turismo de fundo.....	80
Figura 8: Eis que as casas clandestinas vão parar no MPSP. ....	88
Figura 9: A Pousada do Mario.....	93
Figura 10: Propaganda do mais novo negócio de Mario com Paolla. ....	98
Figura 11: No subúrbio de Guarulhos-SP .....	102
Figura 12: Ruínas da sede da Fazenfa Franco de Mello em Lavínia-SP.....	112
Figura 13: Um filho ilustre de Lavínia. ....	113
Figura 14: Palacete Franco de Mello da Avenida Paulista.....	115
Figura 15: Lavínia Dauntre Salles de Mello.....	117
Figura 16: O novo espaço dos <i>trailers</i> na porta da cadeia.....	145
Figura 17: O preço de uma pera na para de ônibus. ....	183

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ARSA	Anexo de Regime Semiaberto
CDP	Centro de Detenção Provisória
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPP	Centro de Progressão Penitenciária
CR	Centro de Ressocialização
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MA	Maranhão
NUSEC	Núcleo de Sociologia Econômica
NIMBY	Not in My Backyard
RDD	Centro de Readaptação Penitenciária
RN	Rio Grande do Norte
SAP	Secretaria de Administração Penitenciária
SP	São Paulo
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

# SUMÁRIO

<i>Introdução</i>		15
1.	<b>Turismo de fundo é aqui na 018</b>	21
2.	<b>A euforia PSDB pelas prisões</b>	27
3.	<b>A prisão situada fora dela</b>	38
4.	<b>Esboço de uma sociologia econômica do encarceramento em massa</b>	43
5.	<b>Sendo afetada: experiências de ruptura</b>	45
6.	<b>Descrição dos capítulos</b>	53
<b><i>CAPÍTULO 1</i></b>		<b>55</b>
1.	CINCO CENÁRIOS ETNOGRÁFICOS	55
1.1.	A casa da Família M.	56
1.2.	Pelas ruas e casas da cidade	71
1.3.	A Pousada da Margarita	78
1.4.	A Pousada do Mario	90
1.5.	No subúrbio de Guarulhos	98
1.6.	Costurando aquilo que encontramos em Campo I e Campo II	103
<b><i>CAPÍTULO 2</i></b>		<b>109</b>
2.	DO MITO DESTRUIDOR AO <i>MAL NECESSÁRIO</i>	109
2.1.	Uma cidade com nome de mulher e visitada por mulheres	110
2.2.	A natureza como mito destruidor	126
2.3.	A consagração do <i>mal necessário</i>	133
2.4.	<i>Turismo de fundo</i> enquanto prática de mercado contestado	138
2.5.	Costurando nossos achados de pesquisa no segundo capítulo	149
<b><i>CAPÍTULO 3</i></b>		<b>151</b>
3.	DA PRINCESA DA ALTA NOROESTE PARA AS RAINHAS DA FAVELA	151
3.1.	Quem é mulher de preso?	153
3.2.	Ser mãe de preso é diferente de ser <i>mulher de preso</i>	159
3.3.	A corporação PCC e o uso estratégico da família	172

3.4.	Tensão entre despesa e receita: gastos no em torno da prisão e a construção de estratégias	180
3.5.	O que Paolla quer contar?	191
<b><i>CAPÍTULO 4</i></b>		<b><i>194</i></b>
4.	No fundão o processo do preso anda	194
5.	O cuidado enquanto contestação da dádiva	196
6.	A imposição da sobrevivência enquanto dispositivo que esfria a contestação	197
7.	Esboço de uma sociologia econômica do encarceramento em massa	200
CONSIDERAÇÕES FINAIS		202
POSFÁCIO		208
REFERÊNCIAS		219

## INTRODUÇÃO

As palavras estão criando nossas possibilidades no mundo, elas constroem ou destroem encontros, relações e ânimos; ou simplesmente guiam para novos e velhos usos que fazemos dos objetos. Os dicionários e manuais não são capazes de congelar as palavras que constituem ideias porque elas têm história (Scott, 1995). Muitas vezes aprender um novo idioma é expandir a consciência, uma reivindicação persistente dos atuais movimentos sociais indígenas a respeito da sobrevivência e respeito para com a sua diversidade linguística (Benites, 2018). Inclusive consciência soa a com ciência. Então são capazes de significar assim como possíveis de ressignificar. Ou nas palavras do Peter Brook (2016, p.13) “a palavra é a pequena parte visível de uma formação gigantesca que não se vê”. É com o poder da palavra que nós sociólogas trabalhamos.

De forma introdutória gostaríamos que possíveis leitores imaginassem filas, não indianas, aquelas aglomerações de gente que reservam algo de espontaneidade. Estão compostas de muitas mulheres; entre conversas, choro de criança, vendedores ambulantes, moradores de rua e risadas disparadas pelos *memes*<sup>1</sup> em seus celulares. Todas elas estão bem carregadas, são sacolas transparentes e pesadas, grandes malas com rodas, mochilas, dinheiros, crianças e muitas histórias<sup>2</sup>. Elas estão distribuídas, em paradas estratégicas, pelos grandes centros urbanos e visíveis em grandes filas durante cada um dos finais de semana do ano. Tivemos oportunidade de experimentar e etnografar na Estação Rodoviária da Barra Funda em São Paulo capital aguardando os ônibus que nos levariam para as mais diversas cidadezinhas do interior paulista onde seus familiares encarcerados se encontram *trancados*. *Tranca*<sup>3</sup> é palavra com a qual muitas dessas mulheres reconhecem as celas localizadas no espaço de dentro das prisões paulistas e *Fundão* é como elas constroem este destino, também reconhecido por seus Códigos de Discagem Direta (DDD). Elas partem em direção ao interior mais distante do estado de São Paulo, e em uma dessas localidades se encontra Lavínia-SP, o *fundão da 018 onde faz muito calor*<sup>4</sup>, ou, o nosso *laboratório etnográfico* (Scotson e Elias,

---

<sup>1</sup>Meme são imagens divertidas acompanhadas de frases curtas compartilhadas nas redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, quase sempre contendo ironia e sarcasmo para com as coisas do cotidiano.

<sup>2</sup>Nos foi de muita inspiração a experiência etnográfica presente em Natália Padovani (2019) onde também é possível sentir o fenômeno da fila em espera dos ônibus. Em Natália Lago (2019) é possível experimentar as filas que se formam em frente das prisões no interior paulista.

<sup>3</sup>Fazemos uso do *italico* tanto para conceitos teóricos (aquelas expressões que aparecem em autores consagrados) quanto para expressões nativas (aquelas que são literalmente empregadas pelos interlocutores da pesquisa), porque compreendemos a ambos obrigatoriamente refletidos no contexto empírico.

<sup>4</sup>Fragmento que se repete em diário de Campo I e Campo II, assim como a pergunta que nos era direcionada: aqui é sempre quente desse jeito? Se tá quente assim aqui fora imagina lá dentro (se referindo ao interior da prisão)?

2000). Chegando em Lavínia-SP passam a ser reconhecidas pelos moradores da cidade por *mulher de preso* (oralmente mais provável o uso no singular), em resposta elas se adaptam assim acabam se enxergando e respondendo como tais.

É desafiador discutir o tema prisão na sociologia por ser um objeto densamente estudado, discutido e disputado. Ele configura terreno consagrado de discussão produzindo nomes de núcleos de pesquisa e pesquisadores detentores de renomado capital simbólico e influência política (Marques, 2018). Ao entrarmos neste horizonte movediço encontramos a necessidade de assumir certas afiliações teóricas, metodológicas e políticas enquanto reconhecimento da impossibilidade de abarcar tudo o que já foi dito sobre prisão no Brasil assim como esclarecer tudo aquilo que viemos renunciar, demarcando nossa tomada de posição. Falo do tratamento dado a esta instituição enquanto mundo à parte ou de isolamento e segregação, o que compreendemos mais bem como imaginário político e midiático do que com a realidade em sua prática. Partimos da noção de que prisão só existe em relação com o que se encontra fora dela, mesmo que seja a possibilidade da fuga (Barbosa, 2013).

Também reconhecemos que não se encontra no alcance de uma pesquisa etnográfica assumir responsabilidade com a produção teórica e mais bem apresentamos descrições de um fenômeno. A intenção na descrição é trazer atenção aos detalhes de algumas das relações que configuram a teia multifacetada da realidade analisada. Assumimos, portanto, nesta pesquisa, a compreensão prática de uma prisão que produz, coordena e incide em múltiplos circuitos de pessoas, leis, artefatos, significados, mercadorias e mercados.

No ano de 2019 pesquisadoras e pesquisadores publicam um dossiê na Revista Tempo Social intitulado “Punição, prisão e cidade: contextos transversais”<sup>5</sup> onde demarcam as possibilidades de trabalho entre os espaços que compõem o dentro e o fora das muralhas prisionais. É neste olhar que encontramos abertura crítica e analítica para nosso posicionamento na cidade de Lavínia-SP e da forma como viemos olhar para este circuito específico – e ao mesmo tempo tão compartilhado – desde nossa subárea do conhecimento que é a sociologia econômica. Dessa forma olhamos para nosso objeto de pesquisa e nos perguntamos: quais são as acomodações necessárias para atualizar e manter a prisão na cidade de Lavínia-SP como parte do imaginário local de desenvolvimento econômico? Ainda, como pode esse ideal de desenvolvimento econômico calcado em mais prisões permanecer vigente

---

<sup>5</sup>Em nossa referência bibliográfica citamos cada artigo utilizado deste dossiê pelo nome respectivo das autoras e autores. Dossiê completo disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/issue/view/11310>> Acesso em: 21 de janeiro de 2021.



ao longo do tempo? Em Lavínia-SP nos acompanha a metáfora presente em Fábio Mallart e Manuela Cunha (2019), estamos localizadas nas “dobras entre o dentro e o fora” da prisão.

Em dezembro do ano de 2023 outros pesquisadores dessa proposta analítica atualizam o tema em dossiê publicado na Revista Dilemas. Na introdução Michel Misse *et al.* (2023, p.2) nos traz a imagem da *prisão labirinto* em afirmação de uma leitura que se recusa compreendê-la instantaneamente pelas afirmações reducionistas da *prisão disciplinar* ou do *depósito-de-gente* propondo-nos o seguinte:

Como labirinto, a prisão é tanto disciplinar como depósito, assim como masmorra e campo de concentração. Como labirinto, a prisão é concretamente cumulativa: é simultaneamente pré-moderna, moderna e pós-moderna. De que maneira essas diferentes facetas (que implicam diferentes práticas, institucionalidades e experiências) se articulam na concretude das experiências de privação da liberdade?

Por isso o que vamos descrever nesta tese é uma prática da *prisão labirinto* articuladora de instituições, cosmologias e experiências que se acumulam. Durante nossa pesquisa enfrentamos o surgimento da pandemia de Covid-19, divisor de águas na compreensão da instituição e o retorno acirrado numa aposta pública – inclusive acadêmica – da prisão em sua excelência, ou seja, aquela eficiente quanto capacidade para isolar e segregar. Parecia que a instituição era o tipo ideal na hora de lidar com a propagação do novo vírus justamente por sua suposta capacidade soberana na hora de garantir a quarentena. Tivemos que lidar com discursos reducionistas do sofrimento humano, que foram capazes de comparar o regime de permanência dentro do ambiente doméstico com a própria prisão revelando-nos mais bem a persistência de certa ignorância ao acúmulo de violências em relação com a realidade prática do sistema prisional brasileiro, assim como demonstrações do uso privilegiado da palavra.

Durante a pandemia de Covid-19 uma das primeiras intervenções governamentais foi proibir as visitas presenciais de familiares e amigos das pessoas presas, medida implementada a partir do dia 20 de março do ano de 2020 nas prisões paulistas, o que fora considerado como uma verdadeira bomba relógio, situação que levaria à morte exacerbada dos presos<sup>6</sup>. Entretanto servidores do sistema prisional continuaram trabalhando, os *Sedex* com itens de subsistência básica continuaram sendo enviados pelos familiares ao sistema prisional, e sobretudo presos continuaram entrando e saindo das prisões, e apesar da ficção publicitária de

---

<sup>6</sup>Natália Lago (2020) acompanha a atuação de uma Associação de Familiares e Amigos de pessoas presas na capital São Paulo e nos relata, neste artigo, como a morte de um preso no *fundão* exigiu com que muitos agentes e instituições fossem acionados para que o enterro ocorresse em São Paulo capital e não no interior do estado distante de sua família. De fato, o morto foi trasladado e enterrado próximo de seus familiares.

que presos estariam mais seguros por estarem experimentando uma quarentena de excelência, acompanhamos de forma etnográfica como a porta da prisão continuou girando.

É a partir deste encontro que localizamos nossa tese; em diálogo com uma linha de pesquisa em prisão que trata dos circuitos orbitais por ela produzidos ressaltando a força heurística do trabalho etnográfico nestes contextos atravessados por desigualdades extremas, desconfiança, violência e medo. A prisão vem deixando de ser apreendida como uma instituição que retira os indivíduos da sociedade para serem enclausurados num mundo à parte e passa a ser vista enquanto reveladora da ordem social em sua totalidade, ela coloca em evidência as mesmas precariedades dos territórios periféricos geridos por políticas de enrijecimento da vigilância assim como se apresenta como tecnologia do poder punitivo combinado com o disciplinar, soberano e o atual gestor de riscos (Cunha, 2014). É nessa prisão que se expande ou como expressa Ricardo Campello (2019) que se *dilata e densifica* onde situamos as cartografias da *interiorização penitenciária* do estado de São Paulo (Zomighani, 2014; Godoi, 2017; Godoi *et al.*, 2019; Silvestre, 2012). Dessa forma Lavínia-SP deixou de representar um estudo de caso como consideramos inicialmente em nossa dissertação de mestrado (Luz, 2019) e nesta tese propomos pensar a perspectiva dessa cidade como parte de um circuito mais amplo onde a sociologia econômica aparece como referencial teórico novo.

Os atores de Lavínia-SP atribuem significado turístico às suas penitenciárias enquanto principais vias na geração de empregos e manifestas em seu terreno de um desenvolvimento econômico possível. Conforme Nadya Guimarães, Murillo de Brito e Leonardo Barone (2016) a sobrevivência se garante através da possibilidade de acesso ao mercado de trabalho, estando este cada vez mais feminizado. Estamos diante da extensão de um *circuito prisão-periferia* como parte deste vasto território entre dentro e fora das muralhas que aumenta, se intensifica e se reinventa (Mallart e Cunha, 2019) passando por relações de mercado, as quais, estão imbuídas em estratégias de sobrevivência. Da mesma forma como afirmamos que em Lavínia-SP prisão é tema de economia encontramos na teoria dos *mercados contestados* (Steiner, 2023) substancial capacidade reflexiva.

Partimos dos *mercados contestados* como forma de refletir neste em torno das prisões onde nos localizamos. Para John Wikinson (2016, p. 39)<sup>7</sup> a teoria dos mercados

---

<sup>7</sup>Texto em inglês que compõe o dossiê Mercados Contestados publicado na Revista Antropolítica no ano de 2016. A tradução foi feita em base ao contexto e não de forma literal como presente no original. Reproduzimos o texto em sua íntegra: *The first of these refers to situations in which market mechanisms have been put in place which contain or cool down moral contestations (the betting industry, tobacco, pornography, the funeral*

contestados presente na obra de Philippe Steiner e Marie Trespéuch opera três características unificadoras que poderiam ser empregadas para análise de múltiplos cenários mesmo entre as nebulosas configurações atravessadas por dilemas do legal-ilegal e formal-informal (Telles, 2010). Características essas que seriam situações: 1) quando mecanismos de mercado são acionados para apaziguar ou conter contestações morais; 2) onde as conotações de cunho mercantil não conseguem emergir e apenas algumas exceções acabam por sair à superfície, caso visível no mercado da cannabis; 3) momentos nos quais os mecanismos de mercado podem ser identificados apesar de não serem suficientes para garantir a criação de certa estabilidade.

A teoria dos mercados contestados nos permite compreender a prisão enquanto símbolo deste desenvolvimento econômico local. Nesta tese argumentamos que para que a engrenagem deste motor funcione é primordial o combustível da *dominação masculina*<sup>8</sup>: a variável gênero tão bem como a *economia do cuidado* permitiram uma análise que se predispõe descrever possíveis disposições objetivas em subjetividades compostas pela obrigatoriedade da passagem pelo cárcere, tema que iremos explorar ao longo da tese.

Conforme Joan Scott (1995) a categoria gênero se constitui como uma construção social determinante das posições nas estruturas de poder onde as pessoas a partir do sexo, ou seja, a partir das características sexuais biológicas, são localizadas em suas ações correspondentes ao universo binário do masculino ou feminino. A categoria gênero surge quando pesquisadoras e pesquisadores decidem falar de mulheres embora não devem ser apreendidas enquanto sinônimos<sup>9</sup>. Para esta autora (Idem., p. 86), as relações de gênero estão intimamente vinculadas às relações de poder. A autora afirma também que o gênero, embora não tenha uma ênfase explícita colocada sobre si, constitui uma dimensão decisiva da organização, da igualdade e da desigualdade social e que a representação simbólica apresentada na oposição binária e contraditória dos gêneros é continuamente reafirmada e reproduzida dentro das instituições religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas.

---

*market). Conversely, the second identifies contexts in which no such mechanisms have been able to emerge, or where only partial exceptions prevail (human organs, cannabis). The third type relates to situations where the possibility of markets emerging can be identified but where market mechanisms are still unable to ensure the creation of a stable market.*

<sup>8</sup>Em prisões femininas pesquisas demonstram como as visitas não chamam tanta atenção como para o caso das instituições masculinas, mesmo que o número de mulheres encarceradas estejam aumentando em decorrência do atual fenômeno do encarceramento em massa o regime mais marcante é o abandono da família, assim a experiência dentro das prisões brasileiras possui efeitos distintivos não apenas em raça e classe, mas também em gênero. Para mais informações ver: Natália Padovani, 2015; Bruna Bumachar, 2016.

<sup>9</sup>Joan Scott (1995) é uma pesquisadora no campo da História e nos traz uma reflexão muito interessante ao revelar que se trata de uma disciplina masculina onde apenas homens aparecem como agentes históricos.

Somando a este debate, Helena Hirata (2010) ao discutir o *care* observa como as práticas de cuidadoras se constituem como uma tarefa doméstica e, portanto, dentro da lógica da divisão sexual do trabalho são menos valorizadas a nível de mercado. São práticas compreendidas como tarefa feminina, embora seja uma necessidade de toda a humanidade. A autora afirma que o cuidado tem sido abordado a partir de uma tese central de que todas as pessoas são vulneráveis. Portanto, em algum momento da vida, todas as pessoas poderão necessitar de cuidados.

Nessa perspectiva, o cuidado deveria atingir toda a sociedade e não ser visto como algo atribuído apenas aos idosos, enfermos e crianças; assim como não deveria ser ofertado apenas pelas mulheres. Para a autora, o cuidado, deveria ser a base das relações de toda a humanidade. Para Danièle Kergoat (2003) o cuidado é o trabalho responsável pela produção do viver em sociedade, no entanto, é um trabalho desvalorizado, não reconhecido, além de ser um trabalho que as mulheres não têm o direito de escolher se querem realizá-lo ou não. Refletindo sobre a forma como a dominação masculina se institui e se reproduz, Pierre Bourdieu (2019) observa uma ordem inscrita nas coisas que naturaliza o domínio dos homens sobre as mulheres apresentando-se de forma dissimulada.

Assim mesmo, quando pensamos nesta categoria nativa/local *mulher de preso* estabelecemos dois pontos de partida. O primeiro deles refere-se ao circuito entre os mundos de dentro e de fora das grades, em como prisão vai se situando como ponto de passagem, de encontro e de formação das subjetividades objetivas. E no segundo ponto de partida pensamos naquilo que Philippe Steiner e Marie Trespeuch (2016) trabalham a respeito da importância de lançarmos olhos às populações vulneráveis que os mercados contestados capturam ou expõem de seu funcionamento, tema explorado no capítulo 4.

Entre nosso referencial teórico – na sociologia econômica – encontramos na autora Viviana Zelizer (2013) uma possibilidade de apreender modos de significado de uma economia que se move pelo trânsito dessas mulheres do mesmo modo que elas fazem economia ao se moverem, numa tangente relacional entre economia e intimidade, tema abordado nos capítulos 3 e 4. Do mesmo modo como vamos observando e descrevendo ao longo da tese como o destino dado ao dinheiro toma diferentes significados sendo as atividades relativas ao cuidado as que melhor justificam o gasto; de uma renda que se caracteriza por ser sempre muito escassa. Afinal, mercado é colocar relações de troca em movimento, e o que vemos através da sociologia é que nem sempre são para a maximização dos benefícios individuais.

## 1. TURISMO DE FUNDO É AQUI NA 018

Unimos dois autores, John M. Eason (2017) em diálogo com Loïc Wacquant (2008), ambos trabalham com prisões nos Estados Unidos a partir de uma mesma noção: a categoria *gueto* para pensar uma realidade geográfica que se expande através da demonização cultural dos grupos que nele habitam, principalmente as comunidades negras e latinas. O primeiro é pesquisador do processo de interiorização penitenciária e analisa uma cidade ao Delta do Mississippi conhecida por uma historicidade racista enquanto geradora do movimento terrorista *KuKluxKan*; desde sua localização ele encontra uma mudança para se repensar, ao princípio se dava por garantido que as populações rurais partiam da ideia de rechaço ou manifestação contrária à possível presença das prisões em seus municípios (movimento que ficou conhecido nos Estados Unidos por “no meu quintal não”)<sup>10</sup> enquanto sua realidade empírica mostrava uma demanda por mais prisões.

Por outro lado quando pensamos na proposta do Estado Penitência do Loïc Wacquant (2001) em oposição ao Estado Providência de um bem-estar social que vai minguando, o autor encontra como uma das principais consequências desta passagem a desestruturação dos guetos afro-americanos que são capturados pela prisão para serem transformados em trabalhadores desqualificados assim como despossuídos de mérito para receber uma assistência do Estado configurando uma política de *criminalização da pobreza*. Falar de um *turismo* em contexto de interiorização das prisões paulistas, como encontramos e aprofundamos a partir de Lavínia-SP, é problematizar estas visões teóricas de uma pobreza que não produz mercados ou aquilo que Loïc Wacquant (2008) aciona enquanto rejeitados *da sociedade de mercado*. O gueto se encontra por demasiado absorvido no diagnóstico da carência e da falta.

Para John Eason (2017) a consagração das prisões nestas comunidades rurais onde a presença de latinos e negros é considerável viria a configurar o que o autor chama de gueto rural. Isso nos faz refletir sobre o interior paulista. Atualmente se percorremos as estradas do oeste paulista nos deparamos com prisões e imensas plantações de cana-de-açúcar entre cidades marcadas pela presença daquela imigração histórica de japoneses e italianos recrutados pela necessária mão-de-obra nas antigas lavouras de café. Nesta configuração devemos somar a presença sazonal de mulheres provenientes das periferias dos grandes

---

<sup>10</sup> No meu quintal não é tradução do inglês *not in my backyard* (NIMBY) a forma como movimentos de bairro ou pequenas comunidades se posicionam contra determinadas construções e mudanças em seu ambiente.



como argumentamos nesta tese esse seria um indicador para a abordagem dos *mercados contestados*.

Como já mencionado, analisamos nosso objeto de pesquisa e nos perguntamos quais são as acomodações necessárias para atualizar e manter a prisão na cidade de Lavínia-SP como parte do desenvolvimento econômico local? E não deixamos de nos questionar sobre a relação que se instaura entre a cidade e as mulheres familiares de pessoas presas, tema em continuidade e profundidade com o que trabalhamos no mestrado (Luz e Mazon, 2020).

Ao atribuir o nome de *turismo de fundo* – título escolhido para esta tese – ao fenômeno específico de Lavínia-SP, constituído numa cidade com nome de mulher que aciona certo tradicionalismo rural ao mesmo tempo em que é visitada por mulheres das periferias urbanas condenadas ao fluxo da instituição prisão, destacamos a ambivalência da mercantilização dos *rejeitados urbanos* segundo Wacquant (2008) com a proposta do surgimento de um *gueto rural* que demanda por mais prisões em Eason (2017). Refletimos no sentido deste contínuo periférico que se dilata entre o rural-urbano onde não necessariamente centramos nosso olhar para aquilo que se marginaliza, e sim para a construção de mercados que se vale daquilo que coloca em movimento. Desde a sociologia econômica quando pensamos em mercados estamos falando de construção histórica, social e material das relações de troca.

A presença constante das mulheres assim como a preparação de refeições e de outros itens levados por elas para dentro dos presídios (Luz, 2019; Luz e Mazon, 2020) é parte de um *circuito de sobrevivência em cadeias de cuidado* (Guimarães e Hirata, 2020) no exercício de compensação das mazelas produzidas pelo Estado: elas tentam compensar a dignidade ausente na vida de seus familiares presos e se opõem ao ambiente prisional que por uma vasta literatura é reconhecido como inumano e insalubre. O interior do cárcere é constantemente acionado como exemplo de violação dos Direitos Humanos. O termo turismo deveria denotar o oposto da prisão por se tratar de um trânsito voluntário e destinado ao prazer. Quando o turismo se coloca de fundo vai na direção de manipulação da precariedade símbolo da prisão em construção de um mercado contestado onde o que entra em negociação é justamente a contestação.

Em nossa consulta ao acervo do Jornal Folha da Região observamos nas seções de economia uma iniciativa turística iniciada nos anos 2000 quando a indústria do álcool supostamente vinha perdendo fôlego. O turismo regional aparecia sobretudo voltado às possibilidades de exploração das nascentes do rio Tietê, principalmente em torno das

atividades relativas à pesca. Precisamos visualizar que a geração de empregos em cidades do interior paulista significa manter cidades ativas e que não corram o risco de esvaziamento mediante o marcante êxodo rural que assombra suas histórias assim como as análises relativas ao gueto rural. Estamos diante de cidades que não desejam desaparecer.

Nosso colega de profissão do NUSEC Varlei Ertel (2023) vem construindo sua trajetória acadêmica pesquisando os arranjos do turismo em um bairro da classe alta na cidade de Florianópolis-SC. Ele se situa no oposto sociodemográfico de grande parte daquelas mulheres que se movimentam pela cidade de Lavínia-SP durante os finais de semana, correspondentes ao circuito *prisão-periferia*,<sup>14</sup> e nos mostra mais bem um fluxo dos ricos, ou mais voltado para uma sociologia das elites bem presente em nosso programa de pós-graduação. Entretanto é muito interessante como ele relaciona a construção do espaço turístico em ressonância com o capital simbólico, no qual, a distribuição de uma prática de lazer está embebida de representações que reconhecem divisões e hierarquias sociais existentes na sociedade em sua totalidade. O que nos move no trabalho dele é a dimensão da disputa que se trava diante de um turismo de elite referente às preocupações com a preservação do meio ambiente no sentido de crescer economicamente ao mesmo tempo em que se mantém a beleza natural que atrai turistas (Ertel, 2023). Do nosso lado, a disputa que este turismo de fundo tenciona é se ele foi ou não capaz de gerar empregos e não chega a questionar o modelo *per se* de desenvolvimento econômico fundamentado em crescimento contínuo das possibilidades de mercado em relação com a natureza. A natureza, portanto, não aparece em Lavínia-SP como possibilidade de desenvolvimento econômico, assim como ela não chega a ser interpelada quando o assunto é agropecuário, embora seja símbolo de um mito da destruição como veremos no capítulo 2 da tese. O que nos interessa frisar é que neste turismo de fundo a beleza natural não é percebida enquanto possibilidade de mercado, tendo em vista que em Lavínia-SP não temos nascentes do Rio Tietê.

Citado por De Farias *et al.* (2021) o estudo que aparece como precursor é o de Fabrizio Moschetto e Glauber Santos publicado no ano de 2010 cunhando o termo *turismo sócio-familiar prisional* (neles aparece com hífen). Como objetivo principal eles declaram

---

<sup>14</sup>Lembrando que não se trata de um juízo de valor e sim de uma realidade em torno das prisões que vem sendo observada por uma vastíssima literatura, como a *criminalização da pobreza* em Loic Wacquant (2001) ou o estudo da Manuela Ivone Cunha (2021) de como um bairro da periferia portuguesa acaba se constituindo como aspecto comum entre mulheres encarceradas. Entre tantos outros estudos que elucidam a relação do circuito prisão-periferia. Fábio Mallart e Manuela Cunha (2019) fazem uma excelente introdução deste circuito prisão-periferia no Dossiê Punição, prisão e cidades: contextos transversais que havíamos apresentado acima, onde encontramos muitas das nossas referências cruzadas.



apresentar um segmento do turismo ainda pouco explorado. Pesquisa fundamentada em observação multisituada nas cidades de Tremembé-SP, Hortolândia-SP, Sorocaba-SP, Itapeccerica da Serra-SP e São Paulo capital. Os autores partem da noção que: para falar de turismo no Brasil precisamos mencionar, necessariamente, as visitas que são feitas a amigos e familiares, constituindo a principal motivação para que brasileiros viajem a outras localidades. É por isso que seria tão pertinente falar da possibilidade deste *turismo sócio-familiar prisional*. Assim consideramos interessante a seguinte passagem do artigo:

**Por estranho que possa parecer ao primeiro olhar**, as viagens para visita de parentes e amigos encarcerados podem ser identificadas como viagens turísticas sem nenhuma restrição do ponto de vista da definição de turismo adotada pela Organização Mundial do Turismo. No entanto, por não se tratarem de viagens de lazer, e ainda mais por tratarem de uma **população marginalizada**, o tema até esse momento gerou pouco interesse, sendo raríssimas as discussões a seu respeito no mundo acadêmico. Cabe ressaltar que o turismo sócio-familiar prisional **envolve o consumo de serviços** de transporte terrestre rodoviário e urbano, alimentação e hospedagem, além de outros serviços específicos deste segmento do turismo. (Moschetto e Santos, 2010, p. 54 -grifo nosso).

Interessante que nos estudos desses autores a comparação é feita diretamente com a categoria turismo operando lógicas da semelhança com outras mobilidades como por motivo de viagens religiosas ou corporativas, onde a principal contribuição se refere a possíveis melhorias na infraestrutura local como atitude de respeito às mulheres visitantes das prisões e das cidades enquanto reconhecidas consumidoras de serviços turísticos. Essa forma de abordar o tema naturaliza a violência das prisões e eufemiza a persistência das desigualdades sociais como parte estruturante de uma punição que se expande para fora das muralhas, nesta prisão que se *dilata e densifica* (Campello, 2019).

A questão social de fundo acaba sendo invisibilizada para que presos e familiares possam ser situados como parte do *trade* turístico. Igualmente notório a forma pouco aprofundada como constroem um determinado perfil de mulher familiar de pessoa presa e da própria prisão. Observamos nos artigos acima um exercício de acomodação do significado em prol da racionalização econômica onde turismo se encaixa como luva, o mesmo percurso cognitivo feito pelos moradores da cidade de Lavínia-SP em ocasião do nosso encontro com a categoria nativa *turismo penitenciário* (Luz, 2019; Luz e Mazon, 2020).

Este mercado supostamente turístico identificado em Lavínia-SP assim como foi igualmente percebido por De Farias *et al.* (2021) na chave do *turismo sociofamiliar prisional* depende do fluxo de mulheres familiares e visitantes de homens presos, ato exercido de forma periódica e consistente. Assim encontramos uma plausível explicação para a especialização de Lavínia-SP no encarceramento de homens jovens. É possível observar que a eleição de

instituições masculinas é uma decisão econômica de Lavínia-SP e região uma vez que nas unidades femininas o regime de visitação é marcado pelo abandono da família (Padovani, 2015; Bumachar, 2016). Se o que marca as prisões masculinas são filas extensas de mulheres aguardando a hora de ver *o preso*<sup>15</sup> nas prisões femininas são filas muito pequenas.

A respeito da extrema insalubridade como marca registrada no interior das prisões encontramos o que Fábio Mallart e Rafael Godoi (2017) denominam de: *políticas de morte*; quando os corpos das pessoas presas são direcionados para o definhamento atravessados por múltiplas ações do Estado como a distância da família, a demora da lei, os circuitos de penalização da assistência social e a linguagem inacessível do direito penal. De fato, em tempos de pandemia do novo Coronavírus as *políticas de morte* nas prisões brasileiras se fazem cristalinas (Prando *et al.* 2023) situando-se como ponto de partida necessário da atual discussão sobre política prisional. Em ambiente marcado pela superlotação e existência de outras enfermidades como tuberculose se revelava a prática de um sistema penitenciário “que já não se atém à fábula reabilitadora, passando a concentrar-se na eliminação social e biológica do sujeito considerado criminoso” (Campello, 2023, p.80). Dessa forma o cuidado das mulheres familiares de pessoas presas se mantém como contraponto representando as possibilidades urgentes para manter suas comunidades vivas.

Assim é quando estabelecemos como coração da tese elucidar e descrever uma relação de interdependência, no sentido de Norbert Elias (2018)<sup>16</sup>, entre o *sistema de abastecimento* (Godoi, 2017) protagonizado por mulheres familiares de pessoas encarceradas com as *políticas de definhamento dos corpos* (Mallart, 2019), na qual, acionar a participação da família durante a experiência do cárcere se transforma em uma das estratégias para se manter vivo e este fenômeno passa pelo circuito do mercado (Bourdieu, 2005; Zelizer, 2013; 2011). Vida e morte passam por relações de troca mediadas pelo mercado, presos direcionados a morrer e suas mulheres familiares obrigadas e dispostas a cuidar.

---

<sup>15</sup>Em convívio cotidiano com as mulheres que visitam as prisões de Lavínia-SP é comum o uso da palavra *preso* para se referir ao familiar para o qual será realizada a visita. Ouvimos constantemente frases como: *tenho que fazer a comida do preso; vou ver o preso só mês que vem agora; não vejo a hora de falar pro preso* entre outras. Conforme registro do nosso Campo I entre janeiro a julho do ano de 2021 e do nosso Campo II de junho a outubro do ano de 2022. Essa palavra também é trabalhada e encontrada em outras etnografias feitas com essas mulheres como exemplo em Jacqueline Ferraz de Lima (2015).

<sup>16</sup>Elias (2018) expõe o que compreende por interdependência em sua obra *Introdução à Sociologia*. Nela o autor desenvolve o que poderia existir de universal no comportamento humano, estabelecendo enquanto características fundamentais: 1) o caráter mutável e a impossibilidade de produzir verdades estáticas ou imutáveis e 2) a satisfação individual do próprio corpo sempre em relação com a satisfação dos outros. O autor em seu projeto de síntese da sociedade feita por indivíduos encontrou na biologia um corpo que possui estímulos que são socialmente direcionados e não apenas experimentados de forma individual e isolada, portanto, a interdependência aciona uma relação entre <<eu e nós>> e esse direcionamento social adota a forma simbólica.

## 2. A EUFORIA PSDB PELAS PRISÕES

Na terça-feira 22 de outubro do ano de 2019 o então governador do Estado de São Paulo João Doria se desloca até Lavínia-SP, “a cerca de 600 quilômetros da capital” (cf. fragmento da notícia abaixo), para o ato solene de inauguração do novo Centro de Detenção Provisória (CDP) que se somaria às três penitenciárias de regime fechado já existentes naquela pequena cidade de contexto rural. O fragmento mostra a euforia com o evento:

O Governador João Doria inaugurou, nesta terça-feira (22), o CDP (Centro de Detenção Provisória) de Lavínia. O valor investido na obra foi de R\$ 55,8 milhões do Tesouro Estadual. O presídio tem área construída de 11.514,18 metros quadrados e capacidade para abrigar 847 presos provisórios.

“São Paulo é o estado que vai inaugurar o maior número de presídios neste ano. Até 31 de dezembro, serão 12 novos presídios e mais de 6,5 mil vagas oferecidas ao sistema prisional, com qualidade e segurança. O melhor sistema prisional é o de São Paulo. Você não tem notícias de revoltas e conflitos. Os agentes prisionais são bem preparados”, disse Doria. A nova unidade está localizada na estrada municipal Manoel Caetano, km 4,3, a cerca de 600 quilômetros da capital.

A unidade foi entregue totalmente automatizada. Desenvolvido 100% por técnicos da Secretaria de Administração Penitenciária, trata-se de um sistema automático para abertura e fechamento de portas sem que os funcionários tenham contato direto com a população carcerária. A nova unidade foi inaugurada também com todos os equipamentos de segurança, incluindo raio-X, portal detector de metal e escâner corporal.

“São Paulo está ofertando metade das vagas prisionais que o Brasil está oferecendo em 2019. É o Governo do Estado fazendo o seu papel na custódia dos apenados, na prática de reinserção social, oferecendo vagas e trabalhando para que o indivíduo saia da prisão e não torne a voltar”, afirmou o Secretário da Administração Penitenciária, Nivaldo Cesar Restivo. (Governo do Estado de São Paulo, 2019)<sup>17</sup>

Interessante constatar neste pronunciamento a revelação de alguns dos problemas crônicos relativos ao sistema prisional brasileiro. O primeiro elemento seria a velha e nova preocupação pela disponibilização de mais vagas, pautada pelo que Adalton Marques (2018) nomeia efeito contingente que pensadores produzem através de suas demandas pela humanização no interior das prisões, enquanto efeito não premeditado da boa intenção intelectual. O segundo elemento seria a persistente imposição de prisões distanciadas dos centros urbanos enquanto entendimento político e de senso comum voltado ao isolamento e segregação de sujeitos compreendidos como perigosos (Godoi *et al.*, 2019). Uma distância que assume o caráter da segurança máxima mesmo em prisões situadas em cidades lidas como *pacatas* (Silvestre, 2012). Elemento novo e cada vez mais recorrente trata-se da presença da

---

<sup>17</sup>Governo do Estado de São Paulo. Portal Últimas Notícias. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/governo-de-sao-paulo-inaugura-presidio-em-lavinia/>> Acesso 29 de janeiro de 2023.

mecanização nas instituições punitivas colocando *dispositivos tecnopenais*<sup>18</sup> em cena (Campello, 2019). Como resposta a tais alarmes sociais João Doria, filiado ao PSDB, então afirmava em 2019: “o melhor sistema prisional é o de São Paulo”. Colocado em outros termos, estamos diante do estado brasileiro que mais encarcera pessoas no Brasil (Mallart, 2019; Campello, 2019); São Paulo concentra um 33% da população presa do país (Godoi *et al.*, 2019, p. 593). Em números absolutos o Brasil é o terceiro país que mais encarcera pessoas no mundo ficando atrás dos Estados Unidos e China respectivamente (World Prison Brief, 2021).

Lavínia-SP é uma cidade localizada no alto de uma colina ao extremo oeste do estado de São Paulo, que corresponde a uma segunda exploração de terras para a cafeicultura acompanhada da introdução da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, mais uma formação *pornotrópica*<sup>19</sup> (McClintock, 2010), que terminou “removendo (tirando terra de um lugar para colocar em outro no sentido de aterrar e assim produzir a planície da cidade) cerca de 27.000 m<sup>3</sup> de terra no km 365 da Estrada de Ferro (N.O.B.), estabelecendo assim, o marco definitivo da nova unidade administrativa” (Memorial dos Municípios, 2021)<sup>20</sup>. O plantio e comercialização do café como motor da economia da região ainda compõe um imaginário acionado de forma coletiva pelos moradores mais antigos. A produção de café é uma referência de progresso que não se concretizou. Hoje o trem ainda atravessa a cidade carregando insumos agrícolas do estado de Mato Grosso até o porto de Santos-SP assim como divide seu território físico em duas partes antagônicas (que serão descritas nos capítulos 1 e 2), mas o que chama a atenção são suas quatro prisões masculinas de regime fechado e segurança máxima.

Nela, habitamos entre os meses de janeiro a julho do ano de 2021, período nomeado de Campo I; e posteriormente entre os meses de junho e novembro de 2022 o Campo II. Lavínia-SP entra em nossas vidas acadêmicas a partir de nossa dissertação de mestrado finalizada em fevereiro de 2019 e persiste como tema por conta da pesquisadora ter sua

---

<sup>18</sup> *Dispositivo* é conceito operacional do filósofo francês Michel Foucault para análise das técnicas e estratégias que os mecanismos de poder e saber colocam em uso para sujeitar as ações individuais. Mais que nada dispositivo significa a combinação de técnicas, discursos, arquiteturas, paisagens, pensamentos; tudo o que estiver disponível para exercício da dominação no sentido de dar direção aos corpos. No caso do Ricardo Campello (2019) ele analisa o dispositivo tecnopenal das tornozeleiras eletrônicas em regime prisional semiaberto.

<sup>19</sup> Para Anne McClintock (2010, p. 46) o imperialismo mercantil europeu tinha como objeto uma dupla relação de poder e saber entre dois espaços de gênero: um significava a jornada de penetração masculina de terras virgens e outro uma tecnologia de conversão dos segredos da natureza (feminina) em ciência masculina.

<sup>20</sup> Memorial dos Municípios. Disponível em: <<https://www.memorialdosmunicipios.com.br/lavinia>> Acesso 06 de novembro de 2021.

família morando naquela cidade e diretamente implicada num comércio voltado a receber mulheres familiares de pessoas presas – questões epistêmicas que serão problematizadas mais adiante no posfácio da tese. Contexto de proximidade familiar que define em muitos aspectos nossas possibilidades e limitações de pesquisa. Optamos por chamar a família da pesquisadora de Família M. composta por Margarita, a filha mais velha, Maria e Mario seus pais (adotamos nomes fictícios)<sup>21</sup>.

Um dos motivos conhecidos e imediatamente acionado para instalação de prisões no extremo oeste paulista é o efeito censitário (para o caso de Lavínia-SP os presos somam mais de 50% da população), pelo fato da população carcerária ser contabilizada na categoria domicílio coletivo (Luz, 2019). Esse fato incide diretamente naquilo que chama Fundo de Participação dos Municípios (FPM)<sup>22</sup> e provoca aumento dos repasses da União para as cidades interioranas com penitenciárias (Godoi, 2017). Os dados do IBGE para o ano de 2017 demonstram como nas finanças públicas do município de Lavínia-SP os valores do FPM são maiores do que o Imposto Territorial Rural (ITR). O ITR deve ser pago por pessoas físicas ou jurídicas proprietários de terra com mais de 30. Como veremos ao longo dos capítulos 1 e 2 Lavínia-SP é um território de médios e pequenos produtores rurais. Igualmente como fica visível na figura/gráfico abaixo houve um crescimento significativo da população da cidade e consequentemente dos repasses referentes ao FPM.

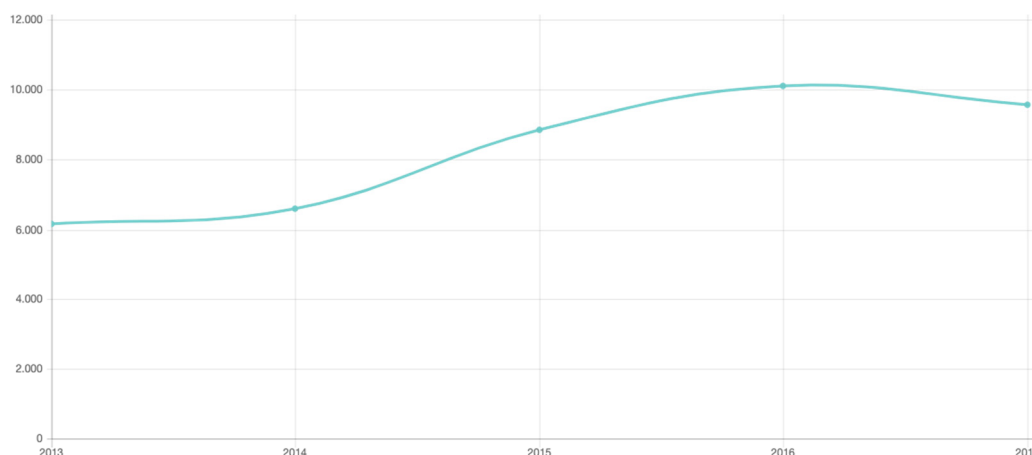
### **Figura 1<sup>23</sup>: O primeiro motivo é o FPM.**

<sup>21</sup>Trata-se, portanto, de uma pesquisa por proximidade familiar que encontra em Gilberto Velho (1997) no *Observando o Familiar* um ponto de partida reflexivo referente a questões metodológicas e epistêmicas.

<sup>22</sup>O FPM são recursos financeiros da União administrados pela Secretaria do Tesouro Nacional transferidos para Estados, Distrito Federal e municípios. Surgiu no ano de 1965 juntamente com o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) numa Emenda na Constituição de 1946 e o início da sua distribuição deu-se no ano de 1967 formado por 10% do produto das arrecadações de impostos e o critério de distribuição era unicamente a população divididas entre Capitais e Municípios. Criou-se uma outra categoria populacional a partir do Decreto-Lei nº 1.881 de 27 de agosto de 1981 para municípios denominados de Reservas com população superior a 156. 216 habitantes. Passou por muitos ajustes sendo que o último feito na Emenda Constitucional nº 112 de 27 de outubro de 2021 faz com que o FPM deixe de ser os 10% iniciais e passe aos 25,5% das arrecadações líquidas do IR mais o IPI. Para mais detalhes ver Brasil, 2023.

Disponível em: <[https://cdn.tesouro.gov.br/sistemas-internos/apex/producao/sistemas/thot/arquivos/publicacoes/28549\\_909191/anexos/6370\\_978491/Cartilha%20FPM.pdf?v=484](https://cdn.tesouro.gov.br/sistemas-internos/apex/producao/sistemas/thot/arquivos/publicacoes/28549_909191/anexos/6370_978491/Cartilha%20FPM.pdf?v=484)> Acesso 04 de novembro de 2023.

<sup>23</sup>Nesta tese tratamos GRÁFICOS como FIGURAS porque nos afiliamos a uma produção de conhecimento qualitativa assim que buscamos acionar elementos descritivos que possam construir percepções visíveis desta realidade social sob a qual nos debruçamos pensando seriamente na proposta de Donna Haraway (1995) a respeito da corporificação do conhecimento. Então gostaríamos que a cada figura o possível leitor nos escutasse sussurrar: “olha isso”. Também reproduzimos uma palavra que escutamos ao longo de nossa inserção no mundo acadêmico através da expressão: “que figura”.



Fonte: IBGE Cidades.

Na vertical à esquerda o número de habitantes e na base horizontal os anos respectivos ao cálculo do FPM.

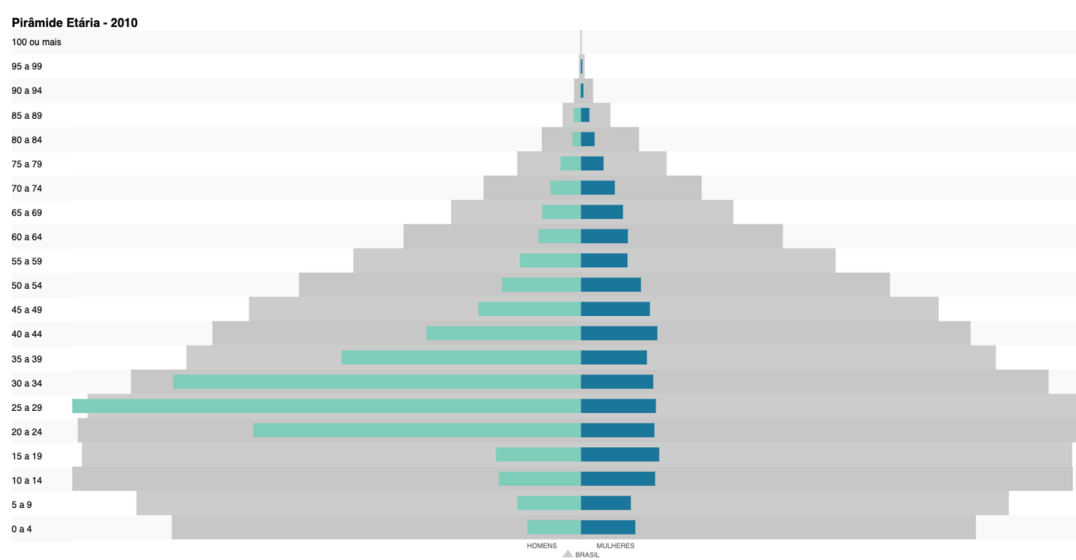
Como aparece acima o FPM começa a diminuir nos anos de 2017 o que poderia interferir na decisão para a construção do novo CDP na cidade. Lavínia-SP, como tantos outros municípios localizados ao extremo oeste paulista, faz parte da política de *interiorização do sistema penitenciário paulista* (Salla *et al.*, 2012). Entre as justificativas para este enorme empreendimento estão dois acontecimentos de forte repercussão midiática: 1) o polêmico Massacre do Carandiru ocorrido em outubro de 1992 levando a morte de 111 presos demarcando o eterno dilema de um sistema falido (Silvestre, 2012; Zomighani, 2014; Godoi, 2017), e 2) a formação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no interior das prisões paulistas e a consolidação de seu poder soberano, no sentido de decretar vida e morte, tanto dentro quanto fora dos muros (Salla *et al.*, 2012; Manso e Dias, 2018)<sup>24</sup>. Rebeliões, fugas e PCC dominam o debate sobre prisão em São Paulo e parece ser um sistema falido que insiste em continuar existindo. Outra dimensão mais velada como motivo da interiorização das prisões paulistas seria a retirada da atenção das populações dos grandes núcleos urbanos sobre as preocupantes crises do sistema penitenciário, sempre envolto em escândalos de fugas, rebeliões, chacinas, massacres e crime organizado (Zomighani Jr. 2014).

<sup>24</sup>É extensa a bibliografia que trata da política de interiorização do parque penitenciário no estado de São Paulo e todas elas reconhecem no Massacre do Carandiru e na consagração da hegemonia PCC fontes de reclame midiático por intervenção do Estado (Redígolo, 2013; Silvestre, 2016; Godoi, 2017; Citelli, 2018; De Farias *et al.*, 2021; Duarte e Araújo, 2021; Granzotto *et al.*, 2021). Igualmente notamos que os estudos sobre São Paulo servem de referência e ponto de partida para a compreensão da interiorização penitenciária no caso do Rio Grande do Norte (Bezerra, 2020; De Jesus *et al.*, 2023). Encontramos no livro do Rafael Godoi (2017) completo apanhado histórico do sistema penitenciário paulista assim como extensa cartografia da atual expansão interiorizada das prisões do estado de São Paulo, verdadeiro pontapé inicial. Sobre o PCC existe uma vasta literatura, mas concordamos com a leitura feita por Gabriel Feltran (2018). No livro do Bruno Manso e Camila Dias (2018) está documentado como o PCC já se encontra em outros estados brasileiros assim como em outros países.

Prisão quase deixaria de existir ao ser levada para o interior mais distante da capital onde conflitos pela consagração política fazem arena. Como se estivessem sendo camufladas entre canaviais. Dessa forma observamos como a capital paulistana assumiria preocupações mais bem divulgadas sobre o tema da segurança pública, característica fortemente relativa aos grandes núcleos urbanos onde a violência parece acontecer de forma mais assídua e intensa constituindo todo um sistema de nomenclaturas e conhecimentos em disputa. Não significa que em uma cidade feita Lavínia-SP não exista crime, mas esse assume outras formas de negociação local sem que a prisão seja acionada em sua resolução, aspectos que exploramos mais detidamente no capítulo 2.

Conforme dados da Secretaria Nacional de Políticas Penais; 95,75% das pessoas presas no Brasil são homens, sendo maioria jovens, entre 18 a 24 anos; 25 a 29 anos; 30 a 34 anos e 35 a 45 anos.<sup>25</sup> Entendemos a partir desta visão panorâmica que Lavínia-SP possui um complexo penitenciário especializado no encarceramento de homens jovens.

**Figura 2: É muito homem nessa cidade.**



Fonte: Censo IBGE 2010.

Em verde para homens e azul para mulheres diante da cor cinza para o percentual em todo o país.

Atualmente a cidade de Lavínia-SP se destaca pela escala. São 4 unidades prisionais masculinas que faz com que a população carcerária duplique a de habitantes locais. Quando

<sup>25</sup>SENAPPEN. Disponível em:

<<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiYzZlNWQ2OGUyYmMyNi00ZGVkLTgwODgtYjVhMWI0ODhmOGUwIiwidCI6ImViMDkwNDIwLTQ0NGMtNDNmNy05MWYyLTRiOGRhNmJmZThlMSJ9>> Acesso em 09 de outubro de 2023.

olhamos para sua pirâmide populacional disponível no Censo do IBGE (imagem acima), ainda referente ao ano de 2010, temos uma quantidade considerável de pessoas do sexo masculino na faixa etária 25-29 anos e de 30 aos 34 anos<sup>26</sup>. Conforme dados do novo Censo, no ano de 2022 a população de Lavínia-SP aumentou em apenas 910 habitantes<sup>27</sup> enquanto seu mais novo CDP conta com a presença de 1045 homens<sup>28</sup>. A população dentro das prisões cresce mais do que fora.

Bárbara Bezerra (2020) também faz uma leitura parecida da interiorização penitenciária para o estado do Rio Grande do Norte, escolha decorrente do Massacre do Alcaçuz em 2017, a maior penitenciária próxima à capital Natal-RN e localizada numa região de agricultura familiar. Para a autora o sistema prisional do Rio Grande do Norte “já nasceu interiorizado”, e é muito interessante como os territórios almejados para as novas unidades coincidem com municípios de pequenos agricultores, algo que nos lembra o *gueto rural* de John Eason (2017). Fernando Baima (2021) descreve o processo de interiorização penitenciária no estado do Maranhão a partir dos anos 2000, com intenso crescimento a partir de 2010 sob o mandato de um governador ligado ao PSDB, decorrente dos conflitos entre facções até então concentradas num único complexo prisional localizado na capital São Luís-MA. Assim como no estado de São Paulo as unidades prisionais são levadas para cidades muito pequenas, consideradas pobres onde aparece o imaginário de uma *economia estagnada* (Zomighani, 2014).

Rafael Godoi, Fábio Araújo e Fábio Mallart (2019) comparam os parques penitenciários de São Paulo e Rio de Janeiro mostrando como o primeiro assumiu este modelo de dispersão pelo interior do estado enquanto o segundo concentra grande parte de suas unidades prisionais em um único bairro do Rio de Janeiro, afirmando a pertinência de uma análise em escala estadual para compreensão das atuais dinâmicas do encarceramento no Brasil. Das considerações dos autores sobre o estilo paulista retemos a informação de que seu interior mais distante optou pela instalação das penitenciárias de regime fechado em oposição à existência de uma diversificação maior das unidades conforme se aproximam da grande área metropolitana. O distanciamento geográfico das prisões não é novidade considerando a história das técnicas de punição, mas a preferência por penitenciárias masculinas de regime

---

<sup>26</sup>IBGE. Censo 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/lavinia/panorama>> Acesso em: 09 de outubro de 2023.

<sup>27</sup>IBGE. Censo 2022. Disponível em: <<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>> Acesso em: 09 de outubro de 2023.

<sup>28</sup>SAP-SP. Disponível em: <<http://www.sap.sp.gov.br/uni-prisionais/pen-.html>> Acesso em: 09 de outubro de 2023.



fechado e segurança máxima denotam certa mudança em sua natureza. Os autores chamam atenção para as prisões instaladas em contexto rural antigamente mais voltadas para a questão da ressocialização em ambiente mais calmo e pacato distante dos vícios urbanos. Porém na atual política de interiorização penitenciária encontramos a constituição deste trajeto continuado entre periferias urbanas, instituições de punição e o interior rural mais distante, uma territorialização atual e alongada.

Talvez a inauguração de um CDP em Lavínia-SP seja uma tentativa de diversificação do parque penitenciário neste interior mais distante, ou *fundão*, ao menos aos olhos da legislação. Segundo dados da Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo (SAP-SP) no mesmo ano de 2019 outro CDP foi inaugurado no extremo oeste, na cidade de Paulo de Faria- SP, correspondente à mesma coordenadoria responsável pela gestão das unidades prisionais em Lavínia-SP<sup>29</sup>.

Supostamente os CDPs corresponderiam aos presos provisórios enquanto as penitenciárias existiriam para os condenados em regime fechado. No campo consagrado dos estudos prisionais a arbitrariedade/discricionariedade é regra no jogo. Conforme mostra Godoi *et al.* (2019, p. 594) malgrado a atual categorização do regime interno das prisões paulistas, o que impera é a dinâmica das facções:

A taxonomia das prisões em São Paulo parece corresponder aos regimes de reclusão previstos na legislação penal brasileira: CDPs para presos provisórios, penitenciárias para cumprimento de pena em regime fechado, CPPS para cumprimento de pena em regime semiaberto, CRs para presos considerados de baixa periculosidade, CRP para presos “problemáticos”, HCTPs para cumprimento de medida de segurança. Apesar da lei, não há em São Paulo nenhuma instalação destinada ao cumprimento de pena em regime aberto. Entretanto, a nomenclatura dessas unidades encobre uma realidade complexa. Por um lado, a mistura de detentos de diferentes estatutos legais é acentuada. É comum encontrar um número expressivo de presos condenados nos CDPs, inclusive aqueles que alcançaram o “benefício” do semiaberto. Da mesma forma, há pavilhões inteiros de penitenciárias que abrigam presos provisórios. Com efeito, o critério mais relevante que opera na distribuição dos detentos é a facção. Em São Paulo, mais de 90% das unidades são para presos vinculados, direta ou indiretamente, ao PCC; o restante é dividido entre coletivos, como o Comando Revolucionário Brasileiro da Criminalidade (CRBC) e o Terceiro Comando da Capital (TCC).

O tema PCC tornou-se passagem obrigatória quando o assunto é prisão em São Paulo e sempre que viemos apresentando nosso tema para discussão em eventos acadêmicos éramos

---

<sup>29</sup>Atualmente a população carcerária do estado de São Paulo é de responsabilidade da SAP que está composta por 7 coordenadorias: 1) Reintegração Social e Cidadania; 2) Região Metropolitana; 3) Região do Vale do Paraíba e Litoral; 4) Região Noroeste; 5) Região Central; 6) Região Oeste (da qual Lavínia-SP faz parte) e 7) Saúde responsáveis pelos hospitais de custódia e tratamento psiquiátrico todos eles mais próximos da capital São Paulo. Para um estudo detalhado de cada uma das coordenadorias ver Rafael Godoi (2017) e para uma sociogênese da instituição SAP ver Fernando Salla (2007).

questionadas a respeito da hegemonia do poder da facção. Apesar das nomenclaturas CDP e penitenciária de regime fechado corresponderem às exigências da legislação penal; na prática, é a facção criminosa que opera no regulamento dos espaços *intramuros*. Da mesma forma, os códigos de ética do PCC estão presentes em ambientes da periferia urbana *extramuros* (Biondi, 2018; Feltran, 2018). O PCC está pulverizado por todo território paulista assim como suas prisões (Godoi *et al.*, 2019).

A insuperável questão carcerária e das facções criminosas extrapolam os muros da instituição e se tornam dilema da nossa sociedade. Alguns autores estão discutindo a participação tímida da União em assuntos tão urgentes como o homicídio quase diário de grande parte da nossa população jovem, negra e pobre, principais alvos do sistema prisional; atribuindo aos Estados federativos demasiada autonomia na gestão destes conflitos limitando-se à provisão de recursos para a reforma ou construção de novas unidades (Vasconcelos *et al.*, 2018).

Entretanto PCC não é tema que se manifesta em nossas interações com os moradores mais antigos de Lavínia-SP. Por outro lado, as justificativas dos municípios que participam do processo de interiorização penitenciária no estado de São Paulo são da ordem do econômico, o que se sobressai das considerações referentes a possíveis problemas penais (Godoi *et al.*, 2019). Quando a leitura se concentra na característica dos municípios que receberam e continuam recebendo prisões encontramos o que James Zomighani Júnior (2013) concebe enquanto territórios *economicamente estagnados*. Ruth Gilmore (2007) ao realizar uma extensa cartografia do processo de interiorização penitenciária no estado da Califórnia, Estados Unidos, chama atenção para municípios etnicamente diversos de trabalhadores *modestamente educados*; a autora nos guia a refletir sobre um problema estrutural que encontra na prisão o que encontraria em qualquer outra instituição que, de antemão, se autoafirmasse positiva ao desenvolvimento da economia. Algumas pesquisas que vieram analisar a forte presença de prisões em áreas rurais dos Estados Unidos afirmam que o desenvolvimento econômico prometido a princípio, pela suposta geração de novos empregos para as comunidades rurais, não se concretizou de fato (Beale, 1998; Huling, 2002; Hooks *et al.*, 2010).

Na página *online* da SAP-SP temos uma janela à direita que anuncia as unidades prisionais recém-inauguradas; no ano de 2019 junto com o CDP de Lavínia-SP e o CDP de Paulo de Faria- SP – como mencionado anteriormente – mais 3 penitenciárias foram inauguradas. No ano de 2020, 1 CDP e 1 penitenciária foi inaugurada. No ano de 2021, 1 CPP

foi inaugurado e no ano de 2022, 2 penitenciárias foram inauguradas. Estamos falando de novas infraestruturas e não de antigas instituições que apenas modificaram seu regime processual interno<sup>30</sup>. Das 5 unidades prisionais inauguradas no ano de 2019 todas correspondem ao oeste paulista do qual Lavínia-SP é parte. Assim notamos que, mesmo que tais problemas como a superlotação das celas e o poder hegemônico do PCC continuem vigentes, na atualidade, a interiorização penitenciária em São Paulo se encontra distante do fim e ainda é uma política de Estado.

O estado de São Paulo vem inaugurando prisões no interior mais distante desde a década de 1990, o que se intensifica de forma expressiva a partir da gestão do governador Mario Covas quem assume um plano de desativação do Complexo Carandiru – considerada a maior prisão da América Latina – e ampliação de vagas estimulando a expansão interiorizada das prisões paulistas; política que se multiplicou com seu sucessor Geraldo Alckmin (Salla *et al.*, 2012). Em São Paulo, portanto, a política de expansão e interiorização do parque penitenciário é liderada pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

A primeira penitenciária de Lavínia-SP foi inaugurada no ano de 2002 (ano da completa desativação do Carandiru) e as outras duas unidades surgiram no ano de 2006 na esteira das ondas de ataques em São Paulo coordenadas pelo PCC. Fernando Salla (2007, p. 73) observa que teria sido a primeira vez que “uma crise no sistema penitenciário transbordava os muros das prisões e atingia direta e amplamente o cotidiano da população”. Todas as penitenciárias de Lavínia-SP são reconhecidas como logro de um mesmo prefeito filiado ao PSDB e quem direta ou indiretamente esteve à frente da Prefeitura Municipal por mais de 20 anos; é curioso o fato etnográfico de que sua casa e escritório particular situem-se ao lado do prédio administrativo da Prefeitura Municipal (Luz, 2019), inclusive a praça ao lado é reconhecida localmente como sua recebendo seu nome próprio no sentido de descrição geográfica daquele espaço. Ele também é identificado por *conseguir*<sup>31</sup> a quarta unidade prisional, porém inaugurada sob mandato da oposição por conta de um atraso decorrente de processos judiciais entre a Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) e um proprietário

---

<sup>30</sup>Quando Rafael Godoi (2017) realiza sua análise a respeito das inaugurações de novas penitenciárias no parque prisional paulista chama atenção para que algumas não sejam construídas do zero e sim tiveram seus estatutos legais modificados.

<sup>31</sup>Conseguir é palavra amplamente usada pelos moradores de Lavínia-SP na hora de falar sobre o desempenho dos prefeitos locais. Frases como *foi ele quem conseguiu o ônibus escolar; foi ele quem conseguiu asfalto; foi ele quem conseguiu as penitenciárias pra cidade*. Conforme registro do nosso Campo I entre os meses de janeiro a julho do ano de 2021. Conseguir denota uma política de recursos que vem de fora e não são produzidos na própria cidade quando apareceria as palavras: produzimos muita cana ou plantamos, criamos e cultivamos na terra. A gente consegue é oposto do que a gente produz.

rural que alegava deficiências no tratamento do esgoto da prisão que passava por sua propriedade<sup>32</sup>. A oposição permaneceu pelos últimos 4 anos e nas eleições municipais de 2020, o *prefeito das prisões* – como é localmente reconhecido – retorna para seu cargo<sup>33</sup>.

Neste município é nítido o sucesso deste agente político segundo as características apontadas por Moacir Palmeira e Beatriz Heredia (1995) a respeito da *política de facções* (conceito próprio dos autores e sem relação com o PCC). Quando demonstram que no cotidiano prático das cidades interioranas nem mesmo a participação em sindicatos ou cooperativas rurais é interpelada como política; esta se encontra diretamente relacionada com o fato de ir às urnas. Momento no qual pequenos municípios mudam completamente seu cotidiano e as disputas políticas invadem casas, igrejas, festas, ruas e praças oferecendo momento de efervescência para o logro de oportunidades individuais como o pagamento de uma conta de luz, distribuir cestas básicas ou qualquer outra doação passível de se converter em voto. O problema do clientelismo é ainda mais denso conforme o município seja muito pequeno porque aqueles que demonstrarem apoio à oposição sofrerão retaliações quando o prefeito eleito vier a ocupar o cargo político. Assim o poder para um político local é experimentado de forma visceral se aproximando da noção de soberania.

Em Lavínia-SP o prefeito candidato pelo PSDB possui muitos aliados políticos e ao se dedicar ao plantio da cana-de-açúcar é capaz de barganhar com ofertas de emprego sazonais. Em nosso Campo I temos relatos de moradores que tiveram ofertas de emprego antes mesmo da primeira prisão chegar a Lavínia-SP. No léxico de uma política municipal cotidiana estaríamos diante das possibilidades reais que um agente político local teria justamente ao se tratar de *conseguir* fazer alguma coisa pela cidade, e necessariamente deve se expressar da forma material.

Neste complexo prisional encontrado em Lavínia-SP seus outros dois municípios vizinhos aderem a mesma estratégia. O mais próximo - geográfica e identitariamente - é Mirandópolis-SP. Essa proximidade se expressa por uma rua interurbana que os conecta. Lá, a primeira penitenciária foi inaugurada no ano de 1991. Notícias encontradas no acervo do jornal regional relatavam a necessidade desta prisão para desafogar as cadeias públicas das cidades de maior prestígio social local como o caso de Araçatuba-SP onde se encontrava a

---

<sup>32</sup>Idem.

<sup>33</sup> Conversamos com este prefeito no mestrado que defendemos em fevereiro de 2019. Tentamos retomar o contato com ele por ocasião da nossa pesquisa de campo para o doutorado e recebemos um não como resposta com a justificativa de falta de tempo, entretanto percebemos que se tratava da nossa proximidade familiar naquele território. Explicações a respeito da entrada de Lavínia-SP como objeto de pesquisa e recortes do nosso campo empírico se encontram mais a frente nesta introdução.

sede deste jornal, território reconhecido localmente como *a cidade do boi*. O outro município vizinho é Valparaíso-SP com uma penitenciária inaugurada no ano de 1998 sob mandato de uma prefeita ligada ao PSDB. Lá também o discurso de implementação da prisão assume o tom de desenvolvimento econômico local.

Rogério Pagnan publica a notícia para o jornal Folha de São Paulo, no dia 20 de maio do ano de 2019, mostrando como nos últimos 25 anos de governo PSDB o número de presos quadruplica e cresce sem cessar ano após ano. Articula sua reportagem com direcionamentos para a privatização das prisões paulistas num movimento de acréscimo das gestões público-privadas, com a terceirização dos serviços como alimentação, transporte e limpeza das unidades<sup>34</sup>. Direcionamentos de uma gestão carcerária público-privada aparece de forma bastante clara na tese do Ricardo Campello (2019) sobre o monitoramento via tornozeleiras eletrônicas, quando, as empresas responsáveis pela leitura da máquina acabam sendo requisitadas pelos juízes durante o processamento das penas por suas capacidades legítimas em decodificar o significado dos aparelhos eletrônicos.

Pedro Siemsen publica notícia, no dia 07 de janeiro do ano de 2021, para a Revista Piauí, na qual traz dados interessantes sobre o voto dos presos provisórios no Brasil. Apesar da dificuldade de acesso às urnas e do fato de que 99% dos presos não tenham votado no ano de 2020, por sua vez, quando o acesso ao voto se efetua a maioria da população carcerária se inclina pela oposição, e no caso do estado de São Paulo “a regra nos presídios é o voto antitucano”.<sup>35</sup>

Com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva para presidência em 2022 com Geraldo Alckmin como seu vice a pauta da privatização das prisões retoma a cena. Carol Castro em notícia para o Intercept Brasil no dia 16 de outubro do ano de 2023 traz à tona decreto de Geraldo Alckmin como vice-presidente assinado em abril deste mesmo ano que abre o sistema prisional brasileiro para as licitações privadas, situando-o enquanto um dos principais investimentos em infraestrutura e de produção econômica em pesquisa, desenvolvimento e inovação.<sup>36</sup> Ainda não temos como comentar a respeito, mas políticas de desencarceramento

---

<sup>34</sup>Número de presos em São Paulo quadruplica sob governos do PSDB. Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/05/numero-de-presos-em-sao-paulo-quadruplica-sob-governos-do-psdb.shtml>> Acesso em 22 de abril de 2023.

<sup>35</sup>A eleição atrás das grades. Disponível em:<<https://piaui.folha.uol.com.br/eleicao-atras-das-grades/>> Acesso em 22 de abril de 2023. PSDB também é conhecido como partido dos tucanos.

<sup>36</sup>Entrevista: ‘Lula e Bolsonaro se unem na privatização de presídios’ diz Defensor Público. Disponível em:<<https://www.intercept.com.br/2023/10/16/entrevista-lula-e-bolsonaro-se-unem-na-privatizacao-de-presidios-diz-defensor-publico/>> Acesso em 19 de dezembro de 2023.

ou mais inspiradas no *abolicionismo penal*<sup>37</sup> não parecem configurar as agendas deste atual governo.

Quando iniciamos esta introdução apresentando uma política específica do estado de São Paulo referente ao processo de interiorização penitenciária de acordo com anos de mandato do partido político PSDB encaramos um fato que tivemos que repensar. O interior do estado de São Paulo apresenta, nas últimas eleições presidenciais de 2022, considerável aclamação ao atual movimento bolsonarista, mesmo com Geraldo Alckmin na vice-presidência. Descrevemos este acontecimento de forma etnográfica no segundo capítulo desta tese em ocasião da nossa presença em campo empírico durante as últimas eleições presidenciais. As prisões na cidade de Lavínia-SP embora não estejam sendo interpeladas pelos moradores locais na chave do crime e da violência, estão produzindo uma massa de trabalhadores do âmbito da segurança pública, concretamente relativa aos agentes penitenciários enquanto detentores de prestígio social local (Sabaini, 2012), e eles constituem forte aliança aos valores que trazem a figura de Jair Bolsonaro, sobretudo quando lembramos de sua máxima referente ao lema “bandido bom é bandido morto”.

### 3. A PRISÃO SITUADA FORA DELA

A *interiorização penitenciária* é uma dentre tantas outras faces da tecnologia política voltada para o *encarceramento em massa*<sup>38</sup>. Um dos fenômenos contemporâneos amplamente discutido pelas ciências sociais, quase sempre em diálogo com as jurídicas, é o encarceramento em massa. Autores como Lôic Wacquant (2001) desenvolve a passagem de um Estado-providência para um Estado-penitência, ou Angela Davis (2020) de um complexo industrial-militar para um complexo industrial-prisional. Ambos abordam os Estados Unidos dispostos a compreender uma época em que se prende muita gente, momento em que se

---

<sup>37</sup>Com a guinada do movimento negro e de sua produção no campo do conhecimento o racismo estrutural de Estado consegue assumir centralidade nas agendas de pesquisa sobre o sistema prisional, com isso surge o termo abolicionismo penal para se pensar um mundo sem prisões ou com menos quantidade delas.

<sup>38</sup>Atualmente o termo encarceramento em massa pauta uma abundante agenda de estudos principalmente em torno das temáticas de violência e segurança pública. No ano de 2001 David Garland coordena a publicação de um livro, o *Mass imprisonment: causes and consequences* onde reúne vários escritos sob uma preocupação ainda vigente, o fato das prisões aumentarem incessantemente seu volume e extensão territorial se posicionando enquanto lugar obrigatório de destino e passagem dos grupos subalternos. Atualmente o tema transborda o campo acadêmico configurando-se em debate público e político assim como uma das urgências de vários movimentos sociais (Telles *et al.*, 2020).

investe muito dinheiro na construção de novas prisões enquanto se “criminaliza” os auxílios nas esferas da assistência social<sup>39</sup>.

Quando pensamos no significado prático do *encarceramento em massa*, ou seja, seus efeitos no cotidiano, nos remetemos à obra de Michelle Alexander (2017), assim precisamos renunciar a lógica dos territórios à margem ou da própria prisão enquanto espaço de ausência do Estado. A autora chega a oferecer uma definição de *encarceramento em massa*: “expressão que se refere não apenas ao sistema de justiça criminal, mas também a uma teia maior de leis, regras, políticas e costumes que controlam aqueles rotulados como criminosos dentro e fora da prisão” (Idem. p. 50-51). Sentimos em sua obra como a prisão entra em jogo num sistema de controle da população negra e de cor dos Estados Unidos marcados pela instituição até mesmo depois de cumprirem suas penas, e um dos casos mais alarmantes é a impossibilidade de acesso ao voto.

Estamos diante de uma lógica a guiar as atuais políticas de encarceramento nos parâmetros de uma dinâmica da nova segregação racial, de classe e gênero; vemos como o Estado sempre interferiu na ordem desses territórios periféricos mesmo quando destinados às políticas de *tolerância zero* (Wacquant, 2001). A presença do Estado lida desde as diretrizes do neoliberalismo econômico o faz estar presente em mais áreas da vida através do autocontrole dos próprios indivíduos, na extensão de uma esfera pessoal que precisa ser protegida gerando uma intervenção política de forte apelo tradicionalista e conservador (Brown, 2019). O atual endurecimento penal situa a prisão como lugar de destino e também de passagem, portanto, nos valendo dos termos presentes em Vera Telles (2019, p. 2) “o encarceramento em massa já está cristalizado como evidência e como dado quase que banalizado nas realidades de diversos países. Também no Brasil.” A prisão inaugura em termos do encarceramento em massa formas e possibilidades de socialização objetiva e subjetiva. Estamos diante de projetos de vidas que precisam incluir a prisão em seu terreno dos possíveis.

É também em contexto de *interiorização penitenciária* que pesquisas trazem o fluxo marcante de mulheres familiares de pessoas presas e visitantes das prisões masculinas (Silvestre, 2012; Godoi, 2017; Lago, 2019). Rafael Godoi (2017) chega a afirmar que o melhor advogado de um preso é a família. Em cidades do interior paulista onde prisões foram alocadas, pesquisadores tiveram que lidar com uma categoria nativa: *mulher de preso*. Essa

---

<sup>39</sup>Lembrando que Lóïc Wacquant (2003) é referência da noção de “criminalização da pobreza”.

expressão era o sinônimo de reconhecimento de relações as quais começavam a se articular entre moradores das cidades interioranas e mulheres familiares das pessoas encarceradas que identificamos, nesta tese, enquanto visitantes de prisões e de cidades.

De fato, foi a partir desta imagem da prisão enquanto produtora de circuitos que a atravessa e são atravessados por ela que nos abrimos para ver e observar o que fazia com que mulheres visitantes de pessoas presas fossem alvo prioritário do mercado local e ao mesmo tempo ignoradas como cidadãs. Quando a interação dessas mulheres com moradores de Lavínia-SP ultrapassava os limites das transações econômicas, isso era lido como poluição das relações (Luz e Mazon, 2020). Isso ocorria devido à extensão do significado da prisão em suas vidas; a prisão permeia esses espaços do dentro e do fora das grades entre objetividades e subjetividades tornadas possíveis. Lá no nosso mestrado na cidade de Lavínia-SP tivemos alguns achados de pesquisa empírica dos quais trazemos para ilustração (Luz, 2019):

- 1) O surgimento da categoria nativa *turismo penitenciário* tanto de forma literal em entrevista gravada com o prefeito da época (o único representante da oposição eleito em mais de 20 anos de domínio PSDB) quanto em inúmeras interações de trabalho de campo.
- 2) A constatação da inflação dos preços nos supermercados de Lavínia-SP durante os dias em que as visitas aos presídios aconteciam; valores que eram modificados a cada final de semana. Observamos os preços dos principais produtos constitutivos do *jumbo*<sup>40</sup> comparados com os preços do litoral paulista de onde uma das nossas interlocutoras procedia. Lavínia-SP conseguia ser uma cidade mais cara do que Guarujá-SP.
- 3) Transações econômicas entre mulheres visitantes das prisões e comerciantes locais supunham o pagamento à vista e quase sempre realizado em dinheiro espécie; em oposição a uma forma tradicional compartilhada entre os moradores mais antigos de Lavínia-SP, o que consistia em anotações assinadas à caneta em antigas notas promissórias para que o pagamento fosse realizado no início de cada mês; ou seja, o

---

<sup>40</sup>Antes da pandemia de Covid-19 as mulheres familiares de pessoas encarceradas adentravam as prisões de Lavínia-SP carregando uma sacola transparente cheia de itens de higiene básica como pasta de dente, sabão em pó, sabonete, desodorante; itens de alimentação como balas, pão de forma, bolachas; até mesmo cadernos e canetas, cigarros e medicamentos. As visitas aconteciam durante todos os sábados e domingos do mês e ano quando os itens citados anteriormente eram entregues aos familiares e a sacola podia ser complementada com vasilhas cheias de comida fresca e refrigerantes de preferência bem gelados.



primeiro tipo de pagamento era fundamentado na desconfiança enquanto o segundo na confiança.

Se citamos a euforia PSDB por prisões é porque levantamos essa curiosidade ainda no campo empírico referente ao nosso mestrado finalizado em fevereiro do ano de 2019, como já mencionado. A atenção veio por parte dos dois prefeitos que entrevistamos naquela época, o *prefeito das prisões* afiliado ao PSDB e o representante da oposição ligado ao Partido Verde (PV). O primeiro fazia questão de nos contar a respeito de uma suposta relação de intimidade com o então governador do Estado Geraldo Alckmin; e o segundo utilizou a expressão *turismo penitenciário* de forma literal em entrevista gravada, com a qual demos título à nossa dissertação (Luz, 2019). Antes de ir a campo e interagir com outras pessoas da cidade nunca houve enquanto hipótese de pesquisa algo que se aproximasse da noção de turismo.

A expressão *turismo penitenciário* não é mencionada nos trabalhos que se depararam com o fluxo das mulheres familiares visitantes das prisões em contextos de expansão interiorizada (Silvestre, 2011; Godoi, 2017; Lago, 2019). Por isso, estamos diante de uma particularidade, de um contexto geográfico e político específico, portanto, ressaltamos o significado no sentido de uma *categoria nativa*, ou seja, uma prática que existe no contexto e no momento em que a pesquisa foi então realizada assim estando por ela datada.

Ambos os prefeitos nos apresentaram os prós e os contras da presença das prisões na cidade quando o tema da conversa era economia, e se aproximavam substancialmente das pesquisas sobre a interiorização penitenciária quando nos relatava que no começo a população não queria prisão (Sabaini, 2012; Silvestre, 2012; Godoi, 2017, Luz, 2019). O mais relevante que perseguimos aprofundar nesta tese é que prisão sempre apareceu como assunto de economia. PCC nunca foi tema de conversa com moradores estabelecidos em Lavínia-SP. Como considerações negativas foram citados o medo causado pela violência por conta da fama das fugas e rebeliões; o preconceito da população local com as familiares de pessoas presas que viessem visitar a cidade ou morar nela; e, o fato de que a maioria dos agentes penitenciários que estavam trabalhando em Lavínia-SP estivessem morando em outra cidade deixando, portanto, de gastar seus salários no comércio local. Dos pontos positivos todos são da ordem do econômico e principalmente voltados para o dinheiro que as familiares de pessoas encarceradas deixavam na cidade.

Entre nossos achados de pesquisa durante a dissertação destacamos a inflação dos preços nos supermercados e comércios locais de Lavínia-SP todo final de semana tendo em vista ser esse o momento em que as mulheres que visitam as prisões locais se encontram fisicamente presentes na cidade. Naquela época muitas chegavam numa quinta-feira e partiam de volta para suas casas no domingo. Mesmo que seja uma ação de senso comum face à categoria turismo deveria ser problematizada por estarmos falando de prisões. Havia naquela época um fluxo intenso de mulheres que passavam por Lavínia-SP durante os finais de semana por motivo das visitas que realizavam aos familiares encarcerados nas prisões da cidade e de seus dois municípios vizinhos; Mirandópolis-SP e Valparaíso-SP. O mercado de Lavínia-SP atraía as mulheres que visitavam nas outras cidades porque estendiam seu horário de funcionamento até as 20 horas da noite ao contrário das 18 horas característica das redondezas (Luz e Mazon, 2020). As prisões são interpeladas enquanto possibilidade realista de desenvolvimento econômico local em oposição a qualquer outra indústria que não se interessaria pela cidade.

Angela Davis (2020) quando propõe a noção: *complexo industrial-prisional*, trata-se de localizar o aumento exponencial no número de prisões e de pessoas encarceradas em pé de igualdade com lógicas econômicas e políticas que distanciam as prisões de sua relação com o crime para situá-las enquanto estratégias lucrativas. Sua proposta é promissora às possibilidades interpretativas da sociologia econômica que busca compreender uma lógica de mercado que vai para além dos pressupostos do cálculo racional para abarcar acomodações de significado moral, cultural, ético e das hierarquias sociais. Ela se depara com grandes nomes do setor econômico estadunidense falando e se interessando por prisões.

Nils Christie (2017) é um sociólogo norueguês bastante conhecido no campo da criminologia crítica e veio desenvolvendo a noção *indústria do controle do crime*. O autor parte da reflexão de um aumento exacerbado das taxas de encarceramento pelo mundo inteiro sem precedentes históricos e tampouco vestígios de cessar em algum momento próximo. Trata-se para ele das consequências de um imperialismo monoinstitucional no sentido de que os valores do individualismo econômico predominam sobre as antigas possibilidades de resolução dos conflitos de forma coletiva, comunitária ou solidária (neste último o autor pensa em Durkheim). Este autor se integra numa posição que busca alternativas na hora de punir e que não chegam a serem abolicionistas.

#### 4. ESBOÇO DE UMA SOCIOLOGIA ECONÔMICA DO ENCARCERAMENTO EM MASSA

Se digerida a sociologia econômica já nasce em oposição das perspectivas dos mundos à parte ou das esferas isoladas, porque ela surge como contraponto da ciência econômica que vinha distribuindo uma visão da realidade onde as relações racionais do mundo do dinheiro, da poupança ou do lucro estariam separadas das emoções, da intimidade, da família, e até mesmo da política. Pierre Bourdieu (2005) começa a se interessar pela economia em seus primeiros estudos sobre a Argélia quando ainda não utiliza o termo “campo econômico” e sim “cosmos econômico” no sentido de que possui um “nomos próprio”, o que significa uma lei específica com tendência a colonizar as estruturas sociais tradicionais. Quando emprega o termo “campo econômico” vai no sentido do aumento da autonomia da lógica econômica (processo de autonomização) quando a aderência dos agentes sociais no sentido do jogo da maximização dos ganhos individuais ganha espaço legítimo no subconsciente e assim é por eles incorporado (*illusio* ou *libido*). Agora bem, a forma como os agentes materializam este raciocínio está relacionada com o terreno dos possíveis. Possibilidades ligadas às condições sociais de acesso aos variados tipos de capitais (social, cultural, econômico, simbólico).

Constituir-se enquanto socióloga da economia passa justamente pela renúncia de que grupos humanos estariam à margem das transações econômicas. Até mesmo afirmar que existem rejeitados da sociedade de mercado seria impulsionar a autonomização de um campo econômico. Ou até mesmo estimular a criação de um tipo ideal do homem econômico. A questão de fundo é o que os grupos humanos são capazes de fazer para participar do mundo do dinheiro, da poupança e do lucro; e como o terreno dos possíveis são construídos a partir de conflitos, dominação, desigualdade, assimetria, resistência ou contestação. Pode até parecer óbvio, mas o vício do olhar científico de cima para baixo (Haraway, 1995) faz do diagnóstico da falta ponto cego ao qual dificilmente iluminamos.

Mercados contestados é ferramenta de trabalho para a sociologia econômica. Termo referenciado na obra do sociólogo francês Philippe Steiner em parceria com a socióloga, também francesa, Marie Trespeuch. Ela vinha pesquisando o mercado dos jogos de azar e se encontra com Steiner curioso pelos dilemas morais referentes ao mercado de doação de órgãos. Juntos publicam uma coletânea de artigos no ano de 2014 se perguntando como

mercadorias moralmente sensíveis encontram mecanismos que as encaminham para o mercado<sup>41</sup>.

Estamos falando que nosso objeto faz da prisão motivo de desenvolvimento econômico no interior oeste do estado de São Paulo assim como a movimentação típica deste fenômeno são mulheres familiares de pessoas encarceradas enquanto visitantes de prisões e de cidades posicionadas como consumidoras em potencial deste comércio local, o qual, vem sendo articulado na chave do turismo. Estamos por tanto diante de um mercado contestado. Como é possível que prisão esteja sendo acomodada como assunto de economia monetária?

Prisão por si mesma é moralmente contestada a diário e com razão. Nela os sistemas de tortura física são insistentes assim como as políticas de fazer ou deixar morrer prevalecem (Godoi *et al.*, 2023). Entretanto o que nos traz de inovador para se pensar com Steiner e Trespeauch (2014) é como a contestação é capturada por mecanismos de mercantilização, assim discursos capazes de acomodar dilemas morais, éticos, culturais ou religiosos são criados e articulados para que mercadorias contestadas possam circular. No caso de Lavínia-SP para que algo como o *turismo penitenciário* possa emergir. Assim o que cabe apreender é justamente como esses discursos são formulados, como essas mercadorias são justificadas e como as relações de troca são sustentadas.

Como mencionamos anteriormente o motor que move e dá sentido a este mercado contestado específico é a dominação masculina. Essa disposição de muitas mulheres ao se deslocarem de forma periódica de suas casas para investir numa relação com um preso e assim se constituírem como as principais consumidoras do comércio local de Lavínia-SP. Aqui os mercados contestados se tornam insuficientes e precisaram ser complementados com outras perspectivas teóricas capazes de trazer a divisão sexual do trabalho para o tabuleiro.

É quando a noção de cuidado se torna visível e densamente presente em nossa pesquisa empírica. Essas mulheres nos arredores do cárcere estão cuidando de seus familiares presos no sentido de mantê-los vivos. A vida se abre para a reflexão e se coloca como objeto central no questionamento. A que ponto sobreviver é estar vivo? O cuidado extrapola a sobrevivência e passa a constituir formas de resistência e inclusive perspectivas de futuro. A vida não apenas passa pelos processos de mercantilização, mas ela vem sendo cada vez mais capturada pelo mercado em tempos de neoliberalismo econômico (Brown, 2019; Illouz, 2011).

---

<sup>41</sup>O livro recebe o título em francês *Marchés contestes: quand le marché rencontre la morale*. Não foi traduzido para o português.

Cuidar implica gastar. Tempo, dinheiro e às vezes saúde. E o dinheiro que as mulheres visitantes das prisões de Lavínia-SP trazem possui um caráter específico, sendo que em um mundo cada vez mais digitalizado é de dinheiro em papel que estamos falando. Para falar de dinheiro e prisão a sociologia econômica conta com as contribuições da autora argentina enraizada nos Estados Unidos, Viviana Zelizer (2011).

Na obra sobre o significado social do dinheiro Zelizer (2011) é uma das poucas autoras no ramo consagrado da sociologia econômica que nos traz algo de reflexão a respeito de gênero e usos específicos do dinheiro. Em coletânea de artigos recentes organizada por Nina Bandelj, Frederick Wherry e Viviana Zelizer (2017) aprendemos que o dinheiro fala. Então perseguimos o que o dinheiro tem a dizer? Aliás, com Zelizer deveríamos corrigir essa questão: o que os dinheiros (em plural) têm a nos dizer? Questionamento produtivo para nos distanciar do diagnóstico da falta e das mazelas da prisão, que não deixam de ser verdade só que dadas por certo exterminam qualquer ânimo de mudança. Acreditamos que aquilo que nos falta quando nos aproximamos das populações vulneráveis que os mercados contestados capturam ou expõem (Steiner e Trespeuch, 2014) é perseguir o caminho do dinheiro. De onde ele vem e onde ele termina? Essa linha perceptível da realidade econômica pode ser guia de compreensão das realidades sociais que precisam lidar com as urgências da sobrevivência ao mesmo tempo em que criam projetos de vida.

De forma resumida, este é nosso fundamento teórico. Nossa linha de raciocínio. Lembramos que estamos diante de uma pesquisa etnográfica, portanto, esta breve apresentação de cunho teórico serve para demarcar nossa afiliação, assim como um esforço de tradução. Entretanto, ao longo da tese nos restringimos aos detalhes etnográficos capazes de trazer descrições elucidativas; incômodos morais e dilemas éticos; na abertura de um terreno reflexivo para o futuro de uma sociologia econômica do encarceramento em massa. O que acreditamos ser muito produtivo para o diálogo com as pesquisas no âmbito dos estudos prisionais.

## 5. SENDO AFETADA<sup>42</sup>: EXPERIÊNCIAS DE RUPTURA

---

<sup>42</sup>*Ser afetado e etnografia por afetação* é nome referenciado ao estudo da antropóloga francesa Jeanne Favret-Saada sobre a feitiçaria em uma pequena comunidade na França. Compreendemos estar sendo afetada pela pesquisa quando ela nos convida a ocupar uma posição diretamente reconhecida pelos interlocutores em trabalho de campo empírico e vamos sendo levadas para além das representações. No caso da autora ela só teve acesso de fato ao seu objeto de pesquisa porque foi interpelada como enfeitiçada. Para informações detalhadas a respeito do seu trabalho ver Marcio Goldman (2005).

Quando ainda recém chegada no mestrado fui acolhida pela minha orientadora, a Prof.<sup>a</sup> Dra. Marcia da Silva Mazon, quem coordena aqui no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) o Núcleo de Sociologia Econômica (NUSEC); o que determinaria a perspectiva com a qual moldaríamos nosso olhar sob a cidade de Lavínia-SP através dos diálogos que seriam traçados.

Ao princípio Lavínia-SP como possibilidade de pesquisa era tema provisório, quando no ano de 2017 a participação em um evento acadêmico sobre pesquisas em prisão viria transformar a cidade em nosso laboratório etnográfico, ao mesmo tempo em que tomamos contato com o tema da *interiorização penitenciária* ressignificando de forma incisiva o porvir do nosso trabalho. Foi então quando pesquisar Lavínia-SP começou a fazer sentido<sup>43</sup>. Para o doutorado mantivemos a pesquisa em Lavínia-SP porque nos disseram constituir uma oportunidade de acesso privilegiado a campo empírico pelo fato da família da pesquisadora (composta por mãe, avó e avô maternos) morarem na cidade. Outro elemento importante, e interpelado como acesso privilegiado, era a fonte de renda desta família, por serem duas pousadas destinadas ao público mulheres familiares de pessoas encarceradas e visitantes das prisões na cidade. O acesso da pesquisadora por conta de sua proximidade familiar era lido como privilegiado por estarmos diante dos arredores do cárcere, contexto demarcado por violência, crime e castigo configurando um terreno regido por desconfianças, medo e muito sigilo.

Dessa forma seguimos localizadas nela: Lavínia-SP. Nesta tese empreendemos um esforço na elaboração mais honesta possível daquilo que Donna Haraway (1995, p.21) nomeou por *saber localizado*, e com ela trabalhamos na recuperação do sentido da visão para produzir conhecimento. Ainda mais oportuno numa era dominada por telas. Para a autora a ciência patriarcal organiza um olhar onipresente semelhante ao divino poder de Deus, capaz de ver sem ser visto ou de representar sem ser representado. Sua proposta feminista para recuperar a habilidade de ver estaria na consciência de que ela é parte do corpo e por isso

---

<sup>43</sup> No Terceiro Seminário Internacional de Pesquisa em Prisão organizado pela Associação Nacional de Direitos Humanos, Pesquisa e Pós-Graduação (andhep) entre os dias 27 a 29 de setembro na cidade de Recife-PE apresentamos um artigo embrionário no Grupo de Trabalho Cidades e Prisões. A partir deste evento e das indagações para com o nosso trabalho decidimos manter o objeto de estudo e perseguir as possibilidades que se apresentavam no diálogo entre uma nova geração de pesquisas em prisão com a nossa sociologia econômica. Não se trata de trazer nomes próprios no intuito de legitimar nosso texto e sim queremos deixar registrado a relevância dos encontros acadêmicos e de seus acasos, como abrem para novas possibilidades de conhecimento e pertencimento. Certamente este evento, para esta pesquisa, foi pontapé inicial de uma longa transformação e ruptura com antigas convicções. Iniciação real da ruptura com as prenoções da qual já nos alertava Émile Durkheim.

mesmo deve responder a certas limitações, ou seja, “apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva”.

Nossa visão parcial se restringe às redes de relações que correspondem ao pertencimento da pesquisadora para com a presença de sua família em campo empírico, a qual denominamos de Família M. Um dos requisitos que aparece em Stéphane Beaud e Florence Weber (2014) para a realização de uma etnografia é justamente o acesso a uma rede de interconhecimento, o que não é sinônimo de relação harmoniosa e assim foi. Tivemos que seguir os caminhos abertos entre conflitos, disputas e alianças em torno da Família M.; o que nos distanciou do nosso objetivo inicial, nosso desejo na realização de uma análise de rede dos agentes políticos locais, de como eles aderiram ao processo de interiorização penitenciária. Por outro lado, a Família M. nos aproximou substancialmente das mulheres visitantes das prisões assim como dos vizinhos que viviam entre a residência familiar e seus locais comerciais. Dessa forma foi crucial o exercício de costurar uma cartografia, apresentar um mapa das relações que compuseram este pertencimento à rede de interconhecimento da Família M. que conseqüentemente desenharam nossos cenários etnográficos como está detalhado no capítulo 1.

A primeira reflexão metodológica com a qual trabalhamos foi a do antropólogo Gilberto Velho (2013) em *Observando o familiar*. O autor problematiza a categoria distância como se estivéssemos definindo por antecedência aquilo que julgamos familiar ou exótico. Ele não renuncia a existência de hierarquias e relações de poder que situam as pessoas conforme os estereótipos, mas argumenta que nas interações torna-se possível redefinir os valores dominantes num questionamento permanente do seu próprio ambiente. A familiaridade não seria um problema para o conhecimento desde que seja parte de um objeto de reflexão constante e consciente. O exercício de tomada de consciência do que nos é familiar resultaria em ganho analítico até mesmo para o que é considerado exótico. Até por que como garantimos não estarmos aplicando os estereótipos com os quais nos habituamos em nossa leitura do diferente? Entretanto, identificamos uma lacuna no conselho de apropriação do familiar na pesquisa elaborada por Velho, e esta se encontra em sua origem de classe, raça e gênero; consiste em um homem de classe média/alta e numa posição consagrada no campo acadêmico. Bem distante da nossa realidade com a Família M.

Lendo algumas reflexões de etnografias feministas (Berry *et al.*, 2017; Medeiros, 2017) fomos aprendendo a problematizar um corpo de mulher em trabalho de campo empírico. A corporificação do conhecimento é método e também posição política (Haraway,

1995). No nosso caso específico no contexto de membro da Família M. fomos convidadas a pensar sobre cuidado porque fomos sendo absorvidas pelo mesmo enquanto nossa proximidade se estendia no tempo. No contexto das mulheres familiares e visitantes de homens presos fomos levadas a refletir sobre a sexualização de certas características específicas do corpo da pesquisadora. Um biótipo físico que foi sendo interpelado enquanto: *o sonho de todo preso, perfeito para dançar funk ou ideal para gerar um filho*, dessa forma nossa proximidade acontecia. Aspectos físicos que a princípio foram geradores de uma suposta competitividade foram sendo substituídos por confiança ao longo do tempo<sup>44</sup>. Um dos elementos dessa confiança é o fato de a pesquisadora estar casada no momento do campo. A troca de fotos dos maridos (o da pesquisadora na rua e o delas na prisão) foi essencial para a construção de uma ponte de reciprocidade.

Paolla foi aos poucos modificando a forma como eu percebia o meu próprio corpo. O dia em que olhou pra mim usando as mesmas camisetas de sempre e me perguntou: você não tem um *cropped*<sup>45</sup>? E na madrugada me levou até a feira do Brás para comprar um *cropped* me mostrou como ela estava insatisfeita com a forma como eu me vestia. Ela estava visualizando algo em meu corpo que eu queria ignorar e neste momento o meu corpo de mulher se aproxima do dela; impondo novas questões. Também fui notando como minha forma física se aproximava do ideal que Paolla tinha de beleza e que sim tomava algumas características da branquitude através do cabelo liso, mas de forma simultânea também eram traços da negritude que se destacavam, sobretudo, como se referia ao meu quadril avantajado. Realmente a experiência vai deixando tudo mais complexo e a realidade no subúrbio de Guarulhos-SP vai tomando a forma de uma espiral onde todas as influências estruturantes chegam e são cooptadas, transformadas, mantidas, dolorosas e libertadoras. De qualquer forma me encontro mais aberta para a mudança aqui com Paolla do que lá em Lavínia-SP. De todo modo eu não sou uma mulher negra como Paolla é, embora tampouco me sinta branca, por isso ela merece que eu aprenda a ser uma mulher antirracista (Notas a partir dos diários do Campo II entre jul./nov. de 2022)<sup>46</sup>.

Me lembro quando Camomila (nome fictício) me contava que para a Mãe Rosa seu filho não tinha feito nada, quando me dizia que “para elas eles são sempre uns santos”. Mãe Rosa era uma mulher comunicativa, sempre presente na varanda e na cozinha da Pousada da Margarita conversando com todas as demais mulheres. Se interessava pelas novatas e quando me viu ainda sem saber que era a filha da *tia* me perguntou quem era; após saber comentou: “*com razão logo pensei que você não tinha cara de mulher de preso*”. Este corpo que não é reconhecido como sendo uma a mais entre elas não é facilmente explicável por diferenças físicas dado que em outro momento meu corpo também foi reconhecido como “*o sonho de qualquer preso*” por conta de um quadril volumoso, cintura fina e pele morena, definições que se traduzem no arquétipo da mulata. Porém, havia algo do meu corpo que

<sup>44</sup> Lembrando que estamos construindo nosso campo empírico desde o mestrado e que a nossa proximidade familiar fez de Lavínia-SP destino de viagens para além da pesquisa.

<sup>45</sup> Blusa bem curta e justa onde parte da barriga fica amostra.

<sup>46</sup> Hoje Paolla é minha amiga. Uma mulher negra de 40 anos, mãe de três filhos e com um neto muito querido. Ela visitou a prisão de Lavínia-SP em todos os nossos momentos de pesquisa de campo empírico desde o mestrado até o doutorado, tirando o período do Campo I quando seu marido estava na rua ao seu lado. Ela é amiga íntima da minha família e se hospedou com a minha mãe durante os 8 anos que sua pousada existiu. Hoje minha mãe mora comigo em Florianópolis-SC e trocamos fotos com Paolla via *whatsapp*.



mesmo sendo reconhecido como mulata não fazia dele uma representação daquele mundo das *mulheres de presos* e talvez compreender este fato perpassasse nossas discussões referentes ao *habitus*, aquele saber decodificado em ações práticas. Enquanto mulata acadêmica experimentava com elas uma relação contraditória, às vezes próxima e outras vezes distante<sup>47</sup>.

Na companhia delas, interlocutoras, pesquisadoras e escritoras, fomos desenvolvendo nosso campo empírico que se divide em dois tempos. O Campo I foi realizado de janeiro a julho do ano de 2021 onde moramos com a Família M. e entrevistamos a 20 moradores de Lavínia-SP, entre os quais 1 casal e 1 moradora correspondem a familiares de pessoas presas que agora vivem na cidade. Não podemos revelar dados sociodemográficos dos nossos interlocutores porque estamos diante de uma cidade muito pequena e como encontramos necessidade de uma descrição detalhada dos espaços físicos por onde passamos eles seriam facilmente reconhecidos e identificados. Neste período também tivemos oportunidade de entrevistar a 3 mulheres familiares de presos que se hospedavam na Pousada da Margarita (a mãe da pesquisadora), local de hospedagem que acabou fechando por imposição de uma segunda suspensão das visitas presenciais nos presídios paulistas por conta de um segundo pico de mortes em momento marcado pela pandemia de Covid-19, e desencadeador de uma crise definitiva na saúde de Margarita.

Dessa forma, no Campo I (janeiro a julho de 2021) tivemos oportunidade de nos dedicar a duas investigações distintas, a primeira foi o acompanhamento do dia a dia na Pousada da Margarita, onde tivemos oportunidade de realizar três entrevistas em profundidade com mulheres que ali se hospedavam; e uma segunda investigação, realizada com moradores da cidade através de entrevistas em profundidade no intuito de compor uma economia política do oeste paulista que possibilitou a vinda das penitenciárias. O segundo *lockdown* do estado de São Paulo e a proibição das visitas presenciais às prisões acabou favorecendo nosso trabalho com os moradores locais e mais antigos da cidade, os quais, não viam a pesquisadora em companhia das *mulheres de presos*, demonstrando-nos que o estigma persiste após dois anos da finalização de nossa dissertação de mestrado.

Ao finalizar o Campo I mudamos para a cidade de Araçatuba-SP, um dos maiores polos urbanos próximos de Lavínia-SP, para empreender uma pesquisa ao acervo do Jornal Folha da Região durante um mês. Araçatuba-SP é reconhecida localmente como *a terra do boi* configurando uma cidade bastante procurada pelos moradores de Lavínia-SP em ocasião

---

<sup>47</sup>Registro produzido a partir de pesquisa de campo, realizada em 20 de fevereiro de 2021. Claro que com revisões para que fosse transformado em texto. Enquanto aos requisitos de análise do caderno de campo e das transcrições das entrevistas nos guiamos pelo livro de Stéphane Beaud e Florence Weber (2014).

de ócio, laser e também de compras mensais em supermercados considerados mais baratos. A sede do Jornal Folha da Região era imensa, porém em completo abandono. O número de associados atualmente é tão baixo que a impressão em papel físico foi terceirizada. O acervo consistia numa pequena sala trancada onde jornais antigos guardados em livros e divididos por ano se acumulavam em estantes de ferro e no chão, muitos sendo devorados pelas traças. Fizemos uma análise dos jornais com intervalo de tempo a cada 5 anos, tendo em vista que encontramos jornais impressos desde a década de 1970, interessadas numa análise das seções de economia nos perguntávamos onde, quando e como as prisões apareciam<sup>48</sup>.

No Campo II, realizado entre os meses de junho a novembro do ano de 2022, como consequência das crises econômicas, de saúde e afetivas; a Família M. se desintegra restando-nos apenas Mario (o avô da pesquisadora) na cidade. É quando Paolla entra em cena e desempenha papel fundamental. Ela se hospedou com Margarita (a mãe da pesquisadora) durante os 8 anos que ela esteve com pousada em Lavínia-SP e com quem estabelecemos uma relação de reciprocidade. Com ela acessamos o grupo de mulheres familiares de pessoas presas e experimentamos a cidade em sua companhia, momento em que os moradores *nascidos e criados* (os estabelecidos) se distanciaram. Neste período poderíamos ter realizado muitas outras entrevistas gravadas, porque estávamos diante de uma relação bem confortável e amistosa, porém optamos pela quantidade exata de 10 entrevistas porque acabamos provando o gosto da exaustão, uma característica no cotidiano das nossas interlocutoras quando presentes naquela cidade. Compreendemos que as trocas em momentos de descanso e ócio eram muito mais produtivas e reveladoras, por isso o diário de campo se transformou em amigo sincero (Weber, 2009). Ética de pesquisa que fomos construindo justamente através da corporificação do conhecimento. A exaustão daquelas mulheres que se desdobravam entre o cuidado de crianças e preparo das visitas aos presídios não poderia ser ignorada pela consagração de um objetivo de pesquisa.

Com o tempo fomos percebendo que diante deste nosso público de pesquisa não funcionava aparecer carregando muitas folhas de papel em branco com perguntas prontas o que mais assustava nossas interlocutoras e interlocutores do que nos ajudava na hora de estabelecer um ambiente, mínimo que fosse, de reciprocidade. Assim, adotamos o método de escrever em uma única folha de papel, e muito pequena, como numa espécie de ficha, os temas pelos quais queríamos passar e guiar nossa conversa.

---

<sup>48</sup> O Jornal Folha da Região amavelmente fez uma matéria com a pesquisadora enquanto estava em seu acervo. Disponível em: <<https://sampi.net.br/aracatuba/noticias/2046290/aracatuba/2021/07/jornalismo-impreso-e-ciencia>> Acesso em 04 de janeiro de 2023.

**Figura 3: Uma visão panorâmica de mulheres visitantes de prisões e cidades.**

Nome inventado	Mãe ou companheira	Idade	Ocupação	Número filhos	Cor da pele	Gastos mensais com o preso <sup>49</sup>	Recebe auxílio	Conheceu o preso dentro ou fora
Santa	Noiva	37	Babá e empreendedora	3	Branca	Em torno de R\$1.200,00	Não	Fora
Bia	Casada	29	Trabalhadora assalariada (mais de 13 anos na mesma empresa)	3	Branca	Mais que um salário mínimo	Bolsa Família	Fora
Ana	Casada	24	Costureira	1	Branca	De R\$ 600 a 700 reais	Nunca	Fora
Hortência	Companheira	24	Cabelereira e confeitadeira	1	Negra	Sem resposta	Bolsa Família	Dentro
Dora	Casada	28	Sem resposta	2	Branca	Sem resposta	Sem resposta	Fora
Solange	Companheira	24	Cabelereira atualmente desempregada	1	Negra	Sem resposta	Bolsa Família	Dentro
Carolina	Companheira	21	Garçonete	Não	Negra	Sem resposta	Não	Fora
Solange	Casada	42	Vende balas no semáforo	3	Negra	Sem resposta	Bolsa Família	Fora
Conceição	Mãe	54	Reciclagem	4	Negra	Sem resposta	Bolsa Família	Fora
Consuelo	Mãe	57	Fábrica	2	Parda	Sem resposta	Não	Fora

Fonte: Elaboração própria.

Enquanto desenho e estratégia de pesquisa, fomos formulando hipóteses de acordo com nossa experiência em trabalho de campo empírico para que logo fossem contrastadas não apenas com os dados qualitativos produzidos, mas também por outras referências bibliográficas corroborando semelhanças e diferenças.

Para análise dos dados etnográficos fizemos uso de um método bem artesanal conforme aparece no manual elaborado pela antropóloga Florence Weber e o sociólogo

<sup>49</sup>Nesses gastos elas incluem *jumbo*, *Sedex*, pecúlio e viagens. Os gastos com advogado elas contabilizam de forma separada, lembrando de Zelizer os diferentes significados dos dinheiros conforme seu destino. O *jumbo* é expressão conhecida entre pesquisadoras e pesquisadores que se depararam com o tema do fluxo de familiares de pessoas presas no estado de São Paulo e constitui uma sacola transparente permitida para entrada nas prisões em dias de visita recheadas de alimentos, refrigerantes, cigarros, cadernos, canetas e tudo aquilo que for permitido pela instituição.

Stephane Beaud (2014). Ouvimos cada uma das gravações e transcrevemos aquelas que estavam mais completas e que realmente nos proporcionavam textos congruentes para que fossem aqui reproduzidos. Organizamos todos os nossos 4 cadernos de campo empírico em ordem cronológica dando-lhes certo sentido pragmático. Os resultados não são inocentes e passam pelo nosso olhar sociológico demarcado pelo marco teórico que fomos capazes de absorver e compreender<sup>50</sup>.

Depois do surgimento das problematizações corpóreas e de uma proximidade familiar bastante tensa tivemos que enfrentar a necessidade de produzir um novo texto e descartamos muito do que havia sido até então produzido, assim também perdemos tempo de produção pelo o qual não havíamos alcançado nossa atual tomada de consciência e de posição. Foi de fundamental importância para o desenvolvimento da escrita atual o ensaio de Virginia Woolf (2022) traduzido como *Um teto todo seu*, no qual a autora nos estimula a sermos mulheres escritoras na busca de uma linguagem nossa abrindo caminho para que a irmã de Shakespeare possa vir a existir. Ela nos traz a dimensão materialista da dificuldade em constituir-se enquanto mulher escritora, sobretudo quando reflete sobre a necessidade de um quarto só nosso e de dinheiro para viver mais do que sobreviver. Com ela amenizamos a culpa de fechar a porta do quarto para escrever.

Encontramos em Beatriz Sarlo (2014) um método capaz de articular literatura e registro direto. Ela desenvolve um livro fundamentado em fotografias que vai fazendo durante 4 anos enquanto experimenta a cidade de Buenos Aires, na Argentina. A forma como a autora vai construindo seu argumento fazendo uso de múltiplos recursos como poemas, fotografias, fragmentos de narrações, pinturas; nos deu acesso a certa potencialidade criativa que a própria pesquisa etnográfica exige. A etnografia vai te dar muitos não e muitas vezes lhe será exigido uma mudança de percurso, de postura, de linguagem, ou seja, uma mudança de corpo. Resulta ser fundamental para a realização de uma pesquisa etnográfica o exercício da criatividade física, da desenvoltura corpórea. Não só pensar em novas formas de ser e estar, mas ser e estar de formas diferentes. Em uma era em que tudo é visual Beatriz nos inspirou a compreender textos também como imagens, fotografias de uma época, de uma determinada

---

<sup>50</sup>A mesma Florence Weber (2009) escreve um artigo no qual faz a seguinte provocação: por que censuramos nosso diário de campo? Realmente esta tese foi completamente higienizada e todo processo doloroso referente a uma mulher que se aproxima de sua família cheia de problemas econômicos e de saúde onde é demandada a ocupar funções de cuidado ficaram fora do texto, assim como todas as nossas experiências pessoais com os ilegalismos que configuram os arredores da prisão. Entretanto, acreditamos serem experiências fundamentais para uma tomada de posição política e por isso tivemos que produzir um posfácio em primeira pessoa no qual apresentamos um esforço de autoanálise.

cidade e de uma dada posição neste campo de visão corporificado, inclusive o acadêmico (Haraway, 1995). É por isso que, nesta tese, tratamos gráficos e tabelas em sincronia com as fotografias, porque são acionados para estimular a experiência.

## 6. DESCRIÇÃO DOS CAPÍTULOS

No capítulo 1, a seguir, costuramos um campo de visão corporificado percorrendo os itinerários tornados possíveis durante nossos Campo I e Campo II mostrando os aspectos da prisão fora dela. Nosso objetivo neste capítulo é trazer possíveis leituras para a experiência neste tecido social que se forma pela prisão, a qual, sempre termina se fazendo presente. Manifesta-se em suas múltiplas formas, costurando redes das mais variadas relações e elaborando subjetividades ao mesmo tempo em que operam acomodações, antigas e novas, de significado. Apresentamos 5 dos nossos principais cenários etnográficos aos quais tivemos acesso conforme nossa posição, estando afetada pela rede de interconhecimento que a Família M. tornava possível e outras vezes impossível.

No Capítulo 2 fomos guiadas pelos moradores estabelecidos em Lavínia-SP a tratar de um recorte histórico da economia política da cidade. Paira no ar uma constante saudação ao passado glorioso da cafeicultura que ainda remete a uma cultura voltada ao capital simbólico dos sobrenomes. Encontramos um complexo prisional que se estabelece olhando para a capital São Paulo, a mesma que no passado trouxe o café com seus costumes aristocráticos. As prisões como parte da oferta deste turismo de fundo existem em espelhamento com um passado glorioso que ofusca a atual presença do Movimento dos Sem Terra enquanto possibilidade de produção agrária. A interpretação dos problemas relativos à agricultura perpassa pela intempérie da natureza enquanto a presença do complexo penitenciário se consagra como *mal necessário*.

No Capítulo 3 nos concentramos nesta demanda estruturante deste turismo de fundo, ou seja, nas mulheres visitantes de prisões e de cidades. Vamos em busca de desmistificar a categoria nativa *mulher de preso* e revelar as principais tensões, preocupações, dilemas dessas mulheres que organizam suas vidas precárias para viajar e visitar o familiar preso além de cuidar da casa que fica para trás, das crianças que ficam sem pai, da conta mensal que não fecha, do aluguel e das contas de luz e água, da alimentação de todos e do trabalho de cada uma delas. Pensar sobre elas nos leva a problematizar a imposição da morte nos espaços de dentro das prisões tornando-as provedoras da vida. Elas acabam sendo responsáveis pelas

possibilidades de vida dos homens presos, das suas famílias e muitas vezes de suas comunidades; cuidado que passa necessariamente pela dinâmica de mercado.

No Capítulo 4, e último desta tese, nos detemos na nossa reflexão teórica no esforço de propor uma sociologia econômica do encarceramento em massa. E o fazemos através de discursos empíricos, crenças das nossas interlocutoras e interlocutores que criam acomodações para sustentar este mercado contestado. Interpelamos o turismo de fundo na chave dos mercados contestados e mulheres visitantes de prisões e de cidades enquanto operadoras de cuidados e mercados. Quando renunciamos a visão de mundo à parte não podemos seguir pensando na população que circula pelo cárcere enquanto excluídos das relações de mercado. O que opera na prática é a sustentação da informalidade revestida de empreendedorismo e o consumo regido pelo cuidado.

Como pós-fácio do texto me permito falar em primeira pessoa para problematizar a minha proximidade familiar com o campo empírico o que acarretou forte reflexividade tão bem como novas tomadas de posição epistemológicas, políticas, econômicas, afetivas e sobretudo de escrita.

## CAPÍTULO 1

### 1. CINCO CENÁRIOS ETNOGRÁFRICOS

Nos inspiramos para a construção deste capítulo naquilo que Florence Weber (2001) chama de *cena social*<sup>51</sup>, onde as interações se fazem possíveis através do universo de referência e socialização que dão significados aos que delas participam. Dar-se conta de que em diferentes cenas os mesmos indivíduos sejam capazes de acionar *raciocínios nativos* gerados pelas mais diversas configurações levou a autora a falar de *pluralidade nos sistemas de referência*. A adaptação de cena para cenário dá-se no sentido de que integra diversas interações em um mesmo espaço de referência, a cidade de Lavínia-SP. Em outro artigo, Florence Weber (2002) oferece uma crítica para a própria expressão *nativa* – forma como na antropologia se compreende expressões empregadas pelos nativos – enquanto resíduo de uma etnografia colonial, porém alega que seu uso ainda é pertinente no sentido de afirmar nossa exterioridade e não nossa superioridade. Como trabalhamos no exercício de produção de um saber localizado (Haraway, 1995) falamos de *categorias locais*, palavras e expressões utilizadas pelos nossos interlocutores que só fazem sentido em relação com o campo empírico. Como mencionado na introdução, os acontecimentos descritos se dividem entre Campo I nos meses de janeiro a julho do ano de 2021 e Campo II dos meses de junho a novembro do ano de 2022.

Nestes cinco cenários etnográficos experimentamos momentos que vão de encontro às prisões indicando formas complexas e diversificadas como esta instituição vem sendo interpelada e acomodada no cotidiano da cidade. O que vale destacar para que possamos prosseguir em nossas futuras reflexões é que as prisões configuram parte estruturante dos significados da atual existência de Lavínia-SP enquanto cidade, não sendo, portanto, ignoradas por seus moradores. Ao contrário, eles e elas estão constantemente produzindo novas acomodações de significado no intuito de que suas prisões possam continuar existindo. E nestes significados a autonomia da ordem do econômico joga um papel fundamental. Neste capítulo vamos apresentar nosso campo de visão, localizado neste complexo prisional tendo a Família M. como ponto de partida. Queremos que os possíveis leitores imaginem uma estrada repleta de canaviais com placas apontando para as entradas das penitenciárias e assim encontra-se Lavínia-SP.

---

<sup>51</sup>Florence Weber (2001; 2002; 2009) vai se impondo como parte importante de nosso aprendizado metodológico porque ela faz a ponte entre a sociologia e a antropologia defendendo uma “etnografia reflexiva”.

### 1.1. A casa da Família M.

No dia 21 de janeiro do ano de 2021 chegamos para *habitar com*<sup>52</sup> a Família M. para experimentar do cotidiano da cidade de Lavínia-SP durante os seis meses do nosso Campo I. Nesta casa *habitamos* com Mario o patriarca silencioso; Maria a mãe preocupada; e Margarita, a filha mais velha deste casal quem passava por sérios problemas psicossomáticos entre crises de depressão, ansiedade e bipolaridade –conforme seu diagnóstico psiquiátrico<sup>53</sup>. O que trouxe a Família M. para morar numa cidade tão pequena feito Lavínia-SP?

James Zomighani Júnior (2014, p. 109) levanta a controvérsia de um “fluxo migratório contrário ao comumente encontrado até então, que ia das pequenas para as grandes cidades” em decorrência da instalação das penitenciárias, a partir dos anos de 1990, pelo interior paulista. O motivo da mudança para a Família M. estava, de fato, relacionado com as prisões da cidade, mas com o lado de fora – o mercado no em torno das prisões - e não o de dentro, como veremos a seguir.

A Família M. não configura o grupo dos moradores *estabelecidos*<sup>54</sup> e faz parte dos novos *empreendedores* locais em busca das oportunidades de mercado num complexo penitenciário marcado por um fluxo intenso e contínuo de pessoas, itens materiais, processos jurídicos e subjetividades atravessadas e que atravessam as prisões paulistas, brasileiras e do mundo (Godoi, 2017; Cunha, 2014; Cunha e Mallart, 2019).

---

<sup>52</sup>Camila Pierobon (2018; 2022) em diálogo com a antropóloga Veena Das compreende o “habitar com” enquanto metodologia etnográfica na qual o tempo se torna revelador das relações sociais por atualizar constantemente as construções de si mesmo com os outros. A autora quando realiza uma tese de doutorado sobre a vida de uma mulher na periferia do Rio de Janeiro traz na reconstrução dos detalhes ao longo do tempo uma oportunidade de vivenciar as mais sinceras dores dos nossos interlocutores. Naquilo que dói e traumatiza quando impera a solidão se a descrição sociológica alcançar talvez muito do mundo social será capaz de revelar. O *habitar com* presente em Pierobon (2022) nos parece uma ferramenta de pesquisa que nos aproxima da *etnografia por afetação* na obra da Jeanne Favret-Saada (2010) quando ao pesquisar a feitiçaria no oeste da França apenas chega ao tema quando assume o papel de alguém que foi *pega por uma sequência de infortúnios* por conta de espasmos que a autora tinha em decorrência de um acidente de carro em sua vida anterior à pesquisa, o que a torna uma pessoa *enfeitiçada*. Por isso seu corpo ali presente ao longo do tempo foi revelador da existência de um objeto de pesquisa até então reservado ao sigilo. O tempo é, portanto, ferramenta fundamental para a realização de uma pesquisa etnográfica.

<sup>53</sup>Para todas as pessoas que encontramos face a face damos nomes fictícios para proteger sua identidade. O único nome verdadeiro que trazemos é o da Paolla conforme pedido pessoal que nos foi feito o que consequentemente modificou aspectos metodológicos com os quais operacionalizamos as experiências que juntamente com ela traduzimos. Dos moradores de Lavínia-SP não podemos compartilhar dados sócio-demográficos devido ao tamanho tão pequeno do município onde todos podem ser facilmente identificados segundo profissão, idade, estado civil e todas as demais variáveis *standard*.

<sup>54</sup>Lembrando aquilo que Norbert Elias e John Scotson (2000) publicaram juntos num livro sobre uma pesquisa realizada numa pequena comunidade da Inglaterra onde encontram uma configuração de antigos e novos moradores que ao não se diferenciarem por questões de classe ou étnicas encontraram na categoria antiguidade (os mais antigos) uma forma eficaz de distinção.



Mario tem 78 anos de idade e se mudou para Lavínia-SP em meados dos anos 2015. Ele levou consigo a então esposa Maria e, segundo ele, *ali era lugar de se ganhar dinheiro viu*. Até então morava em Araçatuba-SP a setenta quilômetros de distância do município de Lavínia-SP<sup>55</sup> onde conduzia um restaurante que pouco rendia e tinha como cliente um advogado. Esse advogado trabalhava em sua defesa contra inúmeros processos trabalhistas e almoçava em troca dos honorários atrasados. Para Mario, na reconstrução de sua memória, foi esse advogado quem então lhe comentou a respeito da cidade de Lavínia-SP, *um lugar onde tudo o que se colocava dava dinheiro*. O patriarca reconhece a si mesmo enquanto *comerciante* e chega a enaltecer o fato: *nunca fui empregado de ninguém!*<sup>56</sup> Não ter tido ao longo de sua vida uma carteira de trabalho assinada “fez de sua necessidade virtude”<sup>57</sup> embora atualmente considere-se tranquilo por conta da aposentadoria que lhe foi concedida devido a idade, e após um longo processo jurídico. O mesmo aconteceu com sua esposa Maria, uma costureira que nunca trabalhou com carteira de trabalho assinada e hoje tem sua sobrevivência ligada à aposentadoria concedida pela idade, igualmente conquistada após um longo processo jurídico.

Sua filha mais velha, Margarita, veio meses depois para colocar uma *pousada*<sup>58</sup> que receberia apenas mulheres visitantes das prisões de Lavínia-SP e região. Deixou um trabalho com carteira assinada como cuidadora de idosos na cidade de São José do Rio Preto- SP o maior polo urbano daquela região oeste do estado de São Paulo. De fato, a Família M. passou por vários estados brasileiros (Rondônia, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás) em busca de novos empreendimentos comerciais, mas nunca imaginaram um dia estabelecer-se a partir de um comércio relacionado com a prisão. Apesar de Margarita ter trabalhado um curto período de tempo com carteira de trabalho assinada é a categoria *comerciante* que melhor define a vida econômica desta família mais do que a compreendida

---

<sup>55</sup>Segundo o *GoogleMaps*.

<sup>56</sup>Trechos de entrevista gravada no dia 16 de fevereiro do ano de 2021.

<sup>57</sup>O sociólogo francês Pierre Bourdieu (2017) em sua obra *A Distinção* nos fala desse distanciamento provocado pela cultura erudita entre o valor simbólico da obra de sua dimensão material imediata, no sentido de que no processo de legitimação dos bens simbólicos o sentido prático e objetivo é camuflado pelo arbitrário cultural. No caso aqui apresentado Mario dá um significado distante de sua necessidade material e interpreta a insegurança da falta de uma carteira de trabalho assinada como virtude; a de não ter sido empregado de ninguém durante toda sua vida, embora no tempo presente reconheça que parte da sua sobrevivência vem de uma aposentadoria que foi conquistada com o auxílio de uma advogada, processo que só foi concluído quando já morava em Lavínia-SP aos 73 anos de idade. Hoje sua aposentadoria é o que lhe confere certa tranquilidade como muitas vezes mencionou: *hoje eu tenho a minha aposentadoria e já posso viver em paz*. A aposentadoria concedida por idade equivale a um salário mínimo e trata-se de um direito trabalhista.

<sup>58</sup>*Pousada* é expressão nativa e mais utilizada em Lavínia como referência aos locais de hospedagem destinados aos familiares de pessoas presas que visitam as prisões da cidade. Como contraponto existe um único hotel na cidade, que é reconhecido por ter quartos individuais, ar-condicionado e piscina, sendo assim mais caro.

como *empreendedor*<sup>59</sup>. A Família M. não possui nenhum de seus membros dentro da prisão e tampouco amigos próximos que tivessem passado pela experiência do cárcere, assim como não possuem familiares moradores *estabelecidos* em Lavínia-SP. Mais uma vez estavam adentrando terreno inexplorado.

De fato, a Família M. além de não poder ser incluída no grupo dos *estabelecidos* em Lavínia-SP também são localmente reconhecidos por seus *pontos*<sup>60</sup> comerciais, ou seja, são pessoas que trabalham diretamente com as mulheres visitantes das prisões da cidade. Em várias ocasiões quando frequentamos outros comércios na presença da Margarita ela sempre se referia a si mesma como *sou eu lá da Pousada Sabiá* (nome fictício). Proximidade com mulheres visitantes das prisões envolve distanciamento dos moradores mais antigos/estabelecidos (Luz, 2019).

Nesta observação introdutória referente ao sentido dado para a motivação comercial que trouxe a Família M. para a cidade de Lavínia-SP queremos destacar completo desconhecimento prévio do que lhes esperava na cidade. Margarita nos relata como foi boicotada pelos comerciantes locais quando recém-chegada e a forma como conseguiu sua clientela indo na *porta da cadeia*<sup>61</sup> para conversar pessoalmente e se apresentar para aquelas que viriam a ser futuras hóspedes. Uma *racionalidade razoável* (Bourdieu, 2005) não exclui a lógica de mercado apenas a persegue conforme as condições sociais, históricas e, sobretudo, políticas do espaço social no qual os agentes estão introduzidos/incorporados. Este espaço social identificado/incorporado pela Família M. trata-se de fazer dinheiro através *daquilo que aparece* e em Lavínia-SP foi prisão o que apareceu e é a partir dos seus comércios que estabelecem suas relações com a cidade.

Na crítica fundadora da sociologia econômica se encontra o problema da visão antropológica presente na concepção do *homo economicus* como se todos dispuséssemos dos requisitos de antemão para um empreendimento de sucesso, forte contradição com aquilo que traduz um comerciante nas condições da Família M. Questão colocado no artigo do Pierre

---

<sup>59</sup>Apesar de uma extensa bibliografia crítica sobre o trabalho nas periferias do mundo estar sendo compreendido como empreendedorismo, inclusive sendo a categoria empreendedor reconhecida formalmente pelo Portal do Microempreendedor Individual (MEI) – a forma como Mario e Margarita formalizaram seus comércios – a palavra comerciante é utilizada por eles de uma forma mais incorporada do que a de empreendedor.

<sup>60</sup>Como há de aparecer a seguir a expressão ponto comercial é utilizada localmente e facilmente compreendida pelos comerciantes como representados pela Família M. Um ponto comercial é aquilo que realmente possuem.

<sup>61</sup>*Cadeia* é expressão bastante usada pelas mulheres familiares de pessoas presas que visitam as prisões de Lavínia-SP e se hospedam na pousada da Margarita, portanto, é uma forma de falar que circula na cidade entre comerciantes e sua clientela que terminam aprendendo formas de expressão para garantir uma comunicação horizontal.

Bourdieu (2005) sobre *O campo econômico* (título da publicação)<sup>62</sup>. A racionalidade detrás de uma família disposta a se mover constantemente em busca das oportunidades de mercado está mais próxima de uma ação *razoável* do que *racional* onde a maximização dos ganhos individuais passa necessariamente pelo conflito familiar. No caso em que para grandes empresas o risco seria articulado com possíveis intervenções do Estado para um comerciante ao estilo da Família M. os riscos podem ser contidos com acesso aos recursos familiares.

De fato, muitos dos conflitos cotidianos experimentados na casa da Família M. eram da ordem do econômico. Existia na Casa da Família M. conflito constante nas disposições de gênero que refletia sobre a organização do dinheiro e do trabalho doméstico. Maria se queixava de que sua aposentadoria era inteiramente empregada nas despesas da casa ou a completa falta de interesse do então marido pela doença da filha. Mario não contribuía com a conta de luz da casa pois dizia que o gasto era de Maria, quem passava o dia inteiro costurando. Margarita também se queixava do pai no sentido dos problemas que lhe causava no desempenho do seu trabalho, como veremos logo a seguir; Margarita e Mario se posicionavam como concorrentes de um mesmo mercado. Ambos tinham pousadas destinadas ao público alvo, mulheres familiares de pessoas encarceradas e visitantes de prisões e de cidades.

Eles moravam numa casa alugada abaixo da linha do trem. O aluguel de R\$500,00 reais era dividido entre Mario e Maria, ambos aposentados por idade como já mencionado. Margarita seria a responsável pelas despesas de água e luz. Quando chegamos na casa da Família M. acompanhamos alguns dos dilemas econômicos introduzidos durante o período da pandemia de Covid-19 quando os comércios de Mario e Margarita estavam parados; dessa forma as contas de água e luz estavam atrasadas há mais de um ano. E temos que considerar a existência de 3 contas de água e luz todo mês, a da residência familiar e das duas pousadas. O fato dava suficientes motivos para conflitos no interior da casa.

Entre as diferentes justificativas que nos foram apresentadas referentes ao motivo da mudança familiar para Lavínia-SP o reconhecimento na figura do patriarca Mario como seu idealizador permanece unânime. Mesmo que pudéssemos notar no convívio cotidiano certa

---

<sup>62</sup>Para compreender o campo econômico de forma facilitada, sabendo que Bourdieu escreve para a elite acadêmica, recomendamos o verbete do Frédéric Lebaron no Dicionário Bourdieu (2017, p. 77-79). Toda vez que acionamos este autor tentaremos explicar da forma mais didática possível (em nota de rodapé) a forma como damos sentido aos seus conceitos sempre em relação com nosso campo empírico. Aqui; uma ação econômica razoável significa que o movimento de buscar maximização dos ganhos individuais está contido na Família M. mesmo que seus membros não estejam assumindo um cálculo racional no sentido atribuído pela teoria econômica neoclássica. Movimento que será ainda mais visível nos conflitos internos desta família em seus respectivos comércios tal como será descrito mais adiante neste mesmo capítulo 1.

força e autonomia das mulheres da Família M. a necessidade de que Mario seja reconhecido como responsável, no momento presente, da mudança familiar, revela-nos também muito da estrutura de gênero intrínseca naquele espaço, no qual a direção que é dada aos corpos deve ser relativa às iniciativas do marido/pai. Sistema hierárquico que será completamente revelado em ocasião da experiência de uma crise familiar experimentada ao finalizar nosso Campo I quando Maria e Margarita decidem deixar Mario sozinho em Lavínia-SP reivindicando por valores como liberdade e resgate de suas saúdes tanto física quanto mental alegando anos de dominação. Notamos como, na prática, o movimento de mudança relativa ao rumo/destino desta família foi impulsionado por suas mulheres. Entretanto, na elaboração das narrativas Mario permanece sendo a personificação da coragem; Maria da sofredora imaculada; e Margarita da louca.

Outra dívida importante que só aumentava era com a farmácia devido a doença de Margarita. Os remédios de contenção do seu quadro psicossomático não eram subvencionados pelo sistema público de saúde sendo bastante caros. Apesar de ter sido direcionada a uma psiquiatra pelo próprio Sistema Único de Saúde (SUS). Além das dores crônicas por todo o corpo que lhe fazia consumir muitos medicamentos analgésicos. Na prática, Margarita vivia durante os dias da semana anestesiada com tanta medicação e mudava completamente de comportamento durante os finais de semana por ocasião do seu trabalho na pousada.

A crise na estrutura hierárquica da Família M. se instala em decorrência dos tempos de pandemia e tem haver com a paralização das visitas presenciais aos presídios da cidade quando Mario e Margarita deixam de trabalhar e passavam a conviver mais tempo dentro de casa, outro fator agravante é que o dinheiro deixa de entrar semanalmente como acontecia até então. Segundo Margarita suas crises psicossomáticas se intensificaram pelo fato de *ficar sem trabalhar* dizendo: *minha única alegria nessa cidade é quando vou para a pousada*. A Família M. ficava todo o tempo dentro de casa durante a semana e não criaram vínculos sociais na cidade para além daqueles vizinhos que os rodeavam, ou para além do trabalho. Trabalhar, para a Família M., era dotar de significado suas vidas, tanto é que Mario e Maria continuavam desejando seguir trabalhando mesmo depois da aposentadoria alcançada. A ociosidade era severamente condenada, o que de certa forma lhes fora imposto por conta da pandemia. Maria costumava dizer que *cabeça vazia é oficina do diabo*. Ela continuava costurando, fazia máscaras de tecido e roupas de retalho para vender. Entretanto, a principal fonte de renda da casa, neste momento do Campo I, eram as aposentadorias de Mario e Maria, ou seja, a quantia de dois salários mínimos.

No momento em que o trabalho é retirado da cena temos dois movimentos contraditórios e coexistentes, de um lado uma crise econômica que guiava seus desejos e orações para o retorno das visitantes das prisões para a cidade de Lavínia-SP tal como teria sido antigamente, ou seja, de uma forma mais intensa e constante. Do outro, a vontade das mulheres da casa de ir embora, abandonar o marido e o pai em busca de uma nova vida. A crise se instalou de tal maneira que repercutiu em questionamentos da própria condição familiar nos mostrando que permaneciam juntos mais bem por uma questão de sobrevivência do que por escolha. Dessa forma notamos como das disposições econômicas fundamentais a libido para o trabalho é o que se destaca. Estamos diante de empreendedores que mais se parecem a trabalhadores.

As dinâmicas do cotidiano na casa da Família M. colocavam dilemas e enfrentamentos materiais de subsistência que merecem ser desenvolvidas sob luz da sociologia econômica. A primeira delas trata-se de toda uma família que se muda para uma cidade desconhecida, em busca de uma oportunidade de ganhar dinheiro diretamente fazendo uso do fluxo de mulheres visitantes das prisões daquela cidade. Fato que situa os membros da Família M. como *outsiders* sem nenhum familiar detido, tornando o território ainda mais complexo que até então parecia facilmente dividido entre moradores e visitantes. Outra dimensão se refere à dependência da sobrevivência adquirida pelo reconhecimento de um direito trabalhista aos considerados autônomos/empreendedores. A informalidade do trabalho no Brasil assume múltiplas nuances que dificilmente se organizam em grupos binários de classificação. Aqui vamos observando, portanto, como o Estado ainda é intermediário na conquista de direitos trabalhistas ao mesmo tempo a configuração deste comerciante que se esbarra na condição de trabalhador.

Como última consideração, no seio da Família M., quando presenciamos conflitos econômicos notamos forte entonação ao dinheiro que é destinado aos gastos da casa e que fazem com que não sobre para os gastos individuais. Um problema econômico concreto ocasionado pela falta de dinheiro durante a pandemia e o endividamento da família com as contas de água, luz e farmácia acabou revelando-nos questões apontadas por Viviana Zelizer (2011) quando trabalha sobre a marcação social do dinheiro. A aposentadoria de Maria era inteiramente destinada ao cuidado da casa e dos medicamentos da filha enquanto Mario reservava uma postura silenciosa sobre os possíveis destinos de seu dinheiro a não ser pela quantia com que havia se comprometido para com o pagamento de sua metade no aluguel. Maria falava muito de dinheiro e o destino que lhe dava enquanto Mario reservava o silêncio.

A complexidade imposta pelo convívio consciente com o cotidiano da Família M. se encontra no conjunto de diferenças e semelhanças que a situa em Lavínia-SP, que a aproxima das mulheres com quem trabalham – Margarita se torna mais próxima do que Mario – e se torna algo do que lhes é permitido para habitar na própria cidade. Conforme o nosso trabalho de campo ia se concretizando tivemos certeza de que estávamos dependentes das redes de interconhecimento que a Família M. tornava possível assim como nos afastava de tantas outras por sua natureza *outsider* (Beaud e Weber, 2014).

**Figura 4: A casa da Família M. na Avenida Lavínia.**

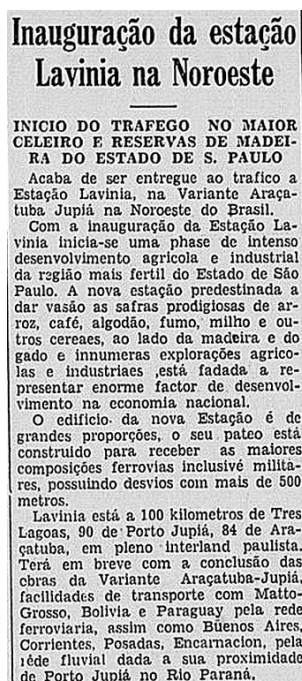


Fonte: Arquivo pessoal.

A casa da Família M. estava situada na parte mais pacata da cidade, aquela abaixo da linha do trem. O trem ainda demarca a divisão de uma cidade em duas partes com sociabilidades bem distintas. Em muitas ocasiões é possível ouvir seu barulho pelos trilhos e sua buzina para avisar os carros. Atualmente o trem não leva passageiros e sim insumos agrícolas entre o porto de Santos e o estado do Mato Grosso, mas ele estava sempre presente em nossas conversas e interações com os moradores mais antigos de Lavínia-SP. Fazer uma descrição física da territorialidade prática foi requisito do próprio trabalho de campo empírico pelo fato dos moradores estabelecidos se guiarem por um dispositivo espacial e temporal como forma de distinção e que muito de sua compreensão passa pelo lugar onde a casa da Família M. se localiza. A importância da estrada de ferro para o desenvolvimento de pequenas

idades do oeste paulista não é novidade e se encontra descrita e observada em outras pesquisas (Silvestre, 2012; Redígolo, 2013; Citelli, 2018). A sensação que deve estar presente é que o barulho do trem revive uma memória do passado.

**Figura 5: Notícia da inauguração da Estação Lavínia no ano de 1935.**



Fonte: Correio Paulistano, 07/08/1935.<sup>63</sup>

Na notícia acima vemos toda a representação de uma época ainda rememorada pelos moradores estabelecidos de Lavínia-SP, “uma fase de intenso desenvolvimento agrícola e industrial da região mais fértil do Estado de São Paulo”. Na dissertação de Maria Inês Castro (1993) aparece um conceito interessante que retrata certa ambiguidade do contexto que nesta tese apresentamos. Havia, segundo a autora, uma oposição entre os partidários da expansão da estrada de ferro pelo noroeste paulista como símbolo do progresso e operários que a comparavam com a *Sibéria Brasileira* devido às condições deploráveis de trabalho e altos índices de mortalidade.

Atualmente nesta parte específica da cidade permanecem vestígios de certos costumes agrícolas. Maria por exemplo compra as hortaliças do almoço com a vizinha da frente que tem uma horta em um terreno que se encontra vazio ao lado de sua casa; Mario cultiva algumas coisas no terreno atrás da casa onde habitamos e vizinhos vêm colher limão

<sup>63</sup>Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/l/lavinia.htm>> Consulta 28 de junho de 2023.

em duas das árvores que já estavam presentes quando se mudaram. Temos uma prática agrícola mais voltada para aquisição de uma renda extra ou para consumo próprio e um tanto distante das “safras prodigiosas” como aparece na notícia acima, entretanto vamos observando como existem, nesta cidade, pessoas dispostas a cultivar a terra.

Atualmente a estação ferroviária da cidade se encontra em ruínas ocupada por pombas que acabam sendo parte do divertimento das crianças locais que se alegram ao assustar aqueles pássaros, que saem subitamente voando todos juntos. Existe um movimento da sociedade civil para que ali seja construída uma casa de cultura para que essa história se conserve, o que ainda não foi posto em prática embora o atual prefeito esteja realizando muitas obras novas na cidade. Lembrando que este prefeito ligado ao PSDB *consegue* muita coisa pra cidade.

Abaixo da linha do trem é território reconhecido localmente como *dos Franco de Mello*, sobrenome da família símbolo da fundação da cidade. Ainda existe, neste bairro, a casa de um dos herdeiros – falecido – que ocupa um quarteirão inteiro ao lado da escola. Conforme será aprofundado no capítulo seguinte a cidade de Lavínia-SP reserva grande apelo oral ao seu passado histórico como forma de distinção dos moradores mais antigos e conhecedores daqueles tempos – os estabelecidos por oposição aos *outsiders* (Elias e Scotson, 2000). Ao mesmo tempo em que seus prédios mais antigos se encontram abandonados e em condição de ruínas. Contradição visível e experimentada em todo momento que caminhávamos por aquela cidade.

Esta territorialidade foi apresentando forte potencial explicativo da atual acomodação da prisão como sinônimo de desenvolvimento econômico em contraste com uma tradição agrícola que tenciona valores rurais com os das capitais. Nos parece ainda muito explicativo a respeito desta realidade abaixo da linha do trem, onde se localizava a casa da Família M. em Lavínia-SP, a leitura que Moacir Palmeira (1989) faz da *modernização da agricultura* no sentido em que não podemos compreender as posições antagônicas que atualmente movimentam os interesses na agricultura a partir da tão explorada mecanização da produção agrária ou do recorrente êxodo rural. Como demonstra o autor, o êxodo rural no Brasil existe desde a década de 1930, ou seja, é bem anterior ao processo de modernização da agricultura que se inicia a finais de 1960. Para ele os atuais capitalistas que investem em agricultura tratam a terra como qualquer investimento de outro setor econômico, contando com forte influência do Estado eles são movidos mais bem pela conjuntura política do que por assuntos agrários. E para o caso dos trabalhadores, estes estão interessados em um projeto de classe



social diante da fragmentação cada vez mais latente dos mais variados tipos de contratos. O que vale reter é que os jogos de interesses não estão tão preocupados com o significado *strictu sensu* de agricultura. O sentimento de pertencimento na terra está mais ligado a um campesinato expropriado. Assim lembramos da vizinha que cultivava hortaliça e até mesmo de Mario plantando mandioca em terreno desocupado, como já mencionado.

O teor simbólico desta parte da cidade também se encontra no nome da rua em que a casa da Família M. está localizada, na Avenida Lavínia. Distante de sua nomenclatura “Avenida”, no senso comum local esta é a rua mais vazia e silenciosa da cidade, opera um movimento de lugar secreto em relação à parte superior da linha do trem onde se localizam os circuitos do atual mercado carcerário assim se reconhece como centro da cidade de Lavínia-SP em sua dimensão prática. A localização da casa da Família M. na Avenida Lavínia foi nos revelando um rural que resiste numa economia política local bastante dual entre tradição familiar e desejo capitalista. Uma das cenas mais marcantes era ver como galinhas atravessavam a faixa de pedestre quando sentávamos na varanda daquela casa e os poucos carros que circulavam por aquelas ruas espaçosas e cheias de árvores sem poda são os da autoescola.

Nosso corpo presente no espaço físico da casa da Família M. nos possibilitou reconhecer a persistência de costumes rurais na identificação deste território abaixo da linha do trem assim como o convívio com os vizinhos mais próximos. Dessa forma destacamos cinco de seus/nossos vizinhos naquele momento de Campo I, com os quais estabelecemos diálogo e experimentamos outros tantos detalhes da cidade.

Carmen mora logo em frente da casa da Família M. com o filho mais velho e ainda solteiro. Ele chegou a trabalhar na construção da primeira penitenciária de Lavínia-SP, inaugurada no ano de 2002 e nos relata que não conseguiu *serviço* na construção das demais unidades porque eram mais *modernas*, ou seja, exigiam mão-de-obra especializada trazendo trabalhadores de fora. Essa dimensão que nos trouxe Carmen a respeito da situação do filho aparece em pesquisas no contexto dos Estados Unidos as quais criticam o desenvolvimento econômico prometido e não alcançado das prisões instaladas em cidades de contextos rurais (Beale, 1998; Huling, 2002; Hooks *et al.*, 2010). Uma das críticas é a promessa de emprego para os moradores locais que não se concretizou, justamente por requerer trabalhadores mais qualificados do que os moradores das cidades que receberam prisões. Lembrando aquilo que nos diz Ruth Gilmore (2007) de que estamos diante de cidades marcadas pela presença de trabalhadores etnicamente diversos e modestamente educados.

Antônio é um funcionário público aposentado e mora na residência mais *chique* da Avenida Lavínia (depois é claro de um dos herdeiros *Franco de Mello*), um dos únicos que dispunha de escritura pública que conseguiu antes de dar início à construção de sua casa naquela parte tão pacata da cidade. Com ele aprendemos que a maioria das casas que existem em território dos *Franco de Mello* trata-se de antigos *acertos de conta* com trabalhadores rurais que ficaram sem receber seus salários após a grande crise do setor cafeeiro. Também soubemos que aquelas terras não podiam ser vendidas por conta de um embargo que a família *Franco de Mello* havia imposto até a sua quinta geração, ou seja, seus herdeiros foram proibidos de vender aquelas terras. Aqui fomos notando que aquele passado oralmente acionado para distinguir os moradores mais antigos da cidade ainda estava presente na organização material da geografia urbana local.

Aquela Avenida Lavínia não era pacata apenas por uma decisão aleatória de levar o atual crescimento da cidade para acima da linha do trem em direção das suas prisões, mas por uma imposição daquela família tão nobre que se coloca como espectro das possibilidades de desenvolvimento econômico local e constitui parte do capital simbólico ainda acionado. A prisão também chegou a fazer parte da vida de Antônio, por ter sido engenheiro responsável da Prefeitura Municipal foi quem liderou a obra de saneamento básico nas unidades prisionais da cidade. Ele nos faz esse relato de forma um tanto insatisfeita e seu descontentamento é direcionado ao governo estadual que traz prisões, mas, estas não estão acompanhadas de infraestrutura em outros setores municipais como saúde, transporte e saneamento.

A queixa de Antônio também se faz presente nas pesquisas que se esforçaram em refutar o suposto desenvolvimento econômico que viria com a instalação das prisões em cidades do interior mais distante (Gilmore, 2007; Eason, 2017; De Jesus *et al.*, 2023). E trata-se do fato de que prisão uma vez instaladas são ali abandonadas. A Prefeitura Municipal de Lavínia-SP acaba tendo que se encarregar pela rede de esgoto, do tratamento dos resíduos, da condição das estradas. Inclusive quando a população carcerária precisa de atenção médica é aos hospitais locais que precisam recorrer. Por outro lado, algum tipo de serviço privado acaba sendo requisitado pelas mulheres familiares de pessoas encarceradas, e esses são principalmente os serviços de advogados e dentistas, os quais recebem seus respectivos honorários para atender dentro das penitenciárias.

***Consulta ao acervo do Jornal Folha da Região***

A casa da Família M. se desfez em julho do ano de 2021, ajudamos na mudança de Mario para sua pousada localizada acima da linha do trem, no centro prático da cidade, e partimos para a cidade de Araçatuba-SP para *habitar com* Laura, prima da Margarita. Passamos um mês naquela cidade pesquisando nos acervos de um jornal regional. Na sede do Jornal Folha da Região tivemos acesso a um acervo que iniciava no ano de 1974 chegando até a atualidade. Em uma manhã de segunda-feira Laura nos acompanhou até o local, sede do jornal, onde tivemos a sorte de chegar junto com a dona e proprietária, quem amavelmente nos direcionou a uma das trabalhadoras. Essa pessoa iria nos receber todos os dias da semana para consulta aos jornais que não poderiam ser retirados do local.

O acervo consistia em uma sala muito pequena (se comparada com a imensidão do lugar) onde os jornais eram guardados empilhados sem muito cuidado e muito menos correspondendo a uma determinada ordem cronológica ou temática: os jornais estavam no chão ou empilhados em prateleiras de ferro. O abandono daquele material era visível e sensorial, muitos dos jornais guardados em encadernações de grandes livros de capa dura estavam roídos pelas traças. Logo, soubemos com Laura - uma corretora de imóveis - que aquele lugar fora vendido e logo deixaria de existir para se transformar em um grandioso empreendimento imobiliário. De fato, os trabalhadores que ainda restavam naquela sede ocupavam uma única sala de trabalho diante de toda uma estrutura trancada com luzes apagadas, inclusive um imenso galpão onde antigamente funcionou a imprensa dos jornais físicos. Hoje todo o trabalho foi terceirizado e muitos jornalistas demitidos. O abandono daquele prédio representava o mesmo abandono que experimentamos em Lavínia-SP e significava a ruína material de uma história local que é constantemente acionada de forma oral como mecanismo primordial da distinção. Temos assim, em uma outra cidade do oeste paulista, um passado acionado na narrativa e abandonado na matéria.

### ***De quando o MST entrou em cena revelando mais prisão***

Dos vizinhos nos arredores da casa da Família M. destacamos nosso vínculo com o casal Maria e João. Uma família negra proveniente da periferia da capital paulistana conhecendo a cidade de Lavínia-SP a partir das visitas que faziam ao filho que foi preso e transladado a uma das penitenciárias da cidade. O casal comprou uma casa localizada ao lado direito da Família M.; feita de madeira e o investimento inicial foi de R\$8.000 reais. As casas de madeira como as de João e Maria são localmente reconhecidas como *casas de tábuas* em

oposição às casas mais requintadas feitas em alvenaria, assim indicam a moradia dos mais pobres de Lavínia-SP quase sempre construções as quais abrigavam os antigos trabalhadores rurais. Lembremos da notícia mencionada acima a respeito da inauguração da estrada de ferro na cidade de Lavínia-SP cuja manchete dizia “início do tráfego no maior celeiro e reservas de madeira do Estado de São Paulo”, material abundante ainda se faz presente numa *casa de tábuas*. Igualmente cabe lembrar que aquele território dos *Franco de Mello* trata-se de terrenos sem escritura pública onde o fundamento da troca é o direito à posse, negociados mediante contratos de compra e venda do imóvel, feitos por escrito com assinaturas reconhecidas em cartório.

O casal ficou conhecendo Lavínia-SP porque vinham visitar o filho em uma das prisões da cidade. Após várias viagens começaram a gostar do lugar e vieram em busca de melhor qualidade de vida e também proximidade do filho preso. Em relação ao filho a história reserva um desfecho trágico: ele conseguiu a liberdade e optou por voltar para São Paulo capital onde foi assassinado em um ponto de ônibus. Maria compartilha seu relato em lágrimas enquanto me acompanha até a casa da Família M. depois de uma noite que passamos conversando em sua casa. O casal optou por permanecer na cidade e hoje se dizem contentes com a vida que levam em Lavínia-SP. Essa felicidade é por motivo de sua participação no Movimento dos Sem Terra (MST) local onde conseguiram dois pedaços de terra em duas localidades diferentes. Um dos terrenos se localiza um pouco mais distante e próximo da cidade de Andradina-SP; o outro terreno se localiza mais à frente das prisões da cidade, numa estrada interurbana que segue até chegar num distrito com forte traço agrícola e um dos territórios mais negros de Lavínia-SP.

Maria e João dizem ter conhecido o MST em Lavínia-SP e que antes disso *achava que era coisa de bandido*. Porém agora entendem do que se trata e que as terras que ocupam realmente estavam paradas. Por certo, as terras que foram tomadas pelo MST em Lavínia-SP eram majoritariamente de propriedade dos *Franco de Mello*.

Com eles viajamos até o terreno mais distante, este próximo da cidade de Andradina-SP, porque queriam apresentar-nos uma das lideranças do MST local reconhecida como portadora de uma sabedoria ímpar. Fizemos a viagem em sua Belina<sup>64</sup> antiga, a mesma que eles usavam para vir de São Paulo visitar o filho preso e na qual trouxeram a mudança. Passamos um dia inteiro com uma das representantes do lugar, mas antes disso paramos para visitar um amigo do casal e foi quando a prisão mais uma vez se fez presente.

---

<sup>64</sup>Modelo de carro.

Ao entrar no sítio dos amigos de Maria e João, uma casa de alvenaria ainda sem pintura, paramos numa varanda com vestígios de uma comemoração prévia. Eram garrafas e latas de cerveja vazias. O motivo da celebração era a esposa de um amigo que estava de *saidinha*<sup>65</sup> da prisão naquela ocasião. Eles celebravam o reencontro em liberdade e fizeram uma boa festa. A prisão aparece ali no maior assentamento do MST daquela região.

Maria me confirma muitas vezes adorar morar em Lavínia-SP e me mostra orgulhosa todos seus diplomas conseguidos após participar dos cursos ofertados pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais e se entusiasma com o fato de que todos os cursos foram realizados de forma gratuita. Ela ainda me comenta sobre sua dificuldade em compreender como é que cursos gratuitos de gastronomia, piscicultura ou manejo de trator são tão pouco frequentados pelos moradores da cidade; como se não aproveitassem tamanha oportunidade.

A riqueza da possibilidade de execução de uma etnografia por afetação realizada de forma direta no cotidiano das pessoas está no encontro espontâneo com certos eventos (Beaud e Weber, 2014). Este nos trouxe muita reflexão a respeito da territorialidade Lavínia-SP. Através da conversa com a liderança deste maior assentamento do MST na região, localizado a aproximadamente 58 quilômetros de distância<sup>66</sup>, nos abrimos para ver a persistência dos trabalhadores rurais. Até então estávamos encerradas na presença marcante da cana-de-açúcar e seu atual manejo mecânico e especializado.

Esta observação isolada nos abriu os olhos para ver como em Lavínia-SP ainda existem pessoas dispostas a produzir na terra. A forte presença do MST na cidade e região foi se revelando parte explicativa da economia política local com a que trabalharemos no segundo capítulo desta tese. Até lá cabe ressaltar que mesmo que existam produtores rurais, quando ligados ao MST suas produções agrícolas perdem legitimidade perante os moradores mais antigos de Lavínia-SP e pequenos proprietários de terras e pontos comerciais. A mesma impressão que João e Maria nos dizia trazerem com eles de São Paulo pensando no MST como *um bando de bandido que roubavam as terras* e que só foram compreender o significado real da ocupação quando começaram a participar do movimento é recíproca a como este tipo de agricultura é tão pouco presente nas discussões sobre a economia local,

---

<sup>65</sup>Termo utilizado nos arredores do cárcere quando as pessoas presas logram benefícios durante a pena que lhes permitem passar alguns dias em suas casas. É um direito atribuído ao regime semiaberto por boa conduta do preso, assim esses podem passar algumas datas comemorativas como Natal, Dia das Mães, Páscoa na companhia de seus familiares, uma forma de estimular a vontade de estar na rua e a sociabilidade com a família.

<sup>66</sup>Segundo dados do *GoogleMaps*. Em Andradina-SP é onde Margarita visita sua psiquiatra todo mês. Ela consegue ir de carro, mas no mesmo dia um ônibus de Lavínia-SP também se dirige a esta cidade cheio de pacientes com transtornos psicológicos para serem atendidos no AME de Andradina-SP.

enquanto as prisões, estas sim, aparecem no terreno das possibilidades reais de mercado. Os moradores estabelecidos de Lavínia-SP se referem ao MST como *pouco produtivo*; ou *pessoas que só estão interessadas em casa de graça, ou que não tem lá grande produção*.<sup>67</sup>

Se não fosse o trabalho de campo na casa da Família M. na experiência do convívio cotidiano com seus vizinhos não teríamos nos aproximado do casal João e Maria e como consequência a imensidão do MST teria passado despercebido. Esta realidade permanece oculta entre os moradores estabelecidos de Lavínia-SP que interpelam a presença do MST como uma dimensão menor daquela que realmente ocupa na produção agrícola local.

Nesta dinâmica a boa agricultura é interpelada numa imagem cognitiva de que opera grandes quantidades de terra, sobrenomes de famílias importantes e acesso às potencialidades industriais, ou seja, arquétipo do sucesso. Como contraponto, o MST operacionaliza uma nova opção de produção agrária que se distancia daquela que é oralmente acionada pelos moradores estabelecidos na reconstrução histórica que fazem como forma de distinção dos novos moradores (Elias e Scotson, 2000). A agricultura ligada ao passado da cafeicultura se encontra intimamente enraizada na reprodução aristocrática da sociedade na representação dos grandes senhores e latifundiários, imagem lida como bem-sucedida porque se distancia do trabalhador da terra e instantaneamente é relacionada com a meritocracia. Aquele que deu certo na terra seria o que não precisaria trabalhar nela.

Em ocasião do nosso Campo II tivemos oportunidade de observar um evento presencial. O retorno do leilão beneficente de gado em pró do Hospital do Câncer de Barretos-SP. Surge na cena a elite local ainda consagrada pela pecuária. Porém lá estavam João e Maria, os únicos representantes do MST que fizeram a doação de uma vaca com sua novilha, ocasionando certo estranhamento no evento que terminou com o pronunciamento do atual prefeito dizendo: *agradecemos ao casal, pessoas humildes que fizeram uma doação deste porte*<sup>68</sup>. Pessoas humildes estavam participando de um evento daquele porte enquanto doadores. De certa forma o MST estava possibilitando ao casal Maria e João sua introdução na vida social de Lavínia-SP. Coisa que não acontecia com a Família M. através de suas pousadas ou com o próprio casal João e Maria quando eram apenas familiares do filho preso naquela mesma cidade.

---

<sup>67</sup> Fragmentos de entrevistas em período de Campo I.

<sup>68</sup> Anotações no caderno de campo

## 1.2. Pelas ruas e casas da cidade

O que experimentamos enquanto habitantes na casa da Família M. trata-se justamente das formas como a prisão se encontra presente na territorialização da cidade e na constituição das subjetividades. A permanência em Lavínia-SP permitiu levantar novos contatos com moradores *nascidos e criados* a partir de Marlene. Ela foi a única amiga que conseguimos manter desde a época do mestrado e nos visitava na casa da Família M. Também com a Família M. encontramos novos contatos dentro da rede de interconhecimento referente aos seus locais de trabalho e, principalmente, com as mulheres visitantes das prisões da cidade e região.

Tivemos muitas tentativas frustradas de atualização dos antigos contatos de pesquisa que foram nossos aliados na ocasião do mestrado. Realmente a única que nos restou foi Marlene, moradora estabelecida, mulher parda que cresceu no distrito do Tabajaras localizado à frente das prisões e que ainda reserva forte presença de trabalhadores rurais que cultivam suas pequenas parcelas de terra (mesmo local onde o casal Maria e João adquiriram um dos terrenos através do MST). Trata-se de um território de forte presença negra e parda demarcado por um abandono dos cuidados da Prefeitura Municipal. Possui uma linda igreja que atualmente se encontra fechada numa praça visivelmente desamparada com árvores sem podar e suas folhas que cobrem todo o chão. Marlene é funcionária pública e se sente muito diferente dos demais moradores da cidade, nos comenta como eles têm *mente fechada e se interessam muito pela vida dos outros*. Curioso esse comentário porque a experiência que até então estávamos tendo era de certo isolamento da Família M. Marlene permaneceu como nossa aliada de pesquisa durante o doutorado e através dela tivemos acesso aos moradores das classes sociais médias e alta, ou seja, que não faziam parte das possibilidades de interconhecimento através da Família M.

Por motivo das entrevistas com moradores estabelecidos em Lavínia-SP fomos entrando em casas muito diferentes que conseqüentemente foram nos revelando divisões geográficas de seus grupos locais. Como relatado anteriormente as casas da parte abaixo da estrada de ferro – a representação dos Franco de Mello – é a mais pobre da cidade e também a mais pacata, onde as árvores das ruas crescem livremente sem serem podadas pela Prefeitura Municipal e onde *casas de tábuas* coexistem com casas de alvenaria inacabadas com exceção da casa do herdeiro Franco de Mello e do Antônio (vizinho da Família M. que aparece acima). Também é nessa parte da cidade onde se encontra o recinto de festas locais onde aconteceu o

leilão de gado que observamos em ocasião do nosso Campo II e um restaurante de comida japonesa, recém-inaugurado ao final de 2021. Configura assim parte da cidade ainda frequentada por moradores estabelecidos e distante dos circuitos marcados pela presença das mulheres visitantes das prisões da cidade, que se concentram no atual centro de Lavínia-SP, acima da linha do trem, onde estão o Banco Bradesco, a Lotérica, Correios, lojas, restaurantes, sorveterias e bares.

Dessa forma encontramos esta ambivalência local, do centro tradicional da cidade sendo atualmente transformado em ponto de sociabilidade da população estabelecida. O recém, cheio de frescor, renascimento da Avenida Lavínia. Tanto é assim que em ocasião do nosso Campo II observamos como a praça até então abandonada passava pelo início de uma grande reforma. O intuito dos estabelecidos é o de se distanciar das mulheres familiares de pessoas encarceradas e visitantes das prisões naquela cidade, elas se movimentam no outro centro (aquele acima da linha do trem para onde Mario se mudou) durante todos os finais de semana de todos os anos, com exceção do período da pandemia de Covid-19.

Em nossas interações com moradores *nascidos e criados* em Lavínia-SP, os nossos estabelecidos, as penitenciárias surgem no discurso como alternativa aos ciclos econômicos da cidade e região, o percurso em suas análises, o que se repetia constantemente era: café; cana-de-açúcar; cebola, para então chegar nas prisões sem que fossem questionados sobre a vinda das penitenciárias. A prisão em Lavínia-SP é, portanto, tema de economia. Em nossas 20 entrevistas gravadas com moradores estabelecidos em Lavínia-SP o tema PCC não aparece. E veremos no seguinte capítulo da tese como na acomodação deste mercado contestado as prisões da cidade estão sendo distanciadas de assuntos como crime, violência ou drogas.

Das casas que entramos que revelam melhores disposições materiais como carros modernos em suas garagens; acabamento impecável das fachadas com direito a pequenos jardins metricamente instalados, correspondem ao outro centro, ou seja, localizadas acima da linha do trem. Nessas casas habitam os bem-sucedidos em suas pequenas parcelas agrícolas ou, e principalmente, funcionários concursados do Estado.

Nesta parte acima da linha do trem que compõe o centro prático da cidade tivemos oportunidade de entrevistar Cecília, funcionária pública casada com um sitiante de médio porte de origem nipônica. Os dois filhos estão na universidade, a menina cursando veterinária numa universidade federal e o filho direito em instituição privada. Sua casa demonstra considerável estabilidade econômica com dois carros na garagem, portão eletrônico com



interfone para ser chamada. Quando questionada sobre a economia local nos oferece o mesmo percurso dos demais moradores estabelecidos com os quais conversamos. Um começo baseado na cafeicultura com a presença de muitas escolas rurais e de uma educação melhor da que existe hoje em dia, passando pela cana-de-açúcar, cebola, para então chegar nas prisões. De acordo com sua ocupação na Prefeitura Municipal ela demonstra forte preocupação com a população mais jovem da cidade e alega que não existe perspectiva de futuro para eles em Lavínia-SP. Também é devido a esta condição que em todo momento de nossa conversa seus interesses recaem sob o tema educação. Ela se preocupa com o abuso do uso de álcool na população mais pobre da cidade de Lavínia-SP o que repercutiria na má educação dos jovens dessas famílias. Um raciocínio relativo ao princípio de famílias desestruturadas e seu efeito perverso nas futuras gerações.

Também nesta parte da cidade, acima da linha do trem, entrevistamos Carla moradora estabelecida e agente penitenciária, também é a proprietária de uma loja de roupas neste centro prático e mais movimentado. De fato, não é raro que agentes penitenciários sejam igualmente proprietários de alguns comércios na cidade, encontramos outros na mesma condição que Carla. Com ela tivemos que enfrentar forte adesão ao governo de extrema direita do Jair Bolsonaro, filiação que se tornaria nítida quando realizamos nosso Campo II em ocasião do primeiro turno das eleições para a Presidência da República, quando a cidade foi tomada por bandeiras do Brasil e acaloradas discussões nas ruas. Neste período tivemos oportunidade de conversar com muitos comerciantes da cidade apoiadores do ex-presidente. Notamos a partir de Carla, e posteriormente com as observações na cidade, que vem se estabelecendo uma visão militarizada de mundo que está muito próxima da presença das prisões na cidade configurando um território de muitos trabalhadores do âmbito da segurança pública constituindo um grupo de opositos específico entre polícia e ladrão. Assim como notificado pelo Raphael Sabaini (2012) para o caso do município de Itirapina-SP em que agentes penitenciários estavam logrando maior status social local por conta de melhores salários e conhecimento privilegiado do mundo de dentro das prisões, o mesmo permanece vigente na cidade de Lavínia-SP. Por conhecimento privilegiado entendemos o acesso ao mundo no interior das prisões, tudo o que lá acontece, ou seja, agentes penitenciários são detentores das novidades, fofocas e acontecimentos daquele mundo ao qual os demais moradores apenas imaginam. O poder aquisitivo de um agente penitenciário numa cidade como Lavínia-SP se equipara aos trabalhadores que ocupavam os cargos mais cobiçados até então, os de funcionários com curso superior completo, concursados da Prefeitura Municipal.

O movimento da cidade de Lavínia-SP quando medido pela observação dos melhores carros estacionados (como caminhonetes ou SUV) acontece justamente nas sedes da Prefeitura Municipal; escolas públicas e prisões. Entretanto o trabalho de agente penitenciário vem acompanhado dos significados que a prisão instaura para quem deve lhe servir de guardião. Atualmente a cidade de Lavínia-SP cresce em duas direções, verticalmente de encontro com suas quatro prisões e horizontalmente em direção ao município vizinho de Mirandópolis-SP, via estrada interurbana, mais uma cidade com duas prisões. No sentido vertical mais próximo das unidades prisionais da cidade se encontra um novo loteamento com bom asfalto e excelente iluminação já instalada, pensado para atrair agentes penitenciários que ali trabalham, mas que ainda não moram em Lavínia-SP. Agentes penitenciários ainda são fonte do desejo local para comporem os futuros moradores da cidade (Luz, 2019) em oposição às mulheres familiares de pessoas encarceradas que terão suas possibilidades de residência em Lavínia-SP repreendidas como veremos no capítulo 3.

A segurança pública passa a ser o setor que mais emprega pessoas na cidade, o que acarreta que se torne igualmente mais visível enquanto problemática social do país. A cada instituição lhe corresponde uma *illusio*, uma atitude de levar o jogo a sério colocando nele toda forma de investimento possível (Aguiar, 2017). Entretanto uma das acomodações que identificamos através da pesquisa é que o problema da segurança pública se refere mais bem ao Brasil do que afeta Lavínia-SP, como veremos no seguinte capítulo. Entre as acomodações de significado que os moradores estabelecidos acionam para situar as prisões na cidade é a inexistência de crimes cometidos especificamente por mulheres familiares das pessoas encarceradas e que visitam Lavínia-SP, pelo menos não na cidade. Eles constroem uma atitude de desinteresse pelo que elas possam vir a fazer dentro das prisões embora valorizem os agentes penitenciários com sua liberdade para entrar e sair daquele lugar cheio de polêmicas e curiosidades.

O que aparece nas narrativas desses nossos interlocutores em relação às condições materiais que tivemos oportunidade de observar é o fato de que os melhores trabalhos da cidade se dão no setor do funcionalismo público. Antes mesmo das prisões aparecerem como possibilidade de desenvolvimento econômico local os moradores de Lavínia-SP compreendiam que os melhores empregos se davam na esfera da Prefeitura Municipal. Trata-se de emprego bem remunerado e sobretudo seguro, possibilitando acesso aos benefícios de: prestígio social, empréstimos bancários, financiamento de carros ou casas, e cartão de crédito.

Neste sentido, desde uma visão de mundo local, as prisões têm o que ofertar para a cidade através do funcionalismo público. O que viria a ser desmontado se ocorresse a privatização.

Saindo deste centro acima da linha do trem e nos distanciando em sentido horizontal, de caminho ao município vizinho de Mirandópolis-SP por uma estrada que passa por dentro da cidade de Lavínia-SP, se encontram as *casas populares* construídas com investimento público e distribuídas para pessoas pobres. Nesta localidade, das casas que entramos estão as de alvenaria inacabadas e forte presença da população negra da cidade além da visibilidade notória de crianças e adolescentes em suas ruas e praças. O movimento, ou trânsito, nesta periferia local é mais intenso do que no atual centro da cidade, o que muda durante os finais de semana por motivo da presença das mulheres familiares de pessoas presas e visitantes das prisões da cidade. Em termos espaciais o fluxo destas mulheres funciona mais bem de forma vertical acima da linha do trem. Não as vemos em territórios que descrevemos anteriormente como da casa da Família M. neste espectro da nobre família fundadora de Lavínia-SP. *As popular* (em singular como aparece em expressão local) constitui o território periférico da cidade de Lavínia-SP e possui sua própria sociabilidade com um supermercado que funciona até as 23 horas da noite, uma outra padaria e comércios específicos. É nesta parte que muitas mulheres familiares de pessoas encarceradas conseguem casa para alugar quando decidem morar na cidade.

Dessa forma as ruas da cidade ainda são diferentes entre os dias da semana e os finais de semana. De segunda a sexta-feira, muitos carros novos ou seminovos estão estacionados na sede da Prefeitura Municipal. Bem de frente sempre estaciona no mesmo lugar a camionete *Hilux* do atual prefeito, símbolo local do latifundiário, do dono de muita terra. Camionete *Hilux* em Lavínia-SP é objeto de desejo local e símbolo de prestígio social. Em ocasião do nosso Campo II observamos, numa casa ao lado direito da pousada do Mario, o esforço diário de um jovem rapaz para estacionar sua camionete em uma pequena garagem, o carro nem sequer cabia de forma vertical e tinha que ser estacionado em transversal, com muito zelo. O mesmo esforço era feito pela dona da padaria ao nosso lado esquerdo, como ela trabalhava muito fomos surpreendidas em ver aquele carro enorme saindo de uma garagem tão pequena num domingo de tarde. Este veículo, embora tenha seu significado associado à posse de grande quantidade de terra também é almejado por aqueles com pouca ou nenhuma terra, mas que gozam da sensação de status. Reflexos de uma elite econômica bem-sucedida em impor os seus gostos como universais aos demais.

Mesmo que mulheres familiares de pessoas presas façam parte da rotina desta cidade elas estão muito distantes da figura localmente almejada, a dos grandes proprietários de terra.

### ***Todo morador de Lavínia-SP pôde conhecer a prisão***

No dia 22 de outubro do ano de 2019 Lavínia-SP era protagonista da imprensa local porque recebia o então governador do Estado de São Paulo João Doria para inauguração do seu mais novo Centro de Detenção Provisória (CDP), a quarta unidade prisional da cidade. Em conversa com Marlene sobre suas idas para conhecer as penitenciárias da sua cidade ela relata como em ocasião da primeira inauguração, no ano de 2002, o prefeito disponibilizou ônibus de forma gratuita para que todos pudessem conhecer o interior da mais nova instituição, ou seja, todo morador de Lavínia-SP pôde entrar numa prisão. Segundo Marlene, o evento tinha dois intuitos: satisfazer a curiosidade e também construir uma visão de segurança nos moradores da cidade. Eles não teriam o que temer ao entrar na prisão e ver com os próprios olhos como era bem segura e assim fiscalizar aquela arquitetura.

As prisões foram recebidas como novo acontecimento na cidade e embora suscitasse embates favoráveis e contrários à presença delas também é certo que representavam possibilidades de continuidade da existência da cidade. Os moradores de Lavínia-SP apreciam ser lembrados pelos órgãos públicos. Para a inauguração do CPD até aviões da Polícia Militar sobrevoaram a cidade para assegurar a vinda do governador. Existe um sentimento entre moradores estabelecidos de um passado de glória e de moradores ilustres na representação daquele território que parece ter ficado esquecido. Assim todo acontecimento é motivo para que Lavínia-SP seja lembrada.

Em uma obra da historiadora local que tivemos conhecimento e acesso em campo empírico existe um subcapítulo destinado aos “filhos ilustres” de Lavínia-SP (Pinto, 2005). Entre eles se encontra o proprietário da rede de Colégios Objetivo amigo íntimo de Dráuzio Varella tal como aparece no livro. Em ocasião da nossa dissertação de mestrado quando entrevistamos o *prefeito das prisões* ele também se referia de forma orgulhosa a respeito de sua amizade íntima com o atual vice-presidente da República Geraldo Alckmin (Luz, 2019). Notamos como Lavínia-SP é uma cidade que aciona de diversas formas e em diversas ocasiões capital simbólico ligado ao reconhecimento de nomes e sobrenomes.

**Figura 6: Moradores de Lavínia-SP visitando seu mais novo CDP.**



Fonte: Jornal HojeMais de Araçatuba<sup>69</sup>.

Na imagem acima vemos como moradores e trabalhadores do setor da segurança pública estão saindo da inauguração do mais novo CDP da cidade, estão vestidos para uma ocasião especial. Alguns homens vestem terno e gravata; mulheres com os melhores vestidos e inclusive sapatos de salto alto. Localizados nas posições mais altas, ao centro, vemos agentes policiais posicionados em atitude de vigilância *panóptica* (Foucault,2014). Eles foram prestigiar a presença do então governador do Estado de São Paulo João Doria. De certa forma vemos prisões sendo instrumentalizadas para fazerem parte da vida social na cidade.

A prisão se situa como parte daquilo que acontece no sentido em que atrai possibilidades para a continuidade da cidade continuar existindo. Ocasão para que os moradores coloquem uma boa roupa; encontrem os demais moradores; e tenham oportunidade de assistir pessoalmente ao pronunciamento de um governador do Estado de São Paulo. Experimentar o cotidiano de uma cidade pacata do interior mais distante no oeste paulista significou conhecer a imagem das capitais enquanto reservatórios das melhores possibilidades econômicas, pelo menos enquanto imaginário coletivo compartilhado e pelas prisões atualizado.

Que prisão tenha sido relacionada com turismo não é de se estranhar conforme fomos observando em nossa análise dos acervos do Jornal Folha da Região, onde na seção de economia aparecem vários projetos destinados ao turismo naquela região oeste do estado de São Paulo que conta com várias nascentes ainda limpas e banháveis do Rio Tietê. Aparecem

<sup>69</sup>Disponível em: <https://www.hojemais.com.br/aracatuba/noticia/geral/governador-inaugura-cdp-de-lavinia-nesta-tercafeira> Consulta em: 12 de janeiro de 2023.

varias construções de *prainhas* que constituem quiosques construídos a beira do rio com churrasqueira e bancos de alvenaria para que pessoas possam passar um final de semana. Outra dimensão econômica que pode ter aproximado a possibilidade interpretativa da categoria turismo se deve à característica do trabalho sazonal característico da agricultura mecanizada e fortemente presente nesta região por conta da cana-de-açúcar. O turismo, portanto, enquanto possibilidade de desenvolvimento econômico pairava no ar das redondezas como parte de uma disposição previamente existente.

### 1.3. A Pousada da Margarita

Na sexta-feira 22 de janeiro do ano de 2021 começamos nosso primeiro dia de convívio com Margarita no trabalho em sua pousada. O retorno das visitas presenciais aos presídios de São Paulo se deu entre 7-8 de novembro do ano de 2020 quando Margarita voltou a trabalhar. Por volta das 16 horas deixamos a casa da Família M. com nossas sacolas de roupas e itens de higiene básica para passar todo o final de semana na pousada, prática que se repetia enquanto rotina de Margarita. Sua pousada estava localizada na parte acima da linha do trem e um pouco distante do atual centro da cidade, mais bem no alto da colina e em direção aos presídios de Lavínia-SP.

Assim que ela chegava abria as portas dos 5 quartos para *tomar ar*, fomos responsáveis por fazer as camas com os lençóis que haviam sido lavados e passados por Maria durante a semana. Margarita tinha uma pessoa responsável pela limpeza da pousada. Ela vinha numa quinta-feira de manhã para realização de uma faxina, o que em Lavínia-SP custa R\$70,00 a diária. Mesmo assim Margarita ainda fazia questão de passar pano e cera para dar brilho antes das suas hóspedes chegarem. Notamos o zelo com que Margarita cuidava daquele lugar antes *das suas meninas chegar*, ela sempre se referia às suas hóspedes como *minhas meninas*. Também notamos certa alegria em seu comportamento bem distante da tristeza profunda que a acompanhava durante a semana inteira enquanto estava na casa da Família M. onde passava muitas horas do dia dormindo. O trabalho para Margarita dava significado para seguir viva, capaz de reverter seu atual quadro depressivo, e em questão de instantes ela se alegrava. Margarita nos mostrava ser uma mulher acostumada a trabalhar.

*Suas meninas* chegavam na madrugada da sexta-feira para o sábado. O barulho é intenso quando na chegada, elas estão ansiosas pela visita ao familiar preso que vai acontecer em breves momentos. Muitas delas nem sequer utilizam o quarto e ficam conversando na

cozinha da pousada até chegar a hora de tomar banho e se arrumar para ir visitar. Neste nosso primeiro dia de observação, 22 de janeiro do ano de 2021, uma das meninas estava substancialmente eufórica porque a filha tinha conseguido a liberdade e veio vê-la na Estação Carandiru em São Paulo capital antes dela pegar o ônibus com destino a Lavínia-SP. Durante nosso convívio vamos notando como a liberdade é um bem valorizado e é por isso que quando ela acontece ela *canta*. Cantar é uma das expressões locais entre as mulheres que visitam as prisões da cidade; *cantou a liberdade*, quando enfim seus familiares deixam a instituição prisão e retornam a casa. A liberdade da filha, segundo ela, foi adquirida graças ao marido dela, ele gastou R\$10.000 reais com advogado. Ela afirmava em relação a filha: *a neguinha fez bem; fez o homem gamar*.<sup>70</sup>

Margarita recebe todos os ônibus e vans e chega a *passar um café* na madrugada para que elas fiquem conversando e fumando na cozinha da pousada. Entre momentos Margarita descansa em um quarto separado e construído recentemente por ela mesma, lugar onde íamos fazer anotações em nosso diário de campo, ao lado da cozinha que também foi obra dela no intuito de distanciar aqueles espaços dos demais quartos e assim possibilitar o descanso daquelas que quisessem aproveitar para dormir um pouco mais. Obra realizada a finais do ano de 2019 com investimento de aproximadamente R\$ 30.000 reais.

Tanto Margarita quanto Mario para começar seus empreendimentos comerciais tiveram que *comprar o ponto*, prática que eles conheciam muito bem por realizar a algum tempo. A *compra de um ponto* significa adquirir o direito de fazer comércio num local que já era utilizado por motivo comercial e nesta aquisição vem todo o material que estava no local e que era necessário para continuar trabalhando. No caso da pousada significava que o ponto viria com camas beliche, televisões, fogões e tudo o que caracterizava aquele tipo de comércio. *Comprar o ponto* não é sinônimo de comprar o imóvel, assim continuam dependentes de pagar um aluguel. No caso de Margarita era de R\$ 1.000,00 reais, valor que ela conseguiu manter ao longo dos 8 anos que esteve no local porque negociava com as melhorias que vinha sendo realizadas no imóvel como a construção da cozinha e deste quarto no qual ela descansava.

Neste nicho comercial das pousadas nos arredores do cárcere a cozinha é um espaço importante e reportado nas pesquisas sobre mulheres que visitam as prisões de São Paulo igualmente revelando o necessário recorte de gênero (Silvestre, 2012; Lago, 2019). Descrevemos a cozinha da pousada da Margarita com fogões disputados em nossa dissertação

---

<sup>70</sup>Anotações em diário de campo no dia 23 de janeiro de 2021.

de mestrado (Luz, 2019). Em nosso Campo I do doutorado a situação era bem diferente. Por conta da restrição imposta pelo sistema penitenciário que proibia que as mulheres que visitavam levassem comida a seus familiares presos elas deixaram de cozinhar na pousada; e assim optavam por pedir comida pronta para que fosse entregue no próprio local de hospedagem.

As incertezas da pandemia continuavam pairando no ar e as meninas da Margarita raramente saíam para passear na cidade demandando serviços de entrega de comida e bebidas. A comida que mais saía era *Marmitex* de R\$ 10,00 reais feita pela mesma mulher que limpava a pousada da Margarita durante a semana, outra pedida era o açai, uma opção mais cara. Poucas saíam para um bar ou para resolver algum problema na lotérica da cidade. O movimento na cidade voltou em ocasião do nosso Campo II no ano de 2022 assim como a demanda pela cozinha, mas já localizadas na pousada do Mario. Dessa forma vemos como o cozinhar para o familiar preso era mais importante ou mais necessário do que fazer comida para si mesma.

Muitos comerciantes que se dedicam ao preparo de comida e entrega vinham na pousada da Margarita na sexta-feira a tarde, quando as meninas ainda não estavam, para colocar suas propagandas nas paredes do local. Outra forma bastante procurada para efetuar propaganda de serviços ofertados é através dos grupos fechados no aplicativo *WhatsApp*.

O canal de circulação da publicidade são os grupos fechados de mulheres familiares de presos e visitantes de cidades pelo aplicativo para celular do *WhatsApp*. Nele, todo o procedimento de reserva de uma pousada, de um lugar no transporte para realizar a viagem, pedidos de comida terceirizada para levar aos familiares detidos; tudo é articulado e gerenciado por intermédio de um aparelho celular com conexão em *Internet*. Nos adverte Antonio Barbosa (2019, p. 127) de que atualmente os telefones celulares são fundamentais dentro das cadeias brasileiras, um artefato compreendido como *vaso comunicante* (Godoi, 2017) entre o dentro e o fora das prisões paulistas. Para Pierre Bourdieu (2001, p. 78-89) o que uma empresa investe em publicidade – sua função comercial – é indicador poderoso da posição que ela ocupa no campo de construtores para o caso do mercado de casas próprias, principalmente tendo em vista os canais utilizados como rádio, televisão ou *outdoors*.

### **Figura 7: Estratégias publicitárias neste turismo de fundo.**





Fonte: Grupo fechado no aplicativo de *WhatsApp* destinado a mulheres familiares visitantes de prisões e de cidades– elaboração das autoras.

Olhando para as estratégias publicitárias em sua função comercial regida por uma ação de cunho simbólico direcionada para convencer o cliente de que aquele produto foi feito para ele embora conte com disposições que já existiam (Bourdieu, 2001), temos como exemplo acima uma frase bastante explicativa dos transportes destinados à atenção das mulheres que visitam familiares em instituições punitivas, sendo esta: “quando o amor é verdadeiro, a distância vira um detalhe”; ou seja, um convite a “se fazer da necessidade uma virtude” (Idem, p. 78-89). Além do uso feito de diagrama em formato de coração e a escolha pela cor rosa temos a apresentação de nomes de mulheres enquanto as responsáveis pelas excursões garantindo maior proximidade e confiabilidade. Outro elemento importante é o destaque para o pagamento adiantado já apresentado de antemão na própria publicidade, acompanhando o ambiente de desconfiança que se compõe neste nicho de mercado nos arredores do cárcere<sup>71</sup>.

Apesar do receio para com a pandemia de Covid-19 nossa experiência na pousada da Margarita se dava sem fazer uso de máscaras e de forma muito próxima das meninas. O que nos revelaria também parte da condição de classe social perante este inusitado drama sanitário, onde muitas das mulheres com as quais conversamos já haviam contraído o vírus, assim como elas alegam que seus familiares detidos também haviam contraído Covid-19 estando dentro da prisão, informação que lhes chegavam via e-mail através de uma medida adotada pela SAP de visitas virtuais. Nessas horas também é quando Deus aparece de forma mais assídua nos diálogos, como se diante deste vírus a sobrevivência estivesse à mercê de uma vontade divina. Mesmo que houvesse certo desprendimento dos cuidados exigidos pelos organismos de saúde pública, como o uso de máscaras e o distanciamento social, elas

<sup>71</sup>Apresentamos parte destas reflexões sobre este tipo específico de propaganda no 44º Encontro Anual da ANPOCS compondo o GT40 – Sociedade e Vida Econômica, no ano de 2020.

optavam por não sair do local de hospedagem e por isso aumentava a demanda pela entrega de comida.

Na quarta-feira dia 17 de fevereiro do ano de 2021 foi um dia muito triste para Margarita devido a morte do Seu Pedro de Covid-19. Ele era motorista de uma van, juntamente com sua esposa, que faziam o trajeto das cidades do interior de São Paulo. Margarita o tinha como *o pai que nunca teve*. Ele, além de lhe trazer muitas clientes, descansava em sua pousada e dormia no seu quartinho ao lado da cozinha, inclusive algumas vezes fechava o estabelecimento para que ela pudesse voltar para sua casa mais cedo. O risco da pandemia permanecia muito próximo de Margarita, mas o retorno ao trabalho era uma condição indiscutível e necessária para ela.

Margarita desenvolveu uma postura híbrida entre deixar acontecer e impor determinadas regras, entre leveza e disciplina que lhe possibilitou sucesso em sua pousada, fama que repercutia na cidade. Ela conhecia todas as suas hóspedes e era capaz de organizá-las por características que as aproximavam. Tinha o quarto destinado para *as maconheiras*, onde Margarita deixava um *cheirinho* para disfarçar o odor. Tinha o quarto, o mais afastado da cozinha, destinado às mais *quietinhas*. Outro quarto fechado para as guias dos ônibus e quem elas traziam. Tudo organizado segundo um tipo de conhecimento individual de cada uma das suas hóspedes. Segundo ela *as meninas* tinham respeito por sua figura coisa que não acontecia com o seu pai.

### ***Visitantes, enquadros e trânsitos: uma distinção***

No momento do nosso Campo 1 haviam sido liberadas as visitas aos presídios com uma duração de duas horas durante um único dia do final de semana mediante processo de rodízio segundo o número de matrícula do familiar detido, divididos em ímpares ou pares. Mesmo durante esse período de redução do tempo de visita permitido a pousada da Margarita voltou a ficar lotada. Mario nunca entendeu o sucesso da filha e seu fracasso nos negócios. Nós apontamos para a importância da dimensão de gênero na hora de compreender este nicho de mercado inaugurado fora dos muros da prisão até porque estamos diante de um circuito igualmente demarcado pelo recorte de gênero.

Das 9 às 11 horas da manhã acontecia o primeiro período de visitas. No preço da estadia Margarita incluía o serviço de táxi para levar e buscar nas prisões de Lavínia-SP. Algumas meninas visitavam na cidade vizinha de Mirandópolis-SP e tinham que pagar um

outro taxista para serem levadas até este município ao lado, uma viagem que lhes custava em torno de R\$150,00 reais ida e volta. Margarita tinha a placa vermelha de táxi em seu gol (marca de carro considerado *popular*) ano 2007, mas parou de fazer a viagem por conta de suas dores crônicas por todo o corpo. Dessa forma, ela contratou outro taxista, Seu Aristides era um dos primeiros taxistas da cidade e também morador estabelecido, ele não cansava de afirmar que *sem elas* (as visitantes das prisões) *Lavínia não existe*.

Das 13 às 15 horas da tarde era o segundo turno de visitas às prisões da cidade e no domingo o mesmo esquema se repetia para outras meninas. O desejo que pairava sob as meninas também era de retorno das visitas presenciais como sucedia antes da pandemia, durante os dois dias do final de semana num período de quase 6 horas, porque isso lhes compensava o investimento da viagem, segundo seu raciocínio. O que as deixava tristes era o período reduzido na companhia dos familiares presos, o que significava igualmente mais horas ociosas na pousada. Muitas aproveitavam para dormir, outras para cuidar da beleza e algumas para rir e beber cerveja. Mas o certo é que queriam estar com *o preso*, afinal era para isso que viajavam até Lavínia-SP.

Muita coisa acontece durante o final de semana na pousada e realmente o tempo passa bem mais rápido do que a semana inteira com a Família M. Mesmo em tempo de restrição do contato pessoal é fato constatado, todo final de semana as meninas levam *enquadro*. É como elas chamam o ato de serem paradas na rua pelos policiais locais e questionadas a respeito do familiar que visita; de suas vindas na cidade; e sobretudo é momento de terem seus celulares revistados. Isso é praxe e continua acontecendo na atualidade, inclusive quando o distanciamento social foi empregado como medida de segurança sanitária em relação ao possível contágio do vírus de Covid-19. A presença policial é imperceptível durante os dias da semana em comparação com o que acontece nos finais de semana na cidade de Lavínia-SP.

Outro tipo de incidente que continua acontecendo é a viagem em vão de meninas que descobrem que seus familiares detidos não estão na prisão da cidade. No sábado 06 de fevereiro de 2021 uma menina de 20 anos recebe uma ligação de uma moça desconhecida informando que seu companheiro havia *ido de trânsito*. A informação lhe havia chegado mediante *um pipa*, mas o aviso veio tarde demais. Todo o gasto com a viagem havia sido feito e ainda aumentado por conta de uma passagem de R\$70,00 reais de volta para São Paulo capital naquele mesmo dia. Lembrando que ir e voltar da cidade vizinha, Mirandópolis-SP, custa R\$150,00 reais e era de lá de onde seu ônibus partia. Neste caso não se tratava de um

ônibus fretado pelas excursões que costumam ir até Lavínia-SP, porque eles fazem outras cidades e precisam esperar o final de semana acabar para que todas as suas passageiras realizem suas visitas. Os ônibus de rodoviária partem de Mirandópolis-SP.

*Estar em trânsito* é expressão nativa quando os familiares presos saíram da cidade de Lavínia-SP e elas ainda não sabem ao certo para onde foram. Os presos são movimentados sem conhecimento de suas familiares como medida de evitar possíveis resgates, porém esses traslados acontecem também durante os finais de semana e coincidem com os dias de visita pegando muitas mulheres familiares de surpresa depois do investimento que elas fizeram com a viagem. No momento do nosso Campo II uma das reivindicações das mulheres que visitam as prisões de Lavínia-SP era que esse traslado ocorresse nas segundas-feiras e que assim pudessem ficar sabendo com antecedência da viagem quando elas mesmas telefonam para as prisões procurando saber se seus familiares estão no mesmo lugar.

No domingo antes das 15 horas da tarde todas as meninas partem para a porta da prisão de onde saem seus ônibus e vans, de retorno para suas casas. Depois de deixar a última leva das suas hóspedes na porta da prisão Margarita dá por encerrado seu expediente de trabalho, retorna para a pousada vazia, retira todos os lençóis das camas, toalha de mesa e panos de prato da cozinha, e leva para sua mãe lavar durante a semana. Volta para a casa da Família M. até a próxima sexta-feira quando tudo se repete.

De alguma forma Margarita havia consagrado seu comércio e construído uma relação de reciprocidade com as mulheres que por ali passavam. Havia no ar daquela pousada grande indício de confiança em oposição à desconfiança tão bem explanada pelas pesquisas que se depararam com o mesmo campo empírico como o nosso (Silvestre, 2012; Godoi, 2017; Lago, 2019). Tal era o êxito dela que recebia certas vantagens em relação às demais pousadas da cidade. Como exemplo os quatro *ônibus da família*<sup>72</sup> com destino a Lavínia-SP e demais municípios vizinhos - mesmo tendo sido proibidos de parar na cidade - passavam na madrugada pela pousada da Margarita e paravam diante de sua porta para descer as passageiras. Este benefício Margarita havia conquistado sem fazer parte de qualquer negociação ilegal que poderia envolver o PCC, tudo isso havia sido fruto de duas dimensões que fomos compreendendo e absorvendo com o passar do tempo; a primeira delas o fato de ser uma mulher e a segunda que trabalha e muito, se instaura entre aquelas mulheres um

---

<sup>72</sup>*Ônibus da família* é o transporte destinado a levar as familiares de membros do PCC reconhecidas por *cunhadas* pelo fato da facção estar composta por *irmãos*. Jacqueline Ferraz de Lima (2015) realiza uma etnografia em viagens no *ônibus da família*.

regime de reciprocidade entre trabalhadoras. É no verbo trabalhar, e não parar, que elas se reconhecem.

Aquele zelo que descrevemos mediante um tipo de cuidado que é pessoal, o de manter uma pousada extremamente limpa, cheirosa e com lençóis de algodão com qualidade eram igualmente traços de respeito, mas insuficientes para o caso da pousada do Mario, da qual Margarita também opinava a respeito da limpeza e onde os lençóis eram os mesmos, igualmente lavados e passados a ferro quente por Maria durante a semana. Os lençóis, Margarita reciclava de uma tia que tinha um hotel maior em uma cidade da região, local de hospedagem que não era destinado a mulheres visitantes de prisões e sim de viajantes, comerciantes ou trabalhadores da usina de álcool que passavam por aquela cidade sem prisões.

Em conversa com Bárbara e Cássia, ambas moradoras *nascidas e criadas* em Lavínia-SP e que trabalham diretamente com as mulheres visitantes das prisões da cidade e região nos comentam sobre relações de intimidade que foram sendo tecidas com o passar dos anos. Bárbara nos contava de quando chegou a viajar para visitar algumas das suas clientes e Cássia de como preferia conversar com elas do que com os demais moradores da cidade. Havia algo que fazia com que neste comércio das pousadas, destinadas a receber mulheres visitantes das prisões locais, igualmente eram mulheres as com maior êxito em seus negócios, do mesmo modo como aparecem relações que transbordam o mercado e se tornam produtoras de vínculos fundamentados no regime da intimidade.

Acompanhamos e experimentamos o dia a dia da pousada da Margarita até o final de semana do 28 de fevereiro de 2021 quando as visitas aos presídios de todo o estado de São Paulo mais uma vez foram proibidas por conta de um segundo *lockdown* decorrente da pandemia de Covid-19. Até esse dia acumulamos uma experiência de convívio com as mulheres hóspedes da pousada e três entrevistas gravadas. Desde o surgimento da pandemia a primeira medida adotada pela administração penitenciária foi proibir as visitas presenciais dos familiares e amigos de pessoas presas a fim de conter a propagação do vírus no interior das prisões brasileiras. A pandemia de Covid-19 ainda era uma realidade recente, entretanto questões que ocorriam na pousada da Margarita antes desta situação continuam acontecendo. De fato, observamos como a prisão não parou de funcionar. Mesmo quando houve o segundo *lockdown* e as mulheres não estavam presentes na cidade os meios de transporte de pessoas presas não paravam de atravessar Lavínia-SP, momento em que o regime tutelar de presos do CDP foi modificado, de semiaberto para fechado, como descrevemos no capítulo 2.

Quando iniciamos nosso trabalho de campo na pousada da Margarita as mulheres que se hospedavam ali estavam satisfeitas com o retorno das visitas mesmo que encurtadas para apenas duas horas durante um único dia do final de semana. Em nossas primeiras três entrevistas gravadas soubemos do alívio que era poder ver, com os próprios olhos, seus filhos ou o marido preso. Notamos como elas, de diversas formas, se posicionavam enquanto fiscalizadoras das *políticas de morte* que caracterizam os espaços de violência e insalubridade extrema, praxe do interior do cárcere<sup>73</sup>. Elas tinham total desconfiança em relação à forma como seus filhos, maridos e companheiros poderiam ser tratados dentro da prisão e por isso era apenas pessoalmente que se produzia a verdade de que eles estavam vivos. Para elas até mesmo por videoconferência, medida adotada em tempos de pandemia, a verdade poderia ser camuflada.

Muita coisa foi produzida sobre prisão em tempos de pandemia do Covid-19 sobretudo em forma de denúncia às contradições entre as medidas de contenção da propagação do vírus e a realidade no interior dos presídios brasileiros. As denúncias mencionavam superlotação, insalubridade extrema, persistência de outras doenças, ou seja, tudo aquilo que favorecia a disseminação do vírus (Godoi *et al.*, 2023). Também foi em momento de pandemia quando as mulheres familiares de pessoas presas - principais *vasos comunicantes* entre o dentro e o fora das grades (Godoi, 2017) - se tornaram ainda mais visíveis por todo território nacional organizando protestos pedindo o retorno das visitas presenciais, o que impactaria de forma favorável na atividade comercial da Família M. Dessa forma a vontade que pulsava no interior da casa da Família M. quando se pensava na volta da normalidade era se posicionar a favor do retorno das visitas presenciais aos presídios de São Paulo.

A segunda paralização das visitas presenciais instalou grande tensão entre as mulheres familiares e visitantes das prisões com os agentes penitenciários de Lavínia-SP revelando-nos como estes dois grupos estavam em posições opostas. Algumas meninas que moravam na cidade de Lavínia-SP chegaram a fazer fotos dos agentes penitenciários reunidos em um bar da cidade alegando de que não estavam respeitando as regras do distanciamento social nem sequer fazendo uso de máscaras. As fotos chegaram a repercutir pelos grupos fechados do aplicativo *WhatsApp*, mas não fizeram o efeito esperado por elas de revogação da

---

<sup>73</sup>Lembrando que *políticas de morte* vem aparecendo como conceito de uma governamentalidade neoliberal (por seu diálogo fino com a teoria do Michel Foucault) que promove a produção da morte em contexto das mais variadas instituições punitivas. Sobre isso ver os artigos recentes do Fábio Mallart e Paula de Braud (2022) e Viviane Cunha com Lisandra Moreira (2023).

medida de paralização das visitas presenciais, o que de fato não aconteceu. O pedido para que a segunda paralização das visitas presenciais aos presídios de São Paulo acontecesse veio do Sindicato dos Agentes Penitenciários, preocupados com a possível propagação do vírus num período de aumento rápido e intenso do número de mortes a nível nacional.

Apesar de Margarita afirmar o sucesso com a pousada e de ter ganho muito dinheiro com ela, isso não foi suficiente para lhe assegurar um capital inicial em sua partida de Lavínia-SP. Margarita deixou a cidade com seu único bem material: um carro popular onde carregava roupas de retalhos costuradas por sua mãe; Maria produziu na esperança de que a filha pudesse vender e fazer algum dinheiro para então começar essa sua nova vida, o que até então só existia em sua imaginação. Talvez a coragem de Mario estivesse também em Maria e Margarita e fosse valor compartilhado por ditos comerciantes feito Família M.

Aqui temos uma reflexão a ser feita, apesar do dinheiro passar pelas mãos desses comerciantes ao estilo da Família M. trata-se de pessoas que não possuem a racionalidade econômica da poupança. O mesmo fenômeno é observável com as mulheres e seus maridos ou companheiros detidos pela participação no mundo do crime: por mais que elas nos relatem que muito dinheiro passou por elas, elas continuam dependentes de seus trabalhos. O dinheiro é fluxo assim como elas. As relações de mercado mediadas pelo dinheiro são as toleráveis e justificáveis a partir da presença das prisões na cidade de Lavínia-SP. Mesmo que não signifiquem um desenvolvimento econômico nos parâmetros da eficiência é aquele que existe na prática fazendo com que o dinheiro apareça e circule na cidade, sobretudo ligado à natureza de transações específicas e simbolicamente ligadas pela impermanência. A engrenagem estruturante desta economia é gastar, ou a estrutura que permanece é o gasto.

### ***A concorrência em disputa: da máxima “negócios são negócios” e minhas meninas à parte***

A finais do ano de 2019, quando começávamos nosso processo de doutorado, se instalava em Lavínia-SP uma disputa entre pousadas e as localmente nomeadas *casas clandestinas* ou *hospedarias clandestinas*, um conflito que configura as relações de concorrência em um setor da hotelaria muito específico, movimento apropriado por este *turismo de fundo*. Lembrando da nossa territorialidade: “a ampla pulverização do sistema carcerário pelo território estadual e a constituição do interior distante – o chamado *fundão* – como território privilegiado para o cumprimento das penas” (Godoi *et al.*, 2019, p. 696). A

relação de proximidade de Margarita com as mulheres visitantes das prisões da cidade de Lavínia-SP se dá no interior da sua pousada e a situação é bem distinta quando elas se situam enquanto concorrentes deste mesmo nicho de mercado.

Margarita se uniu aos demais donos de pousadas contra a instalação de casas alugadas, em sua maioria por mulheres familiares de pessoas encarceradas, que funcionavam igualmente como locais de hospedagem a um custo menor. A disputa tomou envergadura de protesto e mobilização local acionando a participação do prefeito da época – o representante da oposição ao PSDB – e levando o tema a ser tratado na Segunda Promotoria de Justiça de Mirandópolis-SP enquanto assunto de interesse do Ministério Público de São Paulo. Os donos de pousadas apresentaram uma relação contendo 17 *casas clandestinas* onde identificaram as inquilinas – todas elas mulheres – e o endereço específico do local exigindo intervenção da polícia.

Esta mobilização de Margarita na cidade foi o que nos distanciou da nossa questão de pesquisa inicial interessada na rede de relações dos agentes políticos locais e sua participação na construção desta visão de mundo capaz de acomodar prisões como sinônimo de desenvolvimento econômico. Para além deste fato, parece relevante refletir sobre como as mulheres familiares de pessoas presas são bem-vindas enquanto consumidoras e perseguidas quando decidem participar deste mercado da hospedaria na cidade de Lavínia-SP.

Margarita nos relata o caso de uma forma bastante estimulante alegando que *ninguém olhava para a nossa classe, nós pagamos alvará pra Prefeitura, taxa de bombeiro e elas vêm aqui e não paga nada*. Os donos de pousadas começaram a fazer reuniões e organizaram um abaixo assinado dirigido ao prefeito exigindo providências. Margarita foi escolhida como uma das representantes deste movimento juntamente com a proprietária do único hotel da cidade. Juntas elas recorreram ao Ministério Público para registrar suas reivindicações tal como demonstramos no documento abaixo.

**Figura 8: Eis que as casas clandestinas vão parar no MPSP.**



**MPSP** MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO | 2ª Promotoria de Justiça de Mirandópolis-SP

**TERMO DE DECLARAÇÃO**

Compareceram perante esta Promotoria de Justiça, a Sra. [REDACTED] RG nº [REDACTED], CPF nº [REDACTED] residente na [REDACTED] nesta cidade e Comarca de Mirandópolis-SP, Telefone(s): [REDACTED], e a Sra. [REDACTED] RG nº [REDACTED], CPF nº [REDACTED] residente na [REDACTED] na cidade de Lavínia, Telefone(s) [REDACTED] relatando que, não obstante diversas das hospedarias existentes no local possuem alvará emitido pelo ente municipal, muitas delas não possuem condições para funcionamento como alojamento (acomodação de pessoas além da capacidade, por se tratarem de casas residenciais sem qualquer estrutura para recebimento dos hóspedes). Comprometeram-se a enviar lista atualizada das supostas hospedarias irregulares, com endereço e indicação das irregularidades, até o dia 21/11/2019.

Nada mais havendo, dá-se por encerrado o presente termo, que segue assinado por todos os presentes como expressão da verdade.

MIRANDÓPOLIS, 13 de novembro de 2019.

[REDACTED]

Rua Adelino Minari, nº 726 – Bairro Centro | Mirandópolis/SP – Fone: (18) 3701-5439

Fonte: Arquivo pessoal

Há uma movimentação local para assegurar o caráter sazonal das mulheres que passam pela cidade e que, portanto, não saiam do seu papel de visitantes. Nesta mesma direção em nosso Campo I encontramos outra mobilização dos agentes locais na direção de influenciar o fluxo das mulheres que passam pela cidade. O assunto da vez era a transformação do novo CPD da cidade (lembrando que foi inaugurado em outubro de 2019) em prisão. O motivo era que o albergue de presos provisórios atraía mulheres de localidades interioranas próximas, enquanto que o mais interessante para o setor da hospedaria e o comércio local eram as mulheres que vinham de São Paulo capital. Aquelas que vêm da capital possuem menos interesse em morar na cidade de Lavínia-SP e como a viagem é mais longa necessariamente precisam se hospedar na cidade. Mais uma vez Lavínia-SP aponta seus olhos e desejos para a capital paulistana.

Entre rumores e aumento dos carros destinados ao traslado de presos que passavam pela cidade, localmente reconhecidos por *bonde*, acompanhamos como o novo CDP da cidade estava sendo transformado em regime fechado. De fato na página *online* da SAP-SP acompanhamos uma mudança de nomenclatura que até então não existia; consultando cada unidade prisional de Lavínia-SP no atual CDP aparece um anexo que se chama PRSA, sigla para traduzir Anexo de Regime Semiaberto, e ao final quando se refere ao tipo de regime

atual dos presos está o registro “fechado” e preso “provisório”. Dessa forma constatamos como as modificações nas prisões da cidade de Lavínia-SP são interpeladas e justificadas pela ordem do econômico.

O que observamos a partir destes eventos é que a dimensão tautológica manifesta na lógica de mercado representada pelo nomos “negócios são negócios” (Bourdieu, 2005) se manifesta nos operadores deste nicho de mercado da hotelaria construído a partir da prisão em Lavínia-SP, banalizando o caráter excludente e violento de pessoas aprisionadas ao mencionar prisões como fonte de renda. Porém ao mesmo tempo a autonomia do campo econômico não lhes nega a possibilidade de um convívio próximo e algumas vezes afetivo e íntimo com suas hóspedes ou *suas meninas* como prefere dizer Margarita, de outro lado implica disputas de mercado. A prática econômica se encontra presente em relação com as demais práticas das esferas do social, do político, do emocional e do jurídico, sendo estas últimas acionadas na hora de buscar por novos significados os quais permitem acomodar este tipo de mercado.

#### 1.4. A Pousada do Mario

Eles deram o mesmo nome para seus comércios, Margarita a primeira com a *Pousada Sabiá* e Mario com a *Sabiá II* embora se trate de espaços bem diferentes e com funcionamento relativo ao que cada um foi capaz de aprender deste ramo mercantil. Certamente Margarita adquiriu mais conhecimento do que Mario a respeito da sua clientela e soube usar isso a seu favor na hora de organizar seu dia a dia no trabalho. Mesmo que Margarita não estivesse mais presente fisicamente na cidade de Lavínia-SP, em ocasião do nosso Campo II, seu nome ainda era respeitado pelas mulheres que continuaram se hospedando com seu pai Mario. Uma delas era Paolla quem se hospedou com Margarita durante os 8 anos em que essa teve sua pousada em Lavínia-SP e com ela experimentamos uma relação de amizade e ajuda mútua, que descrevemos a seguir.

Na leitura de Mario sobre o mal andamento dos negócios o problema se encontra na ausência da demanda: em sua justificativa para as mulheres visitantes das prisões não andava compensando fazer a viagem e gastar tanto dinheiro para visitar apenas um dia e durante tão poucas horas, o que andava diminuindo o fluxo que outrora havia sido tão intenso. De fato, não deixa de ser verdade, mas a pousada da Margarita estava lotada como vimos anteriormente. Em oposição, na leitura de Margarita o pai *não tinha trato com as meninas*;

dizia que era grosso e sem muita paciência além de mudar o preço da hospedagem tal como lhe comprazia.

Certamente havia que somar ao mal desempenho de Mario certo cansaço referente à idade já avançada. Entretanto, assim como manifestado por sua esposa ou pela filha mais velha, parar de trabalhar não é uma opção de vida. Lembrem-se de Antônio nosso morador estabelecido de Lavínia-SP e um dos vizinhos da Família M. aposentado como funcionário público, ele nos contava emocionado sobre o rancho que vinha construindo na beirada do rio Tietê para então descansar, nele reconhecemos o oposto de Mario. No recorte de classe social que vamos observando em nossa pesquisa precisamos incluir a categoria trabalho em como ela estrutura distintas visões de mundo e conseqüentemente de si mesmos. O trabalho ao mesmo tempo que é obrigatoriedade da sobrevivência também constitui sentido da própria existência, e uma vez ausente causa adoecimento.

Era fato que as novas medidas da Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo (SAP-SP) na intenção de conter o contágio no interior das prisões reduziram as horas e os dias da visita. Porém quando acompanhamos a rotina da pousada do Mario em ocasião do nosso Campo II as mulheres familiares de pessoas presas podiam entrar na prisão com uma vasilha de comida fresca mais um refrigerante de 2 litros. Antes da pandemia de Covid-19 as mulheres podiam entrar nas penitenciárias de Lavínia-SP, Mirandópolis-SP e Valparaíso-SP com uma vasilha de comida de 5 litros, e neste momento da nossa pesquisa de campo o permitido era de apenas 3 litros. Impressionante como já se encontrava disponível no mercado local uma sacola *jumbo*<sup>74</sup> de tamanho reduzido, adaptado para a vasilha de menor tamanho como se sua existência viesse para alertar as mulheres contra possíveis enganços.

Por isso a cozinha da pousada de Mario voltou a funcionar e era ponto de encontro certo entre mulheres que por ali passavam durante os finais de semana. Todos os ônibus de excursão particular igualmente voltaram a circular pela cidade. Esse fluxo era diferente do nosso Campo I na pousada da Margarita quando o meio de transporte mais visível era o *ônibus da família*, no qual mulheres dos membros da facção podiam viajar financiadas pelo PCC. Vans particulares também voltaram a circular pela cidade. Estávamos diante de um fluxo bem maior de mulheres familiares de pessoas presas caminhando pelo centro da cidade de Lavínia-SP.

---

<sup>74</sup>*Jumbo* é o nome dado a essa sacola transparente que é permitida para entrar nas prisões paulistas. Transparência no sentido de disposição ao escrutínio.

Mario costumava passar muito tempo no interior da cozinha vigiando o uso que as mulheres faziam do micro-ondas e forno, que eram inclusive cobrados a parte com um acréscimo de R\$ 5,00 reais para além do valor de R\$ 25,00 reais para o uso geral da cozinha, mesmo sendo elas as responsáveis pela limpeza posterior de todo material utilizado. A exigência de Mario era de que todos os utensílios utilizados no preparo da comida deveriam ser limpos para a próxima mulher que viria cozinhar. Sua atitude era muito diferente daquela de Margarita, quem muitas vezes colocava a mão na massa (Luz, 2019). Aqui vemos uma distinção de gênero: homens evitam o trabalho na cozinha, supondo ser esse um ofício feminino. Lembrando do que relatamos anteriormente que por ocasião da pandemia de Covid-19 por não poderem levar comida fresca para o interior das prisões as mulheres familiares de presos preferiam pedir comida pronta para consumir na pousada, como se permitindo um descanso da rotina de sempre cozinhar.

Este comportamento de Mario, sempre presente no interior da cozinha, levantava a possibilidade de muitos conflitos entre ele e suas hóspedes. Uma das queixas que chegou a ter repercussão nos grupos fechados de *WhatsApp* era o fato de que muitas mulheres acabavam dando comida pra ele suscitando a reclamação de que aquele senhor *comia a comida do preso*. No dia 23 de agosto do ano de 2022 Paolla me escreve no *WhatsApp*: *amiga estou tão nervosa aqui* e em seguida envia uma publicação compartilhada pelo aplicativo *Facebook* de uma hóspede reclamando do comportamento do Mario onde o que aparece é sua vigilância na cozinha e o mal funcionamento dos chuveiros.

Realmente a pousada do Mario era bem mais humilde que a da Margarita. Trata-se de uma casa antiga improvisada para pousada, as camas eram colocadas na sala e nos quartos que contavam com portas grandes e de madeira. Outros quartos foram construídos como anexo desta antiga casa, de alvenaria e telhado de plástico. O problema era a disponibilidade de apenas dois banheiros. Os quartos eram compartilhados e depois de tomar banho era necessário retirar toda água que se acumulava no chão do banheiro com o auxílio de um rodo. Na cozinha fogões e geladeiras são como peças de antiquário. O ponto forte da sua pousada era sua localização central (o centro atual e não o tradicional como vimos anteriormente); ao lado de supermercados, lotérica, bares, restaurantes e sorveterias, o que facilitava o ir e vir das mulheres que se hospedavam com Mario evitando assim possíveis gastos extras com táxis. A localização também nos permitia acompanhar o retorno da vida para a cidade de Lavínia-SP, mais uma vez repleta de mulheres e crianças caminhando pelas ruas, sentadas nos bares e restaurantes ou praças.

**Figura 9: A Pousada do Mario.**



Fonte: Arquivo pessoal.

Existe um único hotel na cidade de Lavínia-SP, de quartos com ar-condicionado e piscina. Onde o quarto mais simples custa R\$ 65,00 reais em comparação aos R\$ 40,00 do Mario com táxi para a prisão incluído no valor. No início este hotel foi construído com estacionamento, mas em nosso Campo II este foi transformado em piscina onde mulheres que se hospedavam nas demais pousadas costumavam frequentar pagando uma diária de R\$25,00 reais.

Nesta pousada, não apenas experimentamos o circuito intenso de mulheres e crianças durante os finais de semana por conta da nossa localização no centro da cidade, como acompanhamos os carros característicos da prisão em seus contínuos traslado de presos. Para que presos fossem removidos para instituições de outra cidade, ou vice-versa, necessariamente deveriam passar pela Avenida onde se localizava a pousada do Mario. Sentadas na varanda da pousada temos, à direita, o caminho para as prisões de Lavínia-SP e do distrito Tabajaras; vilarejo rural onde o casal Maria e João cultivavam suas terras, e à esquerda o caminho para sair da cidade de Lavínia-SP em direção à Rodovia Marechal Rondon.

Mario dependia de Paolla para todos os afazeres da pousada. O primeiro deles era referente ao seu desconhecimento em usar o celular com o aplicativo do *WhatsApp* onde todas as reservas de quartos da pousada eram feitas; contatos com as hóspedes estabelecidos, assim como toda e qualquer oportunidade de propaganda realizada. Margarita antes de deixar Lavínia-SP entregou a seu pai o seu próprio aparelho celular com todos os contatos das *suas meninas*, na esperança de que elas fossem fiéis a ele após sua partida. Paolla se tornou responsável por este celular e o levou com ela para sua casa em Guarulhos-SP onde durante a semana agendava as hóspedes que viriam durante os finais de semana para a pousada do Mario. Dessa forma Paolla acabou se tornando sócia de Mario com quem dividia os lucros da pousada.

Paolla se tornou nossa principal aliada de pesquisa além da onipresença de Margarita que garantia nosso reconhecimento em pesquisa de campo com as mulheres que passavam pela pousada do Mario. Com ajuda dela conseguimos conversar de forma bastante íntima com as meninas, estar presente em seus quartos pela noite, sair com elas para caminhar pela cidade, fazer comida com elas e construir uma relação de reciprocidade. Era Paolla quem acabava me apresentando enquanto pesquisadora, antes disso, ela perguntava: *sabe de quem que ela é filha?* Para em seguida responder: *da Margarita*.

Dessa forma acumulamos 10 entrevistas gravadas. Entretanto fomos tomadas por um senso ético de respeito pelo tempo daquelas mulheres, sempre tão escasso. Suas rotinas durante a viagem permaneciam extremamente exaustivas. Elas chegavam na madrugada de sexta-feira e muitas vezes sem dormir iam diretamente para a cozinha preparar o *jumbo do preso*.<sup>75</sup> Dessa vez uma sacola transparente de menor tamanho entrava na prisão com comida fresca e um refrigerante gelado. Eu terminava o final de semana do domingo a tarde completamente exausta, só de ter acompanhado uma rotina tão intensa entre viagem; cuidado com as crianças; preparo da comida e cuidados com a estética. E tudo isso sem nem sequer entrar na prisão. O pouco tempo que lhes restava era para deixar o corpo descansar nas cadeiras de área na varanda da pousada e por isso acreditei mais frutífero e respeitoso aproveitar dessas conversas espontâneas e fazer uso assíduo do diário de campo.

Mario nos cedeu um pequeno quarto individual ao lado da cozinha, o mais simples de todos e destinado a receber algum motorista de ônibus se acaso não tivesse onde se hospedar, o que não sucedeu durante nossa estadia naquela pousada embora mais tarde

---

<sup>75</sup>Expressão nativa. É muito comum que as mulheres se refiram a seus familiares detidos com essa categoria de distanciamento genérico que lhes suaviza a identidade pela sua condição: *o preso. Vou lá ver o preso; tem que fazer comida para o preso; você acredita que o preso quer comer lasanha*. E assim por diante.

passássemos a dividir o quarto com Paolla, por outro motivo que contamos mais adiante. Neste quarto guardava meu diário de campo onde ia anotando todos os temas, polêmicas e afetos das nossas conversas. Ao lado direito do caderno anotava fatos concretos como quem encontrava, quantos anos ela tinha, com o que trabalhava, temas da nossa conversa; e do lado esquerdo escrevia tudo o que sentia e também acontecimentos que esbarravam a fronteira do legal-ilegal. Um bom método para depois organizar uma escrita descritiva científica que possa conter o corpo da experiência etnográfica.

Neste momento da pesquisa fomos levadas a refletir sobre o cansaço através de um acúmulo de funções relativas ao universo daquelas mulheres que trabalham; cuidam de crianças; viajam para cuidar dos familiares presos; preparam a comida; rezam; se preocupam; e encontram formas de disfarçar o próprio cansaço antes de entrar na prisão. Era surpreendente como depois de tudo o que faziam na pousada, sem dormir, entravam no táxi rumo as penitenciárias de Lavínia-SP maquiadas, cheirosas e sorridentes. De fato, era muito esforço para ver *o preso*. Elas sabiam que a condição do familiar encarcerado era muito pior que qualquer cansaço.

Das mulheres entrevistadas temos esposas, companheiras e mães. Em todo momento de convívio na pousada do Mario apenas duas irmãs passaram por ali. Das demais o regime de parentesco que prevalecia era entre esposas e companheiras estabelecendo uma oposição com as mães, tema de discussão do nosso terceiro capítulo quando desmembramos<sup>76</sup> a expressão local *mulher de preso*. Muitas delas conheceram o companheiro já na prisão e outras em momento de espera do julgamento, cientes de que a qualquer momento estariam presos. A prisão não parecia lhes impor cautela para iniciar o relacionamento, ao contrário, a prisão estava inserida na dinâmica do relacionamento como mais uma faceta do dentro e fora.

O que lhes chamava atenção era o fato da pesquisadora ser uma mulher de 34 anos sem filhos. Nas conversas sobre a possibilidade de não ter filhos ser parte de um universo de escolhas do feminino, isso era lido como impensável ou improvável. A importância de se tornar mãe, a relevância dos filhos, foi nos revelando tema importante para as mulheres com as quais íamos dialogando. Na pousada do Mario outros interesses foram sendo revelados e outros grupos heterogêneos foram surgindo para tornar a categoria mulheres familiares de pessoas encarceradas e visitantes das prisões ainda mais complexa. Entre os quais destacamos algumas ligadas a igrejas pentecostais; outras conformes com sua relação com o PCC e

---

<sup>76</sup>Sara Ahmed (2022) fazendo uso do livro de Toni Morrison “O olho mais azul” onde uma criança ao ganhar uma boneca loira de olhos de vidro começa a desmembrar ela em busca daquilo que estava velado nos proporciona uma reflexão que ao desmembrar estamos nos afastando do desejo de nos parecer a ela.

diferente daquelas que lutam para que seus familiares não se tornem membros da facção dentro da prisão, tarefa que lhes exige muito trabalho. Igualmente relações de violência de gênero com as quais nos enfrentamos nos localizando no complicado ato da escuta ativa e calma, deixando-a falar e guardando nossa raiva, medo e vontade de gritar para o mundo ouvir. Estamos diante de corpos de mulheres diariamente violentados e de múltiplas formas, às vezes sutil e outras bem dramáticas. Igualmente o fato de todas as mulheres com as quais convivemos serem trabalhadoras que complementam renda com outros tantos tipos de empreendimentos, inclusive com a prisão. Questões das quais nos aproximamos para pensar sobre elas para além da prisão como veremos no capítulo 3.

Como dito anteriormente, não se trata de uma escolha inicial de pesquisa e sim da proximidade proporcionada pela rede de interconhecimento da Família M. principalmente na figura da Margarita, quem nos aproximou das mulheres visitantes das prisões de Lavínia-SP e dos dois municípios vizinhos da mesma forma como nos distanciou de qualquer outra possibilidade de campo empírico.

### ***Entre homens e mulheres: cotidiano de trabalho e dominação masculina***

Realmente Mario era muito diferente de Margarita no sentido em que dava à organização da sua pousada. Ele acabou exigindo muito trabalho por parte da Paolla quem acabou se responsabilizando pela limpeza geral do local; lavagem dos lençóis e das roupas do Mario; preparo de um almoço para ser compartilhado e que de fundo era estratégia de Mario para atrair clientela; e atendimento das hóspedes via aplicativo *WhatsApp*. De fato, Mario enxergava mulheres como naturalmente aptas aos afazeres do lar, como se isso não fosse exaustivo.

Paolla chegava na madrugada da sexta-feira, em torno da 1 hora da madrugada, e sem dormir limpava e organizava toda a pousada. Ainda na madrugada, por volta das 4 horas, depois dela, chegavam mais mulheres que anteriormente tinham reservado, com ela, uma vaga na pousada. Mario acordava às 6 horas da manhã enquanto nenhuma das mulheres havia dormido. Quanto a Paolla, no sábado ou domingo às 7 horas da manhã ia visitar o marido/companheiro preso.

Era no domingo antes de pegar o ônibus de volta para São Paulo o momento em que Paolla lavava todos os lençóis da pousada e deixava secando no varal. A tarefa do Mario era manter a ordem enquanto ela visitava o presídio assim como, abrir o portão quando ela



chegava e tirar a roupa do varal no domingo. Tudo isso funcionava segundo acordo entre as duas partes que dividiam a metade do lucro da pousada tirando as despesas de água, luz e *Internet*. Como Mario investiu muito dinheiro em fazer melhorias naquele imóvel bastante antigo estava isento do aluguel.

Ver a forma como Mario acreditava que aquela era realmente a função de Paolla nos remete à experiência na casa da Família M. quando todos os afazeres domésticos durante a semana eram desenvolvidos por Maria. Era para ele algo compreendido como natural o fato de uma mulher se responsabilizar pelas tarefas de limpeza e alimentação sendo que Mario não percebia como estava sendo exaustiva a rotina designada a Paolla. Mario estava exportando a mesma conduta com Maria e Margarita para Paolla. Essa constatação nos remete a Pierre Bourdieu (2017, p.21):

A divisão dos sexos parece estar “na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado das coisas (na casa por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos, nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

Outra discussão constante de Mario com Paolla era referente ao dinheiro. Ele dizia que ela gastava muito rápido o dinheiro que ganhava e isso acontecia porque algumas vezes Paolla precisou de algum valor adiantado para conseguir pagar seu aluguel em Guarulhos-SP onde morava.

Enquanto estávamos em nosso Campo II Mario e Paolla tentaram começar um negócio de preparo da comida para o *jumbo* para vender às mulheres que passavam por Lavínia-SP, não apenas na pousada do Mario como em outros locais de hospedagem da cidade. Mario fez a compra dos produtos para começar o negócio investindo a quantia de R\$ 600,00 reais, seu capital inicial. Eles adaptaram o quarto onde até então a pesquisadora se hospedava (passando a compartilhar o quarto com Paolla) com um armário de metal onde colocaram a comida, uma geladeira, e uma caixa de papelão onde seria depositado todo o dinheiro em espécie, impresso em papel, para que fosse compartilhado ao final de cada mês. O que nunca aconteceu. O dinheiro sempre era dividido no mesmo final de semana porque a necessidade de ambos se manifestava mais forte do que a disposição da poupança. O quarto foi fechado com corrente e cadeado para evitar furtos de comida ou do dinheiro, parte da desconfiança intrínseca ao mundo dos arredores da prisão que termina entrando em negociação.

O novo negócio de Paolla e Mario começou bem com uma quantidade razoável de encomendas, como aproximadamente 4 combos por final de semana. Porém, aumentou muito o trabalho de Paolla, pois além de tudo o que já vinha fazendo se responsabilizou pelo preparo de mais comida. O cansaço tomou conta e a parceria com Mario se desfez antes de *cantar a liberdade* do seu marido/companheiro. Ela chegou a entrar em contato conosco explicando o ocorrido e dizendo que já *não estava aguentando mais, que gostava muito do Mario, mas que ele era muito difícil*. Interessante que este comentário era refletido em Maria e Margarita por ocasião da nossa presença na casa da Família M.

**Figura 10: Propaganda do mais novo negócio de Mario com Paolla.**



Fonte: Arquivo pessoal.

### 1.5. No subúrbio de Guarulhos

No domingo 18 de setembro do ano de 2022 viajamos com Paolla para São Paulo acompanhando a rotina em sua casa e como ela se organizava para viajar todos os finais de semana para a cidade de Lavínia-SP. A chegada na Estação Rodoviária Barra Funda foi marcante porque coincidiu com o retorno dos presos em regime semiaberto do estado de São Paulo que estavam de *saidinha*<sup>77</sup> da prisão. Paramos ao lado direito da estação onde muitas mulheres e crianças desembarcavam enquanto ao nosso lado esquerdo um mar de homens

<sup>77</sup>A lei no código penal garante o direito aos presos em regime semiaberto de passarem dias com seus familiares em suas casas. Uma medida essencial de ressocialização para estimular o contato do preso com a rua, a família e o ambiente social.

embarcava de volta às prisões pulverizadas pelo estado. De um lado o país das calças beges e do outro o país das calças *leeging* (Godoi, 2017), requisitos de vestuário da instituição prisão.

Paolla nos convidou para ir até a sua casa assim experimentaríamos da viagem de Lavínia-SP até São Paulo capital. Pegamos o ônibus em frente à praça central da cidade, diante da igreja matriz, e fomos de caminho para a *porta da cadeia*<sup>78</sup> buscar aquelas mulheres que estavam ainda saindo de suas visitas. O sistema de acesso às prisões em Lavínia-SP havia mudado consistentemente na atual administração municipal, aquele localmente reconhecido como *prefeito das prisões* construiu um acostamento/estacionamento para *trailers* que vendem dos mais variados itens pensados para as possíveis necessidades e interesses das mulheres que visitam. Antes disso, mulheres esperavam com suas malas nos acostamentos estreitos da estrada entre a passagem de carros, ônibus, vans e táxis em alta velocidade. A maioria das mulheres do nosso ônibus descem para tomar o ar, esperar alguma amiga que sairia da visita e que viajaria em outro ônibus ou comprar alguma coisa em algum dos *trailers*. Ao sair fomos abordadas por integrantes da Igreja Universal para que escrevêssemos em uma folha de papel o nome do preso e assim elas rezariam por ele. Todas escreveram; esperamos um pouco e depois prosseguimos a viagem mais uma vez passando em frente da pousada do Mario.

Paolla, ao abrir as portas de sua casa, revelou-nos aspectos de um mundo que seria assunto para mais uma tese. Por hora apenas nos sentimos na responsabilidade de descrever algumas experiências no sentido reflexivo de uma classe social que não pode seguir sendo lida autocentrada nas interpretações da reprodução posto que não foi o que vimos ali. Ver, aqui vem no sentido requerido por Donna Haraway (1995) enquanto ferramenta de produção de *saberes localizados*, ou seja, trazemos uma visão parcial de acordo com nossa presença em campo empírico.

Da nossa experiência consumindo tudo aquilo que Paolla e sua família gosta de assistir notamos sua preferência por personagens negros ou que representam seus dilemas existenciais. Assistimos um de seus filmes favoritos *Besouro* e sua filha adolescente nos mostrou a série *Sintonia*, a que mais gosta da plataforma *Netflix*. *Besouro* é um filme do ano de 2009 inspirado na figura do capoeirista Manuel Henrique Pereira, narra a história de um órfão que aprende a arte da capoeira com efeitos heroicos e fantásticos. *Sintonia* é uma série produzida por *Kondzilla*, um famoso diretor de criação, um dos pioneiros em exportar o estilo

---

<sup>78</sup>*Porta de cadeia* é expressão nativa que compõe este universo das mulheres visitantes das prisões. O significado vai para além do objeto e adquire um senso compartilhado de jornada, caminhada, trajeto ao longo de uma vida; as experiências de porta de cadeia.

de música da favela, o *funk*, atualmente forte oportunidade de empreendimento. A série é protagonizada por adolescentes e por isso tem forte influência neste público como a filha mais velha da Paolla.

Outra dimensão da nossa experiência trata-se do conhecimento que Paolla tem do território em que vive. Em ocasião de um passeio que fizemos num parque municipal de Guarulhos-SP, um pouco distante de sua casa, ela encontrou crianças sozinhas pedindo dinheiro para quem passava. Paolla sabia exatamente quem eram aquelas crianças, dos problemas com a família e prontamente telefonou para a responsável contando sobre o ocorrido e demandando que alguém fosse buscá-las naquele parque. Em todo momento Paolla sabia de tudo o que acontecia ao seu redor demonstrando interesse não apenas no sentido da curiosidade de uma suposta fofoca e mais bem num sentido de cuidado com aquele lugar.

Questões que nos colocam em crise com as assertivas da reprodução social posto que encontramos escolhas que vão no sentido de um desejo pelo consumo da cultura que representa aquele território e não tanto emular o que possa vir das classes mais altas. Certamente estas coisas se combinam dado a preferência de Paolla e sua família pelo consumo de marcas consideradas de luxo mesmo que recorrendo aos falsificados, como camisetas com símbolo da marca *Lacoste* ou tênis *Dolce Gabana*. Não é tema de nossa tese, mas é experiência do nosso campo que serviu para abrir nossos olhos para ver além da reprodução nesta ambivalência de desejo entre participar da estrutura privilegiada ao mesmo tempo em que se reconhece o lugar de origem.

Quando chegamos em Guarulhos-SP na madrugada da segunda-feira fomos para a casa da mãe da Paolla, local que ela reconhece como *favela*. Fomos para buscar seu filho do meio, de 10 anos de idade, e aproveitamos para comprar lanches num bar ainda aberto. Seguimos para sua casa que, segundo Paolla, não está na favela, embora seja bem próxima da sua mãe. Dessa forma ela se esforça para manter um aluguel de R\$ 800,00 reais ao mês para não morar na favela e assim manter seus filhos distantes daquele circuito conturbado. De fato, quando chegamos naquele lugar eram muitos os usuários de *crack* perambulando por aquelas *vielas*.<sup>79</sup> Ela preferia sempre viajar com seu filho menor de 3 anos e fica com o coração apertado quando precisa deixá-lo na favela com sua família e nos diz: *vai que essa criança acaba levando um tiro*.<sup>80</sup> Paolla tem vontade de que o marido saia desta vida do crime assim

---

<sup>79</sup> *Vielas* são as ruas da favela em Guarulhos-SP.

<sup>80</sup> Fragmento do dia 13 de agosto do ano de 2022 em Diário do Campo II.

como educa os filhos para serem trabalhadores. Luan, o filho de 10 anos, nos dizia: *não tia eu vou ser trabalhador*<sup>81</sup>.

Todo nosso trajeto era feito no carro da Paolla que ela deixava num estacionamento em frente a Estação Rodoviária Barra Funda onde pegava o ônibus com destino a Lavínia-SP toda sexta-feira a aproximadamente umas 16 horas da tarde. Paolla em seus 12 anos visitando o marido/companheiro preso sempre arrumava um jeito de viajar de graça e por isso foi guia de uma excursão privada durante todos esses anos. As *guias* de ônibus também são essenciais para os donos de pousadas em Lavínia-SP porque elas acabam levando muitas passageiras para se hospedarem no mesmo lugar.

Também durante a semana Paolla não parava um segundo. Por isso os filhos precisavam participar das funções domésticas da casa. Mesmo assim Paolla era uma mãe presente e cuidadosa. Ela acordava às 6 horas da manhã para deixar o filho do meio na escola e assim ter certeza de que ele frequentaria as aulas; voltava para a casa e preparava o almoço que deixava no fogão para que sua filha pudesse esquentar para todos da casa; depois ela ia trabalhar e só voltava pela noite, por volta das 22 horas chegava em casa. E ainda estava animada para averiguar se seu filho de três anos tinha tomado banho, se o filho de 10 anos tinha feito lição de casa e se a filha de 18 não tinha se animado para fazer alguma coisa de sua vida. Paolla se queixava da filha adolescente que não se interessava nem pelos estudos e muito menos por trabalhar; ela estava com uma ideia na cabeça de que talvez pudesse aprender a fazer unhas em gel, o que segundo Paolla sempre tinha demanda e dava muito dinheiro. Ela já tinha mandado a filha embora de casa muitas vezes, mas sempre volta atrás nesta decisão e acaba acolhendo-a de volta aos seus cuidados.

A casa de Paolla estava sempre cheia de crianças e com elas passávamos todo o dia. Ficamos responsáveis em ajudar o filho do meio de 10 anos com as tarefas da escola. Malgrado estar na quinta série do ensino fundamental Luan ainda não sabia ler nem escrever o que repercutia em piadas entre a irmã mais velha que era reproduzida pelo irmão mais novo chamando-o de *burro*.

Com Luan e David passeávamos pelas ruas daquele bairro. Na segunda-feira fomos a um parque localizado na frente de uma rodovia com movimentos abruptos de caminhões e carros em alta velocidade, ali tinha um escorregador, um quiosque lanchonete e alguns trabalhadores dormindo na sombra de uma enorme árvore. Outro dia fomos numa loja de

---

<sup>81</sup> Fragmento do dia quando fomos só nós dois passear no shopping em Guarulhos-SP, no dia 20 de setembro do ano de 2022.

*pipas*, o que dessa vez significa artefato feito em papel para voar pelo céu, cada pipa custava R\$1,00 real; havia de muitas cores e com muitos desenhos, e se notava a alegria daquelas crianças. Com Luan chegamos a ir ao shopping de Guarulhos-SP e quando chegamos na porta do cinema lhe perguntei que filme ele queria assistir, acabou escolhendo um de terror chamado *A Órfã*. Enquanto a pesquisadora sentia medo Luan dizia: *calma tia é tudo mentira*. Depois do filme seu desejo era por lanche no *Mc Donald's*, voltamos pra casa tarde da noite.

**Figura 11: No subúrbio de Guarulhos-SP**



Fonte: Arquivo pessoal

***Um exemplo vivo das diretrizes do encarceramento em massa***

Conforme aparece na introdução nosso ponto de partida para olhar as configurações sociais, econômicas e políticas do nosso encontro com prisão em Lavínia-SP é através do fenômeno do encarceramento em massa. Paolla é um exemplo vivo de que prisão existe fora dela. Ela já visitou o pai e a irmã na prisão antes de conhecer o atual marido/companheiro quando ainda estava preso. Uma de suas irmãs também visita o marido preso pela terceira vez. A filha da Paolla engravidou aos 16 anos de idade e o pai da criança se encontra preso. As amigas de Paolla acabam sendo mulheres que também visitam prisões de Lavínia-SP ou de outra cidade do interior paulista, elas sentem compartilhar da mesma experiência de vida.

Paolla chegou a visitar o pai na prisão quando estava grávida da sua primeira filha. Depois voltou a entrar grávida na prisão carregando o filho do seu atual companheiro. A prisão não se repete apenas em sua vida como também reflete na das demais mulheres de sua família. Tivemos oportunidade de conversar com a mãe da Paolla quem visitou o ex-marido e uma das filhas na prisão. Assim como uma das irmãs da Paolla que visita o marido preso e faz isso há mais de 13 anos. Também a filha adolescente da Paolla só não foi visitar o namorado, e pai do seu filho de 2 anos, na prisão porque seu pai não concorda e ele ajuda muito com as despesas dos dois filhos que tem com Paolla, o terceiro filho é fruto deste novo relacionamento com o companheiro preso. O pai dos seus dois primeiros filhos nunca foi preso embora Paolla nos relate situações de abuso e violência que nunca experimentou com seu atual marido.

A prisão atravessa a vida de Paolla já faz muito tempo e igualmente foi através da prisão que ela foi parar em Lavínia-SP e conhecer a Família M. A instituição acaba sendo uma realidade como outra qualquer em sua vida, mais uma tarefa entre tantos acúmulos de tempo destinado ao cuidado dos filhos, marido, território e trabalho. Entre suas passagens pela prisão criou-se relações de amor, amizade, reciprocidade, ou seja, possibilidades de vida.

Igualmente se experimentamos e falamos de um cansaço extremo entre as mulheres familiares de pessoas encarceradas não podemos nos esquecer de que vida também se constrói a partir de prazeres, encontros, conversas, bares e amizades. É por isso que queremos construir uma forma de conhecimento que seja capaz de encontrar possibilidades para a vida nas brechas da exaustão. Paolla tem muita responsabilidade em sua vida, com muitas pessoas e principalmente com muitas crianças, e não é reforçando a tristeza, a falta, o desemprego, a pobreza que faz ela dar conta de tudo isso; é sim encontrando brechas para a vida. Com Paolla saímos para nos divertir, para passear no parque, rimos, fomos no shopping de Guarulhos-SP, em lojas e feiras. Ela sempre buscava momentos para compartilhar comigo e com seus filhos da alegria de estarmos vivos.

## **1.6. Costurando aquilo que encontramos em Campo I e Campo II**

Neste capítulo apresentamos a tessitura social, geográfica, política e econômica da rede de interconhecimento que nos foi possível acessar, de modo a localizar nestas dinâmicas maneiras pelas quais prisão vai se acomodando no cotidiano da cidade de Lavínia-SP e nas vidas que por ela transitam. Neste cenário, cenas sociais foram se desenvolvendo através do

processo etnográfico revelando-nos moldes. Esses moldes, que de início pareciam desconexos, mas que com o tempo foram sendo costurados numa dinâmica econômica local onde as possibilidades de futuro precisam vir de fora, principalmente do orçamento público estadual/federal assim como das mulheres visitantes provenientes dos maiores núcleos urbanos, ao mesmo tempo em que certo interesse tradicional pelo território é mantido através do capital simbólico traduzido neste passado *Franco de Mello* em oposição ao MST que não é localmente compreendido como parte de uma produção agrícola.

Na elaboração do conceito de campo econômico Pierre Bourdieu (2005) sabia da diversidade crítica característica de uma ciência da economia bem consolidada e sua proposta teórica contempla, sobretudo, focar em seus pressupostos antropológicos, o que consiste em uma ruptura com a ideia de ação racional guiada por preferências e necessidades dadas de antemão em agentes criados como atemporais e universais. Tudo aquilo que compreende o homem econômico. Para Bourdieu de forma quase inconsciente todos os economistas acabam adotando essas características como ponto de partida e é aí onde se distanciam da realidade prática, surgindo a necessária sociologia da economia. Com nossa descrição etnográfica fomos notando como as ações são feitas em grupos de referência e mais bem no sentido atribuído pela proposta weberiana de uma ação que leva em consideração o comportamento dos demais indivíduos. Porém, também notamos – aquilo que deixa mais complexo nosso cenário com suas ambivalências e contradições – que os grupos de referência são variados e móveis conforme o movimento dos nossos agentes neste espaço socioeconômico marcado pelo fluxo das prisões acontece. Isso traduzido, por exemplo, no conhecimento adquirido por Margarita a respeito das individualidades de suas hóspedes e de como os outros da ação social vão exigindo posturas variadas num mesmo espaço de mercado.

Com o constante fazer e refazer que caracteriza a imagem do comerciante na figura da Família M. vemos que a ordem do econômico existe de forma autônoma entre as visões de mundo que compreendem este universo, porém não condizem com as posturas da poupança e do acúmulo individual como proferido pela teoria neoclássica da economia. O dinheiro da mesma forma que entra também sai e as mudanças vão acontecendo numa eterna busca por dinheiro. Ele próprio, o dinheiro, nestas dinâmicas nos arredores do cárcere existe para não durar, ou, para estar em movimento. Ele se situa também como fluxo acoplado não apenas às urgências da sobrevivência como também às possíveis brechas na manutenção da vida que exige esperança e o sonhar; como na mudança de cidade na Família M. ou os personagens negros da televisão com os quais Paolla se identifica. Ainda neste cenário o dinheiro aparece



quase sempre em espécie, em papel, aumentando sua liquidez e conseqüentemente sua fluidez. Assim como este universo também demonstra nenhum domínio das atuais possibilidades de enriquecimento que perpassam necessariamente pela digitalização da vida.

Dessa forma, os cenários são ferramentas etnográficas a fim de estimular questionamentos. A primeira questão está ligada ao contexto rural onde a casa da Família M. está localizada, no qual, a experiência cotidiana de um *fato histórico-cultural* (Bourdieu, 2021) foi sendo revelado diante do nosso olhar sociológico. Um território demarcado por casas construídas a partir do acerto de contas, entre trabalhadores rurais e uma família nobre e rica considerada fundadora da cidade, reserva grande interesse a manutenção de um capital simbólico que já não condiz com sua dimensão econômica, pelo menos não em sua existência prática demarcada por monumentos históricos em ruínas. Terra que foi embargada e que não podia ser vendida guiando o futuro desenvolvimento geográfico da cidade na direção acima da linha do trem e em direção ao seu município vizinho, Mirandópolis-SP, ambos participantes deste complexo prisional atual.

A segunda questão refere-se ao modo como os moradores de Lavínia-SP foram acomodando o significado das prisões da cidade na ordem do econômico e promovendo distâncias da instituição com os temas da violência que pode ocorrer na cidade, embora a mesma seja um problema do Brasil como um todo, o que exige investir em profissionais da segurança pública como os agentes penitenciários enquanto emprego localmente desejado. Na mesma medida em que chegam ao tema da prisão quando são questionados sobre aquilo que move a economia local. Nossas indagações 1 e 2 compõem o capítulo a seguir.

Nossa terceira questão foi nos guiando para uma reflexão mais voltada à categoria gênero dentro das relações que nossa etnografia nos possibilitou experimentar da forma mais intensa e honesta. De entre nosso recorte de gênero a concorrência entre as pousadas de Margarita e Mario nos revela algo interessante sobre a divisão sexual do trabalho onde a ordem do econômico acaba se sobressaindo dos possíveis vínculos afetivos numa relação que acabou por adoecer Margarita e deixar Mario sozinho na cidade de Lavínia-SP. Do mesmo modo ela era mais próxima das suas hóspedes do que ele, quem nunca logrou ser consagrado neste ramo comercial. Deste fato temos um recorte de gênero que se confirma quando entrevistamos e conhecemos outras mulheres que igualmente trabalham de forma direta com as mulheres visitantes das prisões da cidade. As mulheres donas de pousada e do único hotel da cidade (também dirigido por uma mulher) têm mais sucesso neste ramo do comércio voltado para a demanda de um circuito prisional no qual são mulheres as mais presentes.

Nesta proximidade entre as mulheres encontramos forte significado do reconhecimento no trabalho. Elas se reconhecem por serem mulheres que trabalham. Isto lhes possibilita um convívio mais pacífico onde as transações econômicas se tornam mais legítimas.

Pierre Bourdieu (2021) traz uma reflexão interessante sobre o trabalho na sociedade Cabila da Argélia. Segundo o autor numa economia pré-capitalista o trabalho estava ligado à tradição da honra e parecer ocioso ou desocupado era malvisto por não estar contribuindo em nada para o bem-estar do grupo social do qual o agente pertencia. Dessa forma a tarefa do patriarca era dar algo para seus familiares fazer mesmo que fosse de forma simbólica e nem sequer produtiva a rigor; ao contrário, numa sociedade capitalista o trabalho foi convertido em meio para acumulação do lucro reduzido a uma dimensão puramente econômica. Não podemos afirmar que estamos diante de um cenário pré-capitalista, mas observamos que o significado do trabalho para as pessoas com as quais convivemos transborda, e muito, a visão da teoria econômica centrada num cálculo racional de maximização do lucro individual.

Loïc Wacquant (2001, 2008) situa a prisão contemporânea no marco do Estado-penitência em oposição ao Estado-providência para elucidar uma estratégia política de orientação da miséria e de gestão do trabalho desqualificado. Da mesma forma, na imagem da Família M. e neste circuito de mercado que a prisão cria em Lavínia-SP vemos como esse trabalho desqualificado vai sendo apropriado pela figura do empreendedorismo. Também outra dimensão da centralidade do trabalho se coloca em reflexão com a figura do comerciante nos modos da Família M. onde a maximização dos lucros passam necessariamente pelo trabalho e não pelo investimento que quase sempre se entende como perdido. Capital inicial nos termos de comércio como os da Família M. é dinheiro perdido e a possibilidade de expansão dos seus comércios passa pela obrigatoriedade do trabalho.

Desta forma a proximidade de Margarita com Paolla nos possibilitou uma experiência tão íntima neste grupo das mulheres que visitam as prisões da cidade de Lavínia-SP e dos seus dois municípios vizinhos que nos guiaram para as indagações que compõem os capítulos 3 e 4 desta tese. Nosso convívio com Paolla foi colocando tantas cartas sobre a mesa que o tema foi se abrindo cada vez mais numa trama onde a prisão se impõe tanto enquanto escassez e falta quanto como oportunidade e possibilidade de fazer dinheiro. Esta trama de relações complexas foi respondendo à questão inicial com a qual de forma um tanto singela iniciamos nosso percurso de pesquisa. Tratava-se da interrogação: se a prisão envolve tantos gastos e perdas na vida dessas mulheres por que continuam visitando? Muita coisa se

desdobrou desde aí e não existe uma única resposta para essa pergunta e sim um emaranhado de ações que envolvem gênero operando mercados e cuidados.

E o que aproximava Margarita daquelas mulheres? Hoje sabemos do reconhecimento adquirido através do cuidado e respeito pelas suas hóspedes, mas também a figura de uma mulher trabalhadora e mãe solo é parte estruturante desta reciprocidade que lhe garantiu sucesso nos negócios. Nesta posição a transação econômica era mais legítima porque feita de forma horizontal e por isso Margarita se via com sua pousada sempre lotada sem a necessidade de mudar suas tarifas com uma clientela que a ela era fiel. O que nunca aconteceu com Mario. Fidelidade que nos possibilitou nosso Campo II e não exatamente nossa presença na pousada do Mario. Margarita permanecia ao nosso lado nos dando legitimidade para trabalho de campo mesmo quando fisicamente ausente daquele espaço.

Desta aproximação entre Margarita e as mulheres que se hospedavam com ela retiramos uma última reflexão independente das tramas do formal-informal e legal-ilegal (Telles, 2010) que configuram os arredores da prisão; estávamos diante de mulheres trabalhadoras e que se reconhecem no trabalho. O trabalho está ligado a certa tradição da dominação masculina assim como também é identificado em sua potencialidade para a resistência e autonomia feminina.

Ao contrário, com Mario vivenciamos muitos conflitos com suas hóspedes igualmente pautados por nosso recorte de gênero. De uma das reclamações, que foi compartilhada nas redes sociais, trata-se da atitude que este tinha em permanecer ao redor da cozinha comendo a comida que *ia pro preso*, e ocupando um espaço e momento considerado por elas como feminino. No entendimento de Mario como dono da pousada havia uma hierarquia imposta que ao mesmo tempo o distanciava dessas mulheres e lhe dava liberdade de invadir o espaço/ tempo delas na cozinha.

Habitar a vida da Paolla nos mostrou a dimensão de pertencimento ao território que não havíamos encontrado com a Família M.; enquanto no subúrbio de Guarulhos-SP ela se movimentava em pleno conhecimento de seus vizinhos, dos filhos de cada um deles e adotando estratégias de cuidado comunitário; a Família M. tinha sua existência restrita aos seus locais de trabalho e quando não estavam trabalhando permaneciam em casa. O fato daquela família comerciante ter que percorrer diversos estados brasileiros em busca de melhores oportunidades de mercado os havia distanciado do entrelaçar de uma vida no sentido de pertencimento territorial. Assim permaneceram dependentes do núcleo familiar.

Contudo, dos nossos cinco cenários etnográficos produzimos muito pano pra manga para as reflexões que costumamos a seguir.

## CAPÍTULO 2

### 2. DO MITO DESTRUIDOR AO *MAL NECESSÁRIO*

Este capítulo surge a partir de uma exigência do próprio período de Campo I quando nos aproximamos dos moradores estabelecidos em Lavínia-SP<sup>82</sup>, que se apresentam a si mesmos como *nascidos e criados* na cidade, apegados a um passado glorioso naquilo que significou a cafeicultura do oeste paulista. Logo percebemos que a história da cidade estava sendo acionada na configuração de um processo de distinção local. Os significados atribuídos pelos interlocutores também dizem a respeito do campo de pesquisa (Beaud e Weber, 2014).

Das nossas principais constatações durante o Campo I destacamos o fato das prisões de Lavínia-SP aparecerem em conversas sobre economia. Em nossas interações com moradores *nascidos e criados* na cidade as penitenciárias apareceram quando a questão eram os ciclos econômicos da cidade e região. Um percurso da análise aparece nas falas dos moradores e se repete constantemente: café; cana-de-açúcar; cebola para então chegar na prisão sem que fossem questionadas as condições e o contexto da chegada das penitenciárias na cidade, como já mencionamos anteriormente. A prisão em Lavínia-SP é assunto de economia.

Paira no ar uma constante saudação ao passado glorioso da cafeicultura que ainda remete aos costumes relacionados ao valor simbólico dos sobrenomes. Encontramos um complexo prisional que se estabelece olhando para a capital São Paulo, a mesma que no passado trouxe o café com seus costumes aristocráticos. As prisões como parte da oferta neste mercado específico, ao que nomeamos *turismo de fundo*, existem em espelhamento com este passado que ofusca a atual presença do Movimento dos Sem Terra enquanto possibilidade de produção agrária. A interpretação dos fracassos relativos à agricultura passa pela noção de natureza enquanto a presença do complexo penitenciário é interpelada como *mal necessário*.

Uma das riquezas da pesquisa etnográfica é descobrir o que faz sentido prático para nossos interlocutores através da nossa presença em campo empírico. Um dos acessos trata-se da produção de conhecimento local, a qual se materializa num livro publicado sobre a história de Lavínia-SP; livros de poesia; trabalho acadêmico sobre a mão-de-obra no setor sucroalcooleiro e um documentário baseado no livro sobre as histórias do passado onde prisões literalmente aparecem como *mal necessário*. Existe um senso prático de preservação

---

<sup>82</sup> Lembrando que consiste aos meses de janeiro a julho do ano de 2021.

oral do passado dando significado ao tempo presente. Antagonismos refletidos entre uma agricultura que deu certo e que já não dá mais. Conforme localizamos na introdução deste texto autores que nos guiam para pensar a interiorização penitenciária nos Estados Unidos (Gilmore, 2007; Eason, 2017) descrevem municípios rurais etnicamente diversificados marcados pela pobreza e falta de oportunidade encontrando na prisão a principal promessa para a esperada oferta de trabalho.

Neste capítulo lemos a história de acordo com os acontecimentos do nosso tempo presente assim como ligadas à nossa subárea do conhecimento na sociologia econômica, por isso partimos da noção deste mito destruidor fundamentado nas intempéries da natureza que modifica os rumos da agricultura conforme aquilo que se instala como possibilidade de continuação através de um complexo penitenciário instalado enquanto *mal necessário* do qual a cidade não se imagina sem.

## 2.1. Uma cidade com nome de mulher e visitada por mulheres

Princesa da Alta Noroeste  
Tu es homenagem de amor  
História de coragem no agreste  
Do ilustre Coronel fundador<sup>83</sup>

Lavinia Dauntre Salles de Mello é aquela que deu seu nome para esta cidade. Mesmo depois de casada decidiu por manter o sobrenome de solteira como forma de manter a “nobreza” republicana, demonstrando-nos a importância de um nome e sobrenome, conforme aparece em Joana de Carvalho *et al.* (2015, p.30-40) no fragmento abaixo:

O mesmo se passou com sua esposa, Lavinia Dauntre Salles de Mello, dita sobrinhaneta de Manuel Ferraz de Campos Salles. A Genealogia Paulistana conta-nos que o pai de Lavinia era filho do tio do ex-presidente. Dessa forma, Lavinia era sua prima-sobrinha. A relação sanguínea dela com o célebre político era mais estreita do que a de Joaquim com Prudente de Moraes, apesar de mais frouxa do que os parentes parecem querer anunciar em seus relatos. Essa ligação talvez seja o motivo para que, apesar do casamento, Lavinia tenha mantido seu nome de solteira, buscando dar “nobreza” republicana à família.

Desde aqui introduzimos como se vive na prática a idealização de uma cidade onde a família que a fundou optou pelo nome da matriarca fazendo-lhe uma *homenagem de amor*. Um símbolo aristocrático de uma época saudosista que atualmente é recuperada e atualizada

<sup>83</sup>Trecho do hino da cidade de Lavinia retirado da página *online* de sua Prefeitura Municipal. Aquele que é cantado a cada aniversário da cidade. Disponível em: <https://www.lavinia.sp.gov.br/portal/servicos/1003/dados-geograficos/> Acesso: 12 de janeiro de 2023.

por seus moradores *estabelecidos*<sup>84</sup>, aqueles que se dizem *nascidos e criados* em Lavínia-SP. De fato, a historiadora local Maria Nívea Pinto (2005) afirma que os fundadores tinham para Lavínia-SP um projeto de urbanização criado por profissionais da grande São Paulo o que apenas não se concretizou por conta da morte precoce de seu *ilustre Coronel fundador*<sup>85</sup>. Depois, em conversa com um dos nossos interlocutores da pesquisa, reconhecido intelectual local, soubemos que Lavínia-SP quase se tornou uma Petrópolis-RJ, uma espécie de *princesa da Alta Noroeste*<sup>86</sup>. Temos de partida uma sociogênese da cidade fundamentada em alto capital simbólico ligado ao reconhecimento da oligarquia cafeeira corporificado naquela que lhe deu seu nome.

Janaína Nascimento (2020) estuda algumas cidades do interior oeste do estado de São Paulo as quais optaram por homenagear heróis fundadores; Lavínia-SP aparece em sua análise. A autora argumenta que a construção dessa figura heroica existe porque eles foram os doadores de grandes quantias de terra para que assim as populações pudessem se assentar. Entretanto, esta idealização que persiste justamente pela via das homenagens faz com que as pessoas confundam os significados entre patrimônio público e privado criando o topônimo de lugares presos aos nomes e sobrenomes. Se seguirmos o raciocínio da autora encontramos no símbolo da família fundadora da cidade uma espécie de conduta fundamentada na caridade onde os atuais moradores da cidade persistem honrando tal doação (de terras e de capital simbólico) mediante atualização oral, escrita e publicada sobre esse passado.

Optar por não atribuir um nome fictício ao nosso município – posto etnográfico de produção dos nossos dados – é resultado do próprio trabalho de campo. Enquanto entre contínuas interações entre pesquisadora e pesquisados se articulava certo interesse pela economia local o que aparecia e se repetia era uma memória coletiva ligada a um passado de progresso não concretizado. Os moradores estabelecidos nos traziam relatos de quando *Lavínia chegou a ter mais de 20.000 habitantes; tinha até uma loja Pernambucanas no centro da cidade, as praças ficavam lotadas*<sup>87</sup>. Ressurgiam das narrativas de seus habitantes mais

---

<sup>84</sup>Lembrando que nos remetemos à obra de John Scotson e Norbert Elias (2000) “Os estabelecidos e os *outsiders*” em que o mecanismo de distinção entre grupos de vizinhos praticamente homogêneos no sentido de raça, etnia e classe social é feita segundo a antiguidade em que vivem numa pequena comunidade de proletários da Inglaterra.

<sup>85</sup>Também como produto da pesquisa de campo tivemos acesso ao livro da Maria Nívea Pinto (2005) uma historiadora *nascida e criada* na cidade de Lavínia-SP quem chegou a lecionar nos contextos rurais se aposentando como professora num ilustre colégio da cidade de Campinas-SP.

<sup>86</sup>Registro de trabalho de campo do dia 5 de maio de 2021.

<sup>87</sup>Trechos de entrevistas gravadas durante o período do Campo I.

antigos a nostalgia da prosperidade de outrora. Prosperidade que atualmente se materializa em ruínas.

**Figura 12: Ruínas da sede da Fazenda Franco de Mello em Lavínia-SP.**



Fonte: Arquivo pessoal

A cidade de Lavínia-SP está no alto de uma colina ao extremo oeste do estado de São Paulo “ao norte com Araçatuba; ao sul com Flórida Paulista e Pacaembu; ao leste com Valparaíso e a oeste com Mirandópolis a 598 quilômetros de distância da capital paulistana pela Rodovia Marechal Rondon (SP-300)”<sup>88</sup>. A cidade está mais próxima da divisa com o estado de Mato Grosso do que com a capital São Paulo. Segundo dados do IBGE<sup>89</sup> o PIB da cidade para o ano de 2020 ainda é mais elevado para o setor da agropecuária demarcando um território entremeado pelas culturas do rural e urbano.

Lavínia-SP logra sua emancipação político-administrativa no ano de 1945 decorrente de certo investimento por parte da família *Franco de Mello* considerada fundadora da cidade<sup>90</sup>. Seu fundador, o Coronel Joaquim Franco de Mello realmente chegou a falecer no

---

<sup>88</sup>Dados do município retirados da página *online* da Prefeitura Municipal de Lavínia-SP. Disponível em: <https://www.lavinia.sp.gov.br/portal/servicos/1003/dados-geograficos/> Acesso: 12 de janeiro de 2023.

<sup>89</sup>Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/lavinia/pesquisa/38/46996?indicador=47022&ano=2020> Acesso em 01 de setembro de 2023.

<sup>90</sup>Segundo Maria Nívea Pinto (2005) não havia na região exata onde Lavínia-SP foi instalada a presença de populações indígenas e mais bem tratava-se de mata fechada. Entretanto, sabemos que o oeste paulista reserva forte tradição e presença do povo Kaingang. Para informações a respeito ver: Rodrigues, 2016. A verdade é que



ano de 1937. A partir daí, seus filhos continuaram manifestando interesse pela cidade que recebera o nome da mãe, mantendo uma ativa participação na política local até início da década de 1980. Um dos filhos do casal, o advogado referenciado localmente como Doutor Rubens Franco de Mello foi o primeiro prefeito eleito em Lavínia-SP no pleito de 1948 a 1952. Voltou a repetir mais um mandato entre os anos de 1965 a 1968. Segundo relato de nossos interlocutores *Dr. Rubens gostava de pobre*<sup>91</sup> sendo o herdeiro que mais participou da vida pública na cidade.

**Figura 13: Um filho ilustre de Lavínia.**



Ato de posse do 1º Prefeito eleito de Lavínia - Dr. Rubens Franco de Mello - 01/01/1948

Fonte: Memorial dos Municípios<sup>92</sup>

A residência principal da família Franco de Mello se localiza na capital paulistana, no atual número 1919 da Avenida Paulista<sup>93</sup>. Portanto, a vida dos fundadores da cidade de Lavínia-SP funcionava de forma híbrida entre os espaços rurais e urbanos, mobilidade entre o tradicionalismo da oligarquia cafeeira e o marco da industrialização e do capital financeiro que é justamente a representação da Avenida Paulista na capital São Paulo. Esses significados eram acionados de forma distintiva: de um lado a genealogia ligada ao sobrenome que

---

não nos aprofundamos nesta parte histórica, mas reconhecemos a importância de deixar registrado que ela não começa com o café, embora seja este o momento culturalmente atualizado pelos moradores desta cidade, o que assume significado na prática.

<sup>91</sup> Anotações de caderno do Campo I entre os meses de janeiro a julho de 2021.

<sup>92</sup> Disponível em: <https://www.memorialdosmunicipios.com.br/index.php/igarapava?p=lavinia/igarapava> Acesso em 02 de fevereiro de 2023.

<sup>93</sup> De Carvalho et al. (2015) nos apresenta um projeto de restauro que transformaria a Residência Franco de Mello na sede do Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual do Estado de São Paulo, entretanto por decisão do então governador João Doria a casa seria a sede do Museu da Gastronomia.

garantia certos laços familiares e capital simbólico; de outro, a inovação da civilização urbana voltada para os novos costumes importados da Europa introduzindo o individualismo de um capitalismo liberal que viria a se refletir na modernização da agricultura.

Na década de 1980 o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueologia, Artístico e Turístico (Condephaat) abriu 32 processos de tombamento na Avenida Paulista causando uma reação polêmica entre os proprietários que organizaram uma série de demolições da noite para o dia, sendo que o palacete dos Franco de Mello foi um dos poucos sobreviventes na atual representatividade arquitetônica daquela época. O prédio corresponde à primeira urbanização da capital paulistana. A família Franco de Mello aparece em muitas notícias de jornais protagonizando um embate jurídico exigindo a revogação da decisão de tombamento feita pelo poder estadual. Nosso personagem anterior, o Dr. Rubens Franco de Mello aparece em notícia do Jornal Folha de São Paulo no dia 25 de agosto do ano 2000, quem supostamente receberia uma indenização de R\$ 55 milhões de reais da Fazenda do Estado.<sup>94</sup> Não encontramos notícias sobre o desfecho deste processo jurídico pelo qual a Fazenda do Estado de São Paulo recorreu alegando que o valor pedido pelo herdeiro era muito maior do que o imóvel valia em realidade.

Renato Franco de Mello é neto do casal fundador da cidade de Lavínia-SP e filho do Dr. Rubens; morou no casarão da Avenida Paulista até o ano de 2019 quando veio a falecer. Ele aparece em uma entrevista para o Sesc São Paulo numa série intitulada “Personagens da Paulista” realizada no ano de 2018 mostrando o palacete por dentro em verdadeiro estado de decomposição<sup>95</sup>. Mesmo naquela imagem desbotada aparecem fragmentos figurativos desta confusão entre o urbano liberal e o rural tradicional. Ele mostra entre as coisas das quais mais se orgulha gravuras de Erté firmadas e datadas assim como um banco de sacristia feito em jacarandá do século XIII. Renato Franco de Mello também é motivo de reflexão quando aparece numa reportagem da revista Piauí em maio de 2015 sob a manchete “Herdeiro abre palacete contra Dilma”; contando detalhes de uma festa organizada por ele pelo motivo de unir amigos “empresários, artistas e intelectuais” contra o governo da então presidenta Dilma Roussef. Nesta notícia tomamos conhecimento do motivo pelo qual o herdeiro permanecia

---

<sup>94</sup>Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2508200023.htm>> Acesso 25 de junho de 2023.

<sup>95</sup>Existe também um *blog* criado por Luciana Cotrim intitulado “Série Avenida Paulista: casarões e edifícios” onde aparece o casarão dos proprietários Coronel Joaquim Franco de Mello e Lavínia Dauntre Salles de Mello como um entre os 5 que ainda existem na capital paulistana e que foram tombados como Patrimônio Cultural. Sendo possível encontrar o vídeo desta entrevista feita pelo Sesc com Renato Franco de Mello. Disponível em: <<https://serieavenidapaulista.com.br/2019/11/27/franco-de-mello-um-dos-primeiros-e-o-ultimo-casarao-da-avenida-paulista/>> Consulta: 15 de janeiro de 2023.

habitando aquele casarão alegando que o tombamento feito pelo Governo do Estado de São Paulo havia desvalorizado seu imóvel e estava à espera de uma indenização de 110 milhões de reais<sup>96</sup>.

**Figura 14: Palacete Franco de Mello da Avenida Paulista.**



Fonte: São Paulo Antiga<sup>97</sup>

Com isso, Lavínia-SP se constituía como cidade agrícola com o olhar voltado para a capital São Paulo. Temos, portanto, na figura da família fundadora da cidade de Lavínia-SP o convívio entre morais capitalistas e tradicionalistas. Assim sendo, aquilo que é novo viria de fora assim como a distância com a capital se encurtaria através da memória coletiva pautada naquela família. Nesta direção, nossos entrevistados que se destacaram por completar graduação em nível superior e ocupar melhores cargos no poder administrativo municipal, cursaram universidades em São Paulo, onde chegaram a morar por algum tempo. Assim como os dois prefeitos que apareceram ainda em nossa dissertação de mestrado voltaram para Lavínia-SP após longa estadia na capital paulistana onde supostamente adquiriram interesse pela política (Luz, 2019).

Retomamos ao artigo de Joana De Carvalho *et al.* (2015) porque é de fato muito interessante e resulta ser onde mais fatos sobre a Lavínia Dauntre Salles de Mello aparecem. Entre eles temos dados de que ela chegou a procurar uma profissão no magistério. Esse

<sup>96</sup>Conforme notícia da Revista Piauí de 2015 o edifício foi tombado no ano de 1992. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-grito-do-casarao/>> Acesso 2 de março de 2022. Renato Franco de Mello morre no ano de 2019 e a representação noticiada para descrever sua relevância era como “neto do barão do café”. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cidades/dono-casarao-paulista-morre/>> Acesso 2 de março de 2022.

<sup>97</sup>Disponível em <https://saopauloantiga.com.br/franco-de-mello/> Acesso: 02 de abril de 2022.

projeto foi abandonado após o casamento se dedicando exclusivamente ao cuidado da família e dos filhos. Também aparece a ausência de Lavínia Dauntre Salles de Mello em colunas sociais dos jornais da época, a não ser em eventos fúnebres, enquanto o Coronel Joaquim Franco de Mello estava sempre presente em “festas de aniversário e exposições de arte”.

Na gênese da cidade de Lavínia-SP temos uma terra desbravada, desmatada, explorada e tornada feminina (McClintock, 2010). Porém Lavínia Dauntre Salles de Mello carregava consigo forte capital simbólico garantido pelo peso do seu nome e sobrenome. O que certamente influenciou a decisão da família Franco de Mello ao embargar suas terras em Lavínia-SP proibindo a venda delas até chegar em sua quinta geração, ou seja, apenas os trinetos estarão judicialmente aptos para vender suas propriedades. Fenômeno que aprendemos com as pensadoras do feminismo negro é que nem toda mulher é igual e entre elas se articulam representações distintivas de classe/raça/gênero<sup>98</sup>; da mesma forma com que Joan Scott (1995) já nos alertava de que gênero não é sinônimo de mulher tratando-se de uma categoria útil para se ler a história.

Lavínia Dauntre Salles de Mello é a imagem da representação que a cafeicultura detém no Brasil. Segundo Fernando Henrique Cardoso (1960, p.474) o maior impulso da cultura cafeeira para a industrialização do estado de São Paulo se deu através da aceleração da lavoura de café mediante sua nova ocupação no “Oeste Paulista”, do qual destacamos a seguinte passagem em seu artigo:

Em primeiro lugar a plantação nas terras férteis do “Oeste” deslocou o eixo econômico do café, antes localizado no vale do Paraíba, e com isso fez surgir novos centros de distribuição do produto. Santos substituiu inteiramente os portos do litoral norte paulista, e mesmo do Rio de Janeiro como ponto estratégico para o escoamento do café. A nova rota econômica passou a favorecer diretamente o entrosamento da cidade de São Paulo na economia cafeeira, o que, obviamente, foi de fundamental importância para o crescimento urbano da capital paulista. Esse por sua vez, criou necessidades de consumo, incentivando o processo de industrialização: a análise da estrutura da indústria paulistana mostra que ela repousava grandemente em pequenas oficinas e fabriquetas voltadas diretamente para a satisfação das necessidades imediatas da população no vestuário, na alimentação, nos implementos domésticos, etc.

A nova rota econômica ocasionada pela expansão do café no oeste paulista foi acompanhada de uma racionalidade inovadora na qual grandes fazendas se dividiam em múltiplos núcleos administrativos de maior complexidade e com maiores agentes econômicos

---

<sup>98</sup>Aqui estamos pensando no livro *Anseios da bell hooks* (2019) e no trabalho sobre interseccionalidade da Patricia Hill Collins (2022). Acreditamos necessário destacar que apenas nos introduzimos no pensamento do feminismo negro e na luta antirracista tendo ainda muito o que aprender com as mulheres negras e produtoras de conhecimento.

envolvidos sendo mais parecidas a empresas. Cardoso (1960, p. 475) afirma que “o espírito capitalista, o afã de progresso do paulistano” “encontra suas raízes históricas na cafeicultura do Oeste Paulista”, e sem este espírito “São Paulo não seria o grande centro industrial que é hoje”.

**Figura 15: Lavínia Dauntre Salles de Mello.**



A mão que endireita é a mesma que afaga. A dupla ação da mãe, que disciplina e acolhe, pode ser lida na astuciosa composição da cena criada pelo fotógrafo. É clássica a ordenação dos corpos, em que Lavínia figura sentada, o filho mais novo sentado em uma banqueta à frente e os mais velhos em pé, um em cada flanco. Estar sentado enquanto outros estão em pé é **tradicional sinal de hierarquia**, de respeito, poder e ancianidade. **Lavínia não é só o centro da foto, mas toda a organização da imagem remete a seu caráter como mãe e virtuosa administradora do lar.** (De Carvalho *et al.*, 2015, p.42 – grifo nosso)

A leitura que De Carvalho *et al.* (2015) nos oferece da foto de Lavínia Dauntre Salles de Mello com seus três herdeiros é muito representativa de uma moral tradicional que sobrevive ainda na atualidade sobretudo em direção ao gênero feminino ou às atribuições de um “caráter como mãe e virtuosa administradora do lar”. Dessa forma, o que nos interessa resgatar do artigo é justamente a constituição de duas moralidades que confluíram no surgimento de Lavínia-SP enquanto cidade. Temos, nesta direção, duas premissas para esclarecimentos feitos ao longo da construção deste segundo capítulo. A primeira delas diz respeito à configuração de uma cidade que valoriza uma moralidade familiar tradicional ainda ligada aos sobrenomes de origem. Segunda premissa, o fato de que essa mesma cidade esteja sempre de olhos voltados para as novidades que virão de sua capital São Paulo.

Durante nosso Campo I quando entrevistamos moradores estabelecidos de Lavínia-SP notamos estarmos diante de pessoas extremamente observadoras, atentas aos detalhes daquelas outras pessoas que vêm de fora. Os olhares dos moradores de Lavínia-SP para quem vem de fora é extremamente fixo, silencioso e contínuo, chegando ser até constrangedor. A observação é persistente enquanto a interação oral é evitada, e quando esta última acontece revela-se envergonhada. Assim sendo, nos deparamos com um movimento controverso entre resguardo da tradição e certo desejo pela novidade.

Atualmente o que vem da capital São Paulo é prisão. As elites agrárias do oeste paulista mais uma vez moveram suas fronteiras em direção ao estado do Mato Grosso chegando ao Amazonas (Tafner, 2015). Assim os olhos se voltam para aquilo que governo estadual/federal esteja oferecendo como aparece no seguinte fragmento de entrevista.

Eu fico com a idade que eu tenho hoje muitas vezes pensando que o administrador municipal ou até mesmo os vereadores que trabalham no legislativo ficam numa estreita dependência do governo estadual e do governo federal, se o governo estadual ou federal acena que vai dar um recurso para uma obra eles vão e pegam aquele recurso, e não podem desviar para outra. Como se as prioridades do município quem soubesse fosse o governo federal, fosse o governo estadual, mas é ao contrário, nós é que convivemos no município, é que nós sabemos se está faltando atendimento médico ou se está faltando uma profissionalização das pessoas para terem um trabalho (Alberto Caeiro *nascido e criado* em Lavínia-SP).<sup>99</sup>

No imaginário local daquele progresso não consagrado persiste uma moralidade atenta ao que a oligarquia cafeeira representava como analisado na figura da mulher que deu seu nome à cidade. Olhando para o passado nos termos do nosso tempo presente notamos que existe forte persistência das representações culturais tradicionais em contraste com aquilo que representa a capital. Reforçamos essa noção para pensar no atual fluxo ocasionado pela prisão, Lavínia-SP se transformou em uma cidade de homens que recebe visitas ocasionais, e ao mesmo tempo contantes, de mulheres. Ou seja, temos os homens que compreendem a população carcerária e suas mulheres familiares localizadas enquanto as visitantes da cidade. Uma cidade com nome de mulher e visitada por mulheres. Essas mulheres, as quais se movimentam a cada final de semana, flutuam pela cidade na representação daquilo que não é permanente. Aqui, nos deparamos com o oposto da figura feminina representada por Lavínia Dauntre Salles de Mello enquanto imagem imaculada construída para perdurar no tempo, sentada, fixa e posta ao centro. Lavínia Dauntre Salles de Mello além da imagem daquilo que se deseja perdurar como feminino também é a personificação de uma era econômica ligada ao estilo do café, o progresso de tipo ideal.

---

<sup>99</sup>Fragmento de entrevista gravada no dia 05 de maio do ano de 2021.

Mesmo que estejamos diante de uma economia política fortemente marcada pelo gênero, vemos claramente como não estamos falando das mesmas mulheres e sim de toda uma estrutura simbólica de poder que é resgatada pelos moradores estabelecidos como espécie de lembrete de uma soberania que as ruínas materializam enquanto falida. Essa parede que vem sendo levantada com o resgate de um passado glorioso é justamente uma moralidade que situa a figura da mulher esperada, aquela que ocupa o centro da imagem, que veste seus filhos com roupas brancas em demonstração de limpeza, que ocupa o lugar da casa ao invés dos espaços públicos e que se dedica ao trabalho de criação dos filhos (todos eles homens). Símbolo daquilo que deu certo. Uma oposição clara com as mulheres familiares de pessoas encarceradas que visitam Lavínia-SP. Quando falamos de parede física estamos pensando no conceito trabalhado por Sara Ahmed (2022, p. 235):

Dar de cara com paredes nos ensina que as categorias sociais precedem o encontro físico e definem, em um piscar de olhos, como determinado corpo vai aparecer e ser percebido. É aqui que as coisas se tornam reais. Temos maneiras de nos contrapor aos argumentos de que gênero e raça não são materiais, ao contrário de classe, um raciocínio articulado com tanta frequência que parece uma parede a mais, mais um bloqueio que nos impede de passar. As paredes são evidências, precisamente, da materialidade da raça e do gênero; ainda que, como é de se esperar, apenas algumas pessoas deparem com sua materialização.

Fomos de encontro com a imagem feita para durar no tempo da Lavínia Dauntre Salles de Mello em diálogo com as mulheres “vulgares” familiares de pessoas encarceradas e visitantes da cidade enquanto complexo prisional que atualmente é. Ambas aparecem na pesquisa empírica como estruturantes da cidade; a primeira na representação de um território que no passado foi economicamente glorioso, e as demais adentram o terreno do *mal necessário*. Assim posto como exigência do próprio campo fomos convidadas a pensar sobre as relações de poder que conectam gênero/classe/raça.

### ***O contraponto das raças***

Em ocasião informal, conversamos com uma moradora do município vizinho, Mirandópolis-SP, que se identifica com a origem nipônica e é responsável pelo templo local onde são oferecidas comidas típicas alguns sábados do mês. Ela declara referindo-se às mulheres visitantes das prisões da região: *é que é raça diferente da gente*<sup>100</sup>. De fato, raça

---

<sup>100</sup>Fragmento relativo ao período de Campo 1. Conhecemos esta mulher através de Margarita porque ela realiza massagens terapêuticas com conhecimento da medicina oriental o que vinha ajudando em suas dores crônicas.

aparece como adjetivo empregado em Lavínia-SP na descrição literal das diferenças entre grupos locais, e não constitui clivagens apenas entre estabelecidos e *outsiders* (Elias e Scotson, 2000) mas trata-se de categoria inserida na leitura que a população local faz a respeito do uso assíduo dos sobrenomes. Estamos diante de uma cidade habitada por antigos imigrantes onde a raça aparece como sinônimo de nacionalidade, assim temos os japoneses que são diferentes dos italianos, ambos não necessariamente são lidos como brancos.

Atualmente, como o exemplo do atual prefeito de Lavínia-SP, de origem japonesa que se destaca na produção de cana-de-açúcar, os moradores estabelecidos são em sua maioria descendentes de imigrantes que ainda na atualidade são produtores rurais; de pequeno a médio porte. Eles são reconhecidos localmente como *sitiantes*. Os descendentes nipônicos foram importantes para uma revalorização da agricultura local em meados dos anos de 1980 através do plantio da cebola, como fica registrado na reflexão de Pedro abaixo.

Eu nasci em 1967 e levava uma vida normal de criança do interior. Comecei a trabalhar com 13 anos ajudando o meu pai. Dos 13 aos 18 anos fui trabalhar com ele porque a cidade era escassa de emprego. Depois eu tive, por conta de que não tinha oportunidade aqui, eu fui embora. Mas nesse período, dos 13 aos 18 anos, porque a cidade era voltada basicamente para a agricultura né; tinha especificamente o cultivo da cebola. Essa foi a época de ouro aqui da cidade. A cidade aqui dentro do estado era conhecida como a terra da cebola. (Pedro, *nascido e criado* em Lavínia-SP)<sup>101</sup>.

Meados da década de 1980 também consiste no período em que o cultivo da cana-de-açúcar chega na região do extremo oeste paulista sendo que Lavínia-SP é a única cidade entre seus municípios vizinhos que não conta com uma usina de álcool, fato que gera forte lamento entre seus moradores estabelecidos. Outra das características apontadas por Fernando Henrique Cardoso (1960, 473) a respeito do sucesso de industrialização de São Paulo deu-se pela “mão-de-obra com que a cidade contou para o seu desenvolvimento foi recrutada em grande parte, também, entre os imigrantes trazidos para a lavoura cafeeira” que se transformariam nos operários das novas fábricas. Ruth Gilmore (2006) ao nos oferecer uma cartografia do complexo penitenciário da Califórnia rural nos Estados Unidos caracteriza os municípios que receberam prisões como etnicamente diversificados. É fato observado a existência de uma população que ainda se divide *entre raças*, principalmente *a raça italiana e a raça japonesa* enquanto expressão local operacionalizada pelos moradores estabelecidos em Lavínia-SP como forma de distinção.

---

Assim nos relacionamos com ela em vários encontros, tanto as mulheres familiares de pessoas encarceradas eram identificadas como uma raça diferente assim como ela mesma se sentia de uma raça diferente.

<sup>101</sup>Fragmento de entrevista gravada no dia 06 de abril de 2021.



A história é prática persistente na atualidade da cidade e se mantém viva através de hábitos localizados. Entre eles, os moradores estabelecidos se referem uns aos outros pelo sobrenome e não pelo nome; como exemplo “os Scalabrini”; “os Takeaki” ou “os Gonfiantini” entre outros. É comum ser questionada ou questionado com a pergunta: *você é filha de quem?* Seguida da explicação: *ah você é dos Scalabrini*, ou para o nosso caso *filha da dona da Pousada Sabiá*<sup>102</sup>. Ato igualmente acionado em Araçatuba-SP onde fizemos nossa pesquisa no acervo do Jornal Folha da Região. Lá sobrenome também era empregado como ferramenta de identificação e distinção social. De fato, observamos como naqueles jornais haviam seções especiais com fotos e sobrenomes das principais famílias da cidade; prática ainda bastante presente quando nos aproximamos de uma economia que valoriza a propriedade da terra. Um senso prático da elite cafeeira que foi propagado para toda a população do interior oeste paulista está relacionado com o sobrenome ligado a raça e propriedade da terra.

Quando olhamos para nosso campo de pesquisa estamos constantemente encontrando questões de gênero/classe/raça. Seguimos a pista do exercício heurístico proposto por Patricia Hill Collins (2020, p. 63) para pensar a interseccionalidade:

Por ser considerado muito associado aos grupos sociais subordinados específicos vistos como centrais para sua criação e crescimento, o campo de raça/classe/gênero também foi visto como possuidor de outro tipo de problema de especificidade. “Raça” significava pessoas negras, “gênero” significava mulheres e “classe” significava pessoas pobres. Ainda assim, raça/classe/gênero nunca argumentaram que seus conceitos estavam confinados a pessoas subordinadas – era perfeitamente possível estudar privilégios em categorias de raça, classe e gênero. Da mesma forma, raça, classe e gênero nunca foram concebidos para serem usados como uma lista fixa de entidades que poderiam ser aplicadas a qualquer momento e em todos os lugares. Em vez disso, raça/classe/gênero era uma heurística que apontava para outras combinações que não apenas eram possíveis, mas também mais adequadas a uma série de questões e contextos específicos<sup>103</sup>.

O processo de racialização local que é feito entre japoneses e italianos, principais imigrantes desta região à época do café, é bem diferente daquele que eles operam com as mulheres familiares de pessoas encarceradas e visitantes das prisões da cidade. Considerando que esse grupo de mulheres são negras, pardas ou procedentes de territórios periféricos correspondentes a traços culturais não brancos, elas trazem no corpo outros mecanismos de distinção. O que é imediatamente perceptível na categoria nativa *mulher de preso*, onde não existe nome e nem mesmo sobrenome.

<sup>102</sup>Registro no nosso período de Campo I realizado entre os meses de janeiro a julho do ano de 2021.

<sup>103</sup>Para o conceito de consubstancialidade recomendamos as obras de Danièle Kergoat (2003).

Voltando aos japoneses e italianos, com a ausência da participação da oligarquia cafeeira na atual vida prática da cidade foram os pequenos e médios sítiantes que assumiram a representação social, econômica e política de maior prestígio em Lavínia-SP. Oswaldo Truzzi, Maria Kerbauy e Agnaldo Barbosa (2012) realizam estudos sobre a participação na política de grupos de imigrantes do oeste paulista dando destaque a suas relações com a elite cafeeira, o enriquecimento advindo do café ou posse de diploma de nível superior como fonte de distinção dos demais imigrantes de seu mesmo grupo étnico. Segundo os autores o estado de São Paulo recebeu 60% da imigração que veio para o Brasil.

A diferença operacionalizada entre japoneses e italianos é correspondente aos atuais sobrenomes de maior reconhecimento na política e economia local. Por outro lado, as mulheres visitantes das prisões como constituintes de uma *raça diferente da gente*, conforme relatos de pesquisa de campo, deve ser compreendida no sentido do racismo estrutural atribuído a pessoas de cor ou que se distanciam dos hábitos da branquitude.

Ian Carrillo (2021) trata da racialização do trabalho nas usinas sucroalcooleiras desde uma perspectiva das organizações. Neste estudo ele observa como trabalhadores negros e pardos são destinados aos postos de maior risco de vida que é o corte da planta. Segundo os empresários do setor, manter os trabalhadores cansados seria mecanismo aplicado na contenção da provável criminalidade que poderia insurgir caso não existisse o trabalho pesado, como se estivessem lidando com pessoas potencialmente perigosas e que não pudessem estar ociosas. O autor concentra sua análise nas elites afirmando que:

As elites da cana estereotipam negativamente os hábitos culturais dos habitantes rurais não-brancos, com atitudes discriminatórias que informam uma visão de mundo que situam as pessoas não-brancas como socialmente aptas para as colheitas manuais (Idem, p. 6 – tradução nossa).

Na dimensão do trabalho mais precário neste âmbito rural temos que demarcar seu caráter sazonal. Assim os trabalhadores acabam sendo explorados por uma noção de produtividade medida por toneladas das plantas que foram cortadas e colhidas, quantidade que ignora as condições qualitativas referentes ao cotidiano na usina. A característica da realização de um trabalho de cunho sazonal, realizado em alguns períodos do ano, já estava, portanto, presente na cidade de Lavínia-SP enquanto parte estruturante de uma agricultura industrial e ainda enraizada num racismo estrutural formador da nossa sociedade. Que se materializa na criminalização do ócio dessas pessoas, aqui lembramos da importância do trabalho para a Família M., conforme o capítulo anterior, quando por ocasião da pandemia de

Covid-19 a ociosidade é imposta à família que se decompõe onde problemas de saúde psicossomáticos aparecem.

Outra dimensão dos nossos apontamentos de campo empírico apresentados no capítulo anterior e que valem ser lembrados é o fato da prisão representar uma oferta de trabalho correspondente ao funcionalismo público, o mesmo que já existia na instituição da Prefeitura Municipal. O funcionalismo público estabelece oposição ao trabalho sazonal desta agricultura mecanizada e proporciona aos trabalhadores uma visão e organização de futuro, dimensão temporal indispensável para a racionalidade nos termos da economia neoclássica assim como estimuladora da poupança e acúmulo de capital.

Certa vez ouvimos dizer que a prisão enegrece todos os que estão ao seu redor. Apreciamos a reflexão feita pelo Ian Carrillo (2014; 2017) porque a relação entre cor da pele e criminalidade é feita através de hábitos culturais, os quais, se evidenciam em momento de ócio. Algo que nossa pesquisa de campo encontra numa forma de acomodação de significado voltado para a intermediação das relações entre os moradores de Lavínia-SP e mulheres familiares de pessoas encarceradas que passam como de costume pela cidade. Os moradores estabelecidos de Lavínia-SP, ainda mais por motivo da paralização das visitas presenciais aos presídios da cidade por conta da pandemia de Covid-19, entre os anos de 2020 e alguns meses de 2021, estavam *sentindo falta* do circuito das mulheres familiares de pessoas presas. Este é um achado e fato da sociabilidade local. Observa-se que essa expressão “sentir falta” está totalmente enraizada nas relações de mercado e continua sendo negada em outras dimensões da vida social. Principalmente neste circuito de ócio local que começa ocupar espaços tradicionais abaixo da linha do trem.

Nós tínhamos que negociar com o governo que ao implantar o presídio nós tivéssemos nossas ruas com toda infraestrutura necessária, que nós tivéssemos escolas para que pudéssemos orientar nossas crianças. Que a vida não seria nociva. Nós temos que aprender a conviver com tudo nessa vida. Tudo nessa vida nós temos que aprender a conviver. Não é viver é conviver! (Alberto Caeiro *nascido e criado* em Lavínia-SP)<sup>104</sup>.

Quase sem querer Alberto Caeiro esclarece em sua fala algo muito presente na sociabilidade entre moradores estabelecidos e mulheres familiares de pessoas encarceradas, o que se traduz em: *não é viver é conviver*. Elas estão ali, mas não precisam fazer parte da vida dos moradores da cidade.

---

<sup>104</sup>Fragmento de entrevista gravada no dia 05 de maio do ano de 2021.

### *Os usos da cidade e a criação dos espaços exclusivos*

De um lado, na acomodação de significados para a presença das prisões os moradores estabelecidos distanciam a instituição das noções de criminalidade e violência. Porém, de outro, ao acionar um movimento que vai no sentido de reconhecimento de que *as visita* (expressão local que aparece em singular) das mulheres familiares de pessoas encarceradas não correspondem a um aumento de crimes na cidade não exclui a marcação das diferenças que assumem principalmente argumentos culturais ligados aos costumes e tradições destas mulheres que se distanciam da Lavínia Dauntre Salles de Mello. Ao mesmo tempo surge essa ideia de purificação e de evitar os horários em que elas frequentam os mercados como forma de evitar a poluição na interação:

(...) O povo que vem de fora não amola ninguém. Amola assim, tipo assim ó; você vai numa fila do Bradesco elas fura, elas cortam na sua frente e você fica quieto, você vai no mercado e elas cortam na sua frente você fica quieto, você não pode falar nada. Também se você quer fazer sua despesinha faz na quarta-feira, na quinta-feira cedinho, isso quando vinha visita, depois disso é deles, a cidade é deles! Eu acho que com tudo tem que se adequar né, mas do resto. Foi a melhor coisa que veio pra gente foi isso daí, tem tanto nego aí ganhando dinheiro com esse negócio de penitenciária, e ganha dinheiro mesmo, se não fosse esse negócio de pandemia estavam ganhando até agora. (Inácio, *nascido e criado* em Lavínia-SP)<sup>105</sup>.

Notamos, portanto, como as mulheres familiares de pessoas presas que passam pela cidade de Lavínia-SP realmente são desejadas para as relações de mercado, em qualquer outro caso o distanciamento que é operado e atualizado vem da ordem do arbitrário cultural (Nogueira, 2017)<sup>106</sup>. Elas são diferentes no sentido de como se comportam e não mais pelo motivo prisão que as trouxeram até a cidade. Existe em Lavínia-SP um esforço cotidiano de apagamento dos significados que uma prisão pode dar para sua cidade, e neste caso o tema economia opera a justificativa que melhor se adequa. Como se o mercado de fato tivesse o poder de apagar os conflitos de classe/raça/gênero.

Dessa forma vimos como toda a parte representativa daquele passado resgatado oralmente pelos moradores estabelecidos se localiza distante do atual fluxo penitenciário<sup>107</sup>.

<sup>105</sup>Fragmento de entrevista gravada no dia 19 de abril de 2021.

<sup>106</sup> Acreditamos que o conceito de arbitrário cultural está implícito em nossas descrições etnográficas. Entretanto aqui resumimos parte do que Maria Alice Nogueira (2017, p.36-38) produziu para compor o *Dicionário Bourdieu*. A classe dominante de um espaço social específico seria capaz de impor sua cultura às demais classes, o arbitrário se encontra no fato de que esta dominação se camufla e não é apresentada enquanto um conflito de classe social.

<sup>107</sup> Como mencionamos no capítulo anterior a cidade é dividida entre as partes acima e abaixo da linha do trem, onde a primeira reserva uma população voltada aos costumes do plantio na terra e a segundo cresce em direção às penitenciárias e ao município vizinho de Mirandópolis.

Onde se encontra uma escola, um centro de eventos e uma lanchonete recém-inaugurada no ano de 2019 transformada em restaurante de comida japonesa a finais do ano de 2021. Espaço ao qual estamos nos referindo como centro tradicional, aquele onde se localiza a casa da Família M. na Avenida Lavínia. O restaurante de comida japonesa foi fundado por uma jovem moradora de origem nipônica e seu noivo, um agente penitenciário que até então estava à espera de sua transferência para a cidade de Lavínia-SP, e juntos começaram o novo empreendimento comercial. Na finalização do nosso Campo I ainda não existia este restaurante, mas tivemos oportunidade de frequentar em nosso Campo II e observamos grande sucesso de tal empreitada; os frequentadores e frequentadoras são todos e todas moradores estabelecidos de Lavínia-SP ou de municípios vizinhos. As mulheres familiares de pessoas encarceradas com as quais convivemos na cidade nunca frequentaram esse restaurante. Antes do restaurante esta jovem moradora estabelecida fazia bolos/doces consumidos pelas mesmas mulheres que hoje não frequentam seu restaurante. Elas levavam esses bolos para o interior das prisões e essa jovem foi uma das nossas interlocutoras para a dissertação de mestrado, quem ganhava dinheiro com o *turismo penitenciário* (Luz, 2019).

Segundo nos relata os membros da Família M. antes do restaurante de comida japonesa a lanchonete que havia sido inaugurada foi pensada como refúgio, um lugar apenas para moradores estabelecidos da cidade e distante do atual circuito das mulheres visitantes das penitenciárias. De fato, a princípio o nome do estabelecimento era *Recanto dos Amigos*. Conforme relato de Pedro, abaixo, é possível constatar a atual divisão espacial desta parte da cidade em representação deste passado reconhecido pelos moradores *nascidos e criados* em Lavínia-SP.

De primeiro a cidade era pra ser ali na Vila das Flores e aqui não era para ser centro, porque ali naquela região era pra ser o centro da cidade nas terras do fazendeiro que fundou a cidade; onde começou a cidade. Mas não sei o que aconteceu que o centro veio tudo pra cá. Aí ficou um tanto quanto esquecido. Mas é por uma questão jurídica mesmo porque aquilo ali era tudo uma fazenda só. Ali a maioria das casas não tem escritura, é tudo usucapião. Tem gente que tem mais de 50 anos morando ali então o pessoal vai adquirindo aqueles pedaços de terra, aí o prefeito que até é o atual foi asphaltando aquela região porque até muito pouco tempo não tinha nem asfalto ali. (Pedro, morador *nascido e criado* em Lavínia-SP).

Hoje há um certo resguardo entre os itinerários dos moradores estabelecidos em oposição às mulheres familiares de pessoas presas e visitantes da cidade. Dessa forma, o que deveria se constituir como a parte mais pobre da cidade, por conta da ausência de escrituras públicas dos imóveis, atualmente vem sendo resgatada como espaço de um circuito diferenciado para uso exclusivo dos moradores estabelecidos da cidade de Lavínia-SP,

condição que frisamos no primeiro capítulo e retomamos neste por conta de ser a grande novidade na cidade.

## 2.2. A natureza como mito destruidor

A família Franco de Mello compõe a visão de mundo local enquanto portadora do progresso, porém quando o fracasso econômico é interpelado a natureza então aparece. Há um acontecimento histórico que se repete entre as entrevistas e interações realizadas com os moradores estabelecidos em Lavínia-SP.<sup>108</sup>

“Em 1975 a geada que acabou com a era do café” conforme relato de Alberto Caeiro *nascido e criado* na cidade, evento natural que queimou toda a lavoura da região oeste do estado de São Paulo. A geada de 1975 é sempre lembrada e resgatada como marco temporal da principal virada econômica da cidade<sup>109</sup>. Carmen nossa vizinha de frente com a casa da Família M. – conforme relatamos no capítulo anterior – chegava a nos dizer: *foi a época em que dormi rica e acordei pobre*.

Sérgio, morador que tivemos oportunidade de entrevistar, trabalhou junto de seu pai na fazenda dos Franco de Mello. Entrevistamos Sérgio no sofá da sua casa sentado ao lado da sua esposa quem também participava das respostas. Sua residência representa muito bem essa parcela da população de trabalhadores das antigas lavouras de café que continuam na cidade: construção feita em madeira de Peroba considerada símbolo da região que se destaca por sua resistência. Tanta Peroba tinha em Lavínia-SP que antes de receber a homenagem de se chamar pelo nome de sua primeira dama havia sido batizada de Distrito do Perobal (Pinto, 2005); conforme expressa Alberto Caeiro: *a nossa mata ela oferecia árvores de um porte muito alto e de uma estrutura muito nobre*<sup>110</sup>. Sérgio relata como foi um dos responsáveis pelo desmatamento daquelas terras e abertura para o plantio e construção da cidade. Atualmente, assim como Mario, recebe uma aposentadoria por conta da idade. A mesma natureza que dava madeira para a construção da nova cidade era interpelada como responsável das incertezas do setor agrário.

---

<sup>108</sup>Lembramos que compreendemos por morador estabelecido aqueles que acionam a seguinte expressão *sou nascido e criado nessa cidade* destacando aspectos relativos à antiguidade como encontrado por Scotson e Elias (2000) em Winston Parva.

<sup>109</sup>Nas entrevistas os moradores destacam o evento destruidor da geada embora se contradigam em relação à data, aparece em seus registros orais os anos de 1974, 1975 e 1976.

<sup>110</sup>Fragments de entrevista gravada no dia 05 de maio de 2021.

Empiricamente notamos como, em Lavínia-SP, o desenvolvimento econômico é um fantasma do passado essencialmente interpelado pela ideia de progresso (McClintock, 2010).<sup>111</sup> Porém, quando os moradores estabelecidos constroem suas justificativas para o motivo deste progresso não realizado, não é a presença da oligarquia cafeeira antes são as intempéries da natureza a explicar o fracasso. Não é o objetivo dessa tese oferecer um estudo detalhado desta elite cafeeira que desaparece do cotidiano das cidades que fundaram no oeste paulista. Apenas apontamos como achado de campo empírico a resistência local para manter esse mito de progresso associado aos Franco de Mello.

A racionalidade capitalista empregada no cultivo do café possibilitou a existência de pequenas e médias propriedades em oposição aos grandes latifúndios (Marcondes, 2011). Uma das questões que nos trouxe César foi o fato de que todo comerciante bem-sucedido na cidade de Lavínia-SP é também um produtor agrícola; o dono do supermercado produz hortifrúti, o dono do açougue tem seu gado; a dona do restaurante suas criações de animais e assim por diante. Ou seja, os maiores comerciantes de Lavínia-SP são também donos de pequenas e médias propriedades de terra, ao que nos referimos como estabelecidos. Dessa forma nos deparamos com uma terra ainda produtiva e uma cultura agrícola ainda vigente. Ao contrário, como vimos para o caso da Família M. enquanto novos empreendedores na cidade sua fonte exclusiva de renda é o comércio local relacionado com as prisões da cidade e principalmente as aposentadorias concedidas por idade. Assim sendo, notamos que um dos efeitos das pequenas e médias propriedades é a diversificação da produção destinando uma porção de terra para o consumo próprio e local. Mesmo que o sentido de produzir na terra ainda se encontre presente na cidade de Lavínia-SP independentemente dos possíveis desastres naturais, este não é lido como suficiente para o desenvolvimento econômico local.

A questão da suposta geada de 1975 não diz muito a respeito da crise econômica que acabou com o cultivo do café na cidade de Lavínia-SP. Esse é um fenômeno natural recorrente no setor agrícola, em particular com o exercício da monocultura. Entretanto o que ela demarca é a ruptura de um progresso idealizado e não concretizado, uma espécie de mito destruidor. Nesta direção temos uma justificativa natural para o fim de uma era, ao mesmo tempo em que não se identifica o café enquanto produto que colocou a fronteira agrícola em

---

<sup>111</sup>Quando Anne McClintock (2010) nos alerta a respeito da cilada do pós-colonialismo elucida o modo em que o termo mesmo ao renunciar o estatuto linear da história replica essa mesma ideia de desenvolvimento ao dividir o tempo em pré-colonial, colonial e pós-colonial; demonstrando-nos a dificuldade de nos libertar de uma forma imperante de pensar que reflete inclusive em muitas das nossas tentativas críticas. A ideia de progresso consagra esta linearidade do tempo.

contínua expansão (Truzzi e Volante, 2019). Não existia barreira que segurasse a expansão deste produto agrícola por todo território paulista construindo cidades que antes não existiam e disputando territórios com povos indígenas. Havia na ação dos produtores de café completa indiferença com a natureza.

Ian Carrillo (2014; 2017; 2021) estuda a indústria brasileira do etanol desde uma perspectiva de diálogo entre a sociologia do meio ambiente e a econômica. O autor demonstra como foi na suposta alternativa à mudança climática que os principais investidores do setor encontraram formas para crescer seus negócios. O autor identifica um ganho ambiental eficiente através da suspensão das queimadas rápidas (prática dos trabalhadores rurais antes da colheita para facilitar o acesso ao caule da planta) o que evitaria uma quantidade considerável de gás carbônico liberado na atmosfera. A natureza é então apropriada como discurso para o desenvolvimento da mecanização na colheita da cana-de-açúcar.

A demanda por etanol começa no ano de 2003 no Brasil com a introdução de carros *flex* no mercado nacional. A partir de então o estado de São Paulo fez crescer sua produção de forma rápida e numa escala extraordinária se transformando na região que domina 60% do mercado de produção de cana-de-açúcar, etanol e açúcar. O pico das safras foi nos anos de 2008/2009 em plena crise econômica mundial (Rudorff *et al.*, 2010)<sup>112</sup>. Malgrado as crises ambientais associadas à produção agrícola, o setor da agricultura tem capacidade produtiva de grande escala nacional e internacional e opera mediante atuação em *lobbies* potentes. Os grandes proprietários de terra possuem legitimidade para serem ouvidos pelos principais poderes políticos e econômicos assim tendo suas demandas atendidas. Logo as intempéries da natureza desaparecem e as fronteiras agrícolas voltam a se expandir. A mesma natureza que aparece como responsável pelo fim de uma era é também fonte de riqueza de outra época.

A mesma natureza reaparece nas direções da economia regional ao final dos anos 2000, conforme nossa análise no acervo de um jornal local, agora ela é sinônimo de oportunidade de mercado no setor do turismo. O turismo se encontrava pelas redondezas marcado pelas nascentes do Rio Tietê identificadas por *rancho* como investimento privado ou *prainhas de rio* enquanto investimento público. Rancho são casas construídas na beira do rio e alugadas para férias ou datas comemorativas. O turismo também é demarcado por um trabalho de caráter sazonal. Dessa forma compreendemos como a população de Lavínia-SP

---

<sup>112</sup>Esses dados estão reunidos e publicados em base ao projeto Canasat, feito para mapear anualmente as áreas de cultivo da cana-de-açúcar na região Centro-Oeste do Brasil utilizando imagens de satélites. O monitoramento é feito dividido em três fases do setor: ciclo de crescimento; colheita e expansão do cultivo. Disponível em <http://www.dsr.inpe.br/laf/canasat/index.html> Consulta em: 01 de agosto de 2023.



foi capaz de relacionar o circuito prisional local com o turismo. Acomodam-se novos significados e novos costumes entre donos de grandes parcelas de terra e sua mudança de regime empregatício.

### ***Expropriação do campesinato e terra como indústria – explorar entre aspas***

*Eu ainda pensava de ver Lavínia usando do melhor que nós temos que é a terra* assim reflete Alberto Caeiro sobre o tempo presente da economia em sua cidade<sup>113</sup>. Mesmo quando esse morador estabelecido pensa nas possibilidades econômicas do atual complexo penitenciário vai em direção ao possível potencial da produção agrária local.

Nós ainda temos um rebanho bovino muito grande, nós não podemos esquecer que nossas pastagens produzem gado para corte e também produz leite. E o que acontece? Não posso deixar de destacar que as penitenciárias estão dando força, alavancando a cidade, e se soubéssemos explorar, digo explorar entre aspas, mais esse aspecto. O consumo de gêneros alimentícios que poderia ser produzido aqui, inclusive incentivando a produção, vamos falar do campo suíno, de verduras, seria espetacular porque nós teríamos condições de entregar para uma penitenciária. (Alberto Caeiro, *nascido e criado* em Lavínia-SP).

A escassez identificada pelos moradores de Lavínia-SP é em relação ao trabalho. Nesta direção encontramos reflexões de Moacir Palmeira (1989) referente à primeira onda de mecanização da produção agrícola nos anos de 1960 no sentido de que grande novidade atribuída aos processos de mudança social no ambiente agrário se encontrava naquilo que o autor definiu por *expropriação do campesinato*. O que mudaria não seriam as questões relativas à modernização da agricultura ou do êxodo rural – que estavam presentes na sociedade brasileira desde primórdios da década de 30 –, mas o regime interno do trabalhador rural. Se antes um trabalhador encontrava moradia numa propriedade de grande porte e quando demitido acabava buscando uma outra propriedade com o mesmo regime empregatício agora ele se encontra expropriado das relações sociais tradicionais que antes lhes asseguravam uma parcela de terra onde trabalhar. O que muda é o acesso à terra e as relações sociais entre trabalhadores e grandes proprietários.

Como vimos na reflexão de Alberto acima o potencial da cidade relativo à produção na terra ainda se manifesta enquanto possibilidade para o desenvolvimento econômico local, porém na prática encontramos na mesma figura dos Franco de Mello esta discrepância entre o

---

<sup>113</sup>Trecho de entrevista gravada no dia 05 de maio do ano de 2021.

poder de produção agrária e a propriedade da terra. Como fica plasmado no fragmento de entrevista abaixo.

Hoje dá pra contar nos dedos a quantidade de agricultores que continuam plantando, ou cebola, ou tem as pequenas propriedades que produzem os hortifrúteis. Então são pouquíssimas, se dá pra contar assim mais ou menos têm 4 ou 5 produtores que ainda existe no ramo da agricultura aqui. O restante agora é cana. O pessoal prefere arrendar pra cana porque economicamente é mais viável; ou cana ou pasto. (Pedro, nascido e criado em Lavínia-SP)<sup>114</sup>.

Pedro nos oferece a reflexão sobre a diminuição da atividade agrícola: *dá pra contar nos dedos a quantidade de agricultores que continuam plantando*. Atualmente o regime trabalhista é outro por ocasião da mudança dos grandes proprietários de terra para os principais núcleos urbanos. Como apontado por Pedro acima é preferível arrendar terra para as usinas e deixar por conta delas o tratamento direto com a colheita e com os trabalhadores. Os maiores proprietários de terra estão arrendando para a cana-de-açúcar assim não precisam se responsabilizar pelos vínculos empregatícios, com possíveis fiscalizações, o que termina sob responsabilidade dos gerentes das usinas.

Na década de 1980 um novo tipo de cultivo surge na cidade e recebe destaque na fala dos moradores estabelecidos, sendo este o plantio da cebola. Surge dos pequenos sitiantes de origem nipônica. Nos relatam com esperança uma época em que a agricultura da cidade renascia com muitos caminhões saindo da cidade com destino a todo território nacional carregados de cebola. Alguns sitiantes inclusive entraram em dívida com microcréditos para investir no cultivo. Mais uma vez, antes das prisões era a produção agrária que dava vida para a cidade e *o que alavancava a economia da cidade era a cebola. Muita gente enriqueceu e muita gente sustentou a família com o cultivo da cebola aqui*<sup>115</sup>. Temos pessoas com disposição para cultivar a terra, porém desprovidas das relações sociais com os proprietários de terra.

Na prática, a preocupação das usinas de etanol não é a questão ambiental, as principais preocupações são com os conflitos trabalhistas que surgem no momento de escolher sobre as formas de produção mecanizadas. Das principais perturbações nos altos cargos de gerência da indústria do etanol para a mecanização da produção de cana-de-açúcar se encontram: 1) movimentos trabalhistas da década de 1980 requerendo melhores condições salariais e de segurança no trabalho; 2) o aumento do salário mínimo e das regulamentações nos anos 2000 com os governos de Luís Inácio “Lula” da Silva (Carrillo, 2016; 2020; 2021).

---

<sup>114</sup>Trecho de entrevista gravada no dia 28 de abril de 2021.

<sup>115</sup>Trecho de entrevista gravada no dia 28 de abril de 2021.

A alternativa para evitar os problemas da lei trabalhista, por parte das usinas, foi a mecanização. A falta de emprego na cana-de-açúcar é senso comum em Lavínia-SP e todos sabem que a oferta de posto de trabalho exige um certificado de *operador de máquinas*. Como tão bem nos conta Seu Aristides, *nascido e criado* na cidade: *hoje aqui emprego é a prefeitura, depois é os agentes penitenciários e as usinas*<sup>116</sup>. As usinas aparecem em terceiro lugar depois da prefeitura e das prisões.

Estamos diante de uma oportunidade de mercado que se situa naquela região do extremo oeste do estado de São Paulo ao princípio de uma forma manual tradicional com vistas às possibilidades de industrialização futura. Podemos fazer certo parâmetro com a sociogênese da cafeicultura que Fernando Henrique Cardoso (1960) fez frisar em seu artigo sobre o café do oeste paulista enquanto necessário para a industrialização da capital São Paulo. Armando Tafner Junior (2015) investiga como o enriquecimento de algumas famílias no oeste paulista mediante presença das usinas sucroalcooleiras os levaram para a atual colonização da Amazônia, passando pelo estado do Mato Grosso, para assim introduzir a pecuária naquela região. Algo que já mencionamos anteriormente de como as fronteiras agrárias continuam expandindo.

Precisamos ter em mente que o caráter empregatício do setor sucroalcooleiro é tradicionalmente sazonal (Carrillo, 2016). Trabalhar em época de colheita e depois se encontrar desapropriado da terra são as características da produção agrária que atualmente encontramos em Lavínia-SP enquanto marcadora desta população com fortes traços rurais. Moradores abaixo da linha do trem que construíram suas casas em terras que ocuparam após acerto de salários atrasados, e que cultivam alguma coisa para consumo próprio, também se encontram à espera para o plantio da cana-de-açúcar, como nosso vizinho Bento quando habitávamos com a Família M. Cabe afirmar que quando falamos do setor sucroalcooleiro no Brasil estamos falando de indústria (Mundo Neto, 2015).

### ***O interior e as prisões***

Giani Silvestre (2012) analisa o processo de interiorização das prisões no estado de São Paulo desde um recorte histórico e demonstra como os moradores da cidade de Itirapina-SP valorizam um passado ligado à expansão da ferrovia local em resposta ao atual desenvolvimento regido pelas prisões. Esses moradores inclusive ignoraram a instalação de

---

<sup>116</sup>Fragmento de entrevista gravada no dia 28 de abril do ano de 2021.

sua primeira penitenciária ainda em tempos de ditadura militar enquanto mobilizaram forte resistência contra a vinda de sua segunda unidade prisional a finais da década de 1990. A contestação dos moradores das cidades do interior mais distante que receberam prisões é de interesse das pesquisas que se debruçaram sobre o tema da interiorização penitenciária em São Paulo (Silvestre, 2012; Sabaini, 2012; Zomighani Jr. 2014). Essas pesquisas exploram a atual configuração do estigma na relação entre moradores e mulheres familiares de pessoas encarceradas que visitam essas cidades, tema ao qual se concentram. De fato, nossos interlocutores em Lavínia-SP falam da resistência da população em ocasião da vinda de sua primeira penitenciária, no ano de 2002. Porém com o passar dos anos e com a inauguração de sua quarta unidade prisional no ano de 2019 o discurso é outro, hoje em dia os estabelecidos dizem: *sem visitante nossa cidade acaba; as penitenciárias estão dando força alavancando a cidade; hoje o comércio daqui de Lavínia vive em função dos empregos indiretos que a penitenciária provê*<sup>117</sup>.

Atualmente, no setor comercial destaca-se quantidade significativa de pousadas, um hotel de grande porte e a elevada presença de carros com placas da cor vermelha, identificação dos táxis, componentes daquilo que seguimos encontrando: um turismo de fundo que se instaura a partir do fluxo das prisões na cidade. Algo curioso foi ver que no pedido de um dos herdeiros Franco de Mello para que Lavínia-SP fosse reconhecida como município autônomo constava a existência de sete hotéis, e isso no auge do café. No ano de 1943 o “Dr. Raphael Franco de Mello” envia um requerimento à Revisão Administrativa e Judiciária do Estado alegando que havia na cidade de Lavínia-SP (Pinto, 2005, p.24):

- 7 máquinas de beneficiar arroz e 3 de beneficiar café;
- 1 das maiores máquinas de beneficiar algodão da Noroeste, a SANBRA;
- 5 grandes serrarias;
- 2 engenhos de produção de álcool;
- 26 casas comerciais; 8 barbearias; 7 hotéis; 4 padarias; 4 sapatarias; 2 selarias; 3 sorveterias; 3 postos de gasolina; 3 olarias; 3 farmácias; 3 médicos; 2 igrejas; 1 grupo escolar;
- 700 prédios e uma população de 12.000 habitantes;
- A produção de 1942 havia sido:
- 300 mil arrobas de algodão; 300 mil sacas de arroz; 30 mil metros cúbicos de madeira; 10 mil sacas de amendoim; 3 milhões de pés de café; 30 mil cabeças de gado;
- movimentação financeira da E.F.N.O.B: Cr\$ 17.644,10;
- imposto de indústrias e profissões: Cr\$ 143.872,50.

---

<sup>117</sup> Fragmentos de entrevistas gravadas em período de Campo I.

Além de nos demonstrar o esforço dos herdeiros para que Lavínia-SP fosse reconhecida como município autônomo notamos como a existência de 7 hotéis denota uma produção agrícola que também produzia certo fluxo de pessoas na cidade.

### 2.3. A consagração do *mal necessário*

A expansão interiorizada das prisões em municípios que supostamente fazem parte de um agronegócio em crise é considerada como *mal necessário*. Em um dos achados de nossa pesquisa de campo conhecemos o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de uma jornalista *nascida e criada* na cidade de Lavínia-SP, o qual, terminou com a produção de uma reportagem audiovisual inspirada no livro da historiadora nativa Maria Pinto (2005) já mencionada. Neste audiovisual, acessível via plataforma *YouTube*, é notável este mesmo percurso socioeconômico que também aparece em nossas entrevistas. Um trecho longo é dedicado à sociogênese aristocrática da cidade e em uma curta duração os participantes falam das prisões, bem ao final do vídeo. Nos últimos minutos do vídeo aparece um entrevistado dizendo: “as penitenciárias da Lavínia foi um *mal necessário*, Lavínia se reencontrou outra vez, está animada, onde era brejo é tudo casa construída”.<sup>118</sup>

Atualmente observamos aquilo que compõe a paisagem rural do extremo oeste paulista, e consiste principalmente em muita cana-de-açúcar com resquícios de uma pecuária – atualmente levada para os estados de Mato Grosso e Amazonas – e prisões do Estado ainda sendo construídas. É neste cenário que se concretiza o presente econômico da cidade de Lavínia-SP mesmo que os esforços estejam voltados para a celebração do que significou o café no passado. Tendo em vista que para o tempo futuro esta cidade não se imagina sem seu complexo penitenciário vemos, portanto, como de fato prisões se distanciam do progresso econômico de tipo ideal, entretanto se consagram como *mal necessário*.

Como vimos anteriormente encontramos na cana-de-açúcar grande fonte de lamento entre os moradores estabelecidos da cidade pelo motivo da ausência de uma usina de produção de etanol em Lavínia-SP enquanto seus dois municípios vizinhos, Mirandópolis-SP e Valparaíso-SP contam com pelo menos uma. Mesmo que as usinas sejam consideradas ineficientes na geração de emprego por conta da mecanização; mesmo assim é melhor tê-la do que não. Vamos notando quão importante é para os moradores estabelecidos de Lavínia-SP

---

<sup>118</sup>Audiovisual TCC Lavínia: uma visita ao passado (2017). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FxDR-Ix1C58&t=3s>> Acesso em: 10 de julho de 2022.

trazer indústrias para sua cidade e assim gerar emprego. Algo que fica bem formulado na explicação de Alberto Caeiro, um dos intelectuais da cidade e autor de diversos livros de poesia que chegou a ser prefeito no final da década de 1970.

Eu lutei para que viesse uma usina de álcool e açúcar porque não me conformava, e não me conformo até hoje, que nós não temos em Lavínia quando temos em Valparaíso, temos em Mirandópolis. Enfim, infelizmente você vai se deparar com uma coisa que as pessoas não gostam de falar, quando estava tudo acertado para termos uma usina aqui em Lavínia; o trabalhador ele não tem condição de investimento, quem podia investir e até chegou a colocar dinheiro no banco com o necessário para começar as obras eram os grandes proprietários que inicialmente não moravam na cidade, então você veja bem um socorro de quem mora fora da cidade<sup>119</sup>. (Alberto Caeiro, *nascido e criado* em Lavínia-SP).

Pensando num sentido social e econômico qualquer indústria que viria a Lavínia-SP bem-vinda seria, o caso é que não querem vir. Prisão, portanto, é comparada com indústria. Angela Davis (2020) já nos alertava a respeito desta acomodação de significado através do termo *complexo-industrial prisional*, o que permite a comunhão entre organizações públicas e privadas enxergando prisões como lucrativas aumentando o investimento e conseqüentemente contribuindo para o fenômeno do encarceramento em massa ao banalizar seus efeitos perversos. Na passagem de Alberto Caeiro acima vemos como em sua negociação para a instalação de uma usina de etanol na cidade teria que contar com *o dinheiro dos grandes proprietários os quais moram fora da cidade*. Existe um reconhecimento local de que investimento precisa vir de fora da cidade, e no caso das prisões temos a figura do Estado. Nesta direção apontamos o fato de que o estado de São Paulo não seja apenas o que mais investe em prisões, mas também o que mais investe em indústrias (Cardoso, 1960).

No ano de 1991 foi inaugurada a primeira penitenciária de Mirandópolis-SP, município vizinho de Lavínia-SP localizado a 7 quilômetros de distância. Existe uma estrada asfaltada que liga os dois municípios, sem necessidade de acesso via Rodovia Marechal Rondon<sup>120</sup>. Esse fenômeno promoveu um circuito mais fluido entre as duas cidades; isso implica as diretrizes atuais de urbanização marcada pela tendência de aproximação entre elas<sup>121</sup>. Atualmente em Mirandópolis-SP existem duas penitenciárias masculinas de regime fechado e um ARSA<sup>122</sup> somando 3.569 homens detidos em instalações superlotadas.<sup>123</sup>

<sup>119</sup>Trechos de entrevista gravada no dia 05 de maio do ano de 2021.

<sup>120</sup>A Rodovia Marechal Rondon é o maior trecho da SP-300 em direção oeste do estado de São Paulo que liga Lavínia-SP com a capital paulistana e todos os municípios vizinhos.

<sup>121</sup>A estrada colocada por dentro dos dois municípios foi inaugurada no ano de 1973 conforme notícia do acervo Jornal Folha da Região do dia 5 de abril de 1973 intitulada “Lavínia: Ampliada a Estrada Lavínia-Mirandópolis.”

<sup>122</sup>Abreviatura para Ala de Regime Semiaberto.

<sup>123</sup>Segundo dados disponibilizados na página *online* da Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo (SAP-SP). Disponível em: <<http://www.sap.sp.gov.br>> Consulta em: 17 de junho de 2022.

No caso da primeira penitenciária de Mirandópolis-SP o motivo apresentado foi a superlotação da Cadeia Pública de Araçatuba-SP e a necessidade do traslado dos presos. No início dos anos de 1990 as notícias em torno da temática carcerária concentravam-se nas rebeliões e descontentamento dos presos em relação direta com a superlotação das celas. Como exemplo, uma notícia do dia 8 de dezembro de 1994 na seção “Cidades” detalha uma revolta de presos na Cadeia Pública de Araçatuba-SP. Segundo a reportagem os presos protestavam pela má qualidade da comida e o não recebimento das “sacolas<sup>124</sup>” de seus familiares. A necessidade por novas instituições prisionais concentrava-se principalmente em problemáticas que caracterizavam os espaços do interior do cárcere.

O outro município vizinho é Valparaíso-SP, um percurso de 25 minutos de carro, com uma penitenciária masculina de regime fechado inaugurada no ano de 1998 com 1.228 homens presos. Territorialidades que na prática expandem o complexo prisional presente em Lavínia-SP, *densificando* (Campello, 2019) nosso *perímetro sensível* (Combessie, 2002), ou seja, aumentando a área de influência das prisões nas dinâmicas sociais, políticas e econômicas locais.

Em ocasião da inauguração da penitenciária de Valparaíso-SP encontramos uma importante mudança de significado apontado como motivo da vinda do presídio. Agora começa a surgir o apelo econômico e a ideia de uma alternativa de desenvolvimento realista para a região. Como exemplo, na notícia do dia 17 de maio de 1997 intitulada “Obra de penitenciária vai empregar 300 operários”; a prefeita da época, filiada ao PSDB, fez a doação do terreno. Ela igualmente garantiu que a Prefeitura Municipal forneceria os acessos a água e tratamento de esgoto tão bem como o asfaltamento da região onde a nova instituição seria instalada. Abaixo reproduzimos um recorte da notícia com destaque para um apelo particular de significado; a penitenciária apresentada na metáfora de uma cidade.

Na ocasião, Maria de Lourdes manifestou interesse em conseguir um presídio para a cidade e colocou à disposição uma área de 100 mil metros quadrados. “Na época, 25 municípios já haviam demonstrado interesse na conquista de uma penitenciária”, lembrou a prefeita. Para conhecer o funcionamento de uma penitenciária e analisar as vantagens e desvantagens com a instalação de um presídio na cidade, uma comissão de vereadores visitou o Complexo Penitenciário de Mirandópolis. “**A penitenciária funciona como uma cidade**, por isso a população não vai ter contato com os presos” afirmou o vereador Paulo Henrique de Oliveira (PMDB). (Jornal Folha da Região, sábado 17 de maio de 1997- grifo nosso).

---

<sup>124</sup>Sacola foi a palavra empregada na notícia. Atualmente esta sacola transparente recheada de alimentos, cadernos, canetas, balas, refrigerantes é chamada de *jumbo* e é levada pelas visitantes das prisões nos dias de visita.

Em comparação com seus municípios vizinhos Lavínia-SP foi o último deles em aceitar prisões embora hoje se destaque. A primeira inauguração foi no ano de 2002. Essa data coincide com a completa desativação do complexo penitenciário do Carandiru da capital São Paulo. As outras duas penitenciárias foram instaladas no ano de 2006 e uma quarta unidade prisional no ano de 2019, como mencionado na introdução, somando uma população carcerária de 5.164 homens. Assim entre as três cidades temos 9.961 homens presos<sup>125</sup>. Segundo o Censo do IBGE de 2022 a população total do município de Lavínia-SP é de 9.689 pessoas, com 7.183 homens para 2.506 mulheres.<sup>126</sup> Conforme notícias do acervo do Jornal Folha da Região foi possível observar a mudanças entre os significados conforme a ocasião da inauguração das prisões em cada um dos municípios desse complexo prisional.

Existe um marco temporal de confluência entre as mudanças relativas aos mercados do agrário e dos ilegalismos, trata-se da década de 1990. Época marcada pelo aumento dos conflitos armados e sangrentos que destacavam a importância de uma agenda política na segurança pública (Feltran *et al.*, 2022; Godoi, 2017); mercados ilegais em plena expansão sobretudo o da cocaína (Feltran *et al.*, 2022); e momento de criação das facções criminosas em resposta aos homicídios que aconteciam dentro e fora das prisões brasileiras. Importante considerar que o PCC surge dentro de uma unidade prisional localizada no interior paulista no ano de 1993 (Salla *et al.*, 2012).

Na bibliografia estadunidense, onde o tema das prisões é fortemente estudado, igualmente é a partir dos anos de 1990 que se instala a expansão exponencial da população carcerária e se inaugura a época de transição de um Estado assistencialista para um Estado Penal/Punitivo (Wacquant, 2001). Também é 1990 o período identificado de intensa crise no setor agrícola como consequência de medidas de abertura econômica.

Os mercados agrícolas estão entre os mais impactados pelas mudanças institucionais promovidas nos anos 1990. Fortemente regulados pela ação estatal nas décadas de 1970 e 1980, esses mercados foram um dos principais focos das medidas neoliberais de abertura econômica, integração às cadeias globais e transferência de competências estatais ao setor privado (crédito, seguro, abastecimento, distribuição, certificação). A criação do Mercosul, em 1991, e a adesão do Brasil à Organização Mundial do Comércio, em 1994, são dois principais marcos desse processo, cujo objetivo era derrubar as barreiras comerciais que supostamente impediam o desenvolvimento econômico global. (Niederle *et al.*, 2021, p. 18).

A concorrência estabelecida entre produção externa e interna desestabiliza o setor agrícola em todo o Brasil quando surge forte participação dos movimentos sociais e sindicais

---

<sup>125</sup> Idem.

<sup>126</sup> Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/> Acesso dia 22 de novembro de 2023.



rurais. Em paralelo, políticas de criminalização da pobreza começam a pedir pela construção de mais prisões. Conflito estabelecido; temos como ponto de resolução a criação, no ano de 1999, do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) que regulamentaria os setores da agricultura de dimensão mais familiar ou pequenos sítios, em oposição ao Ministério da Agricultura (MAPA) em representação dos grandes latifúndios defensores do agronegócio. Desta perspectiva genérica podemos afirmar que o mundo da agricultura é igualmente composto por agentes heterogêneos dentro de tensões hierárquicas em disputa de diferentes visões de mundo e portadores das mais variadas racionalidades. Esse elemento foi explorado no capítulo anterior quando mencionamos a presença do MST e nossa estadia em território histórico dos Franco de Mello.

Com todas essas mudanças no setor da agricultura no Brasil, Lavínia-SP igualmente sente suas consequências e no final da década de 1990 a cidade se vê mais uma vez sem perspectiva de desenvolvimento, momento em que as prisões aparecem.

A partir de 1980, meados de 87/88, a agricultura ela começou a diminuir. A cidade, ela, por conta da política governamental, ela começou a diminuir as lavouras de cebola e logo em seguida veio as penitenciárias para substituir essa falta de oportunidade (Pedro, *nascido e criado* em Lavínia – lembrando que a primeira penitenciária foi inaugurada no ano de 2002).

Mesmo que os anos 2000 tenham sido marcados por um governo social-progressista nos vários mandatos do Partido dos Trabalhadores as prisões continuaram sendo construídas e expandindo-se para o interior paulista (Godoi, 2017). Também nos anos 2000 o agronegócio foi fortemente celebrado enquanto motor de desenvolvimento tecnológico, industrial e se apresenta como um dos principais impulsores da economia brasileira se aproveitando de uma política cambial amigável às dinâmicas de exportação, configurando período de “hipervalorização das *commodities*”. Entre os anos de 2003 a 2016 temos políticas públicas de desenvolvimento rural que criaram espaços participativos de produção das instituições sobretudo referente ao contexto da agricultura familiar enquanto o agronegócio na incorporação do MAPA se manteve numa lógica clientelista e excessivamente tecnocrática (Niederle *et al.*, 2021). Dessa forma, uma das principais reflexões que a sociologia econômica nos oferece para pensar a *interiorização penitenciária* do estado de São Paulo é que não podemos mais falar de agronegócio em crise.

O agronegócio continua sendo valorizado por uma visão de mundo que compreende desenvolvimento econômico enquanto capacidade para a produção tecnológica e industrial, mesmo tendo toda uma crítica voltada à denúncia de modelos de produção baseados no

consumo inconsciente dos recursos naturais e desgaste acelerado da saúde dos solos. Agro é *tech* de fato e segue sendo noticiado como parte de um progresso moderno e o mais desejado. Nesta dinâmica produções agrícolas de pequena escala como a familiar continua relegada aos defensores militantes dos contextos acadêmicos, sociais ou sindicais; mais ou menos o mesmo perfil dos estimuladores do *abolicionismo penal*<sup>127</sup>. Na prática, como vemos localizadas em Lavínia-SP, a produção da cana-de-açúcar (um dos cultivos que mais desgasta o solo) divide espaço com as prisões, ambas em seu modelo industrial. A primeira em representação dos grandes proprietários de terra e as segundas enquanto única opção para que cidades do interior paulista continuem sendo notadas.

#### **2.4. Turismo de fundo enquanto prática de mercado contestado**

Partimos deste achado empírico, conforme viemos descrevendo neste capítulo, de que prisão em Lavínia-SP é parte estruturada e estruturante da socialização econômica local formulando práticas e cálculos rotineiros (Weber, 2002).

Sendo assim constatamos em campo empírico que para o ano de 2021, passados 19 anos da inauguração da primeira penitenciária na cidade, a presença das prisões em Lavínia-SP deixou de ser contestada. Eis que se naturaliza a presença de um complexo prisional localizado ao extremo oeste do estado de São Paulo, o qual, vem sendo cotidianamente ressignificado. Esse processo justifica prisões como negócio lucrativo e as coloca como alternativa econômica mesmo que o desenvolvimento oferecido pela prisão nem mesmo seja economicamente satisfatório. Ao contrário, quando os moradores estabelecidos em Lavínia-SP foram questionados a respeito dos aspectos negativos de sua cidade destacaram o desemprego e o desamparo de sua população mais jovem.

A prisão não é compreendida como parte de um desenvolvimento econômico ideal, mas também não é mais lida como um problema de segurança pública. Ainda, constatamos e descrevemos uma visão de mundo local no sentido de que as prisões poderiam beneficiar ainda mais o município de Lavínia-SP caso seus agentes políticos soubessem aproveitar seu potencial. Destes possíveis benefícios os moradores destacam o bom salário dos agentes penitenciários, como também aparece na pesquisa de Raphael Sabaini (2012) a respeito do status social desse grupo na cidade de Itirapina-SP. Uma preocupação é tornar a cidade mais atraente para que esses optassem por estabelecer residência em Lavínia-SP como observamos

---

<sup>127</sup>Para uma reflexão inicial sobre o abolicionismo penal ver: Zapater, 2023.

no surgimento de um novo loteamento para que casas sejam construídos no caminho horizontal em direção das penitenciárias. Em nosso Campo II havia uma grande parcela de terra já asfaltada e com iluminação onde o novo loteamento aconteceria. Outra possibilidade seria o retorno das visitas presenciais e que o fluxo de mulheres visitantes das prisões permanecesse estável e inclusive incitado e modificado.

Durante nosso período de Campo I. deparamo-nos com essa movimentação local bem marcante, à qual mencionamos no primeiro capítulo o fato de que o Centro de Detenção Provisória (CDP) inaugurado no ano de 2019 estava sendo transformado em penitenciária de regime fechado. Cito fragmento da nossa entrevista com Bárbara:

Tem a nova que antes era CDP e agora virou penitenciária. Eles estão até fazendo a troca dos presos. Eles estão dividindo presos com maior pena, fazendo uma seleção e quem tem pena menor tá indo lá pra 4. E vai ficar bom até pra nós do comércio porque antes como CDP não ajudou em nada porque era só pessoas da região, então eles acabavam vindo de carro, de ônibus mesmo, e ia embora no mesmo dia. Agora não. Como tá vindo gente da capital por causa das penas, então agora elas vão ser obrigadas a ficar na cidade, então agora vai funcionar de verdade pra nós! (Bárbara, *nascida e criada*, taxista e dona de uma pousada em Lavínia-SP)<sup>128</sup>.

Bárbara, nossa interlocutora *nascida e criada* em Lavínia-SP e proprietária de uma pousada, nos oferece muitas pistas de reflexão, como o desejo por penas mais longas porque caracterizam os presos que vêm da capital assim como as mulheres que virão visitá-los; retomamos ao que autores chamam atenção para este *fundão* que se torna território de excelência no cumprimento das penas (Godoi *et al.*, 2019). A razão para mudança no regimento tutelar dos presos da quarta unidade prisional de Lavínia-SP é incidir no fluxo das mulheres visitantes das prisões da cidade para *ajudar no comércio local*. Algumas mulheres nos disseram que seus familiares já estavam sendo transferidos de uma prisão para outra e de fato era visível a constante movimentação dos veículos próprios da SAP destinados ao trânsito de presos reconhecidos pela categoria local *bonde*. Mesmo em período da pandemia de Covid-19 e segunda imposição do *lockdown*, a partir de março de 2021 em todo o estado de São Paulo, os veículos da Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) responsáveis pelo transporte de presos não cessavam atravessar a cidade.

A localização das prisões de Lavínia-SP obriga qualquer veículo que se direcione a elas passar pelo centro da cidade ocasionando um contato visível com seu fluxo característico. Rafael Godoi (2017) observa que muitas vezes o regimento punitivo distintivo das unidades prisionais não era mantido na prática incluindo a criação de pavilhões aleatórios para

---

<sup>128</sup>Trecho de entrevista gravada realizada no dia 21 de abril de 2021.

acomodar presos provisórios. Fábio Mallart (2019) menciona o surgimento dos *subterrâneos do cárcere* criados em desrespeito a qualquer regulamentação dos direitos humanos para armazenar aqueles casos que infligem o habitual cotidiano de dentro do cárcere. No caso de Lavínia-SP a mudança do regime de acomodação dos presos era comemorada como fonte de lucro para o comércio da cidade como tão bem expresso na fala de Bárbara.

Reconhecer prisão como parte da economia local produz algumas acomodações de significado operadas pelos moradores *nascidos e criados* no sentido de possibilidade de convívio com as prisões da cidade. Uma das acomodações feitas foi a transformação da inicial desaprovação dos moradores com a vinda das prisões em uma acomodação na forma de estratificação social. Essa acomodação separa os *nascidos e criados na cidade*, dos novos empreendedores como a Família M., e as familiares de pessoas encarceradas que mesmo quando moradoras da cidade estão sendo reconhecidas sob a categoria local *mulheres de presos*. Com exceção do casal João e Maria, como vimos no capítulo anterior, que estão construindo uma nova relação com a cidade através de sua participação no MST. A atual tolerância para com a presença das penitenciárias na cidade se traduz na reeleição do prefeito responsável por suas instalações, reconhecido localmente como *o prefeito das prisões*<sup>129</sup> como tão bem expressa Bárbara abaixo:

É no início foi bem difícil, foi um baque né. Aquele pessoal da cidade grande vindo pro interior, costumes bem diferentes, aquele jeito diferente, muita gente da cidade não aceitavam de jeito nenhum! Houve muita oposição, muita e por muitos anos, tá assim uma coisa de pouco tempo... acho que tem uns 20 anos que tem as cadeias em Lavínia, tem uns 7 a 8 anos que o pessoal aceitou bem porque até então ninguém aceitava. Via com outros olhos, aí elas foram ganhando espaço. (Bárbara, *nascida e criada* na cidade de Lavínia).<sup>130</sup>

Nas próximas duas falas é possível constatar um longo processo de acomodação que vai atravessando os anos ao mesmo tempo em que um pressuposto básico de que as *mulheres de preso* são pessoas perigosas por natureza e que essa ideia precisa ser ultrapassada aparece; não tanto para respeitar essas mulheres, mas para poder aceitar o seu dinheiro no cotidiano da cidade:

<sup>129</sup>Zomighani (2014) diz que as políticas de interiorização penitenciária do estado de São Paulo foram projetos do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), o prefeito responsável por trazer as penitenciárias de Lavínia-SP também é membro do PSDB. No nosso projeto de qualificação da tese destacamos a necessidade de uma pesquisa que aprofundasse as relações do jogo político local em relação às instâncias estaduais e federais, o que não fomos capazes de levar a cabo mas que destacamos enquanto necessidade de pesquisas futuras capazes de revelar essa visão de mundo favorável às políticas de encarceramento em massa.

<sup>130</sup>Trecho de entrevista gravada no dia 21 de abril de 2021.

No começo quando tinha só a P1 tinha os contra mas aí eu falava assim pra eles, porque eu conheço todo mundo aqui, rapaz eu nasci aqui e você também nasceu você me aponta um delito que um visitante, pra não falar mulher de preso né, que um visitante causou aqui nessa Lavínia. Me cita um delito! Os delitos que tiveram aqui foi fulano e ciclano que você se lembra quando ele nasceu e eu também, filho de fulano e ciclano e assim, é ou não é (tom de exclamação). Isso aqui se não é os visitantes acabou. Que nem agora você viu. (Seu Aristides, *nascido e criado* em Lavínia-SP)<sup>131</sup>.

O povo chegou o porrete no prefeito e se eu não estou enganado foi em 99 ou 2000, depois veio a 2 e a 3 depois veio a 4. Mas isso daí eu acredito que foi a revitalização do comércio de Lavínia, porque aqui você não tinha nada, nada! A única coisa que tinha aqui era o supermercado São Luís e como não tinha concorrência a gente ia fazer compra fora, era mais barato. Mas surgiu assim, dentro de muitas controvérsias, ninguém queria, eu vou falar a verdade pra você, eu moro aqui e fui criado aqui, eu achei que foi uma boa. Thamires é o seguinte eu moro aqui desde 87, aqui nesse lugar aqui, e já teve vez deu viajar e esquecer essa porta aberta, do vizinho vir aqui e entrar, é que eu esqueço mesmo, e nunca vieram me amolar aqui, mas nunca! Eu estou todo esse tempo aqui, mas minha casa é assim, quem quiser entrar que entra, até lá no fundo é aberto. O povo que amola, o povo que rouba é o povo daqui mesmo! (Antônio, *nascido e criado* em Lavínia-SP).<sup>132</sup>

Com o passar do tempo, portanto, a população foi criando justificativas que acomodam a presença das prisões na cidade, uma forma de *tolerância modulada* da população local diferente daquela oposição acirrada de um tempo passado. Essa mobilização da população local contra a vinda das prisões contemporâneas é central para Giani Silvestre (2012) quem analisa o município de Itirapina-SP relacionando a intolerância local com um período de *estigmatização* das prisões enquanto berço de rebeliões e fugas; transtornos que marcaram as polêmicas midiáticas da década de 1990. Das acomodações de significado atuais os moradores estabelecidos, como surge nas narrativas de Seu Aristides e Antônio acima, fazem uma separação entre prisão e crime.

Notamos como os moradores estabelecidos construíram uma imagem de que o crime da cidade está distante da presença das prisões ou do fluxo das mulheres familiares de pessoas presas. As pesquisas sobre prisão observam a sensação de medo gerada pela presença do cárcere (Silvestre, 2012; Zomighani, 2014; Godoi, 2017). Entretanto, em nossas entrevistas com moradores estabelecidos de Lavínia-SP encontramos algo que nos fez refletir sobre novos significados da prisão no sentido de outra acomodação do significado de quem são seus ocupantes. Moradores declaram que o medo das visitantes foi coisa do início desse processo.

No momento atual e depois da experiência de ganhar dinheiro com a presença das prisões, esses moradores declaram-se cientes de que o crime característico da cidade é

<sup>131</sup>Trecho de entrevista gravada no dia 19 de abril de 2021.

<sup>132</sup>Trecho de entrevista gravada no dia

cometido por seus próprios moradores. Eles e elas mencionam os delitos de pequeno porte: é possível observar um sentimento e um julgamento moral oposto ao da possível insegurança gerada pela presença das prisões na cidade. No entanto, mantém-se essa ideia de que é necessário não ter contato com essas mulheres. Esse contato talvez despertasse a consciência do fato de que essas mulheres são pessoas pobres e que movimentam na cidade uma soma de dinheiro que lhes fariam falta. Além de evitar lidar com a pobreza marcadora deste público os moradores de Lavínia-SP as situa como diferentes por conta de características culturais como o modo de falar, de se vestir e de se comportar, por isso este *turismo de fundo* opera de forma cognitiva e prática a mercantilização deste fluxo prisional marcado por mulheres familiares de pessoas encarceradas.

De certa forma a justificativa econômica é um arbitrário cultural para a presença das prisões em Lavínia-SP. O que permanece num canto escuro desse raciocínio é que enxergar a prisão como possibilidade de ganho econômico implica no ocultamento de sua face punitiva e, ao mesmo tempo, de objetificação daquilo que é ser pobre, miserável ou precário. Punitiva porque os moradores desejam que ela continue existindo e crescendo; aumentar a quantidade de edifícios e de funcionários significa mais pessoas encarceradas. Fundo de fundo num exercício de invisibilização destas mulheres que são o público alvo deste turismo específico e que constituem uma imagem periférica, da precariedade apropriada pelo mercado.

Trazemos assim para o escopo da discussão a teoria dos mercados contestados (Steiner, 2023) no intuito de discutir a dinâmica das prisões e os significados os quais circulam em torno dela: entre um *mal necessário* local e um abolicionismo penal global para o terreno de interpretação da sociologia econômica. Considerando que uma das características dos mercados contestados é que seriam eles mecanismos de mercado acionados para apaziguar ou conter contestações morais; o dinheiro que as mulheres trazem para a cidade de Lavínia-SP é suficiente para se movimentarem naquela cidade ao mesmo tempo que insuficientes para se tornarem concorrentes deste mesmo mercado ou moradoras estabelecidas.

Viviana Zelizer (2011) em seu primeiro trabalho se debruçou sobre significados distintos assumidos para a vida e para a morte num contexto de emergência dos mercados de seguros de vida nos Estados Unidos do século XIX. Nele, destacamos a forma como a autora percebe, através de uma análise de documentos históricos, compreensões cambiantes da morte até adquirir um significado coerente à sua precificação. De certa forma não foi o preço que se impôs de maneira intransitiva e sim todo um desenvolvimento cultural, religioso e material

que foi tirando a relação de precificação da vida de uma áurea profana para que sua sacralização fosse possível. O que nos demonstra como questões que antes parecessem incompatíveis com as relações de mercado acabassem se acomodando neste próprio mercado. A prisão como produtora da morte para que pudesse ser interpelada como fenômeno econômico precisou passar por certa purificação moral.<sup>133</sup>

Quando veio a segunda eu já comecei a enxergar o que as pessoas querem que é oportunidade de emprego. Podia existir com a penitenciária; fazendo uma advocacia, um curso de enfermagem, ser um bom zelador, enfim qual que é o mal? E daí a pouco eu percebi assim, nós ficamos durante um tempo grande sem um motorista de táxi. Nós ficamos um tempo grande de você chegar oito e meia da noite e não encontrar um lugar para comprar um pão. Nós temos aí umas 30 pousadas, que é uma pousada porque você tem uma senhorinha que tem uma casa e consegue manter aí com uma pessoa que vem de fora, é bom pra ela e é bom pra quem chega, cria-se uma convivência. Quem faz a profissão é o profissional. Nós temos que aproveitar o que temos. E esse novo estilo, se é estilo que eu posso falar, eu não posso reclamar. (Alberto Caeiro *nascido e criado* em Lavínia-SP).<sup>134</sup>

Ao princípio quando a partir dos anos de 1990 prisões estavam sendo alocadas em municípios do interior paulista era a contestação moral das populações locais e lideranças políticas que tomavam conta do debate (Silvestre, 2012; Godoi *et al.*, 2019). Entretanto Lavínia-SP nos oferece muitos exemplos de transformação dos significados para a estabilização deste mercado ainda em andamento, ao qual apontamos como *turismo de fundo*. O próprio emprego local que é feito da palavra turismo em destaque de suas quantidades de pousadas e carros de táxis, como vimos no fragmento de entrevista acima, é indício desta acomodação de significado numa prática específica de mobilidade rural-urbana através das prisões da cidade.

A própria acomodação que vimos ao longo deste capítulo de prisão enquanto *mal necessário* nos guia para uma reflexão da negociação com valores morais, neste caso entre o bem e o mal. A instituição não se situa como algo benéfico, porém necessária. Mesmo que não seja a alternativa ideal, a economia local ao menos continua funcionando. A existência de um mercado local, tanto de consumo quanto de trabalho, é sinônimo de continuidade da própria cidade.

<sup>133</sup>Quando contrastamos o trabalho da Zelizer (2011) com o necro poder de Mbembe (2018) encontramos a recusa de um ponto de partida fundamentado numa história única, a da sociedade moderna ocidental onde talvez faça sentido a divisão entre um mundo sagrado da vida humana que não possa ser precificado e assim profanado. Porém com as pesquisas em prisão que citamos anteriormente vemos como se juntam nos arredores do cárcere uma porção massificada de “vidas matáveis” (Mallart e Godoi, 2017) que atravessa a instituição punitiva e passa por territórios periféricos da grande São Paulo assim como municípios interioranos como o caso de Lavínia-SP aqui explanado.

<sup>134</sup>Trecho de entrevista gravada no dia 05 de maio de 2021.

Prisão é o que Lavínia-SP tem e precisa ter para fazer o dinheiro circular na cidade e é através dela que as atuais possibilidades de desenvolvimento econômico local surgem das mais variadas formas em nossas entrevistas e interações como vimos mostrando ao longo dos capítulos. Agora bem trata-se de transformar referida insatisfação em estabilização das transações econômicas que a prisão produz e é por isso que estamos diante de um *mercado contestado*.

Certamente a invisibilidade das cidades do interior paulista, apontada como estratégia de governamentalidade neoliberal pelas pesquisas em prisão com as quais dialogamos (Zomighani Jr. 2014; Godoi, 2017), contribuem na manutenção e permutabilidade deste mercado prisional que dificilmente ocupa as polêmicas midiáticas ou políticas desde o tema da economia e mais bem se restringem a uma questão de drogas e crimes. Muitas vezes é quando a contestação moral toma a esfera pública que os mercados são então contestados (Steiner, 2023).

### ***Do conflito local exigindo melhorias para o setor da hotelaria***

Como vimos no capítulo anterior os donos de pousada se uniram para contestar o que eles nomearam como *casas clandestinas*: residências alugadas em sua maioria por mulheres familiares de pessoas encarceradas e que decidiram morar na cidade. Entretanto, para além do conflito já narrado referente a esta oposição dos comerciantes locais e mulheres familiares de presos que tentam colocar seus próprios negócios, temos uma segunda demanda desta movimentação que dialoga diretamente com aquilo que estamos compreendendo por *turismo de fundo*.

Esta reivindicação era pela melhoria da *porta da cadeia*, onde, segundo os donos de pousadas, não havia lugar específico para que os táxis pudessem parar e suas passageiras desembarcar sem problemas. Não havia um acostamento digno para que isso pudesse acontecer. Também não havia um espaço adequado para que *trailers* pudessem colocar suas mesas com cadeiras para que as mulheres visitantes da prisão pudessem consumir comida e bebida de forma tranquila enquanto aguardavam a chamada para formar a fila. Os donos de pousadas criticavam a falta de cuidado por parte dos agentes políticos locais que, segundo eles, eram incapazes de enxergar essa *nossa classe*, de trabalhadores do ramo da hotelaria, alimentação e transporte arredor das prisões da cidade de Lavínia-SP.

Fui ao prefeito da cidade, que já não era mais o mesmo da placa de táxi. Fui pedir que colocasse em frente das pousadas faixa amarela pra carga e descarga dos



passageiros. Mas, a cidade não gostou. Tive que brigar muito por isso. Total que foi parar na Câmara do Vereadores e perdi de 9 a 0. Mas, não desisti. A pousada do centro, onde quem tomava conta era meu pai, derrubei um muro e fiz uma garagem. Daí percebi que faltava dialogar com os donos de pousadas. Consegui pela primeira vez, desde a inauguração do presídio, que nunca tiveram um encontro. Cada um ia a seu ritmo. Foi quando pensei que podia melhorar a frente do presídio. Que táxi não tinha um lugar certo pra parar e a saída delas se tornava uma loucura. Mulheres, crianças, no meio da pista. Os táxis parando na pista. Quando numa dessas reuniões propus da gente ir no prefeito pedir um estacionamento só para táxis (Margarita a nova moradora e empreendedora no ramo da hotelaria em Lavínia-SP).<sup>135</sup>

Apesar do fluxo constante e que a muitos anos vinha acontecendo não existia uma infraestrutura pensada para facilitar os circuitos feitos pelos taxistas da cidade para levar as mulheres familiares de pessoas presas até os presídios da cidade. Margarita ainda nos relata o desfecho deste conflito local e a construção de um estacionamento exclusivo para táxis na porta das prisões de Lavínia-SP.

O prefeito disse que faria a obra, mas, a gente tinha que conseguir a autorização dos diretores dos presídios. Que até então eram 3 e hoje são 4. Fui eu mais dois taxistas a enfrentar mais essa. Lembro que foi a primeira vez que entrei dentro de um presídio; muita segurança e tudo muito hostil. Inclusive os diretores. Mas, conseguimos o ofício e durante um par de meses a frente do presídio era algo surpreendente, tudo muito organizado. E eu fui ficando conhecida na cidade, por buscar fazer o bem, e o mínimo pra essas mulheres ter um pouco de dignidade pra fazer a visita.<sup>136</sup>

De forma velada, nesta inadequada infraestrutura que descreve este *turismo de fundo* se encontram dilemas éticos e morais. Como é que podem reivindicar para si algo que se aproxime de um turismo e ao mesmo tempo negar qualquer construção favorável ao exercício de suas atividades? Na chave dos *mercados contestados* compreendemos este afastamento entre discurso e infraestrutura material como parte das controvérsias morais pulsantes podendo surtir a qualquer momento à superfície em forma de contestação. Assim estas transações econômicas são exercidas no sigilo sem uma infraestrutura capaz de denotar sua prática.

### **Figura 16: O novo espaço dos trailers na porta da cadeia.**

<sup>135</sup> Fragmentos de entrevista gravada 04 de fevereiro do ano de 2021.

<sup>136</sup> Idem.



Fonte: Arquivo pessoal

### ***Mulher de preso chega quando Lavínia-SP dorme***

Lembrando que neste fluxo específico de mulheres familiares e visitantes das prisões da cidade tudo acontece na madrugada da sexta-feira, os ônibus e vans de excursões privadas chegam em torno da 1 hora da madrugada e os *ônibus da família* ligados ao PCC chegam por volta das 4 horas da madrugada.

Em nosso Campo I durante a primeira abertura das visitas presenciais por conta da pandemia de Covid-19 vimos como elas preferiam permanecer na Pousada da Margarita ao invés de sair pela cidade; justamente quando tinham mais tempo livre por não precisarem cozinhar para *o preso* na preparação do *jumbo*. Também relatamos como em nosso Campo II a cozinha da Pousada do Mario funcionava a todo vapor e com ela a exaustão de nossas interlocutoras que ao chegar de madrugada, ainda sem dormir, iam para o preparo da comida.

Estamos diante de um trânsito rápido, cansativo e sempre feito da forma mais imperceptível aos moradores estabelecidos. Mesmo assim a atenção policial é mais estreita durante esses dias do final de semana, inclusive na madrugada conforme nos relata Margarita abaixo:

Os ônibus chegavam numa cidade pequeníssima, que não havia nada na rua de madrugada quando elas chegavam. Só os donos das pousadas com seus táxis

buscando elas. Mas, para minha surpresa, descobri que os ônibus não podiam parar em fila dupla, eram multados todo final de semana. Numa madrugada, sem nenhum movimento, só pra elas descerem mesmo. Cansadas, com crianças, enfim, isso quando não revistavam todas elas e os ônibus. (Margarita a nova moradora e empreendedora no ramo da hotelaria em Lavínia-SP).<sup>137</sup>

Permanecer nas pousadas de Margarita e Mario foi acompanhar um fluxo intenso que acontece de madrugada. É muito barulho de ônibus atravessando a cidade; mulheres conversando na rua; ao mesmo tempo em que tudo está escuro. Todo comércio fechado. Muito barulho de malas de rodinhas sendo arrastadas pelo asfalto; elas em busca de suas respectivas pousadas. Tudo isso enquanto Lavínia-SP dorme. Mais um aspecto velado que inibe a contestação.

### ***O desconforto da cobrança***

No domingo 28 de agosto de 2022 acompanhamos o desconforto de Mario com algo que saiu da rotina. Hortência uma hóspede que vem à sua pousada já faz algum tempo não havia pago os R\$ 40,00 reais que lhe devia da hospedagem. Era costume pagar toda manhã assim que se deparavam com Mario na pousada. O pagamento era feito sempre em dinheiro espécie e a ele pessoalmente. Ao final do domingo antes da partida de Paolla de volta a São Paulo o dinheiro era dividido entre eles. Mario só falava desse dinheiro que faltava dizendo: *se ela não pagar também não vou querer mais ela por aqui*.<sup>138</sup>

As mulheres que passavam pelas Pousadas de Mario e de Margarita costumavam pagar a hospedagem como primeira ordem do dia. Muitas delas na mesma madrugada da chegada. Aquelas acostumadas com eles sabiam que não aceitavam cartão e nem *pix*, assim elas traziam o dinheiro contado tanto para a hospedagem quanto caso fossem utilizar a cozinha, o forno, o micro-ondas e o freezer, todos cobrados com um valor a parte (Luz, 2019), ou seja, o que previamente havia sido parte de um cálculo.

Realmente chamar esta movimentação de turismo é fugir de todos os desconfortos morais na hora de comercializar vidas tão sofridas, e pegar aquele dinheiro na mão. Mesmo assim a cobrança era feita e o embate moral lançado, para ambas as partes.

---

<sup>137</sup>Fragments de entrevista gravada 04 de fevereiro do ano de 2021.

<sup>138</sup>Fragments do dia 28 de agosto do ano de 2022 em Diário de Campo II.

### *O efeito bolsonarismo e a configuração de uma cidade dividida entre polícia e ladrão*

Quando observamos um bar em pleno funcionamento, no dia 21 de agosto do ano de 2022, ao conversar com algumas pessoas, todas elas eram jovens agentes penitenciários, homens e mulheres da cidade de Lavínia-SP. O próprio assador de carne, responsável pelos espetinhos no bar era agente penitenciário. A conversa é claramente em oposição às mulheres familiares de pessoas encarceradas que passam por aquela cidade, onde expressões como: *não dá pra confiar nelas* é densamente compartilhada.<sup>139</sup> Eles estavam cumprindo a missão de nos alertar por estar nos vendo constantemente em companhia delas, passeando pela cidade.

Compõe-se nesta cidade este grupo de opostos entre os privilegiados do funcionalismo público materializado nos agentes penitenciários e o seu oposto, as mulheres familiares de pessoas encarceradas e visitantes dessa cidade direcionadas para não durar no tempo. Na segunda-feira 22 de agosto do ano de 2022 entramos em uma das lojas de roupas mais sofisticadas da cidade, e prontamente a atendente e igualmente proprietária nos questionou a respeito de nossa presença na cidade. Quando nos referimos a uma pesquisa com mulheres familiares de pessoas encarceradas obtivemos a seguinte resposta: *tem que ter muita paciência*.<sup>140</sup> Esse *ter muita paciência* simboliza algo que perturba, que tira do sério e, portanto, da normatividade. Igualmente no dia 31 de agosto do ano de 2022 o eletricitista que veio até a Pousada do Mario para o conserto dos chuveiros é agente penitenciário.<sup>141</sup>

Assim como observamos em ocasião do nosso Campo II quando íamos buscar o pão para o café da manhã, numa padaria ao lado da Pousada do Mario, repleta de agentes penitenciários do turno da noite, os quais, estavam comprando pão e compartilhando daquele mesmo horário com os comerciantes do setor da hotelaria deste *turismo de fundo*. Todos ainda vestidos com o uniforme da instituição.<sup>142</sup>

Não podemos ignorar que a atual contestação moral na cidade de Lavínia-SP mesmo arrefecida com relação às prisões na cidade foi reavivada pela aproximação política ao movimento de extrema direita que encontrou na figura de Jair Bolsonaro potencial referência. Entretanto agora se direciona para o enrijecimento da vigilância e da punição. Não sabemos

<sup>139</sup>Fragmentos do dia 21 de agosto do ano de 2022 em Diário do Campo II.

<sup>140</sup>Fragmentos do dia 22 de agosto de 2022 em Diário de Campo II.

<sup>141</sup>Fragmentos do dia 31 de agosto de 2022 em Diário de Campo II.

<sup>142</sup> Fragmentos em Diário de Campo II.

ainda ao certo como isso influenciará na relação com as mulheres familiares de pessoas encarceradas.

Estivemos presentes em trabalho de campo empírico em ocasião do primeiro turno das eleições para a Presidência da República em outubro do ano de 2022 quando Lavínia-SP se escancara com forte aderência ao então movimento do bolsonarismo. Pessoas com bandeiras do Brasil em suas casas e janelas de carro, vestindo camisetas da seleção brasileira pelas ruas e praças. Bem no centro da cidade havia uma oficina mecânica onde o proprietário era um homem negro e um dos poucos eleitores da oposição. Já boa parte dos moradores havia colocado uma faixa em seu comércio com a frase *Lula ladrão*. Lavínia-SP por sua construção histórica e agora por se especializar em ofertas de emprego na área da segurança pública se tornou lugar de extrema vigilância e todos os moradores contribuem neste exercício.

Do outro lado, na pousada do Mario as mulheres familiares de pessoas encarceradas eram apoiadoras do Lula e diziam: *se o outro for eleito acabou para os presos*. Bolsonaro ficou conhecido pelo lema do *bandido bom é bandido morto*, por isso certamente não poderia receber comentários favoráveis entre aquelas mulheres. Inclusive Santa nossa única interlocutora membro de uma igreja pentecostal se dizia Lula. Se instaura na cidade de Lavínia-SP esta oposição política, moradores estabelecidos favoráveis a Bolsonaro e mulheres familiares de pessoas encarceradas desejando poder votar no Lula o que as faria não vir no dia da visita, dado que as eleições aconteciam num final de semana.

De fato, em ocasião do nosso Campo I quando acompanhamos a mais uma paralização das visitas presenciais por conta da pandemia de Covid-19, o município ao lado, de Mirandópolis-SP não aderiu a nenhum *lockdown*/confinamento porque o prefeito era apoiador de Bolsonaro. O Bolsonarismo vem atribuindo outros valores morais para a cidade de Lavínia-SP e caberia a toda uma tese de doutorado compreender estes novos arranjos. O que notamos é que da oposição que se formava eram entre uma grande parte da população trabalhadores do ramo da segurança pública versus mulheres familiares de bandidos.

## 2.5. Costurando nossos achados de pesquisa no segundo capítulo

Estamos diante de um ambiente formado pela cidade de Lavínia-SP e seus dois municípios vizinhos costurados por extensas áreas de cana-de-açúcar e prisões de segurança máxima, ambas interpeladas como indústrias (Mundo Neto, 2015; Davis, 2020). O atual setor

sucroalcooleiro brasileiro desmonta a noção de agronegócio em crise nos demonstrando como a agricultura ainda é capaz de expandir fronteiras e produzir muito capital de interesse nacional e internacional enquanto produto compreendido por ser de alta tecnologia inclusive amistosa com o meio ambiente na representação de uma energia renovável (Mundo Neto, 2015). Prisões também se situam como indústrias (Davis, 2020) acionando investimentos de vários setores da economia, para o caso dos Estados Unidos temos forte inclinação para a privatização destas instituições, mas para nosso ambiente de pesquisa ainda falamos de investimento público/estadual.

Vimos como a era de ouro do café é atualizada pelo resgate de uma história oral compartilhada entre os moradores estabelecidos de Lavínia-SP, aqueles que se autodenominam *nascidos e criados*. Resgate de uma história que persiste no uso assíduo de sobrenomes para identificação local de grupos designados como *raça diferente*. Também acompanhamos como este resgate vai configurando uma cidade que se divide entre acima e abaixo da linha do trem enquanto circuitos segmentados entre moradores antigos e as atuais mulheres familiares de pessoas encarceradas que passam pela cidade.

Por último queremos nos lembrar da imagem posta ao centro e feita para durar naquela que deu seu nome para a cidade. Lavínia Dauntre Salles de Mello se localiza em oposição às mulheres familiares de pessoas presas que passam pela cidade e que os moradores estabelecidos identificam como necessárias para a existência fecunda de um comércio local. Ao mesmo tempo quando tratamos da interpretação local de um CDP que passa a funcionar sob o regimento de penitenciária como forma de intervir neste fluxo de mulheres que passam pela cidade observamos como elas são desejadas para que permaneçam como população flutuante e não para perdurar no tempo. Dessa forma a cidade garante um fluxo de mulheres visitantes que chegam e vão embora, mas, não sem antes deixar algum dinheiro na cidade.

### CAPÍTULO 3

#### 3. DA PRINCESA DA ALTA NOROESTE PARA AS RAINHAS DA FAVELA

Aqui descrevemos nossa experiência dentro deste universo das mulheres visitantes das prisões de Lavínia-SP e de seus dois municípios vizinhos. Elas são reconhecidas pelos moradores estabelecidos como parte da demanda que possibilita a emergência deste *turismo de fundo* ao mesmo tempo em que são fundamentais para o funcionamento interno da instituição prisão e para a sobrevivência dos que nela se encontram. Localizadas nesta dinâmica vamos construindo nosso raciocínio teórico/empírico: mulheres familiares de pessoas encarceradas enquanto operadoras de mercados e cuidados. Como ponto de partida da análise nos concentramos na fala de Seu Aristides, *nascido e criado* em Lavínia-SP, quem afirma: *sem visitante nossa cidade acaba. Acabou Lavínia.*<sup>143</sup>

Neste capítulo, portanto, em diálogo com as atuais pesquisas em prisão que compreendem a instituição como produtora de múltiplos circuitos nos posicionamos a fim de descrever a movimentação de mulheres visitantes de prisões masculinas, incorporadas na categoria nativa *mulheres de presos*, desde a óptica da sociologia dos mercados e refletindo sobre a economia do cuidado. Por outro lado, a atual economia política do fenômeno do encarceramento em massa dialoga com as premissas referentes aos mercados contestados, tal como foi trabalhado no capítulo anterior, colocando em circuito objetos e relações passíveis de contestação moral. Em nossa compreensão de mulheres operadoras de mercados e cuidados seguimos de perto Viviana Zelizer em diálogo com os atuais estudos de Helena Hirata e Nadya Guimarães, quando situamos o apelo ao cuidado enquanto ação estratégica que dá significado à circulação de mulheres e os bens que as acompanham nas dinâmicas de mercantilização fora da prisão.<sup>144</sup>

Como nos demonstraram pesquisas como as de Giani Silvestre (2012), Jacqueline Ferraz de Lima (2015), Natália Lago (2019)<sup>145</sup>, Thamires Luz e Marcia Mazon (2020) são

---

<sup>143</sup>Trecho de entrevista gravada no dia 28 de abril de 2021.

<sup>144</sup>Apresentamos parte desta reflexão no VIII Encontro de Antropologia da Ciência e Tecnologia (React) que aconteceu de forma remota no ano de 2021 no qual ainda não havíamos realizado nosso Campo II com o qual abordamos novas diretrizes. Entretanto agradecemos as críticas construtivas do ST24: Tecnologias do cuidado: materialidades e afetos no compor-se com outres; realmente foi um encontro produtivo de generosidade que deve ser lembrado e registrado.

<sup>145</sup>Pesquisas que analisaram o estado de São Paulo.

mulheres que compõem os arredores do cárcere responsáveis pela manutenção dos itens mais básicos de sobrevivência dentro das prisões paulistas como sabonetes, produtos para higiene da própria cela, uniformes novos, medicamentos e outros. Objetos que compõem um conhecido personagem, o *jumbo*, nome dado a uma grande sacola transparente – por imposição burocrática da prisão – com as quais as mulheres visitantes entram na instituição punitiva carregadas de tudo o que fosse permitido levar aos familiares detidos.

Mulheres que atravessam as muralhas do cárcere também aparecem em pesquisas realizadas em outras partes do mundo; como no pioneiro estudo de Megan Comfort (2008) para o caso dos Estados Unidos, Gwenola Ricordeau (2019) na França e Vanina Ferreccio (2018) na Argentina onde movimentam significados que vão para além da perspectiva da reprodução e passam a produzir formas de resistência e de produção das possibilidades de vida, tanto dos presos quanto dos familiares que ficam fora.

As mulheres visitantes de prisões masculinas encerram, portanto, um contraponto para aquilo que atuais pesquisas em prisão demonstraram como *políticas de morte*<sup>146</sup>. No interior do cárcere ao persistirem situações extremas de violação dos direitos humanos como tortura e espaços densamente insalubres com limitação ao acesso de água corrente e presença de ratos, ou seja, uma tangente favorável ao que se cunhou por necropolítica<sup>147</sup> (Mbembe, 2020). A possibilidade de visita para essas mulheres consiste em estratégia para que presos se mantenham vivos. No marco do *necro* poder vemos como a prisão contemporânea, parte do que Achille Mbembe (2020) chama de segunda modernidade, opera destinos; situando-se enquanto lugar de passagem de grupos periféricos naquilo que corrobora as atuais discussões referentes ao encarceramento em massa. Uma vez que prisão se torna lugar de destino e de passagem ela também se impõe enquanto território dos possíveis.

Fenômeno localizado nos moldes dos mercados contestados, estaríamos diante da população ameaçada pelo surgimento deste mercado (Steiner, 2023), quando pensamos no

---

<sup>146</sup>Autores contemporâneos, sobretudo dedicados ao estudo da segurança pública no Brasil, chamam nossa atenção para toda uma tecnologia de Estado voltada a produzir vidas matáveis considerando o alto índice de pessoas negras e pobres que morrem no nosso país. Existe uma vasta literatura que agora utilizam o termo políticas de morte ressoando inclusive nos atuais debates dos movimentos pró direitos humanos fortemente presentes nos arredores do cárcere. Ver Fábio Mallart e Fábio Araújo (2021); Rafael Godoi e Fábio Mallart (2017) e Liliana Sanjurjo e Gabriel Feltran (2015).

<sup>147</sup>Existe um ponto de partida importante no ensaio de Achille Mbembe (2018) sobre a necropolítica, e este é a compreensão de soberania enquanto poder de decisão sobre quem vive e quem morre resumida na noção de biopolítica do Michel Foucault e daí desenvolve o que deveríamos acrescentar para a leitura de nossa contemporaneidade, sobretudo, em contextos de países periféricos. O autor se concentra naquilo que a soberania dispôs de tecnologias de morte como a escravidão e a colonização. O que destacamos da obra pode parecer um tanto simplório, mas muito nos guia na reflexão que nos propomos neste texto; seu conselho para que tomemos certa distância da preocupação pela categoria filosófica moderna de razão e passemos a nos interessar pelas concepções referentes à vida e morte.



aumento dos gastos com viagem, hospedagem e alimentação para a prática de manutenção da visita a um familiar detido. Entretanto, mesmo que o ato de visitar a um familiar detido imponha mais gastos, as mulheres continuam se movimentando nos arredores do cárcere e garantindo a sobrevivência no interior das prisões, mantendo este fluxo. Por isso de início havíamos nos questionado como um ato que envolve tantos gastos e perdas faz com que mulheres continuem visitando?

Rafael Godoi (2017, p. 185) ao mapear a espacialização do parque penitenciário paulista gera a noção: *sistema de abastecimento*; como contraponto ao problema colocado em pauta no debate público a respeito do “custo do preso”, cuja problematização girava em torno da eficiência econômica do sistema penal brasileiro. Nele, o autor defende a tese de que um detento do estado de São Paulo sobrevive à experiência do cárcere quão mais e melhor dispor de uma rede de relações localizada fora de suas muralhas. Esta prática de abastecimento material, jurídico e afetivo não deve ser apreendida enquanto abandono do Estado. Mais bem, ao promover a escassez material dentro das prisões paulistas o *sistema de abastecimento* é então produzido e os familiares de presos se tornam peça estruturante da própria prisão.

Assim é quando estabelecemos como objetivo central elucidar e descrever uma relação de interdependência, no sentido de Norbert Elias (2018)<sup>148</sup>, entre o *sistema de abastecimento* (Godoi, 2017) com as *políticas de definhamento dos corpos* (Mallart, 2019), na qual, acionar a participação da família durante a experiência do cárcere se transforma em uma das estratégias para se manter vivo e este fenômeno passa pelo circuito do mercado (Bourdieu, 2001; Zelizer, 1992a, 1992b), como mencionado na introdução.

Neste capítulo vamos para além do *jumbo* em busca de conhecer e compreender como as prisões estão sendo geridas no cotidiano de uma economia doméstica. Como a prisão entra nos cálculos destas mulheres e quais as estratégias disponíveis para sobreviver às demandas exaustivas do cuidado?

### 3.1. Quem é mulher de preso?

---

<sup>148</sup>Elias (2018) expõe o que compreende por interdependência em sua obra *Introdução à Sociologia*. Nela o autor desenvolve o que poderia existir de universal no comportamento humano, estabelecendo enquanto características fundamentais: 1) o caráter mutável e a impossibilidade de produzir verdades estáticas ou imutáveis e 2) a satisfação individual do próprio corpo sempre em relação com a satisfação dos outros. O autor em seu projeto de síntese da sociedade feita por indivíduos encontrou na biologia um corpo que possui estímulos que são socialmente direcionados e não apenas experimentados de forma individual e isolada, portanto, a interdependência aciona uma relação entre <<eu e nós>> e esse direcionamento social adota a forma simbólica.

No dia 05 de maio do ano de 2023 a Revista Piauí publica reportagem com o seguinte título “Mulheres de presos viram influenciadoras”. Nela é exposto a monetização da rotina de visitação, todos os passos descritos no mais mínimo detalhe para um público curioso a respeito do que uma mulher familiar de pessoa encarcerada vive em um dia de visita. Das informações produzidas pela revista destacamos a seguinte narrativa: “as principais influenciadoras têm entre 20 e 30 anos. Muito vaidosas, gostam de dançar em frente à câmera, vestem roupas justas e costumam divulgar zilhões de selfies. Frequentemente, exibem pernas e barrigas nas fotos”.<sup>149</sup>Aquilo que chama atenção do jornalista referente às roupas que exibem pernas e barrigas também é polêmica para os moradores estabelecidos em Lavínia-SP. De fato, corpos disponíveis ao escrutínio de costume são femininos (Bourdieu, 2019).

No ano anterior, em outubro de 2022 havia saído na Revista GQ, destinada ao público masculino, uma notícia com a manchete “Mulheres de presos acumulam milhares de seguidores mostrando a vida delas e dos maridos”.<sup>150</sup>No Jornal Folha de São Paulo elas também aparecem no dia 21 de maio de 2022 com a notícia que recebe o título “Mulheres de presos mostram rotina no TikTok e acumulam milhares de seguidores”, da qual reproduzimos o seguinte trecho.<sup>151</sup>

Ela, que vive em Capão Bonito, interior de São Paulo, vai visitar o marido a cada 15 dias. Agora, ele foi transferido para Iperó, que fica a 130 quilômetros da cidade dela. Caroline, que trabalha no setor de vendas com os pais, diz que já desembolsou mais de 10 mil com o namorado preso, por quem ela paga advogado, viagens para visitá-lo e jumbo.

Entre as notícias o assunto que se repete é o escrutínio do estilo de roupa e de música que elas ouvem; e a soma monetária investida no familiar detido.

No ano de 2023 duas dissertações finalistas do prêmio ANPOCS levavam a categoria *mulher de preso* para o tapete vermelho. Uma realizada na UFSC sob o título “Ser família não é crime: mulheres de presos, redes e cuidado durante a pandemia”. A outra pela UFRJ, “Guerreiras: um estudo das relações de familiares de presos em grupos de uma rede social”. Ambos os trabalhos tiveram que se adaptar aos imprevistos da pandemia de Covid-19 e

<sup>149</sup>Mulheres de presos viram influenciadoras. Revista Piauí, edição 200, 05 de maio de 2023. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/mulheres-de-presos-viram-influenciadoras/>> Acesso em 02 de junho de 2023.

<sup>150</sup>Mulheres de presos acumulam milhares de seguidores mostrando a vida delas e dos maridos. Revista GQ, 06 de outubro de 2022. Disponível em: <https://gq.globo.com/noticias/noticia/2022/10/mulher-de-presos-cunhadas-tiktok.ghml>> Acesso em 02 de junho de 2023.

<sup>151</sup>Mulheres de presos mostram rotina no TikTok e acumulam milhares de seguidores. Jornal Folha de São Paulo, 21 de maio de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/05/mulheres-de-presos-mostram-rotina-no-tiktok-e-acumulam-milhares-de-seguidores.shtml>> Acesso em 02 de junho de 2023.

realizaram uma análise em grupos fechados no aplicativo *Facebook*. Neles se consagra um tema de pesquisa autônomo.

De fato, mulheres que visitam prisões tornaram-se substancialmente visíveis durante o período da pandemia de Covid-19 quando as visitas presenciais foram proibidas logo em março de 2020. Essas mulheres foram para as ruas pedindo o retorno das visitas presenciais, elas queriam ver seus familiares presos. Das principais contestações das familiares em relação a esta intervenção governamental, de suspensão das visitas presenciais, se encontra a falta de informação sobre a condição de seus familiares presos (Martins *et al.*, 2023; Lago, 2023). As mulheres que visitam prisões são as principais fiscalizadoras do sistema prisional brasileiro sempre imbuído em dilemas de produção da morte (Campello, 2023).

Em nossa própria análise das pesquisas em prisão notamos como mulheres familiares de pessoas presas aparecem principalmente nos estudos sobre a interiorização penitenciária no estado de São Paulo marcando filas enormes à espera da entrada nas prisões do interior; assim como aparecem nos locais de espera onde ônibus e vans estacionam para logo viajar com destino ao interior mais distante (Silvestre, 2012; Lima, 2015; Lago, 2019, Padovani, 2019) constituindo um mundo fora da prisão substancialmente feminino (Godoi, 2017).

Encontramos Ana na pousada do Mario em companhia da Paolla e como ela não visitava o marido em Lavínia-SP e só estava acompanhando uma amiga sua, porque o *fundão*<sup>152</sup> tem fama de ser território perigoso e dominado pelo PCC, tivemos muito tempo de conversa antes da realização desta entrevista, da qual destacamos o fragmento abaixo. O que Ana nos proporcionou em entrevista gravada foi sua própria definição daquilo que – para ela – significa ser *mulher de preso*.

Têm várias *mulher de preso*; umas estão ali porque elas gostam da vida que o cara tem, o cara está preso mas está bancando ela lá fora; e a outra é que está ali esperando a mudança do preso e ela quem sustenta o preso e não o preso que sustenta ela. Quem está na vida errada ele acaba sustentando a companheira do lado de fora né. Agora quem está ali tentando mudar não; **é a gente quem tem que manter ele lá dentro e manter a vida do lado de fora também.** Só que as pessoas generalizam tudo. Viu uma ali de um jeito todo torto e acha que todo mundo é assim. Que nem eu falo; ah o marido dela está preso então ela não presta também? E não é assim! **Eu trabalho, eu levanto cedo, eu volto tarde.** Às vezes eu trabalho mais do que a pessoa que está ali me julgando e ela não sabe, acha que só porque o marido está preso eu também não presto. (Ana conheceu o marido na rua sabendo do seu processo e agora visita ele na prisão faz 1 ano e 9 meses– grifo nosso)<sup>153</sup>.

<sup>152</sup>Quem visita as prisões do extremo oeste do interior paulista reconhece este território como *fundão* ou utilizam o DDD 018 também como indicação daquela territorialidade. *Fundão* abarca enquanto figura de imagem tanto distância quanto desconfiança no sentido de um território que pode esconder muitas coisas justamente por estar longe.

<sup>153</sup>Fragments de entrevista gravada 03 de setembro de 2022.

Nesta passagem aparecem as seguintes questões com as quais iremos trabalhar: 1) a heterogeneidade da categoria e sua preocupante generalização no sentido de que há *várias mulher de preso só que as pessoas generalizam tudo*; 2) a demarcação da coexistência entre aspectos formal/informal e legal/ilegal (Telles, 2010) presentes neste universo através da colocação *uma está ali porque gosta outra está ali esperando a mudança do preso*; e, 3) dilemas relativos às conotações pejorativas que ligam de forma recíproca a relação entre uma mulher com um homem preso no sentido de ignorar outros aspectos de sua existência como *manter ele lá dentro; a vida do lado de fora*; ou o fato delas serem trabalhadoras, *trabalho mais do que a pessoa que está ali me julgando*<sup>154</sup>. Guiadas pelas observações da Ana que desenvolveremos este terceiro capítulo da tese trazendo experiências e relatos de trabalho de campo. Para tanto acreditamos necessário começar com aquilo que vem sendo produzido, em contexto acadêmico, sobre elas: mulheres familiares de pessoas encarceradas e visitantes de prisões masculinas reconhecidas pela categoria nativa *mulher de preso*.

No marco das políticas penitenciárias em período de redemocratização brasileira Giane Silvestre (2012) também se depara com a possibilidade de etnografar *mulheres de presos* quando olha para o município de Itirapina-SP com duas prisões. A parte mais interessante é sobre a mudança de significado dado a duas penitenciárias instaladas em dois momentos históricos divergentes. A primeira prisão de Itirapina-SP construída ainda sob regime militar foi lida pela população local como parte de um progresso que vinha sendo demarcado pela expansão da ferrovia, fato que aparece também em Lavínia-SP com o qual trabalhamos no capítulo anterior; assim a pesquisadora não encontrou alarde midiático e muita preocupação com a vinda dessa prisão. Agora bem, na instalação da segunda penitenciária, no ano de 1998, houve forte resistência da população local porque relacionava prisão com aumento da violência e do crime indo de encontro com uma das representações de *mulher de preso*, como vimos anteriormente em expressões de Ana “que gostam de cadeia, de ladrão e do crime”. A autora se concentra nas relações sempre em tensão com moradores, comerciantes e agentes penitenciários com as quais as mulheres que visitam aquelas prisões devem lidar, dentro de um contexto explicativo fundamentado na violência e no crime.

Natália Lago (2019b, p. 18) investiga um município do interior paulista com uma prisão e se depara com a categoria nativa *mulher de preso*. A autora estabelece como ponto de partida a possibilidade – que também defendemos quando apresentamos a cidade de Lavínia-

---

<sup>154</sup>Sabemos como indicamos anteriormente que muitas pesquisas sobre prisões femininas demonstraram que mulheres não recebem muita visita e que mais bem trata-se de um regimento marcado pelo abandono. Indicamos como leitura os trabalhos da Natalia Padovani (2015).

SP – de estudar a prisão desde os agenciamentos que se encontram *fora* dela. A autora nos ensina que gênero e sexualidade estão presentes na forma como as mulheres vão criando e atualizando suas relações consigo mesmas, com outras mulheres e com os homens presos conforme aparece no trecho a seguir:

O que é construído como feminino na pensão e na fila de visitas em Tamara é permeado por mulheres que negociam com as regras da administração prisional e com a presença do PCC, e que vivem momentos de desconfiança sobre quem é *mulher de preso* e quem não é. Ser uma *mulher de preso* passa por performar uma feminilidade desejável; a feminilidade que excede, das *amantes* ou *garotas de programa*, quando não de discussões e acusações.

Neste “performar uma feminilidade desejável” Jacqueline Ferraz de Lima (2015) constrói uma categoria moral baseada em sua etnografia com mulheres esposas e companheiras dos membros do PCC reconhecidas por *cunhadas*. Trata-se da fidelidade ao atributo *mulher de preso* como algo “desejável” assim como é moeda de cambio para uma negociação na constante revalidação deste comportamento exemplar. Questão interessante que a autora nos traz é que estes mecanismos da moral são negociados com base ao que a própria prisão possibilita. Uma *mulher de preso fiel* é aquela que visita com certa regularidade, que leva um *jumbo* cheio e que cozinha para o familiar preso. Atributos próprios do universo do cuidado que são extremamente valorizados em contraponto com a precariedade imposta no interior das grades. Lembrando o que descrevemos no capítulo 1 em ocasião da nossa presença em campo empírico ainda sob risco da Covid-19 quando mulheres ao não terem que cozinhar para seus familiares encarcerados optavam por pedir comida e não usar o espaço cozinha da Pousada da Margarita.

Nos distanciamos drasticamente da experiência de Jacqueline Ferraz de Lima (2015, p.102) no que tange a heterogeneidade na dimensão da classe social; a autora se dizia incapaz de definir uma origem de classe para as *cunhadas* que fizeram parte de seu universo etnográfico:

Convivi com mulheres que diziam fazer parte de arranjos familiares considerados de classes alta e média. Filhas de médicos, empresários, funcionários públicos. Algumas mulheres tinham alto grau de instrução, outras nenhum. Esposas de políticos. Mulheres que viviam na periferia da cidade de São Paulo e obtinham rendimento do crime.

Certamente que dentro da heterogeneidade prática da categoria nativa *mulher de preso* haverá nuances de classe social. No entanto, com as que convivemos na cidade de Lavínia-SP estávamos diante de uma classe social precária e fundamentalmente trabalhadora. De fato, a escolha pela abordagem do tema desde o viés da economia do cuidado também é

devido ao fato de que muitas delas se dedicassem a trabalhos assalariados no ramo dos cuidados como faxineiras, garçonetes, cozinheiras, babás e cuidadoras de pessoas idosas. Entretanto não podemos discordar da multiplicidade na cor da pele, na religião ou nos significados atribuídos ao ser *mulher de preso*.

Thais Duarte (2013) se concentra na análise dos produtos levados pelas *mulheres de presos* para o interior da prisão, que no Rio de Janeiro recebem o nome de *sucatas*; prática que aparece no seu argumento enquanto dimensões do amor, da fidelidade e da compaixão como sentimentos que compõem espécies de dádivas. Assim como Lago (2019b), Lima (2015) e Duarte (2013) estamos em Lavínia-SP em um ambiente considerado parte do *feminino*: aquele que é constantemente guiado pelas emoções, pela preocupação com a família e com a casa, assim como disposição física de um corpo voltado para ser sexualizado. Dessa forma, como categoria de análise teórico/acadêmico as *mulheres de presos* se fazem visíveis e necessariamente abarcadas em estudos sobre a *interiorização penitenciária* que discutimos anteriormente. Assim como aparecem na sustentação da vida em prisões masculinas.

Em Lavínia-SP as mulheres visitantes das prisões masculinas são reconhecidas pela população local como *mulher de preso* ao mesmo tempo em que se assumem pela mesma categoria acionando mecanismos de negociação desta imagem de sentido local. Soube, algum tempo depois, que pessoas evitavam me abordar nos meus primeiros dias na cidade pela desconfiança de que talvez eu fosse também uma *mulher de preso*. Posteriormente outras cortaram relações comigo pelo fato de a Família M. trabalhar de forma direta com as *mulheres de presos*<sup>155</sup>. Esse relato mostra como o marcador social *mulher de preso* tem um aspecto excludente entre os moradores estabelecidos, embora cada vez mais distante das conotações de crime e insegurança. Assim sendo, quando falamos de *mulheres de presos* estamos fazendo uso de uma *categoria local* (Cunha, 2019), ou seja, que seu sentido foi produzido pela pesquisa empírica e seu significado está localizado em contexto do campo.

O que as pesquisas anteriormente apresentadas nos dão a entender é que em se tratando de *mulheres de presos* o que se espera são relações heterossexuais, baseadas na monogamia e com forte apelo à maternidade. Características fundamentais da dominação masculina (Bourdieu, 2019) que localiza um corpo sujeito ao escrutínio do outro, em outras palavras, formas de tornar um corpo objeto visível. De fato, características consagradas em

---

<sup>155</sup>Esta relação conturbada entre moradores de cidades interioranas que receberam prisões e as conhecidas nesses contextos por *mulheres de presos* compõem muitas pesquisas como as de Giani Silvestre (2013); Natália Lago (2017;2019); Jéssica Federici, Taynara Humbelino e Irenilda Santos (2017); Jacqueline Ferraz de Lima (2015); Cristian Guimarães, Stela Meneghel, Bárbara Zwetsh, Luciano da Silva, Michelle Grano, Thaís Siqueira e Carmen Oliverira (2006); Thais Duarte (2013); Fernanda Bassani (2011) .

nosso campo empírico conforme serão apresentadas no decorrer deste capítulo. Aquilo que se espera de uma *mulher de preso* não pode ser compreendido como algo que é dado na realidade. A prática das relações de gênero no em torno das prisões passa por constantes ressignificações conforme são negociadas e atualizadas sendo este o interesse desta pesquisa. Abaixo desmembramos a categoria nativa *mulher de preso* de acordo com nossa experiência de campo.

### 3.2. Ser mãe de preso é diferente de ser *mulher de preso*

Temos de início um grupo de opostos dentro das mulheres nos arredores do cárcere por um lado mães e do outro esposas, companheiras, amantes e namoradas. As mães configuram parte significativa da resistência às mazelas das prisões como aparece no contexto do ativismo prisional na tese da Natália Lago (2019). Dessa forma a relação de mães com seus filhos detidos adota significados distintos referentes ao *cuidar de* (Guimarães e Hirata, 2020) e aos investimentos colocados neste cuidado, que na prática as diferencia das esposas, amantes e namoradas. Mãe Rosa esclarece essa distinção em entrevista gravada ao dizer que: *mãe é uma só e mulher se não der certo arruma outra.*

É na tese da Natália Lago (2019) onde encontramos as *mulheres de presos* enquanto categoria relativamente autônoma para análise, demonstrando que elas se tornaram mais visíveis nas dinâmicas de visitação das prisões alocadas no interior paulista, sendo que, em outros contextos<sup>156</sup>prevalencem as nomenclaturas “familiares” e, sobretudo, “mães”. Ser mãe de um detento torna-se princípio de legitimação dos movimentos sociais em oposição às *mulheres de presos* que é articulada para organizá-las em contato com os moradores de municípios interioranos assim como entre elas próprias. Nos contextos de expansão interiorizada há um processo de autonomização da categoria *mulheres de presos* que modela as negociações de mercado nos arredores das prisões interioranas e determina modelos de precificação, como exemplo da possibilidade emergente deste *turismo de fundo*, considerando o *fundo* como territorialidade constitutiva da distância em sua dimensão longitudinal e também de sigilo, daquilo que é mantido longe.

---

<sup>156</sup>Lago (2019) convive no dia a dia de trabalho de uma pensão que hospeda *mulheres de presos* em Tamara-SP e em uma associação de familiares e amigos de pessoas presas na capital. Um terceiro eixo de sua pesquisa consiste na análise da disputa cognitiva entre militância dos familiares versus movimento de direitos humanos em relação à proibição das revistas vexatórias. O termo “revistas vexatórias” surgiu nos contextos dos movimentos de direitos humanos em denúncia dos procedimentos descomedidos e vergonhosos de revista pelos quais devem passar as mulheres que entram nas prisões para realizarem suas visitas, rito de passagem fronteiriço.

## A mãe Rosa

Mãe Rosa é *nascida e criada* na capital paulistana, tem 58 anos e há 38 trabalha como diarista para a mesma pessoa. Ela se lembra com exatidão o tempo em que visita o filho mais novo, preso injustamente segundo ela, fazem quatro anos e sete meses que seu corpo atravessa e é atravessado pela prisão. Quando ela nos conta sobre sua origem familiar se refere à perda dos pais quando teve que ficar responsável pelos irmãos e como justificativa utiliza a categoria idade e gênero: *continuei a vida pelos meus irmãos que precisam de mim por ser a irmã mais velha*<sup>157</sup>. Dessa forma, Mãe Rosa cuida da casa de sua patroa, dos irmãos, do marido, dos filhos e ainda um deles que se encontra preso. O que talvez pudéssemos chamar de tripla jornada do cuidado, isso sem contar a si mesma. Atualmente apenas Rosa visita o filho e quando questionada sobre a não presença dos demais membros da família o motivo perpassa questões de cunho econômico.

Então, agora só eu, mas até ano retrasado era eu, o meu marido, minha filha e meu filho, e pelas situações financeiras foi ficando mais difícil porque se a gente vinha de carro tinha gasto e não é só a gasolina, o pedágio; tem alimentação. Eu gastava mais de \$1.500,00 reais quando vinha nós todos de carro.<sup>158</sup>

Existe uma dimensão do orçamento familiar destinado atender as necessidades do filho preso que precisa considerar aos demais gasto do núcleo família, porém em matéria de eleição, de quem deve cuidar quando o dinheiro diminui, continua sendo prioridade da mulher, a mãe neste caso. Em momentos de bonança econômica vimos como o cuidado para com o familiar detido era compartilhado entre os demais membros de sua família, inclusive encontravam momentos de distração diante do sofrimento por motivo da viagem.

Em Oswaldo-SP (outro município interiorano com prisões) a gente fazia assim: visitava eu e minha filha no sábado e meu filho e meu marido ia pescar e no domingo meu marido e meu filho visitava e eu e minha filha ia passear. A gente sempre tentou, já que é uma visita tão difícil a gente tenta aproveitar alguma coisa.<sup>159</sup>

Quando conversamos a respeito de seus principais gastos percebemos que existe toda uma gestão mensal que inclui a prisão do filho, como a viagem para visitá-lo, o envio de um Sedex a cada 15 dias; e o pecúlio, dinheiro que ele pode utilizar dentro da instituição, um depósito bancário. Outro elemento importante é o quanto a distância de Lavínia-SP em

<sup>157</sup> Fragmentos de entrevista gravada 20 de fevereiro de 2021.

<sup>158</sup> Idem.

<sup>159</sup> Idem.



relação a São Paulo ameaça vínculos familiares, ao aumentar os gastos da visita diminuem as possibilidades de encontro da família, a exemplo de quando viajavam todos juntos para a visita ao filho. Da mesma forma como Mãe Rosa se distancia do convívio com sua própria família ao priorizar as idas e vindas na prisão de Lavínia-SP. Quando o dinheiro diminui e ela passa a visitar sozinha são outras relações que Mãe Rosa precisará estabelecer, também em uma nova cidade, não mais Oswaldo-SP e agora Lavínia-SP, através da sociabilidade com as demais mulheres que visitam a mesma cidade. Dessa forma as mães se aproximam.

### **Mãe Girassol**

Quando ainda conversávamos com Mãe Rosa embaixo do limoeiro da Pousada da Margarita, Mãe Girassol aproximou-se com uma latinha de cerveja na mão e curiosa com a cena; de pronto aceitou conversar com a gente após finalizada a entrevista com Rosa. Enérgica, ativa, caminha a cidade inteira e não para quieta. Só que não é muito de conversa na pousada, ela prefere é sair pela cidade. Nos mostrava uma sacola dizendo que: *existe uma bala de morango que só encontro em Lavínia-SP*, aproveitou e pegou umas cocadas também e tudo já seria colocado na segunda-feira numa caixa de papelão para ser enviado via Sedex para o filho preso. Lembrando que, neste momento estamos em Campo I experimentando as primeiras medidas de retorno das visitas presenciais enquanto políticas de contenção da Covid-19 continuam vigentes, onde o *jumbo* ainda era proibido de entrar na prisão com elas. Uma tristeza muito grande entre as mães, que se alegram ao ver seus filhos se alimentando.

Ela tinha ido ao banco tirar dinheiro porque na viagem de retorno a casa pegaria um trem na Estação Barra Funda em São Paulo capital para então chegar ao aniversário de sua amiga, se preparou porque conforme nos disse: *fiquei com medo de ficar sem dinheiro para pagar o trem*. Mãe Girassol é uma mulher negra de Osasco e completaria 53 anos no mês de abril, tem 4 filhos e 9 netos. Ela trabalha como empregada doméstica e não aceita *serviço de final de semana*, dias em que visita o filho preso desde 2011. Os dias de visita do filho é fator na hora de escolher onde trabalhar e por isso não pega serviço em bares ou restaurantes.

Dos 10 anos de Mãe Girassol visitando o filho preso levava dois anos vindo a Lavínia-SP. Algo de seu relato que coincide com o de Mãe Rosa refere-se à alta rotatividade dos presos por todo estado de São Paulo passando por muitas cidades interioranas que receberam penitenciárias. Circuito que afeta diretamente a vida dessas mulheres visitantes das prisões masculinas que terminam se movimentando, também. Experimentamos em pesquisa

de campo algumas ocasiões de mulheres que chegaram na Pousada da Margarita, foram visitar na madrugada do sábado ou domingo, e ficaram sabendo que seus familiares não estavam mais naquela prisão, o que na linguagem do cárcere é dito como *foi de bonde*, um tipo de traslado que não é anunciado para a família, prática já reportada em pesquisa anterior (Luz, 2019) que persiste na atualidade, inclusive em período de restrições por conta da pandemia de Covid-19. Nesse momento torna-se evidente a trajetória incerta na hora de realizar uma viagem para a visita de um familiar detido, quem pode não estar mais por lá.

*Eu sou sozinha pra cuidar dele, mas também não abandono meu filho é nunca!* Das questões levantadas por Mãe Girassol em nossa conversa ressaltamos dois fatos ocorridos em sua trajetória de *cadeia*<sup>160</sup>. O primeiro deles se refere ao não abandono do filho preso e como isso vai moldando sua experiência com o mundo fora da prisão. Quando nos conta que em seus 10 para 11 anos nesta vida transitando pelas prisões do interior paulista deixou de viver seus finais de semana, disse:

Não vou mais pra festa, já perdi vários empregos. Eu já arrumei vários empregos, mas é sábado e tem que trabalhar; eu não fico! Eu não deixaria o meu filho. Agora eu arrumei esse daí que é de segunda a sexta; mas aí no normal o meu filho trabalha também e me ajuda, daí eu pego a minha pensão compro as coisas do meu filho (se referindo ao *jumbo*) e venho embora. Perdi várias festas, vários casamentos. Meu filho fala vai lá venha se divertir e eu falo não vou deixar você pedalando aqui nessa cadeia. Meu filho é em primeiro lugar!<sup>161</sup>

Observamos na narrativa de Mãe Girassol assim como em relatos em pesquisa de campo na varanda da Pousada da Margarita o desmembramento de toda uma rede de relações do mundo fora da prisão por conta de suas viagens durante os finais de semana, justamente sendo estes, os sábados e domingos, momentos da semana em que se atualizam redes de sociabilidade através das festas, casamentos ou aniversários. Concordando com Rafael Godoi (2017) e Natália Lago (2019) que as prisões inauguram um circuito paralelo na vida das pessoas.

O segundo momento da narrativa de Mãe Girassol que queremos destacar trata-se das situações de enquadramento pelos policiais da cidade de Lavínia-SP. No momento em que estávamos em Campo I, acompanhamos a preocupação das mulheres hospedadas na Pousada da Margarita referente a um casal de policiais que eram muito severos com as mulheres visitantes, sendo estas constantemente enquadradas na rua.

---

<sup>160</sup>Cadeia é uma palavra utilizada pelas mulheres visitantes de prisões masculinas em sentido mais genérico como se referindo aos aspectos de aprendizado dos códigos exigidos por aquele mundo. Elas reconhecem a diferença entre os mundos, da cadeia por onde passam e depois outro mundo onde trabalham.

<sup>161</sup> Fragmentos de entrevista gravada 20 de fevereiro de 2021.

Eu estava trabalhando em um bar e fazia 6 dias de faxina, só que é bar, aí eu peguei um dinheiro pra vir viajar só que o dinheiro era falso e eu não sabia. Daí eu vim aqui comprar umas coisinhas no bar do japonês e comprei normal, o homem foi me deu o troco tudo certinho aí eu entrei no mercado pra comprar o restante que faltava que não tinha na lojinha. Eu acabei de sair do mercado a polícia me parou falou que eu estava com dinheiro falso, me levou para a delegacia, daí breçou minha visita e eu fiquei nove meses sem ver meu filho.<sup>162</sup>

A vigilância policial aumenta nitidamente no município de Lavínia-SP durante os finais de semana quando as mulheres visitantes são constantemente abordadas e seus celulares revistados. Percebemos que um dos itens mais buscados que drogas são *os pipas*, pequenos pedaços de papel escrito em caneta que saem das prisões com informações das mais diversas. As mulheres ganham dinheiro por cada *pipa* que conseguem trazer da prisão e passar a informação adiante. Cada *pipa* vem direcionado a alguém, contendo o nome e o número de telefone do destinatário, quase sempre outras mulheres que também visitam. As informações referentes às negociações da facção PCC não recebem o nome de *pipas* e são *terminais*, onde informações consistem em transações bancárias e algumas vezes decretando a morte de alguém. Os *pipas* é uma possibilidade de ganhar dinheiro com a obrigatoriedade da visita. Margarita, a dona da Pousada, tem muitos relatos sobre *pipas*, de como os escondia no caminho de volta da prisão em sua calcinha como garantia de que *suas meninas* não fossem revistadas. Dificilmente um morador estabelecido em Lavínia-SP, ou até mesmo Margarita como nova moradora sem familiares na prisão, será abordado pela polícia na rua, ao contrário das visitantes.

De forma mais velada fomos observando como mães são responsáveis pelos agenciamentos de novas mulheres para que venham a visitar seus filhos, ou até mesmo caso a relação com a esposa ou companheira atual não seja das mais amistosas. O fato de elas desejarem que seus filhos tenham a visita de uma esposa, namorada ou até mesmo amante vai na direção de compartilhamento das responsabilidades próprias para com o ato de realizar a visita de forma periódica. Elas buscam e agenciam outras mulheres para dividirem a obrigação. As mães mais satisfeitas que encontramos são aquelas que visitam um final de semana e a nora no próximo.

### Mãe Cássia

---

<sup>162</sup> Fragmentos de entrevista gravada 20 de fevereiro de 2021.

No sábado a aproximadamente meia noite abrimos o portão da Pousada do Mario para Cássia e no dia seguinte tivemos oportunidade de conversar pela manhã bem cedinho antes dela ir visitar o filho preso em Lavínia-SP. Ela dizia que ficou um bom tempo sem vir ver o filho porque estava desempregada, e finalmente conseguiu um trabalho como cozinheira em uma padaria na capital paulistana. Como cozinhou a semana inteira se permitiu pedir comida pronta para levar ao filho. Às 3:30 horas da madrugada de sábado chegou um carro na Pousada do Mario, desceu uma mulher que entregaria a comida para a Mãe Cássia, estava toda separada em sacos plásticos; arroz, feijão, carne, salada. Para que assim naquela manhã de domingo ela pudesse esquentar cada item no micro-ondas da Pousada do Mario, montar sua vasilha e partir para a prisão visitar o filho. Lembrando que, neste momento estamos em Campo II quando elas podem entrar na prisão com um *jumbo* menor contendo uma vasilha de 3 litros com comida fresca e um refrigerante de 2 litros.

Às 7:30 da manhã ela foi de táxi para a porta da prisão. Deixou sua mala na pousada até que a van viesse buscá-la na praça no centro da cidade. Sua frase na cozinha enquanto montava a vasilha com a comida comprada era: *o que uma mãe não faz por um filho.*<sup>163</sup>

Muito da nossa interação era para conversar sobre o seu mais novo trabalho, ao qual reservava muitas reclamações. Elas eram, sobretudo, dirigidas ao chefe que lhe proibia comer a comida que ela mesma cozinhou. Dizia que estava muito interessada em aprender sobre confeitaria e talvez assim pudesse se dedicar ao próprio negócio. Conforme nossa experiência em pesquisa de campo vai se estendendo no tempo vamos compreendendo como estamos diante de mulheres trabalhadoras que sonham com o empreendedorismo justamente por conta das dificuldades nas relações entre as hierarquias no mundo do trabalho. Aqui nos lembramos de Mario e de sua orgulhosa frase: *nunca fui empregado de ninguém* – conforme descrevemos no capítulo 1. Estamos diante de mulheres trabalhadoras que no ambiente trabalho também precisam lidar com dilemas da dominação masculina (Bourdieu, 2019), assim ter um negócio próprio é construído como mecanismo de libertação.

### ***Das esposas/companheiras à ameaça das amantes***

É entre as esposas e companheiras que se faz valer a expressão *mulher de preso* para além dos moradores da cidade de Lavínia-SP, que sim as generaliza nesta mesma categoria. Elas se apropriam da expressão e a utilizam em suas negociações com outras mulheres na

---

<sup>163</sup> Fragmentos do dia 28 de agosto do ano de 2022 em Diário do Campo II.

mesma condição. Entre elas existe a constante ameaça das amantes, mulheres que podem chegar a conhecer um homem por conversas pelo celular enquanto este se encontra dentro da prisão. Assim aconteceu com Paolla, quem se comunicava com um amigo dentro da prisão que compartilhava cela com seu atual marido, aquele quem ela visitou por mais de 12 anos. Assim temos esposas e companheiras que poderiam ter conhecido seu familiar detido tanto dentro quanto fora da prisão. Dessa forma agenciar mulheres para que se transformem em visitantes de prisões masculina é prática recorrente do nosso universo de pesquisa. Para que mulheres que não estão casadas em cartório possam entrar dentro de uma prisão paulista precisam obrigatoriamente de uma declaração de amásia assinada pela declarante mais duas testemunhas.

### **Azaleia – investimento num tempo futuro**

Foi com ela que o chinelo da pesquisadora entrou na prisão de Lavínia-SP. Azaleia estava desesperada porque seu chinelo de dedo estava muito velho para entrar na prisão e visitar seu marido; fomos em todas as lojas da cidade à procura de um chinelo novo, porém os estoques do comércio local estavam esgotados e esperando a chegada de novos produtos, quando a pesquisadora oferece seu próprio chinelo. Recebeu uma resposta de espontânea alegria, o que deixou Azaleia aliviada para prosseguir com os cuidados de seu cabelo, o que lhe tomaria demasiado tempo. O cabelo de Azaleia estava recém trançado, mas quando chegou na Pousada da Margarita as demais meninas lhe informaram que: *com tranças você vai ser barrada na porta da cadeia; de trança você não entra!* Por isso teve que desfazê-las e a pesquisadora chegou a ir até a casa da Família M. em busca de tesouras maiores para essa triste demanda da instituição prisão.

Azaleia é paulistana, mulher negra, perdeu os pais quando tinha 22 anos de idade. Ela tem 4 filhos, dois meninos e duas meninas, trabalha como auxiliar de limpeza para obras. Visita seu esposo em uma das penitenciárias de Lavínia-SP, preso há 4 anos e nos relata essa dificuldade de conciliar os dias de visita com seu trabalho porque acaba faltando algumas sextas-feiras e o valor dessa ausência é descontado no seu salário. A empresa acaba descontando três dias de trabalho porque contam também sábados e domingos que ela não trabalha.

Do meu lado profissional abalou muito (se referindo à prisão do marido). E do pessoal também, assim em nenhum momento eu fui coagida para fazer a visita, ele sempre me respeitou muito só que é assim nós estamos na chuva pra se molhar, daí

na sexta-feira eu falto (do trabalho), compro as coisas para os meus filhos e a irmã deles cuida dos meus filhos.<sup>164</sup>

Percebemos no fragmento acima que na ausência da mulher que visita uma prisão masculina se encontra uma outra mulher cuidando dos que ficam em casa. Das mulheres esposas e companheiras aparece uma narrativa sobre o amor pelo marido ou companheiro preso de um modo que elaboram uma perspectiva do tempo futuro que elas levam para o interior da prisão, uma perspectiva de uma vida a dois que se concretizará mais a frente. Azaleia quando questionada a respeito de como imagina seu futuro nos diz: *quero casar de vestido de noiva*.

Assumir a responsabilidade para com a visita de um homem preso envolve dinâmicas das mais variadas, desde persuasão e ameaças até por opção voluntária. De qualquer modo a passagem de entrar na instituição não pode ser interpelada como prazerosa e sempre acarreta sofrimento, como aparece no relato de Azaleia abaixo:

Na minha primeira visita eu tinha impressão de que estava entrando num calabouço. Eu entrei mal e sai pior. Eu digo por mim, mas entrar numa prisão é humilhante. É uma opção, eu escolhi porque eu amo ele.<sup>165</sup>

## Santa

Conhecemos Santa em nosso Campo II, ela visitava junto com a irmã do companheiro preso e no final de semana do 03-04 de setembro do ano de 2022 foi quando conseguiu vir até Lavínia-SP sozinha, ato realizado em sigilo e pelo qual pedia para Mario e Paolla segredo. Neste caso, o termo cunhada define o regime de parentesco próprio da instituição família sem nenhum tipo de vínculo com o PCC. Santa e a irmã do companheiro preso eram as únicas evangélicas que passaram pela Pousada do Mario, havia um quarto pequeno com apenas duas camas de solteiro e uma porta estilo sanfona de plástico que as mantinham separadas das demais mulheres; e este quarto estava sempre reservado. Paolla fazia questão de lembrar Mario toda semana: *guarda o quarto das crente!*

Enquanto membro da Igreja Universal Santa só poderia manter relações sexuais com o companheiro depois de casada, portanto, abençoada pela instituição religiosa. Entretanto, ela não queria esperar e neste final de semana estava extremamente ansiosa pelo fato de, enfim, desfrutar de um momento de intimidade com o companheiro preso. Santa nasceu em

<sup>164</sup> Fragmentos de entrevista gravada 20 de fevereiro de 2021.

<sup>165</sup> Fragmentos de entrevista gravada 20 de fevereiro de 2021.

Pernambuco, mas mora na capital paulistana desde a infância. Ela é babá de uma criança altista e também empreendedora de um comércio que vende esmaltes especializados para unhas em gel. Conheceu o atual noivo na igreja e como nos relata a seguir sabia do pedido de prisão:

Aconteceu um sequestro e depois de 5 dias acionaram ele para dormir uma noite no cativeiro. Uma noite! Ele ficou respondendo em liberdade porque ele se apresentava na justiça. E ele fala: eu não sou bandido. Liberaram ele por falta de provas e ele ficou respondendo o processo, 11 anos depois ele foi julgado. Logo que eu conheci ele, ele já estava esperando. Quando saiu a sentença eu ainda estava casada e ele estava noivo. Ele me disse que não podia me oferecer muita coisa porque ele estava condenado. Levou 1 ano e pouco pra sair o pedido. E aí a gente começou a namorar. Se ele fosse uma pessoa ruim ele teria se envolvido em outras coisas, ficou 11 anos fora e ele não se envolveu<sup>166</sup>.

A visita íntima é prática relevante para as esposas ou companheiras de homens presos. Momento de atualização da relação entre homem e mulher nos parâmetros de uma sexualidade normativa fundamentada nos moldes da heterossexualidade. Entretanto elas acontecem de forma um tanto desconfortável, as mulheres precisam dividir o espaço de uma cela com outros casais numa divisão a base de lençóis, como se fossem acampamentos numa tentativa da mais mínima intimidade. James Zomighani Jr. (2014) compara as visitas íntimas e as revistas vexatórias, aquelas que existiam antes dos *scâner* corporais e exigiam que mulheres se desnudassem e agachassem sob um espelho, ou seja, práticas de violência do Estado.

Outro apontamento contido na fala de Santa trata-se da oportunidade de conhecer alguém que ainda não foi preso embora esteja esperando a conclusão de um julgamento. A extensão entre o dentro e o fora da prisão são continuamente mantidas inclusive pelos lapsos da lei.

### **Ana**

É uma jovem de 24 anos quem visita o marido em Mongaguá-SP bem distante de Lavínia-SP, ela estava presente na Pousada do Mario em nosso Campo II acompanhando uma amiga em ocasião da sua primeira visita naquela cidade. Elas se conheceram em um CDP na cidade de Guarulhos-SP, ambas visitando seus respectivos maridos. Ana tem uma relação conflituosa com a mãe. Ela mora no quintal da sogra com quem divide as responsabilidades

---

<sup>166</sup> Fragmentos de entrevista gravada 03 de setembro de 2022.

da visita. As duas são costureiras e trabalham na mesma empresa, de fato foi a sogra quem a levou para este trabalho. Ela tem uma filha de 7 anos de um relacionamento anterior.

Nos relatos de Ana sobre os motivos da visita ao marido preso é justamente esta fidelidade a alguém que foi importante em sua vida enquanto estava fora da prisão, nos demonstrando parte da construção dessa rede de apoio que se estabelece entre o dentro e o fora das grades numa relação de reciprocidade. Ela visita o companheiro porque ele ajudou muito ela quando estava fora da prisão. No caso de Ana também observamos parte deste agenciamento das mães de homens presos no recrutamento de outras mulheres com quem dividir das obrigações do *cuidar de*.

### **Hortência**

Conhecemos ela em nosso Campo II na Pousada do Mario e ao contrário das demais mulheres ela anda sempre só. Uma mulher negra, de 24 anos de idade, que morava ainda mais distante da capital paulistana e vinha visitar o atual companheiro. Ela era a única pessoa que vinha visitá-lo, acabamos estabelecendo uma relação e conversávamos muito sobre plantas medicinais na cozinha da Pousada do Mario. Ela me dizia que o atual companheiro quando a vê entrar na prisão não sabe o que faz, chega inclusive a beijar seus pés. É sobre amor que sua narrativa se constrói quando fala do motivo que a leva a cada 15 dias para Lavínia-SP.

Com o tempo fomos entendendo o motivo de sua solidão, e segundo ela nos conta, está relacionado com o crime pelo qual o atual companheiro foi julgado. Ele estava preso por ter matado a ex-mulher enquanto ela estava grávida. Logo fomos acessando esta dimensão das relações entre mulheres familiares de pessoas encarceradas que não aceitam crimes cometidos contra outras mulheres. Neste universo este tipo de crime é seriamente reprovado. Quando as demais meninas comentavam sobre Hortência diziam: *eu não acredito que ela vem ver esse cara*.<sup>167</sup> De fato, Hortência chegou a nos revelar o crime horrível após nossa entrevista gravada no dia 27 de agosto do ano de 2022, onde acrescentou que além de ter matado a ex-mulher grávida também incendiou a sua casa. Mesmo assim alegava visitá-lo por amor.

Ela conheceu o atual companheiro pelo telefone quando este já estava preso e veio encontrá-lo pessoalmente em ocasião de uma de suas saídas da prisão nomeada como *saidinha*. Um benefício adquirido em regime semiaberto possibilitando o preso viajar para a

---

<sup>167</sup> Fragmentos de Diário do Campo II entre os meses de junho a novembro do ano de 2022.



casa da família em datas comemorativas. Mas, o dinheiro para ir e voltar da viagem é de responsabilidade do próprio preso, ou da família do mesmo.

As mulheres entrevistadas em nossa pesquisa fazem um julgamento paralelo daquele realizado pelo Estado. O acordo que vigora entre as mulheres e os homens que elas visitam acaba considerando a imagem do *verdadeiro bandido*, aquele que é reconhecido por crimes que não violam a vida de inocentes. Para elas e eles, a morte de policiais é bem-vista, por serem estes últimos parte de um grupo oposto, nos enfrentamentos cotidianos nas periferias onde habitam. Códigos morais próprios do mundo do crime que igualmente atravessam os mundos de dentro e fora das grades. Entre as mulheres que visitam prisões masculinas será de péssimo gosto uma mulher se predispor a visitar um homem que cometeu violência contra alguma mulher na rua.

### ***Estética da dignidade: tensões de quando a prisão te define***

Ao princípio da redação deste texto queríamos dar nome de flores para todas as nossas mulheres interlocutoras por conta de uma das experiências que tivemos em campo em contraste com leituras sobre os estudos prisionais. Na tese do Fábio Mallart (2019) somos guiadas pelo sentido do olfato enquanto impressão densa da insalubridade e mal-estar do que o autor denomina de *subterrâneos do cárcere*; espaços em que presos que não são alocados em celas convencionais são submetidos a práticas de medicalização extrema e abandono perverso, onde sentimos um cheiro capaz de proporcionar ânsia de vômito. Ao contrário, nas Pousadas da Margarita e do Mario o ritual do banho e do uso descomedido de perfumes quando as mulheres partiam rumo às visitas nas prisões nos chamou atenção. Era como se quisessem levar para o interior das muralhas um cheiro do que é, por elas, considerado feminino, um odor para compensar aquele das prisões. Ou até mesmo levar para dentro daquele espaço algo que fosse agradável de sentir, prazeroso.

Tanto durante nosso Campo I quando durante o Campo II participamos dos rituais de embelezamento. Elas faziam hidratação, chapinha, escova em nosso cabelo; coloriam nossas unhas; e sobretudo nos ensinavam como usar roupas que pudessem vir a marcar um corpo feminino considerado desejado pelo sexo masculino. Nesta experiência de uma etnografia por afetação (Saada, 2010) fomos guiadas neste itinerário de um universo específico do feminino. Temos nos moldes da dominação masculina (Bourdieu, 2019) o escrutínio de um corpo feminino destinado a constante observação e objetivação do sexo masculino. Entretanto, ao

mesmo tempo, uma das ferramentas mais acessíveis para mulheres em suas possíveis estratégias de resistência igualmente é o corpo.

Em oposição às precariedades estruturais nas quais a população que lota as prisões brasileiras e os territórios periféricos dos quais provém (Mallart e Araújo, 2020; Pierobon, 2018) as mulheres quando visitam prisões promovem um movimento de compensação: levar o melhor alimento e o mais fresco possível; passam os melhores cremes e perfumes após o banho o qual antecede as visitas; compram novas calças *legging*<sup>168</sup> e camisetas, sendo as roupas permitidas para adentrar as muralhas. E antes de tudo isso, passam por todo um ritual estético que toma as varandas, os banheiros e os espaços de convívio coletivo nas pousadas da Família M. Não podemos assim negar a presença deste universo feminino quando falamos de *mulher de preso*.

Elas também cuidam com muito zelo da estética dos alimentos que levam para dentro das prisões, em circunstância do nosso Campo II e retorno do *jumbo*, reaparecem os esforços para levar comida quente e refrigerante bem gelado. O modo como elas montam as vasilhas de comida fresca, como o arroz está separado do feijão; como a salada é colocada dentro de um saco transparente para que não se misture com o resto da comida; a forma como a fritura é deixada em papel toalha antes de ser inserida na vasilha; a forma como a lasanha é brilhante; elas levam beleza e prazer para dentro das prisões. Elas até exageravam e algumas tinham que colocar o refrigerante embaixo do chuveiro quente antes de ir para a visita porque congelados eram de entrada proibida nas prisões de Lavínia-SP e região. Por isso também, do outro lado, nas pousadas de Lavínia-SP tanto o uso de micro-ondas como de freezers é uma economia a parte (Luz, 2019; Luz e Mazon, 2020), um valor adicional que vai de R\$3,00 a R\$ 5,00 reais.

### ***O que a pandemia de Covid-19 tornou visível?***

Nosso primeiro contato com as mulheres familiares de pessoas presas foi na Pousada da Margarita em janeiro do ano de 2021 como parte do nosso Campo I e descrito no primeiro capítulo desta tese. Com elas convivemos muito tempo durante o final de semana justamente por conta das medidas de precaução tomadas pela SAP que fizeram com que o período delas dentro da prisão fosse encurtado para apenas duas horas e durante um único dia do final de

---

<sup>168</sup>Rafael Godoi (2017) ao experimentar o contexto de interiorização penitenciária e se deparar com as mulheres visitantes das prisões masculinas diz que fora das muralhas se encontra o “país das calças *legging*”. A roupa permitida para entrada nas prisões é calça *legging*, camiseta e chinelos de dedo; imposição institucional que opera um mecanismo de distinção no universo de pesquisa que analisamos, em Lavínia-SP quando os moradores locais avistam uma mulher de calça *legging* e chinelo logo concluem “é *mulher de preso*”.

semana. Os esforços para conseguir visitar continuaram, mas a pandemia de Covid-19 trouxe novidades cognitivas com as quais novas questões destes dilemas do feminino que compõem o fora da prisão até então não nos havia sido demonstrados.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou no dia 11 de março do ano de 2020 a pandemia por conta do novo coronavírus. No dia 19 de março do ano de 2020 as visitas presenciais são então proibidas em todos os presídios brasileiros. A Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo cria em junho do ano de 2020 um programa de visitas virtuais chamado por *Conexão Familiar*. Nele, as familiares teriam direito a uma videochamada todo mês assim como poderiam enviar e-mails para que fossem impressos e destinados aos familiares presos (sempre após a fiscalização do conteúdo por parte dos agentes penitenciários). A medida suscitou problemas e também repercutiu em algumas considerações favoráveis. Entre as preocupações, destacamos a seguinte fala de Paolla:

Na pandemia mesmo a gente não tinha muita comunicação com o preso né. A nossa comunicação era mais pelo Conexão Família né, que você pode mandar por e-mail uma vez por semana e a unidade escaneia e manda o retorno pra gente. É aí... eu não sei, mas a minha conexão com o meu marido é tão grande que deu na minha cabeça amiga de eu comprar o *Azitromicina* (fármaco com propriedade anti-inflamatória usado no tratamento da COVID-19) e mandar pra ele. Aí depois eu tive o retorno dele, que ele estava muito ruim. Que ele não tinha feito o teste de Covid-19 porque eles não fizeram lá dentro, mas ele tinha quase certeza de que era Covid-19, deu uma febre muito grande em alguns da cela. Entendeu? Eles ficaram muito ruim mesmo. A sorte foi que eu mandei esse comprimido e eles lá mesmo tomaram e se curaram. Mas teve caso sim. Em Mirandópolis 1 de Covid-19, várias unidades tiveram né caso, mas foi escondido, dos próprios funcionários mesmo foi transmitido.<sup>169</sup>

Em nosso Campo I entrevistamos a Mãe Rosa, a Mãe Girassol e Azaleia que coincidem numa resposta que envolve economia e cuidado, quando as questioneei se conseguiram economizar algum dinheiro durante a pandemia pelo fato de não terem que realizar a viagem, a resposta embora afirmativa era acompanhada de: *eu preferia estar gastando* (Mãe Girassol); *pelo gasto nem tanto porque eu nem conto mas na videochamada ele conseguiu ver os outros* (Mãe Rosa); *o que eu quero pra mim é viver na rua com ele, eu visito pelo amor que eu sinto por ele* (Azaleia). Voltamos aqui ao conceito de Viviana Zelizer (2011) dos dinheiros especiais; para essas mulheres, de certa forma, o valor monetário empreendido para a visita às prisões é um valor a parte em suas vidas, sagrado, que não pode ser tocado por outras despesas. Elas levam para dentro da prisão uma perspectiva do tempo

---

<sup>169</sup>Fragments de nossas conversas via aplicativo WhatsApp ao longo do ano de 2023.

futuro não através das premissas econômicas da poupança ou da maximização individual dos benefícios e sim desde uma perspectiva do cuidado na produção e reprodução da vida.

Conhecemos Bia em nosso Campo II na Pousada do Mario, ela vinha sempre acompanhada de seu filho com dois anos de idade para que pudesse conhecer o pai. O marido dela foi preso em plena pandemia de Covid-19 quando ela estava prestes a dar à luz o filho, uma gravidez que veio cheia de complicações. Durante a gravidez, ela desenvolveu diabetes e o filho nasceu com problemas no coração, por conta disso precisou ficar na UTI durante 40 dias, e sozinha! No momento da pandemia os únicos familiares permitidos dentro de uma emergência do hospital, para o caso da maternidade, eram a mãe e o pai biológicos. E neste caso o pai recém havia sido preso. Realmente o mundo parou durante a pandemia de Covid-19, mas conforme nossa experiência de Campo I e Campo II as prisões de Lavínia-SP continuaram funcionando a todo vapor conforme descrevemos no capítulo anterior.

A falta de notícia do familiar preso durante a pandemia de Covid-19 trouxe reflexões a respeito dos arranjos de gênero e das obrigadoriedades no momento da visita aos presídios de Lavínia-SP. Durante o nosso Campo I, recém liberadas as visitas presenciais, a nova normativa lhes impunha apenas duas horas e somente a cada 15 dias; o que ao princípio poderia parecer ruim era interpretado como alívio. Essas mulheres estavam contentes com a imposição da visita a cada 15 dias. Principalmente para as esposas, elas se sentiam obrigadas a vir todo final de semana e nesse momento, ficaram satisfeitas com um final de semana de descanso, sem viagens. Como a restrição vinha da instituição prisão e não delas próprias era facilmente justificada aos maridos e companheiros. Observa-se aqui uma faceta autoritária das relações de gênero: a visita tem um caráter de obediência às demandas do marido preso, uma relação hierárquica e que está na ordem das coisas, entre homens e mulheres como observam Danièle Kergoat (2003) e Pierre Bourdieu (2019). Fato que nos revela a vontade de uma vida que não tenha que incluir prisão nela.

Elas desejam visitar familiares presos, ter informações rápidas e visíveis sobre eles, mas elas igualmente desejam estar em suas próprias casas durante os finais de semana, quando as principais sociabilidades de ócio e descanso acontecem. Elas desejam descansar. E isso a pandemia de Covid-19 tornou visível. Não havia nada de mal se as visitas continuassem a cada 15 dias desde que por obrigadoriedade da instituição.

### **3.3. A corporação PCC e o uso estratégico da família**

Bia: Daí eu vou te falar Thami da minha tese. Meu marido na época que ele estava na rua, isso são coisas passadas que meu marido fez e que acabou voltando agora. É porque passou um monte de polícia pra matar ele só que como tinha um monte de gente no ponto de ônibus, prenderam. Só que é onde eu falo pra você, o cara ele está tentando fazer a vida dele. O meu marido não estava mais fazendo nada de errado. Aí vamos lá... eu entro aqui hoje, tanto é que a visita só foi trocando ideia, trocando papo com o meu marido, trocando papo assim de progresso. Ele, você sabe e eu não preciso te explicar a situação; meu marido era casa, família. Se eu falar você descredita, que eu chegava em casa, porque sou diabética (condição que veio com a gravidez do terceiro filho), a comida estava toda feita, ele cuida das crianças, ele vai em reunião escolar, tudo. Ele estava tentando uma vida. Foi tanto que a mãe dele falou pra mim: Nunca vi o Zé Galinha (vulgo fictício) parar a vida dele por causa de mulher nenhuma! Nunca nenhuma mulher parou ele.

Santa: Eu acredito.

Bia: É que nem eu falo: Ele nunca precisou. A família é bem estruturada, tem ponto de comércio, 8 casas de aluguel, a família é estruturada! Então o que foi que ele pensou? O pai dele tem uma empresa e falei assim: pra você não continuar mais nessa vida vamos fazer da seguinte forma, como eu tenho 14 anos de empresa na Mutantes S.A (nome fictício) eu negociava com o meu patrão e a gente colocava uma empresa do mesmo ramo do pai dele. E logo em seguida meu marido foi preso. A cabeça dele mudou, criou uma revolta porque ele estava tentando a vida.

Santa: Sim, sim. Não existe ressocialização!

Bia: Eu falei pra ele da fé. Eu falei pra ele Thami!

Santa: A única coisa que eles têm pra se apegar é a fé!

Bia: Eu até me emocionei hoje, chorei pra caramba porque o medo dele é o abandono. Só que eu falei pra ele: Eu sei o que você foi pra mim na rua, eu sei o tanto de felicidade que você trazia pra gente, o tanto que você tentou consertar a sua vida. Eu creio num Deus que a justiça da terra está falando de 25 a 30 anos, mas no amanhã ele pode fazer o sobrenatural. E aí ele começou a chorar feito criança.

Santa: Você está entendendo onde a gente se apega?

Bia: Ele falou pra mim: Bia como é que eu vou ficar esse tempo todo?

Santa: Porque é o que eles têm, ou vira irmão ou se afunda de vez.

Bia: Tem um boy que é PCC e é amigo dele lá da vila e está aqui também, daí vem as propostas. Porque assim o meu marido ele é muito inteligente! O Mané (vulgo fictício) foi preso em assalto fudido e ficou só três meses na cadeia. Sabe o que ele falou? O seu marido o Comando cobiça ele. É agora que o irmão ligou dando oportunidade.

Santa: E ele já desesperado porque veio a pena dele toda bagunçada. A pessoa já pensa assim, mas eu vou tirar 18 anos...

Bia: Ele tem uma dívida de R\$ 80.000 reais, que ele estava pagando. Os cara falou assim: Essa dívida já está quitada! Eu vou te dar casa, eu vou te dar isso, eu vou te dar aquilo...

Santa: Desde que ele fique preso a ele.

Bia: Aí só que assim, o meu marido ele é da faxina e os cara tá cobrando: E aí quando é que você vai assinar o seu papel? E ele está sempre ali conversando porque tem eu envolvida; e eu não aceito! E agora como é que eu falo pra um cara com uma pena dessa aonde está vindo as promessas de Deus e fundo.<sup>170</sup>

Acompanhamos na conversa acima o dilema das mulheres que não desejam que seus maridos façam parte do PCC embora seja difícil evitá-lo, desde que resulta numa oportunidade de ganhar dinheiro mesmo estando dentro da prisão. Esse é um jogo econômico que promete beneficiar, do ponto de vista material, aos familiares que se encontram fora.

<sup>170</sup> Fragmento de conversa gravada com permissão de todas as partes envolvidas. Conversa que aconteceu enquanto fazíamos uma entrevista gravada com Santa no dia 03 de setembro do ano de 2022.

Muitas facções criminosas ou máfias utilizam da estrutura familiar como mecanismo de recrutamento e fidelização de seus membros. O caso PCC não é diferente; seus membros são reconhecidos por *irmãos* (Feltran, 2018) e as esposas ou companheiras enquanto *cunhadas* (Lima, 2015) mobilizando a forte metáfora da família. Malgrado a maioria das mulheres familiares de pessoas presas com as quais interagimos se tratem como *cunhadas*, as relações não são tão instantaneamente fundamentadas em regime de reciprocidade e muitos conflitos vão sendo revelados desde uma pesquisa de cunho etnográfico. Entretanto, mulheres familiares de pessoas presas que visitam prisões constitui-se como movimento global independente da existência do PCC (Comfort, 2008; Ferreccio, 2018; Ricordeau, 2019). Assim como outras organizações criminosas em outras partes do mundo também empregam a categoria família para operacionalizar suas relações de confiança e pertencimento.

A importância da família para a sustentação material de todos os membros nela envolvidos vai para além do fenômeno PCC e se intensifica quando outras possibilidades de desenvolvimento econômico se encontram distantes. Assim a unidade familiar se apresenta como principal recurso designado às possibilidades de sobrevivência. O código interno do PCC, ao se valer da violência física legítima, intensifica esta tradição ligada à responsabilização da família para com a sustentação da sobrevivência de seus membros. Nesse ambiente, mulheres são alvo por excelência da dominação. Uma dominação masculina que se radicaliza pela possibilidade de emprego da violência física. Em Pierre Bourdieu (2014) o Estado não detém apenas o monopólio da violência física, mais importante e antes disso, possui o domínio da violência simbólica. O sociólogo francês quando dialoga com a economia ortodoxa destaca a existência e disposição em mercados assimétricos dos bens simbólicos (Bourdieu, 2005). De certa forma o PCC articula a seu favor os símbolos da divisão sexual do trabalho.

A sociologia econômica é capaz de participar deste debate compreendendo que a racionalidade dos atores envolvidos é mais complexa do que uma simples relação do efeito persuasivo da facção. Ainda, se observamos o domínio do PCC no interior das prisões paulistas suas tramas de conhecimento da história e dilemas de cada preso, suas necessidades, permite compreender essa força simbólica exercida onde o Estado se permite pouca presença. Assim é possível compreender o PCC enquanto organização instituída. Interessa-nos aqui, a relação dessas mulheres e suas negociações com a facção. Afinal, existem agências entre as brechas produzidas pelo Estado.

O PCC nasceu numa prisão no interior do estado de São Paulo no ano de 1993 (Salla, 2007) e conforme nos relata Ana: *o pessoal costuma falar que o fundão é perigoso, tem muita gente do Comando e os grandões costumam ficar pra cá*<sup>171</sup>. As mulheres ao manterem os presos vivos igualmente mantêm o PCC ativo, porque ele vive e cresce recrutando novos membros dentro da prisão (Dias, 2011; Silvestre, 2016). Como bem aparece no relato de Santa, abaixo, as mulheres que visitam prisões levam comida para outros homens, além de seus familiares presos.

E outra; você faz uma quantidade boa que é para eles dividirem entre eles. O que chega a ser ridículo. Você vai visitar 1 preso, mas você tem que alimentar o coletivo, então por isso que é um *tupperware* de 3 a 4 litros. A moça aqui vai levar 5! Porque é uma lei de lá de dentro. É dividido, é dividido (Santa, 39 anos)<sup>172</sup>.

Os presos que não recebem mulheres familiares são chamados de *pelegrinos* que ficam *pedalando* nos dias de visita, o que significa ficar caminhando em círculo no pátio da penitenciária enquanto as visitantes ocupam as celas com seus maridos, companheiros ou filhos. Como tenta nos explicar Bia no relato abaixo:

O Comando ajuda né, daí entra marmita, *tupperware*. Fica uma pessoa responsável por cada unidade que faz a comida do final de semana. Às vezes é 30-40 *tupperware* de comida. Aí vamos supor que eu sou uma visita e entra três *tupperware* de comida; eu vou levar duas para o meu marido e uma para levar para esses *pelegrinos* que não tem visita e não tem condição de comer uma comida da rua.<sup>173</sup>

Observa-se como o PCC atua através das mulheres nessa esfera do cuidado, e impõe uma obrigação que elas não podem questionar. Ao mesmo tempo ele atua como esse poder paralelo, só que aqui como uma forma de assistência social a outros presos à custa do esforço e cansaço de mulheres. O PCC contribuindo na produção de corpos exaustos, físico, mental e emocionalmente.

Nesta dinâmica específica das ilegalidades não podemos deixar de falar da Amanda. Ela passou uma única noite pela Pousada do Mario e no sábado dia 13 de agosto do ano de 2022 conversamos muito e sozinhas sentadas na cozinha. Amanda cresceu sozinha, sem pai nem mãe, e viveu durante muitos anos da venda de maconha, nos dizia: *é muito dinheiro, é fácil; em uma semana já cheguei a ter R\$ 10.000,00 reais na mão*.<sup>174</sup> Chegou a ser presa e me contava sobre o problema do ciúmes nas prisões femininas, já que as mulheres presas por conta do abandono da família de fora encontram no relacionamento entre elas formas de

<sup>171</sup> Fragmentos de entrevista gravada 03 de setembro de 2022.

<sup>172</sup> Fragmentos de entrevista gravada 03 de setembro de 2022.

<sup>173</sup> Idem.

<sup>174</sup> Fragmentos do dia 13 de agosto do ano de 2022 em Diário do Campo II.

sobrevivência e resistência. Me dizia: *eu nunca mais quero pisar numa cadeia; só venho ver ele porque me ajudou muito lá fora.*<sup>175</sup> Amanda tinha 42 anos e nos contava como agora só quer viver tranquila e gastar tudo o que ganha em procedimentos estéticos.

Amanda conseguiu comprar alguns terrenos no litoral paulista e hoje sua renda é de alugueis. Ela nos relata como mulheres são mais inteligentes para aproveitar o dinheiro do crime enquanto os homens se perdem na *ostentação*, querem comprar roupas, tênis e gastam tudo em festas e bebidas. Ela não, desde o começo soube que aquilo precisava ser passageiro, que não dava pra viver uma vida inteira no crime, por isso nunca se afiliou a nenhuma facção. Ela dizia só ter vendido maconha e que nunca quis: *mexer com químico, porque dá muito nóia.*<sup>176</sup>

Embora nos diga que nunca quis se afiliar ao PCC também nos comenta o respeito que recém experimentou a partir desta relação de 1 ano com um membro da facção. Na vizinhança onde mora mesmo na ausência do atual companheiro *ninguém mexe* com ela. E é desse poder que as mulheres gostam, dizia ela. Segundo ela, *é por isso que elas ficam em cima*. Neste mundo das mulheres de presos existe o que elas chamam de *marias PCC*, aquelas interessadas em começar e manter uma relação com algum membro da facção por conta do status social que adquirem em seus territórios de origem. Daí surge esta constante ameaça das possíveis amantes que trabalhamos anteriormente. Este certo poder que um homem membro do PCC adquire nos territórios fora da prisão mesmo estando dentro dela, opera algo de sedução nas mulheres que se envolvem com eles; momento em que experimentam dos efeitos do reconhecimento, ou seja, uma forma de capital simbólico. Esse fato nos dá pistas quanto a essa obrigatoriedade que as mulheres assumem com os dias de visita nas prisões, há um temor de perder o parceiro para a concorrência. Aqui outro aspecto da dominação masculina comum a outros ambientes distantes das prisões: Ao invés das mulheres se unirem elas competem pela conquista de homens.

### ***A violência de gênero dentro/fora e o uso estratégico da família***

Artigo publicado no dia 13 de dezembro do ano de 2023, Ana de Oliveira analisa e relata o linchamento público após o assassinato de uma mulher de apenas 22 anos dentro da cela de uma prisão no interior do estado de São Paulo enquanto fazia uma visita ao seu

---

<sup>175</sup>Idem.

<sup>176</sup> Idem.



companheiro. Essa tragédia lança luz a respeito destes mecanismos de violência de gênero que também atravessam o fora e o dentro de uma prisão. No artigo a autora entra num dilema moral em relação a este grupo de mulheres visitantes das prisões paulistas. O intuito dessas mulheres, segundo Oliveira, é manipular – no sentido do estigma do Goffman – a imagem desaprovada do *bandido* que visitam. Para isso constroem a personificação da *guerreira* que luta pelo bem-estar do familiar detido e tentam revelar os maus-tratos aos quais está sujeito dentro prisão. É a partir desse sacrifício materializado nas longas viagens, enormes despesas no momento da realização da visita que essas mulheres se justificam perante os homens presos como também são possivelmente valorizadas por eles.

O domingo dia 18 de setembro do ano de 2022 foi muito triste na Pousada do Mario quando uma das hóspedes ficou sabendo que sua filha estava sendo estuprada e violentada pelo próprio pai. Ela ficou completamente em choque e precisou da solidariedade de todas nós que estávamos por perto, cada uma colocou um pouco de dinheiro para realizar um almoço comunitário e todas sentamos à mesa para apoiar esta mãe quando muitos relatos de violência vieram à tona e foram compartilhados. Não havia uma mulher sentada naquela mesa que não houvesse passado por traumas de violência de gênero.

Santa, a nossa interlocutora ligada a uma igreja pentecostal já havia nos relatado do casamento conturbado com o pai de suas três filhas, motivo que havia lhe levado a buscar a igreja enquanto refúgio da própria casa. Santa nos relata inclusive como acompanhou o relacionamento abusivo da própria mãe o que a levou ao abandono da sua família:

O pai tinha me prometido uma surra; tudo para ele era motivo de bater! Ele tinha prometido uma surra pra minha mãe, e eu me lembro como se fosse hoje, minha mãe falou assim: essa surra eu não vou tomar. Ele saiu para trabalhar e ela arrumou as coisas dela em uma caixa de papelão. Estava em casa só eu e a minha irmã, meu irmão mais novo tinha ido para a escola. Daí a gente ajudou a minha mãe a ir até o ponto de ônibus, com a caixa de papelão ela pegou o ônibus e eu vim ver a minha mãe só 3 anos depois (nisso Santa começa a chorar).<sup>177</sup>

Se nos apropriamos da reprodução social enquanto marco explicativo das desigualdades sociais, Santa reproduziu o mesmo relacionamento conturbado da mãe em seu primeiro casamento onde apanhava do ex-marido e pai de suas três filhas:

Meu atual noivo trabalhava a noite e ele saía a noite, então o único momento que a gente podia conversar era a noite. E aí ele me mandava mensagens, algumas vezes ele me mandava: olha seu marido parou em tal lugar pra beber você não tem medo? Numa dessas conversas, ele sempre se despedia de mim com um *emoji*, pode ser que da parte dele tinha segundas intenções, mas da minha parte não tinha tido ainda. Ele me chama de bebê. Um dia meu esposo chegou em casa bêbado e eu tinha pego no sono e o celular estava embaixo do travesseiro. Daí quando ele chegou, ele chegou

<sup>177</sup>Fragmentos de entrevista do dia 03 de setembro do ano de 2022.

me acordando, pegou o celular abriu, enfim, bebê e *emoji* de carinho assim de bichinho. E aí ele me bateu pela segunda vez. Aí ele me bateu mesmo, bateu, daí foi na cara. Se não fosse a minha filha entrar no meio..., mas eu já não tinha mais força. Chegou uma hora que eu falava: Mata! Mata que acaba, e acaba tudo isso logo, já acaba o sofrimento. Vou ter que trabalhar machucada, ferida, pagar as contas, não ver as minhas filhas crescer, eu não aguento mais isso. (Santa, 39 anos e visita o atual companheiro preso que conheceu na igreja).<sup>178</sup>

O fato é que estávamos acompanhando mulheres que experimentam violência de gênero com homens que não estão presos. O pai que estuprava a filha assim como o ex-marido de Santa e seu próprio pai, como tantos outros relatos compartilhados, se referem a homens que estão na rua e não dentro da prisão. Entretanto o que queremos trazer para a reflexão é que passar por experiências de violência extrema compõe o terreno dos possíveis dessas mulheres nos arredores do cárcere.

Nesta dinâmica o PCC se apropria de uma possibilidade presente na vida dessas mulheres e a explora no sentido de garantir as visitas para que homens dentro das prisões paulistas continuem vivos, assim como elas são de extrema importância na prática comunicativa da facção através dos *pipas* que entram e saem da instituição (Luz, 2019). O PCC também gera um sentimento de pertencimento, de união entre seus membros que é justamente isto que chamamos de uso estratégico da família.

Margarita também nos revela uma história polêmica de uma *pipa* que repercutiu nas fofocas da cidade:

Ela chamava Marta (nome fictício), entrou na pousada falando que era de Campinas-SP e que o marido tinha sido preso injustamente. Mas, depois de um certo tempo de convívio, disse que ele comandava aquela região. Daí por meses ia visitando, chegava direto em Mirandópolis-SP de ônibus de linha, nunca veio de excursão. Eu ia buscar ela lá em Mirandópolis-SP de madrugada. Tinha uma filha de um primeiro relacionamento e um bebê do homem preso. Mas, a sogra fazia muita chantagem emocional e ela sempre muito ansiosa, sempre reclamava de dor de cabeça. Até que no último final de semana da sua existência, chegou muito ansiosa e reclamando de muita dor de cabeça. Eu levava ela de táxi para visitar sábado e domingo, mas nesse fim de semana falei que ia pro rancho da minha família e pra ela pegar outro táxi de volta pra pousada, pois ela retornaria para Campinas-SP na segunda-feira de linha convencional. Falei para a faxineira abrir a pousada para ela até a segunda-feira quando ela iria embora. Estava no rancho quando o policial me ligou dizendo que minha hóspede tinha morrido. Daí a faxineira me ligou também dizendo que ela chegou, abriu a pousada, foram tomar uma Coca-Cola na cozinha quando ela gritou. Ai minha cabeça! Daí a faxineira chamou o vizinho, chamaram a viatura e a levaram para o hospital em Mirandópolis-SP. Aneurisma cerebral. Daí como de praxe os policiais foram até a pousada para revistar o quarto dela; entre a calcinha e a *legging* da visita encontraram um *pipa* dizendo pra matar o advogado do caso dele e mais tantos do PCC. Voltei na segunda-feira e fui na funerária. Achemos os parentes pelo caderno de registro que tinha quando elas entram na pousada. Eu pedi que fizessem um desconto pra levar o corpo e deu tudo certo. O celular ficou preso e o meu telefone de reservas ficou grampeado pela polícia durante meses. Total sempre fui

---

<sup>178</sup> Idem.

correta, mas o amor por elas é responsa, como elas dizem, sobressaiu. E eu amo trabalhar com elas. (Margarita dona de pousada em Lavínia-SP durante 8 anos).<sup>179</sup>

Para essas mulheres, o PCC é mais uma extensão da dominação masculina com a qual precisam estruturar o cotidiano de suas vidas e as estratégias de resistência. Entre as práticas de resistência se encontra o acesso ao dinheiro relativo ao crime e às atividades ilícitas. Os homens enquanto presos acabam dependendo dessas mulheres para a realização de depósitos, pagamentos ou cobranças relativas às suas atividades no mundo do crime.

Uma prática recorrente do PCC é o roubo de cargas. Constatamos através de algumas mulheres com maridos da facção a forma como utilizavam dos produtos roubados das mais variadas formas. Acompanhamos como às vezes carne congelada, outras vezes bebidas alcoólicas, pão-de-queijo congelado; ou seja, grandes quantidades de um mesmo produto eram ofertadas por elas a preços mais acessíveis para a população de seus bairros e comunidades. Todos os itens são anunciados em grupos fechados pelo aplicativo *WhatsApp* através de fotos e propagandas, mesmo canal de propaganda para pousadas e meios de transporte como vimos anteriormente. Inclusive Mario quando ainda estávamos presentes em Campo II chegou a comprar carnes e pão-de-queijo congelados.

Nossos relatos de experiência de Campo I e II relativos ao PCC são breves pelo motivo de que não podemos revelar nomes tampouco imagens ou relatos gravados pensando na segurança das nossas interlocutoras. Essa é outra forma de violência com a qual mulheres precisam articular suas possibilidades de vida.

### ***Das mães que pagam dívidas dos filhos***

No sábado dia 17 de setembro do ano de 2022 chega uma mãe para se hospedar na Pousada do Mario que visita o filho preso a 24 anos. Ao chegar em Lavínia-SP ela descobre que o filho foi de castigo para Presidente Venceslau-SP. Chegamos a entrevistá-la quando ao final ela se mostra indignada, cansada com chamadas que vem recebendo pelo telefone, de uma mulher, a respeito de uma dívida de R\$ 10.000,00 reais que o filho adquiriu dentro da prisão e caso ela não enviasse o dinheiro ele seria seriamente machucado.<sup>180</sup> Uma das ações do PCC é sobre as dinâmicas de organização dessas mulheres como provedoras da sobrevivência

---

<sup>179</sup> Fragmentos de diário de Campo I.

<sup>180</sup> Fragmentos do dia 17 de setembro do ano de 2022 em Diário de Campo II.

no interior das prisões paulistas. Isso mostra relações de poder e relações de dominação em articulação

Os autores franceses Christian Laval e Pierre Dardot (2016) se colocam como renovadores teóricos da crítica ao neoliberalismo num exercício de junção entre os escritos sobre governamentalidade neoliberal em Michel Foucault e as indagações de um Pierre Bourdieu ativista na qual a análise deveria juntar as relações de poder do primeiro com as relações de dominação do segundo. Os autores definem relações de poder em Foucault como “movimentos estratégicos e operações táticas”; e as relações de dominação em Bourdieu enquanto “medida dos pesos das estruturas objetivas e subjetivas”. Dessa forma o neoliberalismo seria ao mesmo tempo um tipo de governamentalidade e um modo de dominação.

A renovação neoliberal nos tempos atuais se encontra no domínio das esferas cada vez mais íntimas da vida social que começam operar lógicas de maximização do benefício individual, da empresa, do lucro, ou na figura hoje amplamente discutida do empresário de si. Mesmo que as possibilidades de fazer dinheiro permeie a existência do PCC nos arredores do cárcere e em territorialidades das periferias urbanas, entre tudo o que ele promete não podemos ignorar seu papel na produção de vidas matáveis (Mallart, 2019), se somando às políticas de morte do Estado. Lidando com a possibilidade de morrer é que mulheres pensam muito antes de abandonar os maridos membros da facção na prisão, ao mesmo tempo em que mães se desdobram para pagar uma dívida que poderia acabar com a vida de seus filhos.

Neste caminho reflexivo compreendemos o PCC como parte da engrenagem da dominação masculina, dessa vez diretamente relacionado a mulheres de uma classe social precária que conhecem na pele a presença e a possibilidade real de experimentarem violências físicas vestidas de legítimas.

#### **3.4. Tensão entre despesa e receita: gastos no em torno da prisão e a construção de estratégias**

Mais adiante de sua trajetória acadêmica Viviana Zelizer (2011)<sup>181</sup> adentra o espaço da economia doméstica e nos demonstra como o dinheiro adota diferentes significados conforme distinções de classe social e gênero. Ela encontra formas de marcação do dinheiro

---

<sup>181</sup>Aqui utilizamos o livro em castellano “El significado social del dinero”, publicado pela Fondo de Cultura Económica em 2011. A primeira publicação se deu no ano de 1994.

para diferentes usos, aquele que é destinado aos filhos, à compra de artigos considerados “femininos” como roupas ou meias, compras de bens necessários como alimentos ou presentes. Nesta obra a autora demonstra produções curiosas de dinheiros (em plural) como o *Pin Money* quantias encontradas pelas esposas nos bolsos das calças de seus maridos; também discute o fato das mulheres da classe operária serem as responsáveis pelo salário de seus maridos que em caso contrário gastariam tudo no bar. A autora defende como o dinheiro não pode continuar sendo tratado como algo impessoal, universal ou puramente racional; ele emerge de um conjunto de significados que o acompanham.

Em nossa dissertação de mestrado (Luz, 2019) encontramos uma manipulação do estigma via mercado quando trabalhamos sob a expressão localizada: *tô paganu*. Uso estratégico feito pelas mulheres visitantes das prisões de Lavínia-SP em suas idas aos comércios locais, assim quando tinham que enfrentar os olhos atentos dos proprietários desconfiados, elas entravam em supermercados, bares e lanchonetes falando em tom de voz alta: *tô pagando*; ou seja, não estão roubando.

Em Lavínia-SP, portanto, um elemento importante na presença das prisões é o dinheiro que ela faz circular. Como introduzido ainda em nossa dissertação de mestrado (Luz, 2019) uma das características das transações econômicas deste turismo de fundo é a exigência moralmente imposta do pagamento *à vista*, ou efetuado em *dinheiro vivo*, inserindo liquidez nas relações econômicas da cidade. Como já mencionado, em oposição aos moradores estabelecidos que anotavam seus gastos para serem pagos no início de cada mês as mulheres visitantes das prisões da cidade traziam dinheiro em espécie. Esse dinheiro por sua vez circulava semanalmente acompanhando o fluxo prisional caracterizado pelos *dias de visita* (Silvestre, 2013).

Em nosso período de Campo I, conforme experimentamos um segundo *lockdown* por conta da pandemia de Covid-19, quando tivemos oportunidade de conversar com moradores *nascidos e criados* em Lavínia-SP era desse dinheiro que sentiam falta. Durante o período de da pandemia, nossos entrevistados diziam não ver a hora de que essa paralização terminasse para que a economia voltasse a girar, por conta das mulheres que retornariam a visitar Lavínia-SP.

Mesmo quando essas mulheres não estavam visitando de forma presencial elas permaneciam enviando todos os itens necessários para a sobrevivência dos seus familiares presos, ou seja, a prisão continuou fazendo parte do cálculo mensal em seus orçamentos domésticos.

Depois que liberaram as visitas normais foi que eu vim voltar a ver ele, mas assim Sedex, roupa; toda vez que ele troca uma roupa é Sedex! Remédio, é a gente. E aí você não tem o suporte do Estado. Você não tem quase família, porque os amigos somem, família, todo mundo na hora que prende fala: ai nossa eu te amo e não sei o quê, mas falou em dinheiro... sabe? Todo mundo some! (Santa, 39 anos e visita o noivo preso).<sup>182</sup>

Santa prossegue relatando partes de seus gastos com o noivo preso:

Olha eu vou ser bem sincera contigo tá. Por mês vai um salário mínimo quase. Porque é assim, tem os gastos da viagem. Não sei nem se eu posso falar isso, mas é assim, todo mundo sabe que existe o *ônibus da família*, daí você não tem o gasto do ônibus a maioria das vezes; uma vez ou outra que a gente não consegue a passagem e a gente tem que pagar e são R\$ 200,00 reais para ir e vir. Mais o gasto da alimentação, porque a gente traz a alimentação do final de semana, dos dias de visita eles comem o que a gente faz porque a casa (prisão) não dá; a casa dá arroz. É o que a casa dá, arroz e água! Esses dois dias de visita a casa não dá comida, é arroz e água! Então assim, eles se alimentam nesses dois dias da semana com o que a gente traz. Você traz uma carne, com os gastos que tem hoje! Carne, feijão, você quer fazer uma comida com menos de R\$ 100,00 reais você não faz. Então assim, vai R\$ 200,00 reais da passagem de ônibus, mais R\$ 100,00 reais de comida e mais a sua; pago uma pensão, eu pago um táxi, eu compro uma comida pra jantar e vai por aí uns R\$ 60,00 a R\$ 70,00. Parada, R\$ 400,00 reais só com a visita que é de 15 em 15 dias, são R\$800,00 reais no mês. Aí uma vez no mês você manda o *jumbo*; você vai gastar aí pra você mandar açúcar, bolacha, leite em pó; quando você manda roupa é mais caro porque você tem que comprar roupa, meia, remédio, essas coisas menos de R\$ 200,00 reais você não gasta. Daí pra você mandar, menos de R\$80,00 reais você não paga. Então foi uns R\$ 300,00 reais, só aí você tem uns R\$1.100,00 reais. Fora as cartas, selo. Agora mesmo ele está fazendo um tratamento dentário porque precisa mesmo, e eles pedem. Se eles precisam de qualquer procedimento médico é a gente que paga, não é o Estado! É a gente que manda tudo! É tudo! Em torno de R\$1.200,00 reais por mês (Santa, 39 anos e visita o noivo preso).<sup>183</sup>

Continuamos refletindo com Santa quando lhe perguntamos: e o que você faria com esse dinheiro?

Eu tenho 3 filhas! Que eu crio sozinha, então assim, eu não tenho ajuda. É assim o pai das minhas filhas eu não vou dizer que ele não auxilia, quando ele quer..., mas iria me ajudar muito. Hoje eu pago a faculdade, chega a ser ridículo o que eu pago de faculdade da minha filha Olinda (nome fictício), eu pago R\$ 200,00 reais de faculdade. Abri um pequeno negócio pra gente né, coloquei uma esmaltaria. Mas, eu sou uma exceção. Mesmo eu não tendo uma faculdade eu tenho instrução, eu não sou uma pessoa leiga. Eu acompanho o processo dele, eu li o processo dele, as 3.000 folhas sabe (Santa, 39 anos e visita o noivo preso).<sup>184</sup>

Ana também nos relata sobre os gastos com o marido preso:

Então que nem eu que recebo um pouco mais de um salário mínimo só que aí é Sedex uma semana sim outra não, daí já fica uns R\$ 200,00 reais. Enquanto mais longe maior o valor do Sedex. É dinheiro com advogado, porque, querendo ou não, advogado do Estado não faz a mesma coisa e é bom quem dá pra pagar agiliza

<sup>182</sup>Fragmentos de entrevista do dia 03 de setembro do ano de 2022.

<sup>183</sup>Fragmentos de entrevista gravada 03 de setembro do ano de 2022.

<sup>184</sup>Fragmentos de entrevista gravada 03 de setembro do ano de 2022.

melhor. Então é advogado todo mês! Aí é o pecúlio que deposita pra ele poder comprar alguma coisa lá dentro que não pode estar entrando. E uma coisa que eu acho errado é sobre o Sedex: das coisas que eu mando são poucas as que entram. Fora os dias de visita né. Igual, fui pra Mongaguá-SP semana passada foi R\$ 150,00 reais de gasolina mais R\$ 96,00 reais de pedágio (Ana que visita o marido em Mongaguá-SP e estava em Lavínia-SP acompanhando sua amiga).<sup>185</sup>

Ana também nos esclarece o aumento relativo ao envio do *Sedex* quando a distância aumenta. Assim quanto mais longe estiver o familiar encarcerado de sua casa de origem mais caro será cobrado o envio de alimentos, roupas e medicamentos. A imposição da distância relativa ao *fundão* opera em aumento dos gastos interferindo ainda mais neste orçamento domésticos que viemos elucidar.

São muitos os gastos que ficam no percurso da viagem. No sábado dia 13 de agosto do ano de 2022 vem uma mãe conhecer a Pousada do Mario, ela viaja desde Bragança Paulista -SP até a capital paulistana e de lá pega a excursão até Lavínia-SP. Estava indignada com a subida do preço na diária do estacionamento, ela deixa seu carro na Estação Carandiru e paga R\$ 70,00 reais. Paolla participa da conversa comentando que o seu carro fica na Estação Barra Funda a um preço de R\$ 50,00 reais para todo o final de semana.

Quando tivemos oportunidade de realizar a viagem com elas, também fomos sendo guiadas a refletir sobre os preços absurdos da parada dos ônibus. Todos os ônibus param no mesmo lugar, inclusive os *ônibus da família*. O maior problema é quando elas viajam com as crianças, e se deparam com a dificuldade em controlar seus instintos espontâneos por um doce, um brinquedo ou um salgadinho. Na parada do ônibus a maioria delas optam por uma *Marmitex* que é o mais econômico. Das estratégias para economizar elas acabam comprando copos de sopas instantâneas já que água quente é disponibilizada na parada de forma gratuita.

### **Figura 17: O preço de uma pera na para de ônibus.**

---

<sup>185</sup>Fragmentos de entrevista gravada 03 de setembro do ano de 2022.



Fonte: Arquivo pessoal

Nesta dinâmica de gasto e da exigência de dinheiro em sua liquidez pensamos naquilo que Philippe Steiner e Marie Trespeuch (2016) trabalham a respeito da importância de lançarmos olhos às populações vulneráveis que os mercados contestados capturam ou expõem de seu funcionamento. E em todo momento nossos esforços vão na direção de dar visibilidade para suas práticas.

### *A falta do filho ou marido/companheiro na economia da casa*

Fomos observando que existe uma parcela de dívida naquele homem que está preso e ao qual elas decidem visitar. Diferente dos que passaram pela vida das mulheres com as quais convivemos demarcando traumas refletidos em relatos de violência, eles fizeram algo pra contribuir com a vida delas enquanto estavam fora da prisão tal como surge na narrativa da Ana:

Pra mim é difícil. Pra mim é sofrido porque da falta dele, que nem, eu lá em casa era os dois que trabalhava então eu tinha o apoio dele, e ele tinha o meu. Mesmo a minha sogra me ajudando acabou ficando tudo pra mim né. A responsabilidade toda nas minhas costas. Não escolhi essa vida pra mim, mas foi o que eu tive assim. Como eu tenho um companheiro eu tenho que estar com ele para o que ele precisar, então eu acabei assumindo essa responsabilidade (Ana que visita o marido em Mongaguá-SP e estava em Lavínia-SP acompanhando sua amiga).<sup>186</sup>

<sup>186</sup>Fragments entrevista 03 de setembro de 2022.



Ao nos apropriar deste movimento, o de entrar na produção doméstica de dinheiros, acreditamos promissor o atual debate empreendido por Nadya Guimarães e Helena Hirata condensado no livro *O gênero do cuidado* publicado no ano de 2020. Através dele situamos nossa pesquisa numa linha de discussão da economia do cuidado no contexto empírico do circuito de mulheres visitantes de prisões masculinas na cidade de Lavínia-SP, adotando enquanto significado de cuidado a ação social de *cuidar* conforme nos explica as autoras:

No Brasil e nos países de língua espanhola, a palavra “cuidado” é usada para designar a atitude; mas é o verbo cuidar, designando a ação, que parece traduzir melhor a palavra *care*. Assim, se é certo que “cuidado”, ou “atividade do cuidado”, ou mesmo “ocupações relacionadas ao cuidado”, como substantivos, foram introduzidos na língua corrente, as noções de “cuidar” ou de “tomar conta” têm vários significados, sendo expressões de uso cotidiano. Elas designam, no Brasil, um espectro de ações plenas de significado nativo, longa e amplamente difundidas, muito embora difusas no seu significado prático. O “cuidar da casa” (ou “tomar conta da casa”), assim como “cuidar das crianças” (ou “tomar conta das crianças), ou até mesmo o “cuidar do marido” ou “dos pais” têm sido tarefas exercidas por agentes subalternos e femininos, as quais (talvez por isso mesmo) no léxico brasileiro têm estado associadas com a submissão, seja dos escravos (inicialmente), seja das mulheres, brancas ou negras (posteriormente). (Guimarães e Hirata, 2020, p.30-31)

Nadya Guimarães e Helena Hirata (2020) se aprofundam no estudo de profissões destinadas a cuidar e sua entrada e desenvolvimento no mercado de trabalho, por outro lado, nessa tese destacamos como um determinado circuito de produção e reprodução da vida também inaugura nichos de consumo. No uso estratégico da categoria família “a feminização é ativada” (Ahmed, 2022). Nesta captura do cuidado da família mulheres incorporam as prisões em suas tarefas cotidianas.

Fato constatado em nosso intenso convívio com mulheres familiares de pessoas encarceradas e visitantes de prisões e de cidades é que antes do *evento-prisão* (Lima, 2015) elas já eram trabalhadoras. Ao experimentar e habitar essas vidas notamos como pesquisas que se interessam pelas mulheres pobres do Brasil as trata como se tivessem sido inseridas no mercado em decorrência das políticas da era Lula. Entretanto, essas mulheres já estavam inseridas em dinâmicas do mercado de trabalho embora pautado pelas encruzilhadas do formal-informal e legal-ilegal (Telles, 2010).

Fomos experimentando certa exaustão das mulheres com as quais convivemos. Santa que trabalha de babá ao mesmo tempo que abriu um comércio de esmaltes; Ana costureira; Mãe Rosa empregada doméstica a mais de 30 anos; Mãe Girassol que trabalha com faxina desde que não seja nos finais de semana; Azaleia que também trabalha no ramo da limpeza.

Formas de ganhar dinheiro também tomam conta das varandas nas pousadas de Margarita e Mario onde elas fazem as unhas umas das outras em troca de dinheiro caso não sejam muito amigas; fazem os cabelos; ou inclusive vendem artigos de vestuário próprios para entrar na prisão como chinelos havaianas, calças *legging*, camisetas, roupa íntima sem costura, bolsas transparentes para o jumbo.

Carolina é uma jovem mulher negra quem visita o companheiro preso e nos conta como, com o dinheiro do pecúlio ele comprou as coisas para fazer pão e com os frios que ela manda ele consegue fazer lanches para vender lá dentro. Uma forma de ganhar dinheiro informal, porém não ilegal dentro da prisão.<sup>187</sup>Paolla também nos explica outra forma de fazer dinheiro dentro da prisão:

Amiga os presos que não tem visita eles sobrevivem como: uns cortam o cabelo de outros presos em troca de peças de higiene até mesmo em dinheiro né, porque daí a família do preso faz aqui um depósito pra eles. Muitos ajudam a família né. Mesmo não tendo condições, tipo assim, mesmo a família não vindo visitar eles, eles conseguem enviar dinheiro com os serviços que eles fazem lá dentro.

Paolla por exemplo durante os 12 anos que viajava todos os finais de semana para visitar o marido sempre fazia lanches ou tortas salgadas para vender dentro do ônibus de excursão. Também comprava refrigerantes pequenos e colocava para gelar e vender igualmente no trajeto São Paulo/Lavínia-SP. O mesmo se repetia na Pousada do Mario, ela retornava a fazer lanches e colocar refrigerantes para gelar e assim vender no trajeto de volta. A prisão enquanto obrigatoriedade de passagem também se transforma em oportunidade de fazer algum dinheiro.

A forma como a prisão é obrigatoriamente introduzida no cálculo ordinário da vida cotidiana destas mulheres opera mecanismos que à primeira vista podem parecer aleatórios e desorganizados, mas que revelam práticas comuns a este universo. Na verdade, o que a prisão faz na economia cotidiana delas é aumentar a correria e exaustão que já lhes é comum no sentido da ação voltada a estar *atrás do dinheiro*. *Correndo atrás do dinheiro, estou correndo atrás* é expressão diária de uma racionalidade prática do cálculo econômico que lhes é possível. Nesta correria mulheres buscam bicos como complemento da renda de um trabalho formalizado assim como colocam seus familiares detidos para buscar dinheiro *lá dentro*, no interior da prisão. O mais impressionante é que o dinheiro aparece da mesma forma como é imediatamente gasto. Ele não dura muito tempo em suas mãos. É a economia que mais gira em termos de consumo imediato. Não identificamos formas possíveis de vida que não

---

<sup>187</sup>Fragments do dia 18 de setembro do ano de 2022 em Diário de Campo II.

passassem pelo acesso ao dinheiro. Muito da prática econômica destas mulheres é pensada no sentido do consumo imediato.

Mulheres nos arredores do cárcere que conhecemos e visitam seus maridos ou companheiros presos há mais de 10 anos, malgrado volume significativo de dinheiro ilegal que tenha passado por suas mãos, não enriqueceram. Elas não construíram bens indiretos como aparece em Pierre Bourdieu (2021) quando faz sua distinção com os bens diretos dos camponeses. Ao contrário, elas continuam dependentes do trabalho assalariado como representação de um mínimo de segurança econômica. Não estamos diante de práticas pré-capitalistas, mas, e ao mesmo tempo, reconhecemos certa racionalidade próxima daqueles camponeses argelinos. Porém não mais por uma questão de moral tradicional e sim por uma dimensão temporal ligada à urgência da sobrevivência, a baixa escolaridade, a questão racial. Todos os fenômenos que circundam a pobreza no Brasil contemplam essas mulheres igualmente.

### *A barganha dos filhos*

Ter filhos é algo esperado entre as mulheres que compõem os arredores do cárcere. Eles aparecem em todas as conversas informais e são motivo de conflito estabelecido entre pesquisadora e interlocutoras. O fato de a pesquisadora ser uma mulher de 34 anos sem filhos, e isso por escolha, causava muito espanto. Muitas se tornaram mães muito jovens e é comum ter mais de um filho. Conforme Pierre Bourdieu (2019), ser mãe está na ordem das coisas. Raramente conhecemos uma mulher com filho único que não desejasse o segundo.

Nesse tempo eu engravidei do meu primeiro marido e meu pai me botou para fora de casa, grávida! E aí foi onde bagunçou tudo. A minha história começa daí porque eu costumo dizer que eu dormi solteira e acordei casada, não era o que eu esperava. Eu tinha 3 meses para 4 meses de namoro e aí eu engravidei. Na época eu ia fazer 16. Pra mim foi um choque, mas naquela época eu era uma menina e eu achava que viver de amor era super maravilhoso (Santa, 39 anos e 3 filhas).<sup>188</sup>

Os filhos também são aquilo que retiram essas mulheres de suas constantes obrigações e fonte importante de negociação com o marido ou companheiro preso. No domingo 4 de setembro do ano de 2022 eu, Paolla e seu filho de 3 anos; Bia e seu filho de 2 anos e Santa fomos passear pela cidade de Lavínia-SP para tomar sorvete. No caminho havia na cidade um caminhão com música alta e pessoas fantasiadas de personagens infantis

---

<sup>188</sup>Fragmentos de entrevista do dia 03 de setembro do ano de 2022.

passando pela cidade. O fato de estarmos com as crianças fez com que entrássemos naquele caminhão e passássemos pela cidade de Lavínia-SP sob o olhar observador de seus moradores estabelecidos. Passeio que nos durou até o anoitecer.<sup>189</sup>

Como o passeio durou muito tempo Paolla já estava preocupada com o que Mario ia pensar posto que os dois haviam feito uma sociedade para cuidar da pousada no final de semana enquanto ela estava se divertindo. As crianças também as retiram deste estado perene de dor e de luta; situando-as em momentos lúdicos. É como se lhes presentassem certa licença para o ócio, se divertir e rir. Além do fato de um filho assegurar a relação com o companheiro, de ser parte da cobrança da sociedade sobre as mulheres, esses momentos de relaxamento talvez sejam parte importante na manutenção da prática de se tornar mãe.

Os filhos igualmente intensificam as complicações de um dia de visita. No domingo 18 de setembro do ano de 2022 Bia chega nos perguntando se tínhamos um termômetro preocupada com o fato de que o filho estava com febre. Além da preocupação materna, é importante considerar que com temperatura alta as crianças não entram na prisão. Asseguramos buscar a criança na porta da cadeia, caso algum imprevisto acontecesse o que a tranquilizou<sup>190</sup>.

Mulheres as quais circulam com mercadorias ilegais pelo cárcere, a partir do momento em que nasce um filho do preso imediatamente deixam de realizar este tipo de atividade ilícita. Mesmo porque os maridos passam a proibi-las. Ter um filho do preso, ainda melhor se for do sexo masculino, significa deixar de correr riscos, ela ganha novo status e passa a ser a mãe. Até porque torna-se necessário permanecer fora da prisão para cuidar desta criança que recém veio ao mundo.

### *Visitantes de cidades*

Autores de estudos do chamado *turismo sociofamiliar prisional* elaboram o seguinte perfil das supostas turistas. Em um estudo com 44 questionários aplicados as seguintes características são apresentadas:

Jovens adultas; não casadas em cartório e entram na prisão com comprovante de amásia; possuem renda de aproximadamente um a dois salários mínimos; a maioria está empregada em diferentes empregos; um percentual considerado daquelas que trabalham por conta; a metade das viajantes viaja com excursão; e hipoteticamente somando as participantes do estudo gastam ente R\$ 10.240 a R\$ 24.903 reais por final de semana (De Farias *et al.*, 2021, p.49-51).

---

<sup>189</sup>Fragmentos do dia 4 de setembro do ano de 2022 em Diário de Campo II.

<sup>190</sup>Fragmento do dia 18 de setembro do ano de 2022 em Diário do Campo II.

Certamente que este turismo de fundo não se refere a uma expressão institucional/formal até porque trata-se praticamente de uma antítese: de um lado o turismo que por excelência corresponde a uma escolha voltada para o deslocamento destinado ao ócio, lazer, cultura ou simplesmente gozo, e; do outro, o penitenciário que obriga essas mulheres a viajar quando nem desejam nem possuem recursos para tal. É uma derivação da penitência (Davis, 2020). A prisão demarca todo um escopo, amplamente denunciado no Brasil, de desigualdade social, racial e de gênero; persistência de doenças e torturas; configurando territórios de extrema insalubridade<sup>191</sup>; ou seja, tudo aquilo que não se deseja experimentar através do turismo.

Aqui olhamos para o turismo de fundo como forma de apreender e compreender essa população pobre e vulnerável que a prisão captura igualmente produtora de vidas possíveis<sup>192</sup>. Interessa-nos aprofundar nos movimentos de circuito marginais, aqueles que se compõem entre as brechas do esperado e onde floresce modalidades de resistência. No caso da prisão temos corpos sobreviventes, aqueles que atravessam as políticas de morte e criam vidas possíveis. O emprego de um movimento teórico-empírico relacionado com nossa afiliação acadêmica na subárea da sociologia econômica permite analisar alguns dos pormenores da atual dinâmica do encarceramento em massa. Interessa-nos ir além das relações entre economia e prisão centradas na dimensão exclusiva do mercado de trabalho (Cunha, 2021). Como estamos acompanhando ao longo das descrições etnográficas presentes nesta tese, prisão e pobreza são condições da realidade que fazem parte das relações de mercado. O Estado produz nichos de mercado mesmo quando estes impliquem na mercantilização da punição, dos valores, da moral, da ética e do legal.

Entre nossas interações de Campo I e Campo II levamos a pergunta para as mulheres familiares e visitantes das prisões de Lavínia-SP; se elas se sentiam turistas e obtivemos respostas das mais variadas:

Parte da cidade eu não sou. Disso eu tenho certeza. A gente não vem, assim... tem horas que a gente acha que está numa colônia de férias, mas parte da cidade a gente não é. A gente não é. Realmente é uma coisa assim, que nem a gente aqui já está familiarizada porque a gente vem pra cá (se referindo ao espaço da Pousada do Mario). Mas não é uma coisa de: nossa, vamos lá na esquina? Oi fulano como vai?

---

<sup>191</sup>Lembremos que existe uma quantidade enorme da literatura de denúncia da extrema degradação dos espaços no interior da prisão. Algumas das quais destacamos: Mallart, 2019; Mallart e Araújo, 2021; textos que evidenciam as prisões enquanto máquinas de produção da morte lenta e progressiva.

<sup>192</sup>Quando falamos de vidas possíveis estamos pensando na noção *bourdieusiana* do *território dos possíveis* como formas de deslocamento dos agentes sociais por um espaço social estruturado e ao mesmo tempo estruturante, ou seja, que nos impõe caminhos institucionais ao mesmo tempo que ocasiona adesões subjetivas, conjunto regulador das práticas diárias.

Isso aqui não é o nosso habitar. Mas eu concordo que é turismo, e é um turismo, é o que faz girar o financeiro daqui da cidade (Santa, 39 anos visita o noivo preso).<sup>193</sup>

Ah não né, porque turista você vai pra conhecer, pra passear. Turismo pra mim é se divertir, e não é assim. Turismo para eles, porque vê pessoas novas sempre chegando né; para eles pode ser isso mesmo, mas pra gente turismo não. A gente não passeia, a gente vem, querendo ou não, por uma obrigação que tem com o companheiro e não por lazer né. Acho que ninguém queria estar. Ninguém queria estar nessa vida. Você escolhe a pessoa, mas não escolhe a situação. E é por causa da pessoa que você acaba vivendo essa situação. Para quem está de fora é mais fácil. Eles acham que você está vindo porque quer, porque gosta, e não é (Ana que visita o marido em Mongaguá-SP e estava em Lavínia-SP acompanhando sua amiga).<sup>194</sup>

Existe uma contradição persistente no fato de que a viagem das mulheres seja destinada para a realização de uma visita numa prisão, ao mesmo tempo em que elas também são visitantes de uma cidade. Há nesses momentos em que mulheres são destinadas a desenvolver suas obrigações de cuidado espaços de criação de descanso para si próprias. Elas aproveitam as brechas pensando nelas próprias num tempo em que estariam pensando e realizando tarefas para os outros.

Querendo ou não se torna um passeio. Eu venho de uma cidade como São Paulo onde a gente mal tem tempo de parar pra comer. Mas assim o local, a paz, o silêncio, assim nada de moto, nada de carro, só a paz assim dos passarinhos, os verdes, eu já saio, eu venho muitas vezes pesada e saio aliviada. (Azaleia, 20 de fevereiro de 2021).

Talvez se a família Franco de Mello não estivesse tão interessada na sociogênese de Lavínia-SP hoje ao invés de um complexo penitenciário estaríamos diante de uma área de preservação ambiental, conseqüentemente, um outro tipo de turismo se inauguraria. Esse é somente um exercício hipotético; o certo é que hoje estamos diante de uma cidade com nome de mulher e visitada por mulheres.

Quando pensamos em pesquisas anteriores que nos guiam nas semelhanças e diferenças com o nosso próprio trabalho, isso significa estabelecer certos princípios. Em primeiro lugar a categoria nativa *mulher de preso* só existe em contexto de pesquisa empírica e passa pela obrigatoriedade da visita aos presídios masculinos. Nesta direção pesquisas que trabalham com prisões femininas demonstraram como mulheres recebem tão pouca visita e por esse motivo devem lidar com negociações da sobrevivência dentro do cárcere de formas distinta do homem justamente pela ausência de tudo aquilo que a família de um preso é capaz de prover. Assim ser *mulher de preso* é produto dos arranjos da prisão. Em segundo lugar temos a forma como elas são tão visíveis em contextos de *interiorização penitenciária*, um

<sup>193</sup> Fragmentos de entrevista realizada no dia 03 de setembro do ano de 2022.

<sup>194</sup> Fragmentos entrevista 03 de setembro de 2022.

segundo marco analítico que só faz sentido em contexto empírico. Porém notamos como nestes espaços o fluxo das mulheres familiares visitantes das prisões é estruturante das relações de ordem econômica local como se faz notar em Lavínia-SP assim como nos demais municípios do interior paulista que igualmente foram objetos de estudo. Ressaltamos este último deslocamento enquanto revelador das brechas que convergem nas divisões sexuais do trabalho; entre submissão e resistência; obrigatoriedade e ócio; família e individualidade; cuidado e autocuidado. Todas essas negociações se tornam visíveis quando pensamos nelas enquanto visitantes de prisões e também de cidades.

### 3.5. O que Paolla quer contar?

Com o tempo fui percebendo que não fazia sentido realizar uma entrevista com Paolla porque tanto ela quanto eu sabíamos muito mais de nossas vidas do que é permitido contar de forma objetiva. Ela me disse um dia: “*não quero isso de nome fictício não, eu quero o meu nome lá no seu livro*”. Paolla se tornou minha amiga. Por isso, em respeito a ela e a mim, construímos essa parte do texto de forma conjunta entre conversas pelo aplicativo do *WhatsApp*, daí o subtítulo “o que Paolla quer contar”.

Paolla me recebeu na sua casa onde morei por uma semana, mas não apenas isso, durante 71 dias nosso convívio foi constante. Toda sexta-feira ela era a primeira a chegar na pousada do Mario carregando uma mala gigante, seu filho mais novo e às vezes acompanhada de outras mulheres. Também convivo com Paolla desde os tempos do mestrado na Pousada da Margarita.

Paolla vinha com um ânimo contagiante. Mulher negra e com 39 anos de resistência criando filhos e sustentando casa, marido, sobrinhos, irmãos, pai; com direito a sonhar e fazer com que outros sonhem. Ela me fez sonhar ao dizer que queria o seu nome no meu livro, mal sabe ela da insegurança que me situa num campo complexamente hierárquico. Trago Paolla neste capítulo de desconstrução da categoria nativa *mulher de preso* com um objetivo talvez por demasiado afetivo, mas no intuito de descrever uma mulher que não vive só para o preso e sim para tantas outras pessoas num esforço cotidiano de salvaguardar valores de união e de luta pelo seu território.

Paolla é capaz de dissociar o *corre* da vida e essa é sua principal fonte de resistência perante suas incapacidades, necessidades e urgências materiais, que não anulam os sonhos de futuro vivo e sobretudo compartilhado. Resulta impossível oferecer uma análise objetiva

sobre um território que se faz possível todos os dias em contraponto às múltiplas formas de violência que aproxima morte, tristeza, insegurança e desespero no consumo de tanto tempo da vida de Paolla.

Discordamos do fato que as mulheres visitantes das prisões de Lavínia-SP e região configurem parte desta denominada “prisionização secundária”<sup>195</sup> no sentido de que reproduzam aspectos da prisão em suas vidas cotidianas. É fato que identificamos a obrigatoriedade das regras prisionais impostas em suas vidas, porém o que mais encontramos foram mecanismos para criar nestes circuitos impostos brechas e possibilidades de vida. Entre essas brechas se encontram também formas objetivas de sobrevivência pautadas numa perspectiva de futuro da tão aguardada liberdade. Existe nelas a condição de visão do futuro na manutenção da vida de quem se encontra dentro da prisão assim como delas próprias nestes deslocamentos cotidianos. Certamente coexistem formas de dominação masculina inegáveis, sobretudo, referente à instituição-prisão assim como regras de conduta que regem o PCC, mas também existem brechas ocupadas pelo cuidado. O cuidado é forma de resistência e submissão ao mesmo tempo. O cuidado não pode ser lido apenas enquanto reprodução contribuindo ao destino por demais certo destas mulheres para o diagnóstico da falta.

Amiga foram 12 anos muito difícil da minha vida. Onde tive que aprender a viver só, com meus filhos, lutar por eles aqui fora e pelo meu marido lá dentro. Pois não tive ajuda de ninguém. Fui obrigada a aprender a me virar na marra. Quando ele estava preso aqui próximo, nos CDPs, não era tão difícil, mas depois que saiu a condenação eles enviaram ele para o interior de São Paulo a mais de 600 quilômetros de São Paulo. Aí as coisas começaram a piorar, pois nós visitantes tínhamos que sair de São Paulo na sexta-feira para viajar 600 km. pra poder visitar. No longo dessas viagens algumas das vezes passávamos por uma *blitz* na Polícia Rodoviária onde eles nos revistavam; revistava nossas malas; bagunçavam as nossas comidas; e assim começava as nossas humilhações.

Chegando no presídio tinha a tal da revista pessoal onde nós somos submetidas a passar pelo *scâner* corporal. Após passar muitas vezes as agentes pediam para nós ficarmos sentadas em uma cadeira ao lado, pois a imagem no *scâner* não estava conclusiva, muitas das vezes éramos obrigadas a ficar, por quase uma hora, sentadas aguardando a tão boa vontade delas. Daí ia do bom humor delas da gente entrar no presídio, ou não.

Durante esses anos a pior humilhação que passei foi no CDP de Mauá. Domingo de Páscoa, acordei na madrugada, arrumei as comidas, comprei o ovo de Páscoa e fui. Passei horas na fila, chegando a minha vez da revista, passei pelo *scâner* duas vezes; os agentes me levaram para uma sala mal preparada com câmeras ao redor

---

<sup>195</sup>Existe o clássico estudo de Clemmer (1940) onde o termo “prisionização” aparece. Logo no trabalho da Megan Comfort (2008) a noção é transformada em “prisionização secundária” quando a pesquisa se interessa pelas mulheres visitantes das prisões, na forma como a prisão se estende em suas vidas. Sentimos falta do movimento oposto no sentido de como essas mulheres também criam significados pautados pelo cuidado em direção à resistência da precariedade imposta pela experiência prisional. Há nas atualizações das visitas uma visão de futuro plasmada na identificação de uma família assim como formas esporádicas de se ganhar a vida.



pedindo para que eu tirasse a minha roupa. Eu não aceitei tirar a minha roupa quando chamam o diretor da unidade, ele veio todo bravo dizendo que se eu não tirasse que eu ia ser suspensa de entrar. Onde eu pedi que eles chamassem a viatura e me levassem até o Posto de Saúde para que fossem esclarecidas quaisquer dúvidas, mas eles se recusaram e me mandaram embora. Tomaram a minha carteirinha de visitante e pediram que eu fosse durante a semana falar com o diretor. No dia seguinte mandaram o meu marido *de bonde*, no caso transferiu ele para outro lugar longe. Na semana chamei um advogado e fui até a unidade depor sobre o por que de ter recusado em ficar nua. Lá o diretor alegou que poderia ser até a etiqueta da minha roupa, mas na hora não foi isso que as agentes falaram e sim queriam que eu ficasse nua naquele lugar inapropriado. O diretor escreveu meu depoimento e tive que aguardar quase dois meses para poder visitar de novo.

Paolla ficou tão marcada com este acontecimento que inclusive havia nos relatado o ocorrido, pessoalmente, em ocasião do nosso convívio durante o Campo II; o que anotamos em diário de campo quando ouvimos dela: *Oxe minha cabeça foi logo naquela vez de antigamente que fazia a gente tirar a roupa e agachar.*<sup>196</sup> Camila Pierobon (2018) nos guia a refletir sobre os traumas do passado que são constantemente revividos no tempo presente. Imaginem quantos traumas essas mulheres carregam.

A exaustão que experimentamos com nossas interlocutoras nos faz ter a seguinte conclusão: isso não pode ser considerado turismo! Entretanto é de nossa responsabilidade tornar visível este processo específico de mercantilização, de objetivação do precário, que torna o fluxo de mulheres familiares de pessoas encarceradas inerente ao desenvolvimento econômico de outras pessoas em diversas cidades. Dinâmica que cria e recria um mesmo desejo: a vontade de que essas mulheres continuem sendo fluxo, circuito, trânsito; sempre distantes da Lavínia Dauntre Salles de Mello feita para perdurar no tempo e na história.

---

<sup>196</sup> Fragmento do dia 13 de agosto do ano de 2022 em Diário do Campo II.

## CAPÍTULO 4

### 4. No fundão o processo do preso anda

*No fundão o processo do preso anda* é expressão de senso comum entre as mulheres familiares de pessoas encarceradas com as quais convivemos; paira no ar este mito consagrado. Neste último capítulo olhamos para tudo o que foi dito anteriormente desde o esforço em nos apropriar de um tema para que a sociologia econômica contribua como referencial para pensar o fenômeno do encarceramento em massa em sua interseccionalidade de classe, gênero e raça. Aspectos operacionais que podem vir a enriquecer o campo dos estudos prisionais e da sociologia econômica de forma mútua. Estamos diante das formas mais concretas do poder que não se apresentam enquanto políticas; sendo que nos aproximamos da família, do sexo, da educação, do trabalho e das trocas (Laval e Dardot, 2016).

Santa: Mas dizem que a penitenciária aqui de Lavínia-SP os processos correm mais rápido.

Bia: Óbvio. Todo processo da 018, interior na verdade, o andamento é bem melhor, porque tipo lá em São Paulo não tem comparação. Tipo assim, gira rápido; tipo faz andar.<sup>197</sup>

Vimos que é necessário para a existência do *turismo de fundo* o fluxo persistente de mulheres que visitam prisões na cidade de Lavínia-SP, ou seja, precisamos dessa adesão, disponibilidade para percorrer muitos quilômetros de distância a fim de realizar uma visita. Em nossas interações e entrevistas aparece um fenômeno compartilhado entre elas com relação ao sistema de processamento da pena de seus familiares detidos, e este se encontra na afirmação de que: *todo processo da 018 gira rápido, faz andar*. Elas possuem uma compreensão de que estar numa prisão do interior mais distante faz com que seus familiares saiam antes desta mesma instituição e enfim sua *caminhada* terá um fim. Caminhada é expressão local acionada por essas mulheres que assumem a responsabilidade de visitar o familiar detido de forma periódica.

Quando Philippe Steiner (2023) propõe sua abordagem dos mercados contestados chama atenção para o efeito de *esfriar a contestação* enquanto estratégia para que certas

---

<sup>197</sup>Fragmento de conversa gravada com permissão de todas as partes envolvidas. Conversa que aconteceu enquanto fazíamos uma entrevista gravada com Santa no dia 03 de setembro do ano de 2022.

proteções às populações moralmente ameaçadas sejam lançadas na arena mercadológica a fim de possibilitar a existência do mercado em questão.

A principal tarefa assumida pelas mulheres familiares que visitam prisões é o acompanhamento do processo penal, elas acabam sendo as principais responsáveis pelo andamento do processo do familiar detido. Quando perguntamos a Santa se ela paga o advogado de seu noivo preso obtemos a seguinte resposta:

Eu pago. Eu entrei com recurso com o advogado assim que ele foi preso. Em abril eu entrei. Hoje o advogado dele renunciou e tem um mês e meio que ele está sem advogado. Esse advogado acionou o Ministério Público antes de abandonar o caso. Eu já fiz o pedido pra ele; eu fiz um pedido de revisão criminal e foi negado. Agora entrei com o pedido para o perito, pra ele ver o pedido revisional e saber o que aconteceu. Pra ver se existe possibilidade de eu colocar outro advogado ou se eu sento, estagno um tempo e espero o lapso criminal até porque se ele me disser que não tem o que fazer agora eu vou esperar dar o lapso criminal previsto pra eu poder entrar com recurso com outro advogado. Infelizmente o Ministério Público tem 300.000 processos e até ele encontrar o meu... tem gente aí que foi condenado pelo Ministério Público a 12 anos e já cumpriu 9. Até ir, você já *pagou cadeia!* Então eu digo assim: eu sou uma exceção, porque eu tenho uma profissão, eu não ganho mal, eu consigo. Não me sobra! Eu não estou luxando, mas eu tenho uma vida que eu consigo pagar as minhas contas, sustentar as minhas filhas com toda dificuldade, e visitar ele e manter né, de alguma forma com a ajuda da família dele; e quem não tem?

Impressionante como ela passa por uma linguagem específica do direito penal e termina em sua condição financeira referente ao sustento da casa. Se apropriar da comunicação com o advogado e verificar as injustiças que possam ser reparadas e com o entendimento da lei torna-se parte desta economia doméstica. A própria linguagem do direito e do código penal começa a fazer parte de um ambiente familiar com possibilidades de naturalização. Expressões como perito, lapso criminal, processo e outras começam adentrar o cotidiano de casas e famílias.

No Campo II relatos coincidem com o protesto do CDP de Pinheiros da capital São Paulo (divulgado pelos meios de comunicação) sobre abuso de poder, maus-tratos, comida estragada, sobretudo o péssimo tratamento dos funcionários para com elas. Nestes relatos elas chegam a uma mesma conclusão: *ele está melhor aqui em Lavínia-SP*. No sentido de que seus familiares presos estão sendo melhor tratados nas penitenciárias do *fundão*, lhes dão uma sensação de que vale a pena permanecer ali e de certa forma suas longas viagens tornam-se justificadas por intermédio das violações do Estado.

A presença constante das mulheres assim como a preparação de refeições confeccionadas para os presídios é parte de um *circuito de sobrevivência em cadeias de cuidado* (Guimarães e Hirata, 2020) no exercício de compensação das mazelas produzidas

pelo Estado: elas tentam compensar a dignidade ausente na vida de seus familiares presos e se opõem ao ambiente prisional que por uma vasta literatura é reconhecido como inumano e insalubre. De fato, em tempos de pandemia as políticas de morte nas prisões brasileiras se fazem cristalinas (Prando *et al.* 2023) situando-se como ponto de partida necessário da atual discussão sobre política prisional. Em ambiente marcado pela superlotação e persistência de outras enfermidades como tuberculose se revelava a prática de um sistema penitenciário “que já não se atém à fábula reabilitadora, passando a concentrar-se na eliminação social e biológica do sujeito considerado criminoso” (Campello, 2023, p.80). Dessa forma o cuidado das mulheres familiares de pessoas presas se mantém como contraponto e como resistência representando as possibilidades urgentes para se manter vivos.

São noções de senso comum deste universo de mulheres familiares e visitantes de prisões e de cidades, que denunciam maus-tratos de instituições do *fundão* (Mallart, 2019) assim como o ponto de partida que vigora nas prisões brasileiras é a arbitrariedade da lei (Godoi, 2023). Porém, na prática, a manutenção da vida de seus familiares presos acaba colocando as mazelas da prisão e a demora da lei como parte da obrigatoriedade desta economia do cuidado, mediante a qual, mulheres nunca serão capazes de abandonar seus homens em tamanha situação de vulnerabilidade. Dessa forma a vulnerabilidade opera mecanismos de esfriamento da contestação.

## 5. O cuidado enquanto contestação da dádiva

Aqui queremos refletir sobre uma expressão que apareceu muito em pesquisas de Campo I e Campo II sob as falas de: *eu só visito porque ele é muito bom comigo; eu só visito porque ele me ajudou muito na rua; eu só visito porque ele nunca me fez mal*. Existe entre todas as justificativas de manutenção e atualização deste fluxo prisional específico das mulheres visitantes das prisões de Lavínia-SP e região o reconhecimento do regime da reciprocidade. Philippe Steiner faz um apanhado recente de sua concepção teórica de mercados contestados ampliando suas possibilidades de análise, partindo da crítica social para lançar reflexões a respeito dos mecanismos de reciprocidade e redistribuição (Carneiro e Garcia, 2023).

Em oposição à morte que emana o dentro da prisão vimos no capítulo anterior os esforços das mulheres que visitam no sentido de levarem consigo para o mundo intramuros aspectos diversos que compõem universos referentes ao *cuidar de* que vão para além das

imposições da sobrevivência. Como o cuidado com a estética em apresentar coisas belas, cheiros agradáveis, roupas bonitas, sorrisos, mesmo com todas as exigências da instituição-prisão em uniformizá-las. O cuidado é categoria que articula materialidades e afetos de forma simultânea assim como a mobilização de tecnologias de dominação e ascensão, de vulnerabilidades e potências.

Philippe Steiner (2005) ao resgatar a obra do clássico da sociologia de Émile Durkeim reconhece a importância da obra de Marcel Mauss na elaboração das representações sociais. Quando Philippe Steiner (2023) situa suas propostas futuras para a abordagem dos mercados contestados para os mecanismos de reciprocidade e redistribuição é na dádiva, heranças e impostos estatais que estabelece possibilidades profícuas de pesquisa.

As redes de cuidado atuam para apaziguar ou facilitar dita *correria* atrás do dinheiro. São responsáveis pela manutenção de um mínimo de saúde física, mental, emocional e espiritual. Identificamos as mulheres nos arredores do cárcere como importantes agentes da mudança, no sentido do estímulo que oferecem aos familiares presos e soltos para continuarem percorrendo um caminho, mesmo que incerto. Vanina Ferrecio (2018) argumenta que mulheres familiares de pessoas encarceradas assumem o papel da ressocialização.

Na casa da Família M. também havíamos observado como o reconhecimento oral na construção gramatical do destino dos corpos era direcionada ao patriarca Mario, mas que na prática foram Maria e Margarita que organizaram mudanças realmente capazes de transformar seus destinos. Entre as mulheres nos arredores do cárcere com as quais convivemos existe uma expressão nativa que de certa forma nos pareceu atrativa por conta da nossa afiliação com a sociologia econômica. E essa expressão é *o progresso*, que aparecia sobretudo em nossas conversas sobre o futuro.

Quando notamos que o *cuidar de* carrega consigo uma perspectiva do tempo futuro vai no sentido de questionamento da suposta urgência intrínseca ao sobreviver. Se nos dispomos a uma análise de deslocamento da morte para a vida não podemos negar as dimensões de sonhos, esperanças, fé no futuro. Afinal diante de tanta morte o que é capaz de manter essas mulheres vivas?

## **6. A imposição da sobrevivência enquanto dispositivo que esfria a contestação**

No sábado dia 20 de agosto do ano de 2022 Paolla volta da visita ao marido preso, senta-se na varanda da Pousada do Mario, exausta. Larga a sacola no chão, o filho mais novo já sai correndo em direção ao quarto. Ela afirma: meu marido não está bem mano; com esse tempo a bronquite dele ataca, e ainda dorme no chão. E se a gente reclama ainda vai de castigo.<sup>198</sup>

Quando Fábio Mallart e Fábio Araújo (2020) abordam a máquina produtora das políticas de morte enquanto característica fundamental do sistema prisional brasileiro – produção lenta e progressiva do definhamento dos corpos<sup>199</sup> – nos chama atenção para que: dentro de uma prisão entre tantas causas possíveis de se chegar à morte a desnutrição é uma delas. De outro lado, estudos sobre mulheres visitantes das prisões (Silvestre, 2012; Lima, 2015; Godoi, 2017; Lago, 2019) destacam a imagem de uma grande sacola transparente recheada de comida e outros itens básicos de sobrevivência nomeada como jumbo. O jumbo torna-se figura representativa de um tipo de “vaso comunicante” (Godoi, 2017) ou artefato que liga os espaços de dentro e fora das prisões paulistas<sup>200</sup> no qual o alimento é protagonista. As mulheres visitantes de prisões masculinas se destacaram, portanto, como provedoras de alimentos para o interior das muralhas. Alimento que, conforme Natália Lago (2019a), não apenas alimenta o corpo como nutre relações.

O fluxo das mulheres visitantes das prisões masculinas e das cidades do interior paulista nos traz dilemas de uma pobreza em constante circuito bem distante das concepções das populações marginais. Para elas mercados são criados tanto dentro como fora das muralhas da prisão. Que os moradores de Lavínia-SP e elas próprias possam compreender essa movimentação em sentido turístico comprova aspectos da teoria dos mercados contestados onde acomodações éticas e morais são feitas para garantir o funcionamento das transações econômicas. Gostamos de uma passagem da introdução feita por Robert Cabanes e Isabel Georges (2011) em uma coletânea de artigos sobre pesquisas realizadas em periferias da capital São Paulo, em que dizem:

A banalização da situação atual deve-se a esse realismo imposto por informações econômicas que visam obscurecer deliberadamente os saberes, às verdades ideológicas passageiras, alimentando e cultivando práticas de destruição do outro para que seja possível tomar seu lugar. Não é sob essa perspectiva que descrevemos

<sup>198</sup>Fragmento do dia 20 de agosto do ano de 2022 em Diário do Campo II.

<sup>199</sup>Fábio Mallart (2019) cunha o termo “política do definhamento” em sua tese de doutorado.

<sup>200</sup>Essa sacola transparente recheada de itens básicos de sobrevivência dentro das prisões não é uma realidade específica do estado de São Paulo, e sim o nome *jumbo* que é uma especificidade desse território. Sabemos, por exemplo, que o *jumbo* no estado do Rio de Janeiro recebe o nome de *sacola* (Barbosa, 2019). O que é denominador comum de todo o sistema prisional brasileiro é o fato dos familiares e amigos de pessoas presas serem os responsáveis pelo provimento dos itens fundamentais de sobrevivência dentro de uma prisão.

o Brasil, mas devemos admitir que ele participa, como “todo mundo”, desse pano de fundo, de espírito do tempo, uma globalização selvagem que se realiza por cima e por baixo.

Quando os moradores estabelecidos de Lavínia-SP me encaram como uma “historiadora” em nossa interação pesquisadora/pesquisados é porque querem contar uma história econômica, assumem as informações sobre economia enquanto verdade que importa. Por outro lado ao notar que as mulheres interlocutoras desta tese buscavam uma psicóloga era no sentido de que queriam desabafar, principalmente sobre os gastos que tinham com a prisão do familiar detido no sentido de que estavam satisfeitas com a pergunta onde as respostas eram mais exclamativas e sem tanto pudor ou desconfiança, como se estivessem realmente me dando uma informação relevante. *Até que enfim alguém preocupada com os nossos gastos com o preso!*<sup>201</sup> Para essas mulheres fluía muito a conversa quando falávamos dos gastos, porém era muito difícil falar sobre os ganhos que envolviam práticas ilegais nas quais elas corriam diferentes riscos. Queremos com isso construir a noção de que subjetividades estão atreladas às condições da materialidade, nas múltiplas formas como somos capazes de gerir os tempos do trabalho, da família, do ócio e do cuidado. Nestas dinâmicas falar de gastos direcionados ao cuidado do outro, no caso das mulheres familiares de pessoas encarceradas, foi muito mais acessível e confortável. Agora bem, o que elas ganham com prisão; isso sim é de muito sigilo.

O fato de havermos encontrado muitas mulheres que conheceram seus companheiros quando já estavam presos nos leva a refletir que nesta arbitrariedade da lei também se criam estratégias de sobrevivência. Um homem preso procura por uma mulher que passa a visitá-lo com frequência provendo-lhe alimentação e afeto, aspectos fundamentais para sua sobrevivência dentro do cárcere. Sobrevivência que alimenta e estimula a dominação masculina mediante homens que enxergam mulheres como suas principais e até mesmo únicas cuidadoras. Reflexão que perpassa a suposta obrigatoriedade do cuidar dele.

De forma simultânea mulheres buscam se relacionar com homens presos e essa possibilidade existe nos territórios periféricos dos grandes núcleos urbanos onde prisão se transforma em lugar de destino e de passagem. Existe um movimento contemporâneo onde relações de intimidade precisam contar com a obrigatoriedade de passagem pelo cárcere.

---

<sup>201</sup>Fragmento de Diário de Campo II.

## 7. Esboço de uma sociologia econômica do encarceramento em massa

Em cada detalhe etnográfico apresentado durante esta tese podemos concordar de que não nos faltam motivos para contestar que o circuito de mulheres familiares e visitantes de pessoas encarceradas esteja sendo posicionado em uma prática de mercado, e de fato é o que ocorre na realidade Lavínia-SP assim como outros municípios e cidades do interior mais distante da capital São Paulo.

O termo mercado contestado é chave elucidativa e compreensiva, parte da sociologia econômica, desenvolvido por Philippe Steiner e Marie Trespeauch (2014) estando no cerne da questão a relação das perspectivas morais com as de mercado, eixo renunciado pela ciência econômica ortodoxa na qual a moral subjacente se restringe ao conjunto de opostos eficiência versus ineficiência. Dessa forma as existentes leituras sobre o possível impacto econômico das prisões alocadas em cidades muito pequenas, pegando como referência os estudos encontrados para o caso dos Estados Unidos (Beale, 1998; Huling, 2002; Hooks *et al.*, 2010), continuam repetindo a mesma reflexão binária entre eficiente ou não eficiente; ganho ou perda. Assim vemos como muitos dos estudos que se debruçam sob os efeitos da prisão na vida das pessoas desde a hipótese da perda é sempre reproduzido e bem alimentado. O risco que sentimos ao nos deparar com esta constante repetição é justamente o domínio das possíveis agências articuladoras de vidas possíveis e da sobrevivência inerente ao diagnóstico da falta.

Os mercados contestados como de drogas, prostituição, jogos de azar e outros precisam estabelecer regras para além dos tratados de lucro e benefícios individuais no intuito de resguardar a vida das pessoas envolvidas. Poderia ser um verdadeiro caos sangrento, entretanto estes mercados apesar de serem passíveis de contestação política, religiosa e até mesmo econômica, continuam existindo; criando, envolvendo e mantendo relações humanas e territórios em toda sua complexidade. Nesta dinâmica de afluência para ver quem ganha na disputa, se a moral ou o mercado, muitas nuances são possíveis de ocorrer. Mesmo que o mercado de órgãos, por exemplo, seja proibido ainda existe na prática; ou como o mercado da *cannabis* em plena transição entre proibição e legalização nos mostrando como é rico as análises que se transcorrem neste trajeto do entre; entre ser ou não ser mercado e toda acomodação de significado que transmuta no tempo e no espaço.

Nesta direção os mercados contestados são e continuam sendo de grande potencial heurístico justamente porque nos possibilita situar a própria contestação enquanto ação social,



o que é notável neste *turismo de fundo* que emerge e se consolida em Lavínia-SP. A possibilidade da contestação ela é percebida, agenciada, acionada e manipulada pelos agentes envolvidos nas diferentes esferas de produção deste mercado turístico. Desde o prefeito em sua construção discursiva de que nenhuma outra indústria viria para a cidade de Lavínia-SP, passando pelos donos de pousada que apenas recebem dinheiro em espécie por conta da desconfiança com seu público-alvo, até as mulheres visitantes das prisões que mesmo diante de tantas dificuldades se esforçam para apresentar o dinheiro e demonstrar que este não é o problema em cena. É usando da possibilidade de contestação que as regras neste mercado vão se inserindo a modo de limitar os agentes aptos para cada uma das transações e o modo como elas serão operadas.

Passamos também pelo fato de que a existência deste mercado de turismo em Lavínia-SP depende das mulheres dispostas a viajarem longas distâncias para visitarem seus familiares detidos nas prisões da cidade e municípios vizinhos, elas as constituintes da demanda. Neste caso logo de início é considerado os gastos exacerbados delas com a viagem, os mantimentos de sobrevivência que enviam para dentro da prisão, ambas perspectivas do diagnóstico da falta. Porém, mesmo com tanta perda e tanto gasto essas mulheres continuam se movimentando. Neste ponto recorremos a Viviana Zelizer (2011) e sua incansável tentativa de nos demonstrar como diante de um ato econômico existem uma complexidade de relações sociais. Ela é uma autora da sociologia econômica que traz o recorte de gênero nos significados que damos ao dinheiro.

O desejo manifesto nesta tese era de que cenas sociais fossem capazes de trazerem consigo reflexões teóricas, que os possíveis leitores fossem capazes de se questionarem antes de adquirirem nossas respostas, e assim muita criatividade e muita reflexividade pudessem vir à tona enquanto o texto se escorria. Por isso apresentamos este levantamento teórico ao final, para que depois do pensamento incitado pudéssemos juntos fechar este ciclo. Aqui situamos em nossa subárea do conhecimento sob as diretrizes da sociologia econômica o que através dela aprendemos a ver, ouvir e sentir. Acreditamos honestamente de que muito mais poderá ser revelado usando destes óculos de análise. As leituras de uma mesma realidade social elas precisam ser diversificadas justamente para dar conta da complexidade prática. Existe uma tendência arraigada em todos nós em tratar da materialidade da vida como adjeto da nossa intimidade, e o neoliberalismo contemporâneo já não opera nesta distinção clara. Pelo contrário os mercados cada vez mais se articulam com as subjetividades humanas fazendo inclusive delas um de seus mais aclamados produtos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia 13 de dezembro do ano de 2023 quando estávamos finalizando esse texto recebemos o convite de Paolla para uma manifestação em prol da dignidade humana da população carcerária que ocorreria no antigo Carandiru atual Parque da Juventude em São Paulo capital. Ela nos diz o seguinte em um áudio recebido via aplicativo *WhatsApp*:

Amiga hoje a gente está indo pra uma manifestação, lá no Carandiru a manifestação, chegar lá eu vou fazer um vídeo pra você ver tá bom. A gente tá lutando pelos direitos do preso né, tá tendo muita opressão dentro do sistema, muita opressão sobre visita; eles estão querendo cortar visita íntima, as visitas dos presos. Amiga eles mentem muito, eles encobrem, esconde muito a verdade do que realmente é o sistema. Muita fome, muita fome! Tem pessoas que estão passando fome porque a comida é muito pouco, principalmente em CDP, um pedaço de comida, aquele feijão preto que eu acho que eles deixam no sol, as mortadelas do pão quando eles dão pão com mortadela chega que é roxa.

Passada a pandemia de Covid-19 o fluxo das prisões retorna, as viagens prosseguem, as mulheres no interior mais distante do estado de São Paulo continuam presentes e a preocupação com a prisão continua conduzindo o cotidiano de suas vidas. As reconfigurações no campo dos estudos prisionais que estão renunciando a imagem da prisão como fechada em si mesma ou território à margem, mostrando como a prisão em realidade se alimenta dos circuitos que são atravessados e que a atravessam (Godoi, 2017; Mallart, 2019; Campello, 2019; Lago, 2019; Cunha, 2021) nos proporcionam estímulo para continuar.

Buscamos através desta tese a descrição de um universo do qual pudemos conhecer nos detalhes de uma pequena parcela e que gostaríamos de deixar pistas para trabalhos futuros. Interessou-nos observar esta mudança que o encarceramento em massa produz na vida econômica e social cotidiana de muitas famílias e como vai operando novas acomodações de significado com o passar do tempo assim como mantêm símbolos e estigmas antigos. Famílias essas as quais lutam para acreditar em suas possibilidades de vida diante de uma prisão feita para deixar morrer, e não podemos negar que manter-se vivo passa pelo acesso ao dinheiro. Parece uma questão óbvia, mas que sentimos muitas vezes ignorada pelas premissas do mundo à parte ou dos excluídos das relações de mercado. O que não encontramos na prática.

A cidade de Lavínia-SP nos mostra isso a todo momento. O rural de olho no urbano da grande metrópole enquanto corporificação de possibilidades econômicas, o lugar onde a riqueza se encontra. A ilegitimidade da produção agrária ligada ao MST e sua interação com familiares de pessoas encarceradas que moram ou visitam a cidade de Lavínia-SP, dando

traços de compreensão desta conexão prisão-periferia que se alastra por múltiplas territorialidades. Por isso a noção de fundão é rica no sentido de que envolve mais do que a escassez material e expressa um estilo de música, religião, linguagem, ou seja, a possibilidade de dar vida a tudo isto que tanto estudamos na chave da falta e da escassez com certo tom de fracasso, ou nossa própria reprodução da imagem de fundo enquanto tudo o que não pode vir para a superfície. Quando imaginamos uma sala de aula padrão muitas vezes os alunos que se sentam no fundão são os rejeitados da educação. O que o turismo de fundo expressa é justamente essa mercantilização da prisão acomodada ao mesmo tempo como objeto de mercado e mundo invisibilizado. Compreender práticas enquanto segregadas é dar-lhes o significado de alteridade impregnado de exclusão, como parte de um efeito teoria um tanto perverso.

Cientes estamos de ter apresentado um estudo sobre um objeto vasto e extenso como o mundo das prisões. O que experimentamos no território Lavínia-SP enquanto fotografia de um circuito prisional, de mercado e cuidado revela certa interação espelhada entre riqueza e pobreza, dominação masculina e estratégias de vida, cuidados e mercados. Uma cidade que recebeu seu nome em homenagem a uma mulher, alto símbolo da aristocracia cafeeira, que hoje negocia significados de cunho econômico para explicar a presença de um complexo penitenciário que coloca mulheres enquanto visitantes das prisões da cidade, representantes da periferia, agora motor do desenvolvimento econômico local. A pobreza e as mazelas da prisão transfiguradas em motor do desenvolvimento econômico local. Mesmo lugar que é cego às possíveis potencialidades agrárias de um Movimento dos Sem Terra (MST) tão presente e ainda disposto a trabalhar na terra.

Observamos neste processo de negociação de significados de bens de mercado no fluxo produzido pela prisão como os moradores estabelecidos na cidade de Lavínia-SP, no sentido do status moral das mercadorias, vão operando narrativas na direção de distanciamento em relação aos aspectos da violência e criminalidade que domina o campo prisional. Dessa forma o turismo de fundo vai passando por diferentes estados da contestação, começa com o binarismo identificado por James Zomighani Jr. (2014) entre prefeitos favoráveis versus contrários à vinda das prisões, para a atual trama mais complexa de acomodações morais e formas de segregação fundamentadas num arbitrário cultural, que separa mulheres que furam fila do banco ou que se vestem mostrando pernas.

Na figura da Família M. fomos vendo como estes comerciantes, aos quais insistem nos vender a figura do empreendedorismo, ainda se aproximam substancialmente da figura do

trabalhador na dependência do trabalho para além das relações econômicas e como expressão de um estilo de vida. Dessa forma é preciso construir descrições capazes de elucidar este neoliberalismo, não apenas enquanto uma questão puramente econômica, mais também como opera um modo de governo e uma visão de mundo que se encontra em todas as instituições sociais como na família, no sexo, no corpo e nas mercadorias (Laval e Dardot, 2016).

Dessa forma, é fato constatado pela nossa pesquisa e por muitas outras (Zomighani Jr. 2014; Sabaini, 2012; Silvestre, 2012; Godoi, 2017; Lago, 2019) que as prisões localizadas em cidades do interior paulista estão modificando paisagens, relações e estruturas. Comprovações de que prisão produz territorialidades, sociabilidades e subjetividades fora dela. Assim contribuimos para a reconfiguração no campo dos estudos prisionais para que enxerguem que máximas do mundo à parte ou das instituições totais já não trazem compreensões factíveis para a crítica ao neoliberalismo contemporâneo que constrói contextos cada vez mais interligados, simultâneos e globalizados.

Que prisão seja um fracasso é uma máxima por demasiado óbvia que deixou de produzir qualquer inspiração heurística ou até mesmo política. Assim como a pobreza é uma situação de falta e de perda também se tornou uma máxima escolástica que reproduzimos transformando pobres e seus territórios em realidades à parte e subalternos nas nossas produções de conhecimento. Estamos presos aos diagnósticos.

O que Lavínia-SP e seus moradores locais demonstram ao resgatar um passado de glória na figura de uma elite ao estilo aristocrático que ainda opera sociabilidades interessadas em sobrenomes nos diz que um mesmo território fracassado foi um dia glorificado, demonstrando a plasticidade do ambiente conforme as relações que nele se encontram e as justificativas que moralidades específicas exigem. Assim como na imagem do grande latifundiário como sinônimo de agricultura bem-sucedida vamos renunciando a hipótese de um agronegócio em crise; ao contrário, continua eficiente na hora de expandir fronteiras.

Dessa forma, importante considerar o debate mais amplo sobre as questões prisionais. Cada vez mais autores e autoras denunciam o aumento do volume da população carcerária como projeto político de segregação racial e de classe. A noção de *abolicionismo penal* vem sendo evocada e difundida em pesquisas acadêmicas. Do outro lado, a realidade de municípios como Lavínia-SP demonstra um movimento inverso. Ali, as prisões continuam sendo implementadas, desejadas e naturalizadas no cotidiano do interior paulista como parte de um projeto econômico de Estado. A nova paisagem do interior paulista tem tomado a forma de um grande território penitenciário que vai conectando cidades através das prisões.

Essa nova paisagem urbana carrega junto uma nova paisagem moral: aceitar as prisões como mal necessário e como forma de desenvolvimento para as cidades ocultando sua faceta punitiva, onde um suposto agronegócio em crise também serve como justificativa na hora de esfriar possíveis contestações.

Mais do que uma economia dos cuidados lateral, o encarceramento está articulado com a economia dos cuidados. O que constitui este turismo de fundo são mulheres com poucos recursos tentando manter seus familiares presos vivos e assim manter sua própria família e seus territórios de origem. Essa tese espera ter contribuído como elemento da relação dentro e fora das prisões: O cuidado ganha nova faceta e marca negativamente as mulheres de preso. A economia do cuidado que aparece na literatura como parte do mercado informal de trabalho, nesse ambiente prisional ela ganha nova tração. Isso não quer dizer que essas mulheres saiam do ambiente da informalidade, mas antes o avesso disso: do seu desejo em garantir o cuidado de seus maridos, companheiros, irmãos e filhos que mulheres com poucos recursos se tornam consumidoras no mercado local de municípios empobrecidos pela dinâmica da escassez de trabalho. A presença das mulheres de preso gera renda, mas não é para elas. A renda vai para o em torno que envolve as prisões. Nesse arredor que insiste em invisibilizar a face da pobreza que acompanha essas mulheres. Para não ver isso, moradores e moradoras adotam práticas despoluentes: evitam os lugares frequentados por essas mulheres, evitam os horários de frequência dessas mulheres. Para evitá-las e evitar enxergar sua pobreza, sua falta de recursos dos quais eles próprios vivem. É uma renda gerada através da pobreza e que rejeita se enxergar enquanto tal. Essas mulheres são presas (no sentido da caça) capturadas pelo sistema prisional na sua face mais perversa, que de forma simultânea fazem uso estratégico do cuidado para continuar vivo.

Ao mesmo tempo a autonomia do campo econômico não lhes nega a possibilidade de um convívio próximo e algumas vezes afetivo e íntimo com suas hóspedes ou *suas meninas* como prefere dizer Margarita, do outro lado e de forma simultânea implica disputas de mercado. A prática econômica se encontra presente em relação com as demais práticas das esferas do social, do político, do emocional e do jurídico, sendo estas últimas acionadas na hora de buscar por novos significados os quais permitem acomodar este tipo de mercado e assim apaziguar a contestação.

Passados 19 anos da inauguração da primeira penitenciária na cidade, a presença das prisões em Lavínia-SP deixou de ser contestada. Eis que se naturaliza a presença de um complexo carcerário na região do extremo oeste do estado de São Paulo ressignificado. Esse

processo justifica prisões como negócio lucrativo e as coloca como alternativa econômica na ausência de outras alternativas. Outro ponto a destacar, o desenvolvimento econômico oferecido pela prisão nem mesmo economicamente é satisfatório, ao contrário, quando os moradores estabelecidos em Lavínia-SP foram questionados a respeito dos aspectos negativos de sua cidade destacaram o desemprego e o desamparo de sua população mais jovem. Em contraste com um agronegócio que muda de cidade em acordo a contratos políticos o que permanece no território é uma crise no mercado de trabalho. A crise deixa a esfera do agronegócio e, nesta tese, o que se evidencia são trabalhadores expropriados das suas relações sociais de trabalho.

No momento atual e depois da experiência de ganhar dinheiro com a presença das prisões, esses moradores declaram-se cientes de que o crime característico da cidade é cometido por seus próprios moradores. É possível observar um sentimento e um julgamento moral oposto ao da possível insegurança gerada pela presença das prisões na cidade. No entanto, mantém-se essa ideia da poluição, de que é necessário não ter contato com essas mulheres. Esse contato talvez despertasse a consciência do fato de que essas mulheres são pessoas pobres e que movimentam na cidade uma soma de dinheiro que lhes faz falta.

A realidade da pandemia traz luz sobre as relações de poder. Essas mulheres se sentiam obrigadas a vir todo final de semana e nesse momento, ficaram satisfeitas com um final de semana de descanso, sem viagens. Como a restrição vinha da instituição prisão e não delas próprias era facilmente justificada aos maridos e companheiros. Observa-se aqui uma faceta autoritária das relações de gênero: A visita tem um caráter de obediência às demandas do marido preso, uma relação hierárquica e que está na ordem das coisas, entre homens e mulheres como observam Danièle Kergoat (2003) e Pierre Bourdieu (2019). Elas querem visitar seus familiares presos, ter informações rápidas e visíveis sobre eles, mas elas igualmente desejam estar em suas próprias casas durante os finais de semana. Elas desejam descansar. E isso a pandemia de Covid-19 tornou visível.

Certamente que este turismo de fundo não se refere a uma expressão institucional/formal é, antes, uma antítese: de um lado o turismo que por excelência corresponde a uma escolha voltada para o deslocamento destinado ao ócio, lazer, cultura, e; do outro, o penitenciário que obriga essas mulheres a viajar quando nem desejam nem possuem recursos para tal. É uma derivação da penitência (Davis, 2020). É parte de um quadro amplo de desigualdade social, racial e de gênero; persistência de doenças e torturas;

configurando territórios de extrema insalubridade<sup>202</sup>; ou seja, tudo aquilo que não se deseja experimentar através do turismo.

No período de pandemia e num ambiente marcado pela superlotação e existência de outras enfermidades se revela a prática de um sistema penitenciário baseado na eliminação social e biológica do sujeito considerado criminoso (Campello, 2023, p.80). Dessa forma o cuidado das mulheres familiares de pessoas presas se mantém como contraponto e como resistência representando alternativa para se manter vivo. Morte e vida entram em debate. Em oposição à morte os esforços das mulheres que visitam prisões são o de levar consigo para o mundo intramuros parte do universo do *cuidar* que nos remete ao *gênero do cuidado*. Um cuidar que vai além da sobrevivência e passa a operacionalizar formas de viver com prazer, com amor, com bons cheiros, bons sabores e de preferência com uma *Coca-Cola* bem gelada.

O fluxo das mulheres visitantes das prisões masculinas e das cidades do interior paulista nos traz dilemas de uma pobreza em constante circuito bem distante das concepções das populações marginais. Elas passam por territórios dos mais diversos. A invisibilização é uma prática social. Para elas mercados são criados tanto dentro como fora das muralhas da prisão. Que os moradores de Lavínia-SP e elas próprias possam compreender essa movimentação em sentido turístico comprova aspectos da teoria dos mercados contestados onde acomodações éticas e morais são feitas para garantir o funcionamento das transações econômicas.

---

<sup>202</sup>Lembremos que existe uma quantidade enorme da literatura de denúncia da extrema degradação dos espaços no interior da prisão. Algumas das quais destacamos: Mallart, 2019; Mallart e Araújo, 2021; textos que evidenciam as prisões enquanto máquinas de produção da morte lenta e progressiva.

## POSFÁCIO

### E o que restou do cenário?

A minha família. Eu sou incapaz de abandoná-los assim como as mulheres que visitam prisões são incapazes de abandonar homens presos. Mesmo que este seja mais um impulso silenciado. Enquanto a comunidade científica me dizia que meu acesso ao campo empírico era privilegiado eu ia adquirindo um ódio pelas exigências impostas pela minha própria família. O livro da Elena Ferrante (2015) *Uma amiga genial* começa de uma forma bastante intrigante com uma mulher que desaparece sem deixar vestígios abandonando sua amiga, quem por medo de perdê-la da memória começa a escrever tudo sobre ela. Desaparecer não foi o caso, mas para não adoecer tive que ressignificar o cuidado que me foi obrigado e minha origem de classe.

A Margarita nesta tese é a minha mãe da vida real e seu adoecimento me localiza enquanto sua principal cuidadora, pela moralidade da filha única que sou. A minha mãe precisou de mim e durante o começo eu tentei fugir dela; ela para me resgatar utilizou das únicas ferramentas ao seu alcance, próprias da dominação masculina, e foi me tornando um ser tão pequeno, inseguro, insatisfeito e, portanto, completamente dependente. Eu me aproximei da minha família para o doutorado no pior momento de suas vidas, minha mãe em pleno adoecimento severo e meus avós envelhecendo. Se hoje eu tivesse que aconselhar uma pesquisadora da mesma origem de classe que eu, aquela que compartilha do mesmo cenário da Família M., eu lhe diria: não se aproxime da sua família! Mantenha-se na higiene da distância e certamente sua trajetória acadêmica terá maiores chances de sucesso do que a minha. Sua família lhe exigirá muito tempo, muita preocupação e sobretudo muita reflexividade. Durante muito tempo senti inveja do meu tio, o irmão da minha mãe, quem desapareceu do convívio com a Família M. e acabou trabalhando em Brasília.

Estar sendo acionada a pensar nos outros – aqui no caso a minha família – me retirou do fundamental na construção do conhecimento sociológico, ou de qualquer outro trabalho intelectual, que seria guardar toda atenção do mundo para a curiosidade da leitura, dos eventos ou da participação acadêmica. O cuidado é uma forma de captura porque te retira cognitivamente dos processos de pensamento aos quais supostamente deveria estar presente. O cuidado te captura da beleza da presença. Pensar e construir conhecimento exige da capacidade de entrar em uma sala; abrir um livro ou um artigo no computador; e estar presente naquelas palavras. Esquecer de tudo o que se encontra fora. A tomada de consciência



desta predisposição a estar constantemente pensando nos outros veio junto com as exigências da etnografia, para fazer um trabalho de campo honesto é primordial o exercício da presença no tempo presente.

Durante muito tempo tudo o que fiz da minha vida acadêmica foi reproduzir, moldes de autores consagrados, de artigos, dissertações e teses premiadas. Apenas aceitei. Sem nenhuma prática crítica na verdade. Da mesma forma como havia sido treinada ao longo da minha vida para aceitar, aceitava qualquer coisa que vinha. Na verdade, estive durante 6 anos tentando agradar alguém. Talvez fosse essa vontade de ser salva.

Depois de tanta experiência corporificada em pesquisa etnográfica me encontrei com o espaço vazio das folhas em branco que precisavam receber um texto, mediado por disputas das quais busco participar embora embebida pelas incertezas que a mim são conferidas por conta da minha origem de classe e da minha trajetória sinuosa e tão cheia de curvas. Assim como o meu corpo é também capturado e igualmente objetivado. A forma como nossa trajetória acadêmica é apreendida passa pelos mesmos mecanismos da dominação masculina. Recursos que minha mãe também soube usar. Uma de suas principais tecnologias é a culpa ligada ao sentimento de eterna insuficiência. Quase parte do mesmo pensamento binário da economia ortodoxa, divida entre eficiente ou ineficiente.

Tomada de consciência que demorou muito em chegar, apenas no último ano do doutorado e por consequência do meu segundo trabalho de campo. Desde outubro do ano de 2022 quando vinha relendo o que tinha escrito desde a qualificação do projeto de tese em 2020 percebi que algo irremediável havia acontecido e que teria que modificar por inteiro minha forma de escrita. De certa forma me dei conta de quem sou, de onde vim e do que busco de uma forma necessariamente honesta através do processo de pesquisa. Um espaço vazio no qual o jogo acadêmico estaria traçado significou até então certa dominação ligada a demasiada comparação com os demais colegas, com trajetórias tão mais lineares que a minha e com maiores possibilidades de ocupar uma posição real no campo acadêmico. Quando me dei conta, no final do doutorado, que talvez essa tese estivesse muito distante da consagração foi quando comecei a desfrutar.

O estatuto do texto que acabo de lhes apresentar é reflexivo e espero que tenha ficado sensitivo às possíveis leituras. Sinceramente uma reflexividade de encontro com a pesquisadora de campo; com a mulher não-branca e desde sempre trabalhadora; e com a escritora em construção que hoje busca a honestidade consigo mesma. Durante os seis anos da minha vida de pós-graduação busquei pela aprovação nos olhares dos outros e hoje a

encontro, ou não, no espelho. Tenho certeza de que entrego um texto carregado de muito esforço, de muito trabalho e de muita dor. Assim como de muita gratidão pelas pessoas que realmente contribuíram com esse processo, e não foram muitas porque eu me silencieei e não lutei. Não chegaria até aqui sozinha embora sou completamente responsável do resultado e das consequências que possam surgir a partir da entrega. Continuarei aprendendo, porém de forma mais consciente.

A tese significa tomada de posição dentro do campo acadêmico e da pesquisa. Eu fui levada pelo campo empírico a estudar mulheres e como elas se relacionam com a economia do dia a dia. Não apenas as mulheres objeto da pesquisa como também as mulheres da minha própria família. Todas elas acabaram refletidas em mim. Fui obrigada a tomar consciência do meu corpo de mulher na ciência. Agora me encontro, tendo que fazer as minhas escolhas dentro da oposição, daquilo que constitui um amplo campo de estudos em disputa – como todos os outros – da *pesquisa feminista acadêmica e ativista* que produz *saberes localizados* tal como foi pronunciado pela Donna Haraway em 1995. E aqui registro minha mais nova afiliação.

Não quero partir sem deixar registrado parte autoreflexiva deste processo de pesquisa sobretudo referente ao encontro entre pesquisadora e pesquisa. A principal marca deixada teve como acidente de percurso a imposição da etnografia como método de pesquisa por conta da minha proximidade familiar com o campo empírico. A partir dela muitas reflexões foram necessariamente realizadas configurando um caminho sem volta de uma pesquisadora que não mais se imagina fora do campo. As mulheres sofridas da minha família me impuseram a necessidade consciente de uma tomada de posição epistemologicamente política. Os debates com os quais nos aproximamos entre as dinâmicas de gênero/raça/classe circunscrevem um caminho sem volta nas disputas que porvir deverá ser travadas. Quando Gilberto Velho escreve sobre as possibilidades de pesquisa em contexto familiar fala de um condomínio de classe média/alta no Rio de Janeiro quando talvez não lhe fosse requerido, como a mim foi, a participação na resolução dos conflitos que cabiam aos membros da minha própria família. A maneira como fui sendo responsabilizada pelo cuidado de todos os membros da Família M. ia revelando parte daquilo que a pesquisa empírica exigia; ou seja, falar sobre economia do cuidado ao perceber como ia sendo absorvida pelas tarefas do cuidar de, em disputa com as responsabilidades de realizar uma pesquisa em um prazo institucionalmente determinado.

Requisitos institucionais que anulam as práticas da vida; mesmo movimento que faz Viviana Zelizer (2013) quando se pergunta sobre as vidas por trás da prática econômica ou

como reagimos às escolhas da intimidade como quando se decide adotar um filho; adquirir um seguro de vida ou uma disputa pela herança dos pais. A ciência econômica ao ignorar a vida anda produzindo mortes. Mortes físicas e espirituais. O problema é que o “realismo das informações econômicas” (Cabanés e Georges, 2011) se disseminou pelas demais instituições compondo este metacampo do qual nos elucidava Pierre Bourdieu (2014), no caso ele diz sobre o Estado e eu diria do mercado. Essa capacidade de interferir em todos e qualquer campo social onde o poder é aplicado de forma mais ampla.

A segunda troca de figurino, ao qual meu corpo dá a vida, foi gerada na hora da escrita final, diria que a parte mais dolorosa da pesquisa. Como escrever sobre esse turbilhão de acontecimentos? Cada entrevista que se ouve é uma casa, um sofá, um rosto e um olhar. Este processo foi um dos mais árduos nesta trajetória por conta desta proximidade familiar investida de muito conflito psicológico, resgatando traumas antigos para que fossem transformados em verdades. Assumir a verdade para si mesmo me parece um dos movimentos mais constrangedores e completamente solitário. Passei por várias tentativas falhas ao desconhecer formas possíveis de junção da presença do eu enquanto tradutora de uma realidade social, urbana, carcerária, de classe, de gênero, de raça da qual ocupei uma posição densamente subjetiva e pessoal. Notava esta necessidade a cada nova experiência do trabalho de campo mediante algumas notórias histórias censuradas em meu diário de campo mais íntimo; das questões que haviam gerado marcas em meu corpo e que seriam limpidas e purificadas para configurar parte de uma escrita científica (Weber, 2009).

Me lembro do dia em que estava na pousada da minha mãe, lugar onde tinha acesso ao *wifi* já que na Casa da Família M. não havia *Internet*, assistindo a banca de defesa *online* da dissertação de uma conhecida e ao mesmo tempo – com a câmera desligada – desenterrava alguns *pipas*<sup>203</sup> do jardim. Em todo momento respeitei a confiança de quem me pediu para a realização de tal ato, ilegal por certo, e não cheguei a ler a informação contida naqueles pequenos recortes de papel. Também um dia quando uma amiga que visitava a prisão de Lavínia-SP queria comprar um chinelo novo e rodei toda a cidade com ela no carro da minha mãe e no final quando não encontramos de seu número resultou que a minha *havaiana* servia

---

<sup>203</sup>Pequenos recortes de caderno onde contem informações que saem das prisões por intermédio das visitantes. Os *pipas* eram tratados pelas visitantes e pelos agentes policiais de Lavínia como ilegalismos, supostamente continham informações relativas à facção criminosa do PCC porém segundo elas me relatavam eram mais que nada mensagens de alguns presos aos seus familiares quase sempre informando a necessidade de algum produto de higiene, alimentação ou medicamento assim como um possível traslado de unidade para evitar uma viagem desnecessária. Os papéis que continham informações sobre a facção não recebiam o nome de *pipas* e sim de *torpedos*.

nela; e esse foi o dia em que meu chinelo entrou na prisão. Ou quando cuidei dos filhos de outra amiga para que ela pudesse visitar o marido que não era o pai biológico do menino de 7 anos e da menina de 14, os levei para passear pela cidade sob o olhar dos moradores. Ou das vezes que limpava a pousada do meu avô por não concordar como ele explorava Paolla. Relações que ultrapassaram qualquer barreira estipulada pela suposta objetividade e cientificidade dos manuais de pesquisa e que principalmente nos causam dilemas éticos, morais, afetivos e legais com os quais depois precisamos lidar na distância segura de uma posição acadêmica segundo os recortes da escrita formalmente exigida.

Como alternativa a tantos dilemas do fazer pesquisa etnográfica e depois escrever me remeto a Marcia Moraes e Alexandra Tsallis (2016) onde o título do artigo já incitava certas esperanças: “Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência”. A partir delas inauguro minhas principais reflexões a respeito desta encruzilhada da qual fiz parte, escrever sobre a intensidade da minha experiência empírica de pesquisa. As autoras utilizam como exemplo o texto de Chimamanda Adichie sobre o perigo de se contar uma única história. Durante algum tempo percorri águas da alquimia acreditando que descrever a minha família seria falar de mim, mas guiada pela etnografia sociológica (Beaud e Weber, 2014) fui aos poucos vendo como qualquer pesquisadora ou pesquisador é reflexo da posição que ocupa em múltiplos espaços que compõem a vida. Assim, também meus demais interlocutores, para além da minha própria família, revelavam coisas de si mesmos em interação comigo. O fato dos moradores estabelecidos de Lavínia-SP terem me apreendido como historiadora e as mulheres familiares de pessoas encarceradas enquanto psicóloga revelou aspectos estruturais daquilo que eles e elas precisavam me contar, ou aspectos da *illusio* do meu campo empírico. Leva tempo para tomar consciência de que qualquer encontro revela condições históricas, sociais e políticas de gênero/classe/raça.

Depois vem uma tela em branco. Nesta escrita acadêmica que se supõe universal muitos dos embates epistêmicos e metodológicos que apenas se manifestam no cotidiano da pesquisa são deixados para fora do texto porque ultrapassam esta unidade de medida que é a escrita científica, ou seja, tornam-se aspectos desmedidos, desmesurados, descomedidos e muito pouco descritos embora tão descritivos das possibilidades reais do processo de pesquisa. Hoje sei que damos menos importância aos aspectos metodológicos do que deveríamos. Acredito no mais sincero do meu processo que estas questões só vão surgir em se tratando de pesquisas de cunho etnográfico e se convertem em uma das suas exigências de trabalho, o que vem acompanhado de uma implícita necessidade de posicionamento político,

que é, ao meu ver, explícito na escrita – nossa ferramenta de diálogo. Nos comunicamos através da escrita e precisamos repensá-la como ato ético, político e por que não poético?

Assim aceitamos o convite feito por Marcia Moraes e Alexandra Tsallis (2016, p.144) de pensar novas gramáticas de escrita que sejam capazes de mediar as palavras através dos corpos e deixarem de se apresentarem como formas puras onde “a escrita acadêmica está longe de ser o simples relato dos resultados de uma pesquisa. Ela é antes, uma forma de povoar o mundo” e assumimos a proposta de “contar histórias” a fim de multiplicar as versões de um mesmo mundo.

Em contar histórias das vidas marcadas pela prisão se encontra a minha família e não desde suas mazelas e sim no que ela produz de relações econômicas. No começo minha mãe com uma pousada de renome e sucesso local e no final o meu avô com Paolla, uma mulher e amiga visitante da prisão em Lavínia-SP quem se hospedava com minha mãe e acabou participando dos negócios com Mario. Um campo que se desfez e refez através da prisão; em demonstração de vidas que não se situam em categorias fixas e se movem através das portas entreabertas que vai aparecendo no caminho um tanto urgente do sobreviver em relações que não podem ignorar o mercado. Prisão e mercado são passagens obrigatórias. O que nos faz lembrar que narramos situadas em múltiplos lugares e escrever acaba por nos situar em um único espaço. Exercício complexo de racionalizar vidas atropeladas pela urgência de seguirem vivas. Atualmente não podemos ignorar o fato de que viver se encontra mediado pelo dinheiro.

Multiplicar as histórias em nenhum momento significa ignorar o relato difundido da prisão como dor, como perda, como exclusão, criminalização, estigma e morte. De fato este, ainda é o ponto de partida. Entretanto ir além da gramática da falta significa trazer relatos daquilo que produzimos com as possibilidades que nos são escassamente apresentadas, o que venho ao longo do texto me referindo na metáfora da porta entreaberta, ou das brechas. Uma das portas entreabertas se apresenta na categoria de autônomo, na qual reconheci e incluí a minha família assim como tantas outras formas de *correr atrás do dinheiro* que circundam as possibilidades largadas nas territorialidades dos circuitos entre o dentro e o fora das grades. O desejo das mulheres familiares de pessoas encarceradas também eram o de serem autônomas, considerando relações abusivas no mercado de trabalho do qual participam.

Olhar para a minha própria família no intuito de vê-la exigiu de mim que me notasse no conjunto dos outros, situar os demais, portanto, passa pela capacidade honesta de situar a nós mesmos, gramática intensamente complexa que transborda múltiplos aspectos da

realidade dos vários mundos pelos quais transitamos e nos envolvemos; o mundo acadêmico no qual se tenta inserir e progredir; o mundo empírico que nos proporciona a materialidade corporificada para reflexão e escrita; e o mundo pessoal subjetivo que nos impõe certos limites de partida, abre algumas possibilidades e ignora outras tantas. Nesta direção buscamos uma reflexão de olhar para atrás no sentido de refletir sobre o que esta tese deixa no sentido de construção do conhecimento, no exercício da escrita e das suas possibilidades. Foi e é através desta tese que hoje me localizo como socióloga, escritora, mulher colorida, nem branca tampouco negra, brasileira e em busca da autonomia. Que o autônomo da minha família possa ser transmutado em autonomia. Justamente nesta condição de autônoma que circunscrevo e elucido a necessidade de um povo que sempre *corre atrás* e atravessa qualquer porta que esteja entreaberta. Autônomo também é sonho, de deixar um trabalho sem reconhecimento pra trás. Autônomo também é perspectiva de tempo futuro em oposição da urgente sobrevivência.

Quando os pesquisadores dizem que nos arredores da prisão o tempo imperante é o da urgência eu reitero dizendo que sempre foi urgente sobreviver e na sobrevivência não se pode dispensar do sonhar; que pode assumir várias formas, como fé, esperança, jogo da loteria, um novo comércio, uma nova mercadoria, uma nova cidade, mas sempre neste motor de resistência para mudar e desafiar a morte que é imposta. Entretanto, infelizmente, realmente ainda não imaginamos possibilidades de vida fora dos circuitos de mercado. Pelo contrário, as atuais formas de resistência passam por ocupar posições que aumentem seu poder de compra, de mobilidade, de aparência para aceitação, de artefatos eletrônicos para difusão; possibilidades que não podem ser ignoradas ou dadas por pré-estabelecidas e a esta reflexão nos deixamos situar no porvir.

Por que o rigor científico deveria vir de tanto apagamento? Ainda mais em comparação com o sofrimento substancial das mulheres que passavam pelo meu cotidiano de pesquisa. Tenho certeza de que o que foi produzido neste texto é de caráter científico sim, porque não me resta nenhuma das minhas antigas convicções. Prenoções que estavam sendo mantidas pela mentira em relação a mim mesma para assim talvez manipular a posição social que já estava consumada na minha entrada na pós-graduação. Muitas vezes mantemos prenoções como mecanismo de manipulação do nosso estigma. De tanto ouvir os *bordieusianos* dizer que um diploma acadêmico não possui o mesmo valor embora todos estivessem com título de doutor.

A tomada de consciência passa, acredito, pela noção do efeito teoria. Eu enquanto socióloga interessada no método etnográfico de pesquisa me dou conta de que também estou criando formas de pensar e agir, e isto passa pelo reconhecimento de uma função um tanto mecanizada que é a de educadora. Pode ser lido como idealista, porém acredito ser necessidade para seguir fazendo pesquisa. A mesma racionalidade capitalista que buscamos elucidar também nos aprisiona num tempo futuro abstrato que não considera as urgências da nossa vida presente. Durante muito tempo passei lendo Bourdieu com medo de não conseguir falar sobre ele para os expertos consagrados no campo acadêmico e ignorei muito das exigências da minha pesquisa empírica. Perdida em agradar. Se não fosse a generosidade da minha banca de qualificação do meu projeto de tese ao me convidar a pensar em nome próprio e de acordo com as exigências da pesquisa de campo ainda estaria presa numa reprodução que me destinava de antemão à não consagração. O desejo de consagração ainda pulsa em mim e me leva para lugares sombrios da culpa e do sentimento de que realmente fracassei. Tento me desculpar e aceitar que fiz tudo aquilo que consegui fazer. Também estou aprendendo a reservar tempo para reconhecer muito amadurecimento neste processo e de certa forma, independente do futuro, celebrar algo da gratidão.

O que restou dos cenários? Entender que ter a minha própria família como principais mediadores do meu acesso em trabalho de campo empírico não apenas se refere às implicações de um caminho que se torna aberto para a pesquisa e sim exige todo o meu engajamento em múltiplos níveis, desde material a físico, emocional e até mesmo espiritual. É sair do próprio corpo e ser refletido nos demais corpos em completa simbiose; eu produto deles e dos encontros que eles tornaram possíveis assim como dos desencontros que acabaram sendo previsíveis. Em um golpe de consciência me vejo responsável pelo território de pertencimento.

Situar a minha própria família como nativos da minha pesquisa e assim assumir sua exterioridade foi acessar toda uma gama de raciocínio no qual minha dominação estava em jogo. Eu enquanto filha e neta única sendo direcionada para o cuidado de todos foi desencadeando em mim muito medo, preocupação e desconfiança no sentido de possibilidade de concretização da minha tese. Momentos conflituosos que se acomodavam na reprodução da culpa em mim mesma e sobretudo nas outras duas mulheres da minha família, minha mãe e minha avó. Como consequência tivemos que enfrentar a realidade do enfraquecimento da nossa saúde mental. Entretanto, quando me aproprio da reflexividade sociológica encontro nas leituras da reprodução social responsabilidade perante este adoecimento mental. Quando a

teoria consagrada diz que não adiantarão seus esforços ou que seu trabalho precisa ser dobrado, em alguns casos podem produzir uma atitude de resistência e luta para provar o contrário, mas, no meu caso, produziu raiva e ódio da minha própria família. Sentimento que durante o percurso do doutorado foi moldando minha atitude de ataques constantes a elas, mulheres da minha família que já tinham sofrido demais e que estavam, no meu entendimento mediado pela raiva, querendo me fazer sofrer também. Lá estava eu mesma reproduzindo o mesmo mecanismo da culpa.

Apenas para terminar a escrita tardia desta tese foi quando pude perceber que o caminho do ódio e da raiva não me levariam até a verdade. Compreender o universo do qual me disponibilizava a contar histórias me trouxe uma necessária aceitação da minha origem de classe. Aceitar que sim sou recurso daquelas mulheres da minha família, mas também sou esperança, luta, resistência e vida. Quando meu acesso ao campo empírico me aproximava daquelas mulheres visitantes das prisões e hóspedes da pousada da minha mãe estavam me abrindo os olhos para uma verdade da qual não posso mais ignorar. Se ficasse no arcabouço da reprodução social me renderia aos jogos de poder daqueles que estão em prol da conservação dos privilégios alcançados e consagrados, ao mesmo tempo em que me perderia da vida ao me entregar ao ódio de mim mesma e da minha família. E acompanhamos com o atual desenvolvimento do movimento *bolsonarista* o estrago que o ódio pode fazer.

Agora aceito que, independentemente do futuro, para me manter viva preciso buscar leituras, autoras, autores, pesquisas de resistência, que estejam realmente em oposição ao etnocentrismo da racionalidade econômica, e esta busca deve construir minha postura acadêmica, metodológica, epistemológica e política enquanto exercício ético de coerência com o meu processo de pesquisa. Diria inclusive que o melhor antídoto à racionalidade econômica que paira no ar epistêmico do campo acadêmico é a pesquisa etnográfica.

O que restou do cenário foi minha responsabilidade de cuidar da família e das relações que a pesquisa manteve, como Paolla. E minha tentativa de seguir aprendendo a ser uma pesquisadora cada vez mais consciente e certamente de campo. Estabelecimento de um desejo mais direcionado pela etnografia em defesa de um fazer científico mais feminista, diverso, inclusivo e, sobretudo, afetuoso. Gostaria que fosse também alegre. Certamente necessitamos de nossos recortes de pesquisa e também de nossas subáreas do conhecimento por uma questão da própria condição e limitação humana, porém o que encontramos nos circuitos de prisão, mercado e cuidado foi uma realidade social materializada na interação de múltiplos problemas, distinções e desigualdades que não se sustentam em visões dualistas do



mundo. Por isso mesmo acreditamos seriamente na potencialidade da análise que inclui relações de gênero, classe e raça.

De nós que participamos do campo acadêmico sem privilégios para serem atualizados é de onde poderá surgir uma sociologia realmente reflexiva no sentido de que ao perceber as coisas das quais refletimos em nosso próprio corpo resulta fonte inequívoca de tomada de consciência e posição na resistência. Nosso célebre Pierre Bourdieu disse em algum texto que a sociologia não poderia ser nunca conservadora.

Daquilo que foi descrito gostaria que as novas pesquisas em prisão conseguissem olhar para os agentes arredor do cárcere como participantes da mesma engrenagem econômica que eles, inclusive enquanto excluídos dela igualmente participam, assim como a sociologia econômica brasileira se desse conta das oportunidades relativas à interseccionalidade em dinâmicas de pesquisas que incluam raça, gênero e classe; e por que não na prática acadêmica do dia a dia.

As leituras de reprodução social me encerraram num processo de adoecimento por reconhecer que todo esforço que estava empregando no desenvolvimento do meu trabalho não me levaria a lugar nenhum. Estava igualmente presa no sentimento da falta, me falta capital social; me falta capital cultural; me falta capital econômico; e nunca experimentarei algum tipo de capital simbólico. Prisão que me fez olhar com ódio para a minha própria família e raiva daquele cuidado que eles estavam exigindo de mim, havia me tornado alguém que repetia a violência. Além de odiá-los por não me darem nenhum tipo de capital ainda sentia raiva por ter sido obrigada a cuidar deles. Paolla não apenas enriqueceu minha pesquisa de doutorado como me tirou do ódio que estava.

Ao viver com Paolla o modo como ela enfrentava suas dificuldades me fez enxergar a potencialidade em se manter viva. Mesmo que não seja fácil é na existência que criamos brechas, potencialidades, resistências e sobretudo sonhos. Sou socióloga e sei que as desigualdades sociais, condições históricas de dominação são ponto de partida de qualquer existência subalterna, isso faz parte do meu trabalho, mas não precisa aniquilar meus próprios sonhos de existir ou minha vontade em construir uma voz mais honesta com minha condição de mulher colorida; nômade de berço; escritora feminista em construção e em busca da liberdade acadêmica e científica para falar sobre aquilo que experimentamos em trabalho rigoroso de campo mais do que o que lemos para aprovação dos homens brancos. Daqui escolho encher meu espaço vazio e espero ter transmitido aos meus possíveis leitores os efeitos da socioanálise.

Ida Mara Freire (2014) constrói a categoria *texto-existência* em resgate a uma história das mulheres negras que teceram o sustento da sua própria vida e de como a autora em sua contemporaneidade se encontra igualmente tecendo novas vidas. A autora diz que o destino de um *texto-existência* é “entrelaçar gerações como possibilidade de reconciliação” (Idem. p. 571). Que possamos ser fiéis a nosso campo de estudo reconhecendo o necessário ponto de partida nas reflexões tão ricas de nossas referências e que também possamos esperar para atrair pessoas como eu, para que se sintam capazes de promover uma escrita reflexiva desde suas condições de classe, gênero e raça. Afinal tal como compreendemos por hora a dimensão política do cuidado precisamos pensar em estratégias para nos manter vivas e pulsantes, mesmo nestes movimentos que muitas vezes nos obrigam fazer e poucas vezes nos possibilitam realizar.

Sermos conhecedoras daquilo que nos falta não será o que nos mantêm vivas. Precisamos falar daquilo que desejamos. Precisamos falar de dinheiro. Precisamos falar de trabalho. Precisamos falar de pessoas abusadoras fora da prisão nos aprisionando. Precisamos falar de corpos. E precisamos mostrar paredes, tetos, portas; entretanto ao mesmo tempo direcionar as brechas e iluminar a cura.

Por isso que não podia falar apenas de distanciamento metodológico. Minha proximidade familiar me possibilitou acesso privilegiado em trabalho de campo empírico, mas também me trouxe reflexões necessárias sobre epistemologia, ontologia e posição política naquilo que me predisponho realizar enquanto o título que me será atribuído. Doutora em Sociologia, conhecedora das mazelas do nosso mundo mercantilizado até os dentes. Mas como vou atuar? Como vou escrever? Espero que bem longe das dinâmicas da reprodução. Não é o fim. É só o começo.

## REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Guilherme Aparecido Santos; TACHIBANA, Vilma Mayumi. Aumentou-se o número de crimes nas regiões onde foram construídos os presídios? (pp. 236-240). **Revista da Estatística da Universidade Federal de Ouro Preto**, v. 3, n. 3, 2014.
- AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. São Paulo: Ubu, 2022.
- ALEXANDER, Michelle. **A nova segregação: racismo e encarceramento em massa**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- BAIMA, Fernando Gustavo Meireles. **Usos do território maranhense: expansão e regionalização do sistema prisional estadual (1830-2020)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís/MA, 2021.
- BANDELJ, Nina *et al.* **Money talks: explaining how money really works**. New Jersey: Princeton University Press, 2017.
- BARBOSA, Antonio Rafael. Política e moral nas prisões brasileiras. *In: dossiê punição, prisão e cidade: contextos transversais*. **Revista Tempo Social**, v. 31, n.3, 2019.
- BARBOSA, Antonio Rafael. "Grade de ferro? Corrente de ouro!": circulação e relações no meio prisional. **Tempo Social**, v. 25, p. 107-129, 2013.
- BARBOSA, Livia; GOMES, Laura Graziela. Dossiê Mercados Contestados. **Antropolítica-Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 41, 2016.
- BASSANI, Fernanda. Amor bandido: Cartografia da mulher no universo prisional masculino. **DILEMAS-Revista de estudos de conflito e controle social**, v. 4, n. 2, p. 261-280, 2011.
- BEALE, Calvin L. Rural Prisons: An Update. **Rural Development Perspectives**, vol. 11, no. 2, 1998.
- BEAUD, Stéphane e WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BENITES, Sandra. **Viver na língua Guarani Nhandewa (mulher falando)**. 105p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- BERRY, Maya J. *et al.* Toward a fugitive anthropology: gender, race, and violence in the field. **Cultural Anthropology**, vol. 32, issue 4, pp. 537-565, 2017.
- BEZERRA, Bárbara Bruna Araújo. **Os efeitos da instalação de prisões em nível local: um estudo da presença do Complexo Penal de Alcaçuz na vida comunitária da comunidade de**

hortigranjeira. Dissertação (Mestrado em Estudos Urbanos e Regionais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

BIONDI, Karina. **Proibido roubar na quebrada: território, hierarquia e lei no PCC**. São Paulo: Terceiro Nome, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **As estruturas sociais da economia**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BOURDIEU, Pierre. O campo econômico. **Revista Política & Sociedade**, v. 4, n. 6, Florianópolis, 2005.

BROOK, Peter. **O espaço vazio**. Lisboa: Orfeu Negro, 2016.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

BUMACHAR, Bruna. **Nem dentro, nem fora: a experiência prisional de estrangeiras em São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2016.

CABANES, Robert *et al.* Saídas de emergência. **São Paulo: Boitempo**, 2011.

CAMPELLO, Ricardo Urquiza. **Faces e interfaces de um dispositivo tecnopenal: o monitoramento eletrônico de presos e presas no Brasil**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CAMPELLO, Ricardo Urquiza. O ornitorrinco penal: Monitoramento eletrônico nas ruínas de Pedrinhas. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 16, n. spe5, p. e55742, 2023.

CARNEIRO, Marcelo Sampaio; GARCIA, Sandro Rudit. Contestação social, transformação e estabilização de mercados. **Sociologias**, v. 25, p. e-soc134766, 2023.

CARDOSO, Fernando Henrique. O café e a industrialização da cidade de São Paulo. **Revista de História**, v. 20, n. 42, p. 471-475, 1960.

CARVALHO, Fábio de Leite. **“Ser família não é crime”**: mulheres de presos, redes e cuidado durante a pandemia. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

CARRILLO, Ian. Racialized organizations and color-blind racial ideology in Brazil. **Sociology of Race and Ethnicity**, v. 7, n. 1, p. 56-70, 2021.

CARRILLO, Ian R. The new developmentalism and the challenges to long-term stability in Brazil. **Latin American Perspectives**, v. 41, n. 5, p. 59-74, 2014.

CARRILLO, Ian R. When farm work disappears: labor and environmental change in the Brazilian sugar-ethanol industry. **Environmental Sociology**, v. 3, n. 1, p. 42-53, 2017.

CASTRO, Maria Ines Malta. **O preço do progresso: a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1905-1914)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

CITELLI, Ana Clara. **Transformações e impactos socioespaciais pós implantação da penitenciária de Araraquara/SP**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. São Paulo: Boitempo, 2022.

COMBESSIE, Philippe. Marking the carceral boundary: penal stigma in the long shadow of the prison. **Ethnography**, v. 3, n. 4, p. 535-555, 2002.

COMFORT, Megan. Partilhamos tudo o que podemos: a dualização do corpo recluso nos romances através das grades. **Revista Análise Social**, v; 62, n.185, p.1055-1070, 2007.

COMFORT, Megan. **Doing time together: love and family in the shadow of the prison**. University of Chicago Press, 2008.

CRISTIE, Nils. **Uma razoável quantidade de crime**. In: Pensamento Criminológico. Rio de Janeiro: Revan, 2011.

CHRISTIE, Nils. **Crime control as industry**. New York: Routledge, 2017.

CUNHA, Vivane Martins; MOREIRA, Lisandra Espíndula. A Subtração da Vida como Política de Morte: Vozes de Mães de Jovens Negros Assassinados. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, 2023.

CUNHA, Manuela Ivone. Fronteiras corpóreas e incorporações prisionais. **Tempo Social**, v. 31, n. 3, p. 17-36, 2019.

CUNHA, Manuela Ivone. Etnografias da prisão: novas direções. **Configurações. Revista Ciências Sociais**, n. 13, p. 47-68, 2014.

CUNHA, Manuela Ivone. Fronteiras corpóreas e incorporações prisionais. **Tempo Social**, v. 31, n. 3, p. 17-36, 2019.

CUNHA, Manuela Ivone. **Entre o bairro e a prisão: tráfico e trajectos**. Lisboa: Editora Fim de Século, 2021.

CHRISTIE, Nils. **Crime control as industry**. New York: Routledge, 2017.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Bpotempo, 2016.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2020.

DE CARVALHO, Joana Mello et al. A residência Franco de Mello em três tempos: da domesticidade belle époque ao Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual do Estado de São Paulo. **Revista CPC**, n. 20, p. 36-77, 2015.

DE FARIAS, João Paulo Bloch; PIMENTEL, Juliana Maria Vaz; RIBEIRO, Renata Maria. As gírias influentes entre o grupo de visitantes de penitenciárias. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 2, p. 18526-18531, 2021.

DE JESUS, Cláudio Roberto; JÚNIOR, José Luiz de Amorim Ratton; CAMPOS, Thayane Silva. Encarceramento em massa e práticas extensionistas no Rio Grande do Norte. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, v. 28, p. e87987-e87987, 2023.

DIAS, Camila. **Da pulverização ao monopólio da violência: expansão do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

DUARTE, Thais Lemos. Amor, fidelidade e compaixão: "sucata" para os presos. **Sociologia & Antropologia**, v. 3, p. 621-641, 2013.

DUARTE, Thais Lemos; ARAÚJO, Isabela Cristina Alves de. PCC em pauta: Narrativas jornalísticas sobre a expansão do grupo pelo Brasil. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 13, p. 505-532, 2021.

EASON, John M. **Big house on the prairie: rise of the rural ghetto and prison proliferation**. Chicago: University of Chicago Press, 2017.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2018.

ERTEL, Varlei Rui. **A gênese de Jurerê: o processo de conformação de um balneário turístico e residencial elitizado**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Ciência Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

FEDERICI, Jéssica Fernandes; HUMBELINO, Taynara Moraes; SANTOS, Irenilda Angêla. **Mulher de preso: expressões da violência de gênero**. 2017.

FELTRAN, Gabriel. **Irmãos: uma história PCC**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FELTRAN, Gabriel et al. Variações nas taxas de homicídios no Brasil: Uma explicação centrada nos conflitos faccionais. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 15, p. 311-348, 2022.

FERRANTE, Elena. **A amiga genial**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

FERECCIO, Vanina. El *otro* encarceramiento femenino: la experiencia carcelaria de las mujeres familiares de detenidos. **Revista Crítica Penal y Poder**, n. 15, p.43-70, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, Ida Mara. Tecelãs da existência. **Revista estudos feministas**, v. 22, n. 02, p. 565-584, 2014.

GARLAND, David W. Mass imprisonment: Social causes and consequences. **Mass Imprisonment**, New York: Sage, 2001.

GILMORE, Ruth Wilson. **Golden Gulag: prisões, surplus, crisis, and opposition in globalizing California**. Los Angeles: University of California Press, 2007.

GODOI, Rafael. **Fluxos em cadeia: as prisões em São Paulo na virada dos tempos**. São Paulo: Boitempo, 2017.

GODOI, Rafael; ARAÚJO, Fábio; MALLART, Fábio. A conformação dos parques penitenciários em São Paulo e no Rio de Janeiro. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, v. 38, n. 3, set-dez. 2019.

GODOI, Rafael; MALLART, Fábio; MOTTA, Eugênia. A pandemia nas prisões do Brasil. In: **A pandemia nas prisões do Brasil**. p. 267-267. 2023.

GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. **Cadernos de Campo**, n.13, 140-153, 2005.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Governo de São Paulo inaugura presídio em Lavínia. Portal Últimas Notícias. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/governo-de-sao-paulo-inaugura-presidio-em-lavinia/>> Acesso em: 29 de janeiro de 2023.

GRANZOTTO, Eduardo; PERTILLE, Marcelo Bauer; PERTILLE, Thais Silveira. Externalidades na instalação de estabelecimentos prisionais nos municípios brasileiros: propostas legislativas para o atendimento do princípio da eficiência econômico-social. **Revista Eletrônica Direito e Política**, v. 16, n. 2, p. 484-510, 2021.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; BRITO, Murillo Marschner Alves de; BARONE, Leonardo Sangali. Mercantilização no feminino: a visibilidade do trabalho das mulheres no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 31, p. 17-38, 2016.

GUIMARÃES, Nadya e HIRATA, Helena. **O gênero do cuidado: desigualdades, significações e identidades**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2020.

GUIMARÃES, Cristian Fabiano *et al.* Homens apenados e mulheres presas: estudo sobre mulheres de presos. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, p. 48-54, 2006.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HIRATA, Helena Sumiko. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 6, n. 11, p. 1-7, 2010.

HIRATA, Helena. Subjetividade e sexualidade no trabalho de cuidado. **Cadernos Pagu**, p. 151-163, 2016.

HOOKS, Gregory *et al.* Revisiting the impact of prison building on job growth: educations, incarceration, and county-level employment, 1976-2004. **Social Science Quarterly**, volume 91, number 1, 2010.

HOOKS, Bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo: Elefante, 2019.

HULING, Tracy. Building a prison economy in rural America. In: **Invisible Punishment: the collateral consequences of mass imprisonment**. Marc Mauer and Meda Chesney-Lind Editors. New York: The New Press, 2002.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JESUS FILHO, José de. **Administração penitenciária: o controle da população carcerária a partir da gestão partilhada entre diretores, Judiciário e facções**. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governo) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2017.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Marlí Emílio (org.) **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

LAGO, Natália Bouças do. Nem mãezinha, nem mãezona. Mães, familiares e ativismo nos arredores da prisão. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 231-254, 2020.

LAGO, Natália et al. Políticas sexuais e afetivas da prisão: gênero e sexualidade em tempos de encarceramento em massa. **MALLART, Fábio; GODOI, Rafael. BR**, v. 111, p. 71-86, 2017.

LAGO, Natália. **Jornadas de visita e de luta: tensões, relações e movimentos de familiares nos arredores da prisão**. São Paulo, Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

LAGO, Natália Bouças do. Dias e noites em Tamara—prisões e tensões de gênero em conversas com “mulheres de preso”. **Cadernos pagu**, p. e195506, 2019b.

LAGO, Natália Bouças do. Nem mãezinha, nem mãezona. Mães, familiares e ativismo nos arredores da prisão. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 36, p. 231-254, 2020.



LAGO, Natália. Relatos de uma luta: Prisão, gênero e ativismo em uma associação de familiares de pessoas presas. **Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology**, v. 19, p. e19602, 2023.

LAVAL, Christian. Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal. São Paulo: Elefante, 2020.

LEBARON, Frédéric. Campo Econômico. CATANI, Afranio *et al.* (Org.). In: **Vocabulário Bourdieu**, p. 77-79, 2017.

LIMA, Jacqueline Ferraz de. **Mulher fiel**: etnografia do amor nas prisões do PCC. São Paulo: Alameda, 2015.

LUZ, Thamires. **“Turismo penitenciário”: economia e prisão na consolidação de uma prática de mercado**. 165f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Ciência Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

LUZ, Thamires; MAZON, Marcia. Turismo penitenciário e arranjos institucionais de mercado. **Revista TOMO**, n. 37, p. 289-322, 2020.

MALLART, Fábio. **Findas linhas: circulações e confinamentos pelos subterrâneos de São Paulo**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MALLART, Fábio e GODOI, Rafael. Vidas matáveis, morte em vida e morte de fato. **Jornal Le Monde Diplomatique Brasil**, edição 100, 2 de outubro de 2017. Disponível <<https://diplomatique.org.br/vidas-mataveis-morte-em-vida-e-morte-de-fato/>> Acesso em 11 de novembro de 2021.

MALLART, Fábio e ARAÚJO, Fábio. Uma rua na favela e uma janela na cela: precariedades, doenças e mortes dentro e fora dos muros. **Revista Sociedade e Estado**, volume 36, número 1, janeiro-abril, 2021.

MALLART, Fábio; DE BRAUD, Paula. Perda de objeto: as prisões e o sistema de justiça criminal em tempos de pandemia. **Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário**, v. 11, n. 2, p. 14-35, 2022.

MALLART, Fábio; CUNHA, Manuela Ivone. Introdução: As dobras entre o dentro eo fora. **Tempo Social**, v. 31, n. 3, p. 7-15, 2019.

MANSO, Bruno e DIAS, Camila. **A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2018.

MARCONDES, Renato Leite. A estrutura fundiária e cafeeira de dois municípios do oeste paulista: Campinas e Ribeirão Preto no início do século XX. **Revista de História**, n. 165, p. 403-404, 2011.

MARQUES, Adalton. **Humanizar e expandir: uma genealogia da segurança pública em São Paulo**. São Paulo: IBCCRIM, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial**: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

MEDEIROS, Flavia. Adversidades e lugares de fala na produção do conhecimento etnográfico com policiais civis. **Cadernos de campo**, n.26, v.1, 2017.

MEMORIAL DOS MUNICÍPIOS. Lavínia. Disponível em: <<https://www.memorialdosmunicipios.com.br/lavinia>> Acesso em: 06 de novembro de 2021.

MISSE, Michel *et al.* Os sentidos do cárcere: Apresentação do número especial. **Revista Dilemas**, edição especial n. 5, 2023.

MOSCHETTO, Fabrizio Canil; SANTOS, Glauber. Turismo sociofamiliar prisional: um estudo preliminar. **Sinergia, São Paulo**, v. 11, n. 1, p. 53-56, 2010.

MORAES, Marcia; TSALLIS, Alexandra. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência/Storytelling, populate the world: academic writing and the feminine in science. **Revista Polis e Psique**, v. 6, n. 1, p. 39-50, 2016.

MUNDO NETO, Martin. As concepções de controle em diferentes momentos da indústria sucroalcooleira: uma análise das transformações recentes a partir de uma perspectiva histórica. In: Maria Chaves Jardim. (Org.). **Estado e mercado no Brasil contemporâneo: a produção de sentidos, a produção de alianças**. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 1, p. 6-321. 2013.

NATALE, Bruno Pinheiro. **A metrópole e o cárcere: privação de tempo e espaço em Franco da Rocha-SP**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

NASCIMENTO, Janaína. As cidades e seus fundadores uma leitura sobre as cidades do oeste paulista. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 2, n. 5, 2020.

NIEDERLE, Paulo André et al. Inclusão produtiva por meio de mercados alimentares digitais: desafios para a construção de estratégias cooperativas solidárias. **Mercados alimentares digitais: inclusão produtiva, cooperativismo e políticas públicas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2021 [recurso eletrônico]. p. 25-66, 2021.

PADOVANI, Natália. **Sobre casos e casamentos: afetos e “amores” através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Univeridade de Campinas, Campinas, 2015.

PADOVANI, Natália Corazza. Na caminhada: “localizações sociais” e o campo das prisões. **cadernos pagu**, 2019.

PADILHA, Ana Luciano de Oliveira. **Guerreiras: um estudo das relações de familiares de presos em grupos de uma rede social**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

PADILHA, Ana. O palco suplicial de uma guerreira: O estigma de ser mulher de preso em um episódio de linchamento virtual. **Dilemas**, edição especial n. 5, 2023.

PALMEIRA, Moacir; DE HEREDIA, Beatriz MaríaAlasia. Os comícios e a política de facções. **Anuário Antropológico**, v. 19, n.1, p. 31-94, 1995.

PALMEIRA, Moacir. Modernização, Estado e questão agrária. **Estudos avançados**, v. 3, p. 87-108, 1989.

PIEROBON, Camila. O duplo fazer dos corpos: envelhecimento, adoecimento e cuidado na vida cotidiana de uma família. **cadernos pagu**, 2022.

PIEROBON, Camila. **Tempos que duram, lutas que não acabam: o cotidiano de Leonor e sua ética de combate**. 2018. 324f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PIEROBON, Camila. Traições em família: as texturas do parentesco. **EXILIUM Revista de Estudos da Contemporaneidade**, v. 3, n. 5, p. 163-192, 2022.

PRANDO, Camila *et al.* A pandemia do confinamento: políticas de morte nas prisões. Godoi *et al.* (Org.). In: **A Pandemia nas Prisões do Brasil**. Rio de Janeiro: Morula, 2023.

REDÍGOLO, Natália Carolina Narciso. **Para além dos muros e das grades: atitudes e valores em relação às instituições carcerárias do município de Valparaíso**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília/SP, 2013.

RICORDEAU, Gwenola. **Pour elles toutes: femmes contre la prison**. Montréal: Lettres libre, 2019.

SABAINI, Raphael Tadeu. **Uma cidade entre presídios: ser agente penitenciário em Itirapina-SP**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SAADA, Favret Jeanne. **Deadly words: witchcraft in the bocage**. London: Cambridge University Press, 2010.

SALLA, Fernando. De Montoro a Lembo: as políticas penitenciárias em São Paulo. **Revista brasileira de segurança pública**, v. 1, n. 1, 2007.

SALLA, Fernando. **As prisões em São Paulo: 1822-1940**. Annablume, 1999.

SALLA, Fernando; DIAS, Camila Nunes; SILVESTRE, Giane. Políticas Penitenciárias e as facções criminosas: uma análise do regime disciplinar diferenciado (RDD) e outras medidas

administrativas de controle da População carcerária. **Estudos de Sociologia**, v. 17, n. 33, 2012.

SANJURJO, Liliana e FELTRAN, Gabriel. Sobre lutos e lutas: violência de estado, humanidade e morte em dois contextos etnográficos. **Revista Ciência e Cultura**, vol. 67, no. 2, São Paulo, apr-jun. 2015.

SARLO, Beatriz. **A cidade vista: mercadorias e cultura urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero : uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, 1995.  
SILVESTRE, Giani. **Dias de visita: uma sociologia da punição e das prisões**. São Paulo: Alameda, 2012.

SILVESTRE, Giani. **“Enxugando Iceberg”**: como as instituições estatais exercem o controle do crime em São Paulo. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

SIQUEIRA, Lucília Santos. Tombamentos e demolições na Avenida Paulista na década de 1980. **Revista CPC**, v. 14, n. 28, p. 37-71, 2019.

STEINER, Philippe e TRESPEUCH, Marie. Marchés Contestés: Contestations morales et populations vulnérables. **Antropolítica**, n.41, p. 46-77, 2016.

STEINER, Philippe. La sociologie économique de la contestation morale. **Sociologies**, v. 25, p. e-soc125821pt, 2023.

STEINER, Philippe; TRESPEUCH, Marie (Dir). Marchés contestés. Quand le marché rencontre la morale. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2014.

TAFNER JUNIOR, Armando Wilson. **Expansão da fronteira agropecuária do oeste paulista para a Amazônia**: a trajetória das famílias Ometto e da Riva e a colonização do Norte-Matogrossense. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

TELLES, Vera da Silva et al. Combatendo o encarceramento em massa, lutando pela vida. **Caderno CRH**, v. 33, p. e020024, 2020.

TELLES, Vera. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. Argumentum, 2010.

TELLES, Vera da Silva. Apresentação: deslocando referências, propondo novas questões. **Tempo Social**, v. 31, n. 3, p. 1-5, 2019.

TRUZZI, Oswaldo; KERBAUY, Maria; BARBOSA, Agnaldo. Mudança de fronteiras étnicas e participação política de descendentes de imigrantes em São Paulo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.27 n.80, 2012.

- TRUZZI, Oswaldo Mario Serra; VOLANTE, João Pedro. Multigenerational Migratory Paths and Settling of Foreign Immigrants in Western São Paulo (1880-1950). **Tempo Social**, v. 31, p. 161-191, 2020.
- VASCONCELOS, Beto Ferreira Martins et al. Questão federativa, sistema penitenciário e intervenção federal. **Revista Culturas Jurídicas**, v. 5, n. 10, 2018.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. **In: Um antropólogo na cidade**, p. 69-79. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- ZELIZER, Viviana. **Economic lives: how culture shapes the economy**. New Jersey: Princeton University Press, 2011.
- ZELIZER, Viviana. **El significado social del dinero**. Buenos Aires: Fondo de cultura Económica, 2011.
- ZELIZER, Viviana. **Economic Lives: how culture shapes the economy**. New Jersey: Princeton University Press, 2013.
- WACQUANT, Loïc. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- WACQUANT, Loïc. Deadly symbiosis: When ghetto and prison meet and mesh. **Punishment & society**, v. 3, n. 1, p. 95-133, 2001.
- WACQUANT, Loïc. Toward a dictatorship over the poor? Notes on the penalization of poverty in Brazil. **Punishment & society**, v. 5, n. 2, p. 197-205, 2003.
- WEBER, Florence. Settings, interactions and things: a plea for multi-integrative ethnography. **Ethnography**, 2001.
- WEBER, Florence. Práticas econômicas e formas ordinárias de cálculo. **Mana**, v. 8, p. 151-182, 2002.
- WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, v. 15, p. 157-170, 2009.
- WEBER, Florence. Marcel Mauss et la cumulativité des savoirs. **Horizontes Antropológicos**, v. 29, 2023.
- WIKINSON, John. Contested markets: an overview. **Antropolítica-Revista Contemporânea de Antropologia**, n. 41, 2016.
- WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.

WORLD PRISION BRIEF. World PrisionPopulationList. Disponível em: <[https://www.prisonstudies.org/sites/default/files/resources/downloads/world\\_prison\\_population\\_list\\_13th\\_edition.pdf](https://www.prisonstudies.org/sites/default/files/resources/downloads/world_prison_population_list_13th_edition.pdf)> Acesso em: 09 de outubro de 2023.

ZAPATER, Maíra Cardoso. Provocações abolicionistas no fim de um mundo. In: **Godoi et al. (Org.)**. A pandemia nas prisões do Brasil. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

ZOMIGHANI JÚNIOR, James Humberto. **Desigualdades espaciais e prisões na era da globalização neoliberal**: fundamentos da insegurança no atual período. 2013. 448f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ZOMIGHANI JÚNIOR, James Humberto. Cartografias da interiorização penitenciária no estado de São Paulo. **Revista Verve**, n.25: 109-128, 2014.